SUSPENSE
TECA

Lisa Scottoline

JUSTIÇA BRUTAL

Da autora de Caprichos da Lei, vencedora do Prêmio Edgar Allan Poe para Literatura de Suspense



Lisa Scottoline

JUSTICA BRUTAL

Rough Justice, 1997

Scottoline, Lisa

Justiça Brutal

Tradução de Raquel Zampil.

— Rio de Janeiro: Record, 1999. — (Suspense legal)

Tradução de: *Rough Justice*

ISBN 85-01-05189-6

CIP — BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

CDD 813

CDU 820 (73) — 3

Título original norte-americano

Rough justice

Copyright © 1997 by Lisa Scottoline

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa

para o Brasil adquiridos pela

Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Rua Argentina 171 — 20921-380 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 585-2000

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-05189-6

Pedidos pelo Reembolso Postal

Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

Contracapa

Ambientes de tribunais, com seus cenários, figurinos e rituais, sempre exercem um certo fascínio nas pessoas. Os profissionais que circulam nesse cenário — juízes promotores, advogados, escrivães, jornalistas — têm sido personagens de muitos livros, de ficção ou não.

Este é o quinto romance de Lisa Scottoline ambientado no meio jurídico. Com a ajuda de personagens que fizeram sucesso em seus livros anteriores, a autora dá início a uma nova série e tem como ponto de ligação um escritório de advocacia só de mulheres em Filadélfia.

Minutos antes de conseguir a absolvição de seu cliente no Tribunal do Júri, a advogada Martha Richter ouve do próprio acusado que é culpado. O milionário Elliot Steere não matou o mendigo Heb Darnton em legítima defesa, após um acidente de carro, mas cometeu o crime a sangue-frio. Portanto, tudo que Martha disse ao júri era mentira.

Agora, ela tem poucas horas, antes do anúncio do veredicto pelos jurados, para reunir evidências da culpa de Steere. Para isso, conta com a ajuda de duas jovens advogadas do único escritório exclusivamente feminino de Filadélfia.

E terá ainda que driblar a perseguição de um capanga de Steere, Bobby Bogosian.



O *background* de LISA SCOTTOLINE como advogada experiente em julgamentos dá verossimilhança à história. Ela maneja com precisão de detalhes um grande número de personagens, do réu aos jurados, e a ética e a lealdade do advogado ao cliente. “O que acontece com o sistema legal, se cada advogado faz seu próprio julgamento sobre a moralidade do cliente?”, questiona uma das colegas de Martha.

Para a
Verdadeiramente Incrível Molly Friedrich,
e para Peter e Kiki.

A garantia de não sermos derrotados está em nossas próprias mãos.

SUN-TZU

1

Começou com um mal-entendido. A princípio, Marta Richter pensou que tinha interpretado mal as palavras dele. Sentia-se exausta após o julgamento por homicídio que já durava dois meses e nem sempre conseguia ouvir o cliente através do espesso vidro à prova de balas.

— Está dizendo que você lutou para se soltar das mãos dele — corrigiu Marta.

Elliot Steere não respondeu, apenas limpou com a mão a cinza que caíra em sua cadeira, do lado da janela de vidro reservado aos réus. Com o terno Brioni cinza-escuro e a camisa branca de colarinho de fraque, Steere parecia incongruente, mas não desconfortável, no ambiente carcerário. A frieza do empresário era matéria de lenda para os tabloides. Estes haviam noticiado que, na noite em que Steere fora preso por assassinato, tinha feito questão de uma única ligação telefônica: para seu corretor na Bolsa.

— Foi o que eu disse — respondeu Steere após um momento. — Eu lutei para me soltar das mãos dele.

— Não, você disse que ele lutou para se soltar das suas mãos. Foi legítima defesa, e não assassinato. Você estava tentando se desvencilhar, não ele.

Um leve sorriso passou pelos lábios determinados de Steere. Ele tinha nariz fino, olhos castanhos puxados e, o que era curioso para um empresário do mercado imobiliário, pouquíssimos pés-de-galinha. Nas fotos das revistas, Steere parecia atraente, mas as luzes fluorescentes da sala de entrevista encovavam-lhe as maçãs do rosto e tiravam o brilho do cabelo ruivo.

— Qual é o problema? O julgamento terminou, o júri já está deliberando. Não importa mais quem estava tentando se

desvencilhar de quem.

— O que isso quer dizer? — perguntou Marta. Ela não queria que ele ficasse ali com jogos de palavras, queria que elogiasse sua defesa brilhante. Esse era o grande caso da carreira dela, e a absolvição de Steere era coisa certa. — É claro que importa.

— Por quê? E se não foi legítima defesa? E se eu o assassinei intencionalmente, como disse o promotor? E daí?

Marta piscou, irritada.

— Mas não foi assim que aconteceu. Ele estava tentando levar seu carro. Ele o atacou com uma faca. Ameaçou matar você. Você atirou nele em legítima defesa.

— Na nuca?

— Houve uma luta. Você tinha a arma e atirou. — Sem se dar conta disso, Marta estava repetindo as palavras do encerramento de sua sustentação. O júri tinha se retirado para deliberar há apenas alguns minutos. — Você entrou em pânico, com medo de perder a vida.

— Você acreditou mesmo nisso? — Steere cruzou uma perna comprida sobre a outra e um triângulo da calça feita sob medida dobrou-se com um vinco elegante e bem marcado. — "Com medo de perder a vida?" Eu roubei essa fala de um seriado policial, aquele em que todo mundo fuma. Sabe de qual estou falando?

A boca de Marta ficou seca. Não assistia à TV nem quando ela própria estava no ar, mais uma advogada de televisão com olhos azuis separados e o cabelo na altura do queixo com reflexos dourados. A dureza em torno dos olhos e a flacidez sob o queixo diziam aos telespectadores que ela já não tinha trinta anos. Ainda assim, Marta ficava bem na telinha e sabia como se comportar: explique a defesa em declarações breves e discuta com o promotor. Finalize com inteligência. Sorria para a foto promocional.

— O que é isso? Uma piada? O que a TV tem a ver com isso?

— Tudo. Minha história, minha defesa, foi tudo ficção. O sujeito branco e rico é assaltado pelo sujeito preto e pobre, que tenta levar seu carro. O cara branco tem uma Glock, com porte registrado, para sua proteção. O cara preto tem uma faca. Não é um páreo justo. — Steere recostou-se na cadeira. — O júri caiu nessa porque é o que eles esperavam, o que veem na TV.

Os lábios de Marta se abriram em descrédito. A verdade a atingiu como um golpe, atordoador e violento. Ela teve uma vertigem. Sentiu o rosto queimar. Agarrou com os dedos de unhas feitas a saliência fria de alumínio da janela e tentou se orientar.

— O que é que você está dizendo?

— Sou tão inocente quanto o pecado, querida. — O olhar de Steere era direto e sua voz soava metálica ao passar pela fina grade de metal sob o vidro à prova de balas. As paredes de blocos de concreto cinza da sala de entrevistas, laqueadas de branco, de repente pareciam estar se fechando sobre Marta.

— Mas ele feriu seu rosto com a faca — disse ela, sem compreender.

— Ele já estava morto nessa hora. Eu segurei a mão dele, a que tinha a faca.

— Encontraram fibras do seu *smoking* nas mãos e nas roupas dele.

— Houve uma luta. Ele começou a briga. O tempo todo implorando, chorando como uma menininha.

O estômago de Marta se contraiu.

— Conte-me a história toda. A verdade.

— O que há para contar? Um vagabundo me abordou quando parei num sinal vermelho. Ele sacudia uma faca no ar, bêbado, gritando que eu lhe entregasse o carro. Como se eu fosse fazer isso! Um SL600 conversível novinho! Um sonho de carro. — Steere abanou a cabeça, em momentânea admiração. — Então eu peguei

minha arma, saí do carro e acertei a cabeça dele. E chamei os tiras pelo celular.

Marta cruzou os braços diante do peito. Podia chamar isso de abraço, mas não era assim que ela via. Tinha ouvido confissões como essa de outros clientes e, embora Steere não se parecesse com eles, falava como eles. Todos tinham a necessidade de se vangloriar, de provar o quanto eram espertos e do que haviam conseguido se safar. Marta soube desde o início que Steere era implacável; mas não tinha imaginado que fosse desumano.

— Você é um assassino — disse ela.

— Não, sou um solucionador de problemas. Encontrei um monte de lixo e o tirei do caminho. O homem era um pária, um imprestável. Não trabalhava, não produzia. Não tinha coisa nenhuma. Porra, ele não tinha nem casa! Dessa vez ele escolheu o cara errado. Fim da história.

— Simples assim?

— Ora, Marta. O homem era um inútil. Não sabia nem manejar a porra da faca. — Steere deu uma risadinha. — Você se saiu melhor na demonstração, quando a segurou sob o próprio queixo. Viu a cara do júri? A fileira da frente quase desmaiou.

Marta sentiu uma pontada de remorso ao se lembrar dos jurados, seus rostos voltados para cima como crianças num jardim de infância. Ela havia contratado os indispensáveis consultores para a escolha do júri, mas tinha confiado em seus próprios instintos e experiência para selecionar o grupo de jurados, tendo no fim um júri tomado por dúvidas capazes de justificar a absolvição. Todos os dias do julgamento ela havia parado diante deles, memorizando suas feições, suas reações, seus trejeitos. Quinze anos como advogada criminal do primeiro time tinham ensinado a Marta uma coisa: os jurados eram as únicas pessoas de verdade em qualquer tribunal. Mesmo os que têm trato com livros.

— São uns idiotas — afirmou Steere. — Doze idiotas. E o maior deles é o seu amigo, o homem de Marlboro. É melhor tomar cuidado, Marta. Ele tinha o olhar apaixonado. Deve estar se preparando para agarrar uma potranca.

Marta piscou. Steere referia-se a Christopher Graham, um ferrador de Old Bustleton, no nordeste de Filadélfia. Marta tinha descoberto que Graham havia se separado recentemente da mulher, portanto o trabalhara durante todo o julgamento, fitando-o nos olhos quando interrogava o médico-legista no banco das testemunhas e deixando seus dedos deslizarem até a gola de seda quando sentia o olhar solitário do homem sobre ela. No entanto, manipulação era uma coisa e prevaricação, outra bem diferente.

— Tudo que você me contou era mentira.

— Funcionou, não funcionou? Você arrasou com os argumentos da acusação. O oficial de justiça acha que o júri vai se reapresentar amanhã ao meio-dia. São só quatro, cinco horas de deliberação de fato. — Steere sorriu e tornou a cruzar as pernas. — Ouvi dizer que os repórteres fizeram um bolão de apostas. Os espertos estão com você, vinte contra um. Alguns até apostam que eles me absolvem antes da neve no chão chegar a noventa centímetros.

Marta sentiu uma nova vertigem. A mídia, mais mentiras. Tinha dito aos repórteres que Steere era inocente e se recusado a especular por quanto tempo o júri ficaria reunido. Eu me limito a vencer, rapazes. Deixo os detalhes por conta de vocês, tinha dito com uma risada. Agora ela não estava rindo.

— São quase três horas — disse Steere, consultando um relógio cuja pulseira parecia de ouro puro. — Se não me falha a memória, você nunca teve um júri deliberando por mais de dois dias.

Marta reviu na memória todos os seus casos. Ela era imbatível em casos capitais e tinha vencido este também. Não houvera questões difíceis envolvendo provas materiais para descartar, apenas uma discordância de como havia acontecido, com o Commonwealth

alegando que Steere tivera intenção de matar o mendigo. Era preciso colhões para levar a julgamento um caso tão inconsistente assim, mas esse era um ano eleitoral e o prefeito queria crucificar o mais rico proprietário de cortiços de Filadélfia. Marta compreendia tudo isso, mas não compreendia o mais importante.

— Por que mentiu para mim?

— E desde quando você é arrogante assim? Por acaso me perguntou se eu era culpado?

— Não faço essa pergunta a meus clientes.

— Então que diferença faz se eles mentem para você?

Marta não teve uma resposta imediata, a não ser ranger os dentes.

— Então você inventou essa história da carochinha?

— Você nunca desconfiou? É uma das melhores criminalistas do país e não percebe quando tem cheiro de merda no ar?

Dessa vez não, pois tinha baixado a guarda. Porque se sentira atraída por ele, embora não admitisse isso, nem para si mesma.

— Sua história fazia pleno sentido. Nós a repassamos vezes sem conta. Era tudo coerente.

— Sou excelente no que faço.

— Mentir?

— Vender.

— Você me usou, seu filho da puta!

— Não fique zangada, querida. — O sorriso de Steere retorceu-se numa careta de desdém. — Você foi paga, não foi? Quase duzentos mil dólares nesse trimestre, incluindo as despesas. Hotel, telefone, até mesmo o tintureiro. Cada centavo pago na íntegra. Vinte e cinco mil pagos no ato do contrato.

— Não é essa a questão.

A risada de Steere ecoou nas paredes de blocos de cimento cinza da sala de entrevista.

— É fácil falar, não é você quem está pagando. Por essa quantia, devia estar incluída a opção de usá-la. Ora, pelo amor de Deus, por essa quantia, devia estar incluída até a opção de foder você!

— Foda-se você. — Marta levantou-se bruscamente, fumegando. Sentia uma urgência em andar, mover-se, correr, mas a sala de entrevistas era tão exígua quanto uma cabine telefônica. Ela estava aprisionada. Por Steere, por si mesma. Como pôde ter sido tão ingênua? Ainda não conseguia aceitar. — Então você matou Darnton, mesmo sabendo que seria interpelado? Processado?

Steere deu de ombros.

— Era um risco, mas eu corro riscos todos os dias. Calculei que o promotor encontraria um motivo para me processar, mas tudo bem. Qualquer publicidade é publicidade. Eu sabia que contrataria o melhor advogado e escaparia, e é isso que vai acontecer. Graças a você.



Graças a você. As palavras gravaram-se a fogo no cérebro de Marta. Steere tinha escrito a história e ela a vendera, melhor do que jamais vendera qualquer outra coisa em sua carreira. Contou a história ao júri de dia e aos satélites à noite. E não o fez pelo dinheiro ou pela publicidade na TV, não desta vez.

Fez por Steere.

Na fração de segundo em que se deu conta disso, a fúria de Marta tornou-se irracional. Ela poderia ter jurado que ele a queria, ele dera todos os indícios disso. Aproximara-se demais na mesa da defensoria, deixara o olhar demorar-se em suas pernas. Uma vez tocara seu joelho, curvando-se para pegar a caneta-tinteiro, e a reação de Marta tinha sido tão imediata que até mesmo ela se

surpreendera. A lembrança a deixou furiosa, desequilibrada. Descontrolada.

— Vou levar isso ao juiz Rudolph — disse ela.

— Não pode. Sou seu cliente e esta é uma conversa com privilégio de sigilo. Revele-a e você será expulsa da ordem dos advogados, estará arruinada. — Steere entrelaçou os dedos compridos e inclinou-se para a frente, de seu lado da saliência de metal. — E é claro que eu negaria que essa conversa algum dia aconteceu. Você iria parecer uma tola.

— Então eu me desligo do caso. Não sou mais sua advogada. Estou renunciando à representação. — Marta agarrou a bolsa e a valise no piso de ladrilhos.

— O juiz não a deixará renunciar enquanto o júri estiver deliberando. É tarde demais: o jogo já está muito adiantado. Uma atitude assim me prejudicaria, infringiria meus direitos constitucionais.

— Não me venha com sermão — replicou Marta asperamente, embora soubesse que ele estava certo a respeito da renúncia. — Eu induzi perjúrio por sua causa.

— Induzir perjúrio, ora, ora. Você sabe fazer uso das palavras, não é? Só que eu também sei. Você não induziu perjúrio porque eu não testemunhei em minha própria defesa.

— Trata-se de uma fraude ao tribu…

— Já basta! — Steere interrompeu Marta com um gesto da mão. — Eis o que vai acontecer agora: o veredicto sai ao meio-dia e eu estou livre. Em seguida, convoco uma coletiva, onde digo ao mundo todo que o prefeito é um babaca, o tribunal do júri é uma bênção, e você é a melhor puta que o dinheiro pode comprar.

Marta ficou paralisada. Seus dedos apertaram a alça da valise. A fúria impedia sua respiração. Ela sentiu-se estrangulada, com o sapato lustroso de Steere em sua garganta.

— Então vamos a Swann Fountain celebrar a vitória — prosseguiu Steere. — Podemos tirar um sarro, como nos velhos tempos. Depois disso, tenho uma reserva para São Bartolomeu num Learjet que decolará de Atlantic City, se o aeroporto de Filadélfia estiver fechado por causa da neve. Eu adoro praia, você não? Detesto a água, mas adoro a praia. Quer vir?

Marta limitou-se a fuzilá-lo com o olhar. Ela não seria usada dessa maneira. Não por ele. Nem por ninguém. Estendeu a mão para a porta da sala de entrevistas.

— Ah, não vá embora com raiva, querida — disse Steere.

— Tenho trabalho a fazer.

— Que trabalho? Você acaba de provar que sou inocente.

— Certo. Agora vou provar que você é culpado.

Steere deu uma risadinha por trás dos dedos unidos diante do rosto.

— Não existem provas.

— Devem existir.

— A polícia não conseguiu encontrar nenhuma.

Eles não tinham a motivação que eu tenho.

— E você vai encontrar essa prova antes que o júri retorne? Ao meio-dia de amanhã?

— Eles não vão levar tanto tempo assim — disse Marta. Ela abriu a porta com um puxão, ao som da risada de Steere, mas, por mais furiosa que estivesse, sabia que não importava quem risse primeiro. Somente quem riria por último.

2

O Centro de Justiça Criminal de Filadélfia é um tribunal recém-construído e as celas de detenção anexas às salas de audiências assemelham-se a escritórios pequenos e modernos. O plástico transparente à prova de balas suplantou as características barras de ferro e as paredes de blocos de cimento cinza, pintadas de branco, ainda estão limpas e relativamente conservadas. A cela de Elliot Steere continha um banco de fórmica branca, um vaso sanitário de aço inoxidável e uma pia pequena. Steere era o único prisioneiro naquele andar e, devido a problemas de transporte causados pela nevasca, dormiria naquela mesma cela durante o tempo de deliberação do júri. Ele cruzou as pernas, enquanto lia o Wall Street Journal, e propositadamente ignorou o guarda, já de uma certa idade, de pé diante dele como um penitente.

— Não posso fazer isso, sr. Steere — disse o guarda, lançando um olhar sobre o ombro. O outro guarda estava ausente, no intervalo, mas logo estaria de volta. Frank não queria ser apanhado dentro da cela de Steere. — Tentei, mas não posso.

Steere não levantou os olhos de seu jornal.

— Pode, sim. Tente outra vez.

— Não posso. Os corredores estão cheios de repórteres. Eles têm TVs, câmeras, tudo. Estão bem aí na porta, por todo o caminho, até os elevadores. No saguão, lá embaixo, também. — O guarda sacudiu a cabeça. — É arriscado demais.

— Você vai encontrar uma maneira.

— Mas não tem como. Alguém vai me ver. Alguém vai se perguntar:

por que ele está entrando e saindo toda hora? O senhor sabe como são os repórteres. Eles já estão dizendo que o senhor está tendo

privilégios especiais.

Steere passou os olhos pela primeira página.

— Não se preocupe com os repórteres. A neve é a grande notícia, e não eu. Está bem aqui: "Costa Leste Atingida por Grande Nevasca." Hoje eu não estou nem na parte de cima da página.

— Eu não posso, juro. Não poderia passar pelo detector de metais.

— Você já fez isso antes, Frank.

— Hoje é diferente. Hoje o júri está deliberando. Está todo mundo andando por aí. Observando. Esperando. Está um caos lá fora. — O guarda mudou nervosamente o peso do corpo de um pé para o outro. Ortopédicos, seus sapatos, trezentos dólares o par. Ortóticos, era como dizia o médico. Antes Frank nunca pudera comprá-los, não eram cobertos pela porcaria do seu seguro de saúde. — Acredite em mim, está uma loucura.

Steere virou a página.

— Por favor. — A testa vincada do guarda brilhava com o suor. — Eu lhe trouxe o jornal.

— Acho que tenho direito a um jornal.

— É claro que tem. Não me entenda mal. — O guarda continuava a mudar o peso de um pé para o outro. Não que eles o machucassem; ele poderia ficar de pé para sempre com essas belezinhas. Andar o dia todo, até mesmo no shopping center com Madeline. Não tinha de ficar esperando no carro como uma droga de um cachorro. — O jornal não foi problema, não foi mesmo, sr. Steere. Mas isso é completamente diferente. Quem sabe eu não possa lhe trazer uma coca da máquina?

Steere passou para a cotação das ações e examinou superficialmente as colunas.

— Boas notícias. A Hampden Technologies subiu dois pontos.

— Posso trazer gelo também. Do saguão. Vai levar cinco minutos, no máximo.

— *Ahn-ahn*. A Potash caiu mais um ponto. — Steere sacudiu o jornal para desfazer uma dobra. — Ainda está segurando suas ações da Potash, Frank?

— Estou.

— Acha que é conveniente?

Frank Devine engoliu em seco. Tinha começado a investir pequenas quantias, seguindo o conselho de Steere, desde o início do julgamento. Steere acertara todas as vezes, e Frank ganhara um bom dinheiro. Steere havia recebido uma informação de primeira mão sobre a Potash no mês passado, e Frank investira tudo que tinha, mais o que conseguira do cunhado — dezessete mil — nas ações. Consolidando meu capital, dissera à sua Madeline. Grande coisa, respondera ela, carrancuda. Agora, seus dezessete mil valiam trinta mil e, quando ele vendesse, compraria o que quisesse. Duzentos pares daquela merda de sapatos. Ortóticos, ou o que fosse.

— Frank? Perguntei se você acha que é conveniente segurar as Potash.

— Acho que é… — O guarda observava Steere esquadrinhar as cotações, seus olhos subindo e descendo as colunas, mas não conseguia perceber nada na expressão de Steere. Jamais conseguia. Nesse aspecto, Steere era imprevisível. — Acha que convém, sr. Steere?

— Se você acha que sim…

— Ainda não estou por dentro do jogo — disse o guarda. Ele não era estúpido, droga. Aprendera muito sobre o mercado de ações desde o começo do julgamento de Steere. — Ontem fechou em trinta.

— E hoje de manhã? Caiu?

— Não, senhor. — O guarda havia consultado seu cunhado, que verificara no computador. Frank não sabia muito sobre computadores e achava que estava velho demais para aprender.

Steere continuou lendo.

— Bem, ahn, devo vendê-las, sr. Steere?

— Não sei. Acho que sim. — Os olhos de Steere pararam no meio de uma coluna. — Por outro lado, acho que não. Qual é a sua opinião, Frank?

— Em geral tenho a mesma opinião que o senhor — disse o guarda, tentando fazer uma piada, embora se sentisse enjoado. O silêncio era tamanho que ele podia ouvir o próprio estômago roncar.

Steere virou a página.

Frank mudou o peso para o outro pé.

Steere continuou a correr os olhos pelas cotações.

— Sr. Steere — disse Frank —, devo segurar ou vender as Potash?

A atenção de Steere não se desviava do jornal.

— Não sei se eu seguraria. Não teve sucesso ao tentar outra alta. Fez uma tentativa, mas falhou.

— Qual a gravidade disso? — A dentadura de Frank se prendeu nos lábios. — Quero dizer, isso é ruim? Parece ruim.

— Depende.

— Do quê?

— De como você se sente depois de perder a segunda bola, quando só tem mais uma chance.

Frank deu uma risada, porém mais parecia que estava engasgando. De trás do jornal, Steere falou:

— O telefone, campeão. Traga-me a porra do telefone.



— Como está vestida? — perguntou Steere ao celular. Estava brincando, mas ainda assim sentiu um enrijecimento entre as pernas. Fazia quase um ano que estava preso.

— Estou numa reunião — disse ela com a voz profissional, alto o bastante para que as pessoas à sua volta ouvissem. Ela era uma estrela e sabia disso. Steere imaginou-a na reunião, uma mulher profissional até a raiz dos cabelos, pelo menos por fora.

— Você ainda tem aquele sutiã, o preto de renda?

— Não posso falar agora, sério. Está todo mundo aqui. Os mandachuvas e até mesmo um editor local. Certo, Marc? — perguntou ela. — Ligue para mim quando já estiver agendado. Agora preciso desligar. — Ao fundo, Steere ouviu vigorosas risadas masculinas.

— Espere. Preciso que faça uma coisa. Pegue o cadastro e o destrua.

— O quê? Por quê?

— Richter sabe.

— Mas que interessante — disse ela, o tom de voz sereno. Steere sabia que ela não perderia o sangue-frio, quer um editor ou uma fileira de padres se encontrasse na sua frente. Era a única mulher que ele conhecia que conseguia manter a calma, e era por isso que Steere a queria. Bem, essa era uma das razões.

— Richter sabe que o matei intencionalmente, nada mais. Deixe tudo de lado. Vá buscar o cadastro. Hoje.

— No meio de uma tempestade de neve? — perguntou ela, levianamente. — Eu pensaria melhor. Quem sabe na semana que vem? Você escolhe o restaurante. Minha secretária fará as reservas.

— Semana que vem, não. Agora. Não vou correr nenhum risco.

— Mas talvez precisemos daquelas informações.

— Não me sacaneie. Faça o que eu disse. — Steere pressionou a tecla END, irritado e ainda rijo.



Em seguida, Steere digitou o número de um homem que ele costumava apresentar como seu motorista, Bobby Bogosian. O título era remanescente dos dias em que Bobby conduzia Steere num Eldorado marrom amassado com o dinheiro que daria início a um império enfiado no bolso. Steere ia de casa em casa, nas vilas dos bairros mais pobres da cidade oferecendo aos idosos trinta mil dólares — dinheiro vivo, no ato, sem condições — por suas casas. Ele podia alugar as casas e multiplicando muitas vezes aquele valor e ganharia dinheiro mesmo que só dez por cento dos aposentados aceitassem o acordo. Muitos mais aceitaram.

Steere dizia que estava resolvendo um problema para eles, enquanto se sentava nas salas de visita entulhadas, com as cortinas fechadas. Os sofás eram surrados e bambos, com grossas franjas na barra, e Steere sentou-se num número de molas maior do que poderia contar. No entanto, ele não sentia nem desprezo nem afeição por aqueles casais, não importava o quão desdentados, malvestidos ou simplesmente estúpidos eles fossem. Lembravam-no de seus pais adotivos e, em vez de fugir deles, Steere fazia o papel do filho perfeito.

Numa casa atrás da outra, Steere sorria e exibia o rosto de um jovem brilhante e sério, tentando conquistar seu caminho no mundo. Inclinava-se para a frente, apoiando-se nos joelhos, enquanto falava, vestido com terno e gravata do tipo que se compra nas lojas de departamento, e adoçava a voz. Eles o chamavam de "empreendedor", um *self-made man*. Steere fazia-os lembrar do tipo de jovem que julgavam não mais existir e que, na verdade, não

existia, exceto numa imaginação movida a nostalgia, tão substancial quanto algodão-doce.

À medida que Steere falava, os velhos casais relaxavam em suas poltronas rotas e confiavam nele, os olhos vidrados pelo medo. Naqueles bairros, os brancos tinham medo dos negros e os negros tinham medo dos brancos. Negros e brancos tinham medo de hispânicos, jamaicanos e vietnamitas. Todos tinham medo de drogas e gangues, e, qualquer que fosse seu medo, Steere tirava proveito dele. Por entender seus problemas, eles acreditavam que pudesse resolvê-los. No ato, aqui está o dinheiro, sem condições. Bobby Bogosian ficava em silêncio atrás do sofá, até o momento em que o proprietário tomava a esferográfica de Steere numa mão ossuda e fixava uma assinatura trêmula na linha pontilhada.

— Oi. — Bogosian atendeu ao chamado rápido como um doberman de prontidão. — O que foi?

— Onde você está?

— No centro da cidade.

— Minha advogada, Marta Richter, acaba de deixar o tribunal. Fique de olho nela — disse Steere, sem mais explicações. Ele nunca dizia a Bogosian mais do que precisava saber, assim como não queria saber sobre Bogosian mais do que o necessário. Steere não sabia nem mesmo onde Bogosian morava e apenas ouvira dizer que o oficial da condicional de Bobby o havia liberado.

— Entendi — disse Bobby.

— Ela vai estar ocupada até o júri voltar. Cuide para que não faça nada nem vá a lugar nenhum.

— Mais alguma coisa?

— Nada de importante. Preciso dela até que o julgamento esteja terminado.

— E depois?

— Depois não preciso mais. Entendido?

— Claro.

Steere pressionou a tecla END com satisfação. Sentia-se novamente no comando. Tinha soltado Bogosian da coleira e agora o homem faria o seu trabalho. A melhor coisa de Bogosian era que ele não pensava. Steere pressionava um botão e o homem disparava, como um míssil rastreando uma fonte de calor. Travando no alvo, explodindo como uma força natural.

Steere enfiou o telefone no bolso, fechou os olhos e ficou imóvel, no banco duro. Aprendera os benefícios da imobilidade ainda garoto, quando apanhava por se mexer, e esse conhecimento lhe tinha sido muito útil. Steere imaginou-se como sempre costumava se ver, como um mastro no topo do mundo, o eixo para o globo girando vertiginosamente sob ele. Permaneceu imóvel enquanto as paredes de sua cela rodopiavam e desmanchavam-se no éter. À sua volta, tudo tornou-se escuro, frio, silencioso. Ele ficou ouvindo o silêncio, esperando o ritmo de sua respiração. Os batimentos de seu coração, o fluir de seu sangue. Então Steere resvalou para o interior da própria mente.

Ele considerou a situação. Cometera um erro com Marta, mas se recuperara e já tinha um novo plano em andamento. Acabava de enviar proteções e estava mantendo distância, como diria Sun-Tzu. *Quando estivermos perto, devemos fazer o inimigo acreditar que estamos longe*, escreveu o general chinês. Sun-Tzu, um especialista em estratégia militar, era um dos poucos homens que Steere admirava e, quando leu o livro de Sun-Tzu, percebeu que já estava fazendo as coisas que o chinês tinha escrito. Ele já havia comprado as propriedades-chave da cidade, quando leu em Sun-Tzu: *Comece por tomar uma coisa que o inimigo conserve com interesse*. E já tinha derrotado todos os inimigos, exceto o prefeito, quando leu: *Exércitos adversários podem enfrentar-se durante anos, lutando pela vitória, que é decidida num só dia*. Essa frase tinha ficado gravada em sua mente e Steere elaborara sua estratégia para derrotar o prefeito em torno dela.

Steere sorriu consigo mesmo. Sun-Tzu falava sobre a natureza da vitória e Steere compreendia a natureza da vitória como se ele próprio houvesse escrito o livro. Ele compreendia que a vitória requeria mais do que a agressão, mais do que o conflito. A vitória requeria a violência. A violência limpa e mortal da destruição e do domínio financeiros, como a detonação de uma bomba distante com uma explosão observada em videoteipe, e a violência íntima e quente do assassinato. Atirar num homem debatendo-se numa noite abafada, enquanto os pés dele escoiceavam inutilmente o asfalto. Matá-lo estando perto o bastante para sussurrar em seu ouvido, aspirar o fedor de sua nuca e sentir o calor de sua pele. Meter-lhe uma bala enquanto ele implorava pela sua vida.

Antes, Steere não sabia se poderia mesmo fazer aquilo ou como se sentiria depois de fazê-lo. Ficara surpreso em ambos aspectos. Matar fora mais fácil do que tinha esperado e, depois, não sentira prazer ou euforia. Pelo contrário, após matar o homem, Steere havia pensado: *Foi fácil demais*. E, se tinha sentido curiosidade em relação à extensão de seus poderes, Steere aprendera que estes se estendiam ainda além do que pensara. Ele tinha matado e seria libertado, portanto não havia limites para o que podia fazer. Nenhuma fronteira imposta por si mesmo, pelo homem ou pela lei. Steere tornara-se invencível.

Sun-Tzu disse: *A garantia de não sermos derrotados está em nossas próprias mãos, porém a oportunidade de derrotar o inimigo é fornecida pelo próprio inimigo*. Steere soube instintivamente que sua nova inimiga, Marta Richter, nunca poderia vencê-lo, embora ela tivesse liberdade para locomover-se e ele estivesse confinado em uma cela de prisão. Ela sabia como ganhar uma batalha no tribunal, travada segundo regulamentos probatórios e precedentes legais, usando palavras como armas e advogados como soldados. Não era páreo para ele. Aquela não era uma luta justa. Uma faca contra uma pistola.

Pois Elliot Steere sabia como vencer uma guerra.

3

O coração batendo violentamente, Marta abriu caminho em meio aos repórteres que atravancavam o corredor e o saguão do tribunal, apenas para descobrir que, do lado de fora do Centro de Justiça Criminal, a aglomeração era tão densa quanto a neve que caía. Eles a cercaram assim que ela atravessou a porta giratória do prédio.

— Nada a declarar — gritou ela, piscando devido aos flocos de neve e às luzes de TV que a cegavam.

Vários repórteres da imprensa sensacionalista puseram-se a correr ao lado de Marta em plena neve, segurando blocos de papel e gravadores portáteis e usando bonés de beisebol para se protegerem da tempestade.

— Marta, ele vai ser absolvido?

— Marta, quanto tempo o júri vai ficar reunido?

— Steere vai vender suas propriedades para a prefeitura se for condenado?

— Nada a declarar! — repetiu bruscamente Marta, dirigindo-se para a rua.

— Ah, ora vamos, Marta! — repórteres de TV com uma maquiagem alaranjada corriam na frente dela, protegidos por sombrinhas coloridas do tipo usado nos campos de golfe, que estagiários seguravam sobre suas cabeças. Seus técnicos e cinegrafistas miravam câmeras e refletores, enquanto corriam de costas, à sua frente, uma arte aperfeiçoada pela prática.

— Marta, as deliberações serão suspensas devido à tempestade?

— Sra. Richter, Steere vai ser considerado inocente?

— O que a espera agora, Marta?

— Está escrevendo um livro?

Marta não parou para cumprimentos ou publicidade. Nem mesmo interrompeu seu trajeto. Que publicassem o que quisessem; seus dias de publicidade haviam chegado ao fim e ela não tinha tempo a perder. Abriu caminho a cotoveladas em meio à turba, e eles não a seguiram porque o assistente do promotor, Tom Moran, naquele momento saía do tribunal.

— Ainda não podemos nos pronunciar — Marta ouviu Moran dizer, e sentiu o estômago contorcer-se. O promotor estivera certo todo o tempo. Steere era um assassino frio. Agora Marta precisava provar isso. Mas como? A bravata que ela exibira na sala de entrevista havia desaparecido, dispersa por gélidas rajadas de neve e realidade. O que ela ia fazer? Voltar ao escritório. Orientar-se. Imediatamente!

Marta correu para a esquina a fim de pegar um táxi, puxando a manga do impermeável para consultar o relógio. Três e quinze. Quanto tempo ainda tinha? Até o meio-dia de amanhã? Ela alcançou a esquina da Market Street, onde o trânsito era mais intenso, e tentou chamar um táxi, acenando. A neve batia em seus olhos. A tempestade estava pior do que pensara.

A neve caía em flocos espessos e molhados, cobrindo tudo à vista. Os edifícios comerciais, as coberturas na entrada do metrô e os carros estacionados já estavam envoltos numa camada branca, seus contornos indistintos. Pingentes de gelo, como punhais pontiagudos, projetavam-se dos fios de eletricidade. O sinal de trânsito diante do edifício da Prefeitura havia se congelado no vermelho, confundindo o trânsito já congestionado. O céu estava toldado. Logo estaria escuro.

Marta fez meia-volta ao ouvir um ruído estridente às suas costas. Um comerciante estava puxando uma porta corrugada de proteção sobre a vitrine da loja. Os outros estabelecimentos já estavam fechados, as luzes apagadas. As pessoas, saindo cedo do trabalho, lotavam a calçada, dirigindo-se às escadas do metrô. A Filadélfia

fechava as portas, congelada. O que ela ia fazer? Tinha apenas uma noite, e no meio de uma porra duma tempestade de neve.

Marta acenou mais energicamente à sombra cinzenta da Prefeitura. O trânsito acelerava ao dobrar a esquina do edifício vitoriano e os carros tentavam passar para a pista de velocidade que levava às vias mais amplas fora da cidade. Os veículos cuspiam nuvens de vapor de descarga e uma minivan-, fazendo uma ultrapassagem, lançou neve sobre os escarpins de Marta. Ela avistou um táxi e fez sinal, mas o automóvel passou por ela, ocupado. Uma imagem, surgindo do nada, tomou conta da lembrança de Marta.

Ei! Ela está de pé junto ao meio-fio. Acenando. Os carros passam por ela em alta velocidade. O vento agita seus cabelos. Está frio ali na rua. É inverno no Maine. *Ei, senhor. Por favor, pare*!

BIIIP! soou estrondosa a buzina de um ônibus, quase em cima dela. Marta, assustada, deu um pulo para trás, recuando no meio-fio enquanto as rodas maciças passavam a seu lado, soltando blocos de neve. BIIIP!

— Você está bem, moça? — perguntou uma voz que Marta apenas entreouviu, no momento em que via outro táxi subindo a rua. A luz sobre o teto do carro luzia, amarela. Estava livre!

Marta desviou-se dos transeuntes e correu para o táxi, a valise e a bolsa debaixo do braço. A neve molhava seu rosto e seus olhos, mas ela piscava, afastando os flocos. O táxi arrastava-se em sua direção, os faróis brilhando vagamente em meio à neve. Marta acenava como uma idiota. À medida que os dois convergiam, ela pensou ver uma sombra indistinta no banco traseiro. Droga. As janelas eram escuras demais para que pudesse ver o interior do automóvel. Marta alcançou o táxi e começou a bater na janela traseira.

— Ei, ei! — gritava ela, esmurrando o vidro com o punho. — Preciso deste táxi! — Um senhor idoso, no banco de trás, encolheu-se, afastando-se da janela, atônito, e Marta teve uma vaga consciência de que estava agindo como louca, sentindo-se louca.

Aturdida pelo que tinha de fazer e pelo pouco tempo que tinha para fazê-lo. Marta abriu a porta traseira do táxi com violência. — Preciso ir para a cidade alta! É uma emergência!

— Não! — gemeu o velho, afundando mais no banco, os olhos arregalando por trás dos óculos. O táxi deu uma rabanada, parando.

— Ei, moça! — gritou o motorista, virando-se para trás, irritado. Sobre o painel havia um desodorizador no formato de uma coroa de rei. — O que pensa que está fazendo?

— É uma emergência — afirmou Marta. — Preciso chegar à cidade alta.

— Saia do meu táxi! Já tenho passageiro!

— Eu divido a corrida. Pago cinquenta dólares.

— Você é maluca? — berrou o taxista.

— Cem, então! Fechado? — Marta enfiou um pé na parte de trás do carro, mas o velho se afastou ainda mais, apavorado, e o motorista empurrou-a com a mão peluda.

— Pare com isso! Saia do meu táxi!

— Duzentos! Podemos ir juntos, me deixem lá. Uma corrida para a cidade alta por duzentos dólares!

— DÊ O FORA, MOÇA! Você é uma PSICOPATA, porra!

— Não, espere! — gritou Marta, mas o táxi arrancou e a porta se fechou com um estrondo, atirando sua bolsa e sua valise na rua coberta de neve. Marta apanhou-as e bateu a sujeira com a mão. Merda! Ela precisava dar um jeito de chegar ao escritório. Talvez pudesse ligar para um serviço de táxis. Apressou-se em apanhar na bolsa o telefone celular e pressionou a minúscula tecla *ON*. Nada. A bateria tinha acabado. Marta estava prestes a atirar o telefone do outro lado da Market Street quando viu outro táxi vindo em sua direção. Estaria vazio?

Enfiou seus pertences embaixo do braço e correu na direção dele.

Do outro lado da rua, um homem grandalhão, num casaco comprido de couro preto, a observava. Ele estava sem chapéu,

apesar da temperatura enregelante, encostado na fachada em falso estilo grego da loja de departamento Hecht's. Marta não o percebeu. Mas não o teria reconhecido, mesmo que o tivesse visto, pois Bobby Bogosian não era uma pessoa a quem Elliot Steere fosse apresentá-la.

4

Christopher Graham era alto e musculoso, com feições angulosas e uma barba mesclada de cinza aparada pouco acima da gola da camisa de flanela. Ele estava parado junto à janela da ampla e moderna sala do júri no Centro de Justiça Criminal, as mãos calejadas enfiadas no fundo dos bolsos de seu jeans, observando a tempestade de neve. Os jurados do caso Steere haviam sido avisados de que uma tempestade estava prevista, embora não tivessem permissão para assistir aos noticiários, por causa do isolamento; nada de TV, jornal ou rádio, por dois meses. Os jurados se queixavam sobre isso o tempo todo, exceto Christopher. Ele não sentia falta do videocassete, sentia falta era dos cavalos, cujas ferraduras ele reajustava, e do dinheiro que ganhava. A última coisa de que sentia falta era da mulher, Lainie.

— OK, tomem seus lugares, pessoal. Tomem seus lugares — gritou Ralph Merry, um homem agigantado e sem cerimônia, que se referia a si mesmo como um "executivo da publicidade", embora os outros jurados intuíssem, corretamente, que Ralph nunca havia sido um "executivo, mas sim uma espécie de vendedor de anúncios, sua vida movida a disputas acirradas e uísque. Ralph fez sinal aos outros para que tomassem seus lugares de costume, na ordem habitual, em torno da mesa retangular. — A primeira providência — começou Ralph — é elegermos um representante.

Christopher tentou ignorar Ralph em prol da neve que caía diante da janela. Soubera que ia nevar mesmo sem as notícias da TV. Sentira o cheiro no ar, hoje de manhã, quando saíram do hotel, e vira também no cinza do céu, ou no que restava deste quando os arranha-céus chegavam ao fim. Lá onde Christopher vivia, os

cavalos também teriam percebido que estava prestes a nevar. Eles não precisavam de radares meteorológicos, de nada dessas coisas.

— Você não vai ser o representante, Ralph? — perguntou Nick Tullio. Nick fora o último jurado escolhido, um italiano idoso do sul de Filadélfia, com uma papada balançando no pescoço e um peito tão ossudo que o fazia parecer mais um frangote do que um homem. Alfaiate desde que começara a trabalhar, Nick usava terno e gravata o tempo todo, de modo que estava curiosamente vestido com exagero em todas as ocasiões. Seu polegar fora esmagado num acidente com uma máquina de costura e Nick o mantinha dobrado, escondido, o que só servia para chamar a atenção para ele. — Você deveria ser o representante. Não quer? — indagou Nick a Ralph.

— Claro, mas precisamos fazer uma votação — respondeu Ralph. Nick pareceu envergonhado.

— Está bem. Desculpem-me. O que eu sei? Nunca fiz isso antes. — Ele odiava aquilo tudo. Gostaria que os advogados nunca o tivessem escolhido. Não pôde acreditar quando deixaram de lado todas as outras pessoas para selecioná-lo. Agora era a hora de decidir se o sr. Steere era culpado. O que ele deveria fazer? Votar em quê? Nick desejou que sua mulher, Antoinetta, estivesse ali.

O representante, não. Pode ser uma mulher. Deve-se falar a pessoa representante — corrigiu Megan Gerrity, uma jovem de vinte anos, olhos azuis e cabelos ruivos crespos, cortados bem curtos. Megan era um dos três jurados com alguma experiência universitária. Tinha estudado um ano na Drexel University, antes de abandonar o curso para fazer programação visual de páginas da Internet. Seus negócios vinham crescendo até o caso Steere, mas o trabalho do júri podia acabar com ele. Megan vivia do tempo na Internet e seus clientes precisavam de suas páginas prontas e em operação ontem. Ela não podia se dar ao luxo de ficar ali sentada. Fazia séculos que não acessava a rede. Sentia falta do céu, do sol e das nuvens da Microsoft na inicialização do Windows 95.

— Você não quer um homem como representante? — perguntou Ralph.

— Uma mulher — corrigiu Megan, sem sorrir. Ela estava por aqui com Ralph. Ele vinha sempre com essa bosta sexista, travando uma cômica guerra dos sexos com ela. Megan desconfiava que não era a única cansada disso. Os jurados negros, três homens e uma mulher, não gostaram de Ralph desde o início, Megan podia ver. — Eu quero ser a pessoa representante — declarou ela.

— Você? — devolveu Ralph, com fingida incredulidade. Sua mão enorme voou para o peito da camisa caqui. Essa era a camisa favorita de Ralph porque parecia a usada pelo general Schwarzkopf na Tempestade do Deserto. Ralph achava que Norman Schwarzkopf era o maior líder que surgira desde George Smith Patton. Ralph gravara as entrevistas coletivas dadas pelo general durante a Guerra do Golfo e tinha até entrado na fila para obter um exemplar autografado do livro do militar. — Megan como representante? De jeito nenhum. Nada de mulheres e nada de ruivas. Nada de irlandesas ruivas! Todos concordam? — Ralph sorriu e o mesmo fizeram os outros jurados, exceto Kenny Manning.

O olhar fixo de Kenny era tão escuro quanto sua pele. Ele estava sentado na extremidade oposta da mesa, os braços musculosos cruzados sobre o peito largo. Kenny detestava as piadinhas de Ralph. Estava cheio dele desde o início. Mal podia esperar para que a porra do julgamento chegasse ao fim e ele não tivesse mais que olhar para a cara gorda de porco de Ralph.

— Vamos acabar com isso — disse Kenny. — Faz uma vida que estou aqui.

— E a neve continua caindo sem parar — disse Ray Johnson, Jurado n° 7. Ray chamava a si mesmo de "Sete da Sorte" e estava sentado na extremidade da mesa de conferência, ao lado de Kenny Manning e Isaiah Fellers. O grupo de três negros rotineiramente

comia, viajava no ônibus e sentava-se junto, embora o calado Isaiah parecesse estar sempre em segundo plano.

Isaiah olhou, infeliz, para a neve que caía. O inverno o deixava mal-humorado e ele vivia à espera do dia em que partiria para sua lua de mel em St. Thomas. A cada visita conjugal, sua noiva lhe dizia a temperatura na ilha, que ela via no Canal do Tempo. Eles ficavam abraçados, falando sobre como passariam o dia todo juntos, bebendo pina coladas. Isaiah esperava que tivessem um bar ao lado da piscina, onde se pudesse sentar e beber com a bunda na água quente.

Christopher também olhava pela janela, mas já não estava observando a neve. Visualizava cavalos antes de uma nevada: levantando as cabeças do feno em suas baias e movendo-as num lento arco em direção à janela. Os olhos escuros e úmidos imóveis, o olhar fixo. Batendo os cascos, em expectativa, quase esperançosos. Christopher sabia exatamente como eles agiam porque tinha crescido em meio aos cavalos e, como eles, se acostumara a esperar. Mas nunca tinha se permitido ter esperanças, até agora.

— Estou com Kenny — disse Sete da Sorte. — Vamos acabar com isso para não ficarmos presos pela neve. Quem acha que o homem é culpado? Eu, Kenny e quem mais?

— Esperem um pouco — disse Ralph, brandindo o lápis amarelo como um cetro de segunda. — Precisamos escolher um representante.

Nick Tullio observava os dois e começou a sentir aquela queimação no estômago. O médico disse que ele não tinha úlcera, mas Nick sabia que tinha. Tinha de ter, sentia aquela queimação sempre que se aborrecia e estava ficando aborrecido agora. Os crioulos iriam querer mandar o sr. Steere para a cadeia, mas Nick não tinha muita certeza se era o que devia fazer. Aliás, ele não tinha certeza de coisa nenhuma. Queria beber um pouco de água, mas não gostava de mostrar o polegar e, portanto, não bebeu. O que diria Antoinetta?

— Foda-se! — replicou Kenny. — Não precisamos de um representante. Podemos votar agora mesmo.

Ralph estremeceu. Não gostava de palavrões na presença de senhoras. Já tinha pedido a Kenny que não os dissesse, mas isso só servira para fazê-lo falar ainda mais. Ralph sabia que não havia argumentação com eles. Seus lábios finos formaram um hífen de determinação.

— Kenny, vamos fazer tudo segundo as regras. Todos queremos votar e ir para casa, mas primeiro precisamos escolher o representante.

— A pessoa representante — disse Megan, tentando aliviar a tensão. Ela ficava nervosa quando a discussão resvalava para a questão racial, e ultimamente isso sempre acontecia. Um homem branco matara um negro, e Kenny não conseguia ver o caso de outra maneira. Deus do céu, Megan queria ir para casa, onde eram somente ela e seu Compaq, que nunca brigavam. — Que tal ficarmos mais tempo nas preliminares? — gracejou ela, e todos riram.

Até Kenny sorriu.

— Estou cansado. Agora vamos votar. Elliot Steere é culpado. Um voto como culpado. Quem mais? Sete?

— O meu também — concordou Sete da Sorte, puxando a folha do veredicto do centro da mesa.

— Ei! — gritou Ralph. — Não pode ir pegando isso assim. O representante tem de preencher essa folha, e eu deveria ser o representante. Eu me nomeio.

Megan abanou a cabeça. Se Ralph fosse a pessoa representante, ele nunca calaria a boca. Levariam uma eternidade ali.

— Não, eu tenho a preferência. Gostaria de ser a pessoa representante. Os que forem a favor, levantem a mão.

— Gente, não briguem. Se vamos eleger alguém para nos representar, o voto deve ser secreto — interveio a sra. Wahlbaum. Esther Wahlbaum era uma professora de inglês aposentada, tinha

trabalhado numa escola secundária municipal e sabia como manter a ordem numa sala de aula. — Essa é a maneira oficial de fazermos a coisa. Uma eleição secreta.

Martin Fogel, sentado ao lado dela, revirou os olhos.

— Muito obrigado, *expert* oficial em todos os assuntos. — O sr. Fogel era um velho relojoeiro, que usava óculos bifocais com armação de meio aro de aço inoxidável e camisa branca fina. Uma faixa de cabelos grisalhos e ralos cobria sua cabeça como um cinto de segurança. — Essa mulher é surpreendente. Se precisar de um bombeiro, ela sabe tudo de sistemas hidráulicos. Se quiser aulas de dança, ela dança até o fox-trote.

A sra. Wahlbaum franziu os lábios.

— Não comece, sr. Fogel. Todos sabem que uma votação secreta é mais oficial. Exatamente como nas eleições comuns.

Gussella Williams remexeu-se, impaciente, em sua cadeira, o vestido de jérsei esticado entre as coxas grossas. Gussella era negra, uma guarda-livros troncuda ainda inconformada por perder o feriado de Natal graças a esse julgamento. Tinha planejado ir à Carolina do Sul para ver o netinho recém-nascido, que crescia como bambu.

— Macacos me mordam se eu perder seu primeiro aniversário também — resmungou Gussella, e ninguém lhe perguntou o que ela queria dizer, pois todos já sabiam. — Vamos logo à votação. Secreta, pública, não faz diferença para mim. Pelo amor de Deus, vamos votar de uma vez por todas.

As cabeças assentiam em torno da mesa, mesmo as dos dois jurados que nunca participavam, Wanthida Chandrruagphen, uma tailandesa esbelta e graciosa, cujo nome ninguém conseguia pronunciar, e Ryan Parker, um homem tímido que trabalhava numa fábrica de fibras têxteis. Os jurados mal podiam esperar para ver aquele julgamento chegar ao fim e poder ir para casa. Eles achavam que os advogados se repetiam e que as provas documentais eram

técnicas demais. Os especialistas subestimavam-nos e as testemunhas apresentavam depoimentos monótonos e intermináveis. Nessas duas últimas semanas de julgamento, ninguém mais tomava notas e a irritação tinha se transformado em hostilidade.

Nick parecia confuso.

— Uma votação secreta? Como vamos fazer uma votação secreta? Se fecharmos os olhos, quem vai contar?

Christopher fechou os olhos diante de toda aquela tagarelice. Em toda a sua vida não tinha ouvido tanta conversa fiada quanto nesses últimos dois meses. Desde que Lainie fora embora, ele mal falava com as pessoas. Nos estábulos onde consertava as ferraduras, seu único contato era com os cavalos. Evitava as senhoras ricas, que tomavam aulas de adestramento com seus culotes castanho-claros e capacetes de veludo; ignorava os administradores dos estábulos, que seguravam as éguas ariscas, enquanto ele batia um prego em seus cascos. Nenhuma mulher o tinha interessado verdadeiramente até há pouco. Christopher sentia-se como se tivesse estado esperando por ela a vida toda, como um cavalo espera a nevada. Ele voltou-se da janela.

— Eu gostaria de ser o representante — disse Christopher, e porque falasse tão pouco, todos os rostos ergueram-se para ele, surpresos.

— Acho que é uma excelente ideia! — exclamou Megan, pois aquela era uma concessão que evitaria problemas. Quem poderia fazer objeção a Christopher? Ele era sério, inteligente e bonito, à maneira de um lenhador.

— Que bom, Christopher! — observou a sra. Wahlbaum, satisfeita por ver que o jovem estava finalmente saindo de sua concha. Isso vinha confirmar o que ela sempre tinha dito às suas turmas sobre paciência.

Kenny olhou sobre os braços cruzados para Ralph, que respondeu com um aceno de cabeça, concordando tacitamente com uma trégua, pelo menos temporária.

— Para mim, está tudo bem — disse Ralph. — Você é o representante, Chris.

— Obrigado. Agradeço a confiança que estão depositando em mim.

Christopher se sentia. Agora ele tinha uma tarefa, um propósito. Faria tudo que estivesse ao seu alcance para persuadi-los a absolver, e rápido. Ele tomaria conta dela, como fazia com seus cavalos. Discretamente, sem ostentações ou agradecimentos. Ele cuidaria disso.

Por Marta.



— OK, estamos todos de acordo — disse Christopher. — Vamos fazer uma votação para começar. Cada um escreverá qual acredita que deva ser o veredicto. Não ponham seus nome nem nada. O voto é secreto.

— Câmbio. — Ralph assentiu com a cabeça e começou a arrancar folhas do bloco de papel amarelo pautado e mandá-las, deslizando sobre a mesa, para cada um dos jurados.

— Não vamos discutir o caso primeiro? — indagou Nick, apenas para ganhar tempo. Ele não sabia como votar. Olhou em torno da mesa em busca de ajuda, mas sua mulher não fazia parte do júri. Seu estômago queimava como fogo. — Não vamos falar a respeito? Nem um pouquinho?

Gussella abanou a cabeça com firmeza.

— Não, vamos votar primeiro, já chegamos a esse acordo. Por que perder mais tempo? Talvez tenhamos um veredicto unânime. Aqui está a sua folha. — Ela estendeu o braço sobre a mesa e entregou-lhe uma folha de papel. — Vote.

Nick apanhou o papel, obedientemente, e os outros jurados apanharam lápis apontados numa bandeja de plástico sobre a mesa. Ninguém examinou as provas empilhadas no centro da mesa, etiquetadas e classificadas. Ninguém se surpreendeu com as fotos da autópsia ou se sentiu intrigado diante das provas do DNA. As cabeças dos jurados ficaram abaixadas por dez minutos apenas, depois dos quais eles entregaram suas folhas, ansiosos como crianças no último dia de aula. Christopher abriu cada folha com cuidado, esticando-a sobre a folha de nogueira compensada que revestia a mesa, e assinalou o voto de cada jurado no quadro-negro posicionado atrás dele. O silêncio era completo à medida que cada marca de giz era riscada com um ruído estridente. Era como se o destino de Steere fosse o deles também.

Christopher abriu a última folha dobrada do papel amarelo pautado e seu rosto não traía nem um vestígio da felicidade que ele experimentava em seu íntimo.

— Outro voto para inocente — anunciou ele, fazendo a última marca de giz. Em seguida, afastou-se do quadro-negro e contou em voz alta. — São nove votos contra dois, inocentando Steere. Somente uma abstenção.

— Graças a Deus — disse Gussella, radiante. Ela tinha uma obturação de ouro num dos dentes superiores e aquela era a primeira vez que sorria o suficiente para que a vissem. — Carolina, aqui vou eu.

— O que vocês acham? — perguntou Ralph, sorrindo, e sua voz informava que para ele o resultado havia sido satisfatório.

— Quem se absteve? — perguntou Megan, aborrecida. Tudo de que precisavam era de alguém que os retardasse ainda mais. Agora

mesmo, enquanto falava, estava perdendo clientes. Ela esquadrinhou os rostos em torno da mesa. Tanta gente idosa, sem nada para fazer. Esse era o problema. E ainda a coisa racial. Era óbvio de quem haviam sido os dois votos pela condenação: de Kenny e Sete da Sorte.

A sra. Wahlbaum cacarejou, em tom de desaprovação:

— Ora, Megan, não podemos implicar com quem se absteve. Trata-se de uma votação secreta. Todos têm o direito de seguir suas próprias convicções e consciência. Mesmo que isso nos retenha aqui por mais tempo.

Nick Tullio baixou os olhos para o polegar, enfiado entre as pregas de lã da calça feita à mão. Ele não sabia o que era abster-se, mas adivinhou que tinha sido o único a escrever EU AINDA NÃO SEI no papel amarelo. Nick estava aliviado por Christopher ter encontrado uma forma de realizar uma votação secreta.

— A abstenção contraria as regras — queixou-se Ralph. — O juiz não disse que as pessoas poderiam se abster.

— Regras? — disparou Kenny. — Não existem regras. O homem não sabe, ele não sabe. — Seu olhar fixo tornara-se mais irado desde a contagem dos votos. Kenny calculou que ele e Sete da Sorte haviam sido os dois únicos a votarem culpado. Isaiah devia ter encagaçado e escrito EU AINDA NÃO SEI. Kenny teria de conversar com Isaiah quando se encontrassem na sala de televisão nessa noite, sozinhos. Eles tinham de ficar juntos nessa. — O homem tem direito a um tempo para pensar. Para tomar sua própria decisão. Ele não precisa correr com essa droga.

Isso é verdade — concordou a sra. Wahlbaum. — Eles ainda nem mandaram as provas referentes às impressões digitais.

Que provas? — perguntou Ralph, mas Christopher sacudiu a cabeça. Ele não se lembrava de que provas estavam falando e isso não tinha muita importância. Faltava pouco para cumprir a

promessa tácita feita a Marta. O peito de Christopher inflou-se de satisfação. E esperança.

5

Às quatro da tarde, a neve tinha se acumulado sobre as calçadas de Filadélfia numa camada de mais de trinta centímetros e o escritório novinho em folha da firma jurídica Rosato & Associadas encontrava-se vazio. As secretárias haviam ido para casa mais cedo e somente duas associadas haviam ficado à espera de que o júri retornasse no caso *Commonwealth v. Elliot Steere*. Elas haviam sido comissionadas por Marta Richter, que contratara os serviços da Rosato & Associadas como consultora jurídica local quando Steere a constituíra sua advogada.

— Nós estragamos tudo — disse uma das jovens advogadas, Mary DiNunzio. Ela debruçou-se sobre a mesa de reunião e enterrou o rosto no duro travesseiro formado pela correspondência. Seu terninho azul-marinho estava amarrotado, os cabelos de um louro sujo estavam de fato sujos e o corpo magro estava exausto. — Estragamos tudo e não tem volta. Não há nada que possamos fazer a respeito.

— Está falando do julgamento? De jeito nenhum. Vamos ganhar, vai ser moleza. — Judy Carrier rodopiava na cadeira giratória do outro lado da mesa. Nativa da Califórnia, Judy era alta e forte, o rosto redondo como um prato e traços que expressavam mais honestidade do que discrição. Uma massa de cabelos claros se revolvia no ar como um guarda-sol de papel, enquanto ela girava na cadeira. — Aposto como eles voltarão a se reunir antes do jantar de amanhã, supondo-se que o tribunal não feche por causa da neve.

— Não. Refiro-me à nossa vida. Estragamos nossa vida. Estávamos bem na Stalling & Webb, mas não: queríamos nos estabelecer por conta própria. Agora trabalhamos para uma megera psicopata. No meio de uma avalanche. — Mary fechou os olhos,

ressecados devido à fadiga. Ela podia sentir as lentes de contato fundindo-se com suas córneas. Essa noite elas se soltariam como Band-Aids.

— Ei, nós tentamos — disse Judy, dando voltas e mais voltas na cadeira. As paredes da sala de reunião eram branco-gelo e a sala cheirava a tinta látex. A parede frontal era inteiramente de vidro e dava para o corredor. Na parede oposta, via-se uma gravura de um pequeno barco a remo, de Thomas Eakins, e três outras, da mesma série, encontravam-se no chão, encostadas à parede, esperando para serem penduradas Os escritórios da Rosato estavam inacabados, mas Judy não se importava. Gostava de trabalhar para uma firma de advocacia que estava começando. Dava-lhe a sensação de um início totalmente novo. — Não há nada de mal em se tentar, Mare.

— Não estou pondo a culpa em você — afirmou Mary, embora Judy já soubesse disso. Elas haviam passado o diabo juntas e nem tudo precisava ser dito.

A cadeira de Judy foi girando mais devagar até parar de frente para a ampla janela salpicada pelos flocos de neve.

— Olhe para isso! — exclamou ela, indo em direção à janela. Os edifícios comerciais da cidade, The Gallery e o Tribunal de Justiça dos Estados Unidos pareciam ter sido polvilhados com açúcar de confeiteiro. — Não é lindo?

Mary piscou, sonolenta, sobre o travesseiro de correspondências.

— Estão dizendo que vai chegar a um metro e vinte. Que confusão não vai ser.

— É tão branquinho!

— Ano passado fiquei presa em casa. Eles não limparam a neve das ruas secundárias.

— Os flocos são tão grandes. Parecem flocos de cereais!

— Eles vão fechar o tribunal e o júri nunca vai retornar. O julgamento jamais vai acabar e eu vou me matar. Meu corpo só será

encontrado dias depois e o chão vai estar gelado demais para me enterrarem.

— E excitante. — Judy pressionou as mãos amplas contra a superfície da janela. As palmas ficaram geladas e sua respiração formou uma nuvem no centro da vidraça. — A primeira boa tempestade de neve que temos este ano. Não é uma sensação maravilhosa?

— Eu não tenho mais sentimentos. Estou cansada demais para sentir qualquer coisa.

— Alegre-se, Mare.

— Não posso, sou católica. E trabalho para Marta Richter.

— Está se referindo à Inflexível? — Judy soprou mais uma nuvem na vidraça e a examinou. — Bacana.

— Se você desenhar uma carinha feliz nessa janela, jogo você por ela. Judy se virou e riu, argolas de prata pendendo de suas orelhas. Um vestido de camponesa esvoaçava ao redor das pernas fortes, cobertas por uma malha de lã cinza que terminava em tamancos holandeses. Judy sempre se vestia de modo excêntrico e nem mesmo Marta Richter pôde dissuadi-la daquele hábito.

— Foi um julgamento longo e difícil, mas chegou ao fim. A Inflexível irá embora assim que o júri tornar a se reunir. Ela tratará, por telefone, dos procedimentos subsequentes ao julgamento. Você não terá de cumprir mais nenhuma ordem.

— Não, ela nunca irá embora. Nunca. Ela não é de lugar nenhum e nunca irá embora.

Judy abanou a cabeça.

— Do que você está falando, Mare? Ela vai voltar para o escritório em Nova York.

— Ela disse Los Angeles. Sua matriz fica em Los Angeles.

— O papel timbrado diz Nova York. Acho que ela é de Nova York.

— Não é de Nova York, não tem sotaque. Já percebeu que ela não tem sotaque nenhum? As secretárias acham que ela frequentou um curso de dicção.

— Pensei que os estudiosos da dicção é que fossem à faculdade de direito.

— Fale sério. — Mary ergueu a cabeça cansada dos papéis. — Não sabemos onde ela mora. Tem casas em Boston, Nova York e na Flórida, eu creio, mas não sei onde ela mora. Ela nunca fala sobre isso.

— Ela não mora em lugar nenhum, não vive, só trabalha. E daí?

— Daí que não sabemos de onda ela é. Quem é sua gente.

— Sua gente?

— É, sua gente — repetiu Mary, sem explicar. Judy não entenderia mesmo, já que era uma daquelas infelizes pessoas não criadas no bairro italiano no sul de Filadélfia. — Não sabemos nada de sua família, religião, nada. Ela é o Jay Gatsby de saias.

— *Inflexível*? Você faz uma imagem exagerada dela. Está lhe atribuindo poder demais. Inflexível é apenas uma *workaholic*, obcecada em dar ordens. Ela grita sem motivo e abana o rabinho para a publicidade como um cachorro. Em outras palavras, é uma advogada.

— Não, pense bem. Ela nunca mencionou um só amigo. Trabalha sozinha. Não temos a menor ideia de quando é o seu aniversário. Preste bem atenção em minhas palavras: ela não nasceu de uma mulher. Em seu escalpo está escrito 666, entre as raízes.

— Você está descontrolada. Está sofrendo da febre dos julgamentos.

— Lembre-se: eu a avisei. Tenha cuidado.

— Você é maluca.

Mary considerou a hipótese e a rejeitou:

— E por que você não está cansada? Trabalhamos neste caso juntas. Por que eu estou sempre cansada e você nunca está?

— Porque eu me exercito, sua tonta. Eu lhe disse, venha comigo. Eu ensino você a escalar pedras.

— Esqueça. — Mary deixou a cabeça cair de volta sobre o travesseiro de correspondências e se perguntou quando tudo tinha começado a dar errado em sua vida. A firma de advocacia onde trabalhavam falira, as coisas com Ned não deram certo e, justamente quando Mary pensava que não tinha mais como piorar, Marta Richter contratara os serviços da Rosato & Associadas como sua consultora jurídica local.

— Então venha esquiar comigo. — Judy afastou-se da janela e deixou-se cair novamente na cadeira, recomeçando a girar de um lado para o outro. — Podemos optar pela modalidade *cross-country*.

— Não. Esqueça.

— Você vai se divertir como nunca. Podemos ir a Valley Forge. É lindo no inverno.

— Não era o que George Washington achava.

— Vamos lá depois que for dado o veredicto. Vamos nos divertir muito.

— Cala a boca. Pare de ser tão positiva. — Mary fechou os olhos, e Judy consultou seu relógio preto do tipo usado pelos atletas de corrida.

— Já está quase na hora do jantar. Estou com fome. E você?

— Não. — Mary abriu um pouquinho os olhos, mas aquilo ainda era uma empresa de advocacia e não um pesadelo. — Eu nunca tenho fome e você sempre tem. Estou sempre cansada e você nunca está. É assim que as coisas são. Não tem nada que possamos fazer a respeito. Ninguém pode fazer nada.

— Podemos mandar vir alguma coisa.

— Está caindo uma tempestade, Jude. — Mary olhou-a de soslaio e fez uma pausa. — O que você acha que eles estão fazendo agora?

— Quem? *Inflexível* e nosso milionário favorito? Desfrutando a tensão sexual. Pode me chamar de louca, mas dois meses de

preliminares seriam mais do que suficientes para mim.

— Eu me referia ao júri.

— Estão deliberando, é claro. Tentando decidir quando o réu irá foder a advogada. É uma inversão de papéis.

— Judy, pare.

— Já teriam feito isso se Steere não estivesse na cadeia. É a única questão aberta neste caso. Quando eles vão trepar? E como? Existe uma maneira de ambos ficarem por cima?

— Judy, estou falando do julgamento. — Mary enrubesceu. Ela podia xingar como qualquer advogado de tribunal, mas não se sentia à vontade com a conversa de Judy sobre sexo. Pára Mary, dizer "foda-se" nada tinha a ver com foder.

— Ah, o julgamento. O caso já está ganho. O júri é bom e o promotor não conseguiu provar a culpa de Steere. Ele vai ser absolvido.

Mary, então, permitiu-se acreditar antecipadamente. Judy tinha conquistado todos os prêmios da graduação na escola de direito de Stanford, já publicara artigos jurídicos e até recebera a oferta de um posto no gabinete do Procurador Geral do Estado. Mary suspeitava que Judy fosse o motivo por que haviam sido admitidas na Rosato & Associadas. Judy tinha inteligência e talento naturais para a advocacia, mas Mary precisava trabalhar duro para obter resultados, e era o que fazia.

— Talvez ganhemos um bônus — disse ela.

— De Rosato? Bennie Rosato?

— Pode ser.

— Ela começou a firma faz apenas um ano. Não vai sair por aí distribuindo dinheiro, mesmo para as "suas garotas". — Judy referia-se ao fato de que a Rosato & Associadas era a primeira firma jurídica em Filadélfia exclusivamente de mulheres; cinco advogadas litigantes trabalhavam na nova empresa. O fato de serem todas mulheres havia atraído publicidade, mas se atrairia clientes ainda

estavam para saber. Steere era o primeiro grande caso da firma, o que indubitavelmente era a razão de Bennie Rosato entrar na sala de reunião naquele minuto.

— Olá, meninas — disse Bennie, batendo no batente da porta. Ela estava de saída, com o sobretudo num dos braços e uma abarrotada valise de lona pendurada num dos ombros. A reputação de Benedetta "Bennie" Rosato como defensora dos direitos civis era imensa, e com 1,80m de altura ela intimidava tremendamente Mary, cuja cabeça tinha se erguido de pronto da pilha de correspondência.

— Ahn, estávamos só… organizando o arquivo — gaguejou Mary.

— Exato — disse Judy, com um sorriso espontâneo. — Não estamos exaustas nem nada parecido. Trabalhamos sem parar, mesmo quando o júri está reunido. — Seus olhos azuis encontraram os de Bennie com um sorriso, e Bennie sorriu de volta de maneira amável, senão afetuosa.

— Vamos ganhar, Carrier?

— Como poderíamos perder, chefe?

— É esse o espírito. — Bennie sorriu, satisfeita. Os cabelos ruivos soltos desciam, ondulados e displicentes, até os ombros e o rosto sem maquiagem era largo, mas não sem atrativos. Bennie usava um terninho de calça comprida de lã preta, escolhido sem atenção excessiva ao corte, feitio ou estilo. Bennie Rosato parecia da cabeça aos pés a atleta radiante e aplicada que ganhara o prêmio de melhor aluna-atleta na escola secundária, e era exatamente o que ela era. Remadora de elite na faculdade, ainda treinava todos os dias no rio Schuylkill, uma faixa azul e estreita que atravessava a cidade. — Como foram as instruções que o juiz deu aos jurados? Vocês conseguiram o que queriam?

— Conseguimos. Eles pareceram até entender.

— O máximo. Como foi o encerramento de Marta? Eu queria ouvir, mas tinha que estar presente a um depoimento.

— Ela foi brilhante, exceto quando começou a citar Sun-Tzu. Os olhos dos jurados ficaram vidrados.

Bennie franziu o cenho.

— Sun-Tzu, o filósofo? Para que ela o citou?

Judy revirou os olhos.

— Não tenho a menor ideia. É o guru de Steere. Se passar algum tempo na companhia de Elliot Steere, mais cedo ou mais tarde ele se sai com uma de Sun-Tzu.

Sentada à mesa, Mary admirou-se da naturalidade de Judy com Bennie. Desde o começo na firma, Judy agia mais como sócia de Bennie do que como uma associada. Mary achava que isso se devia ao fato de as duas serem muito parecidas. Ambas eram advogadas, atletas e muito altas, como se pertencessem a alguma raça superior de advogados, isso deixava Mary nervosa. Seu peito ficou coberto de manchas vermelhas debaixo da blusa e ela se perguntou se teria mesmo sido talhada para a advocacia. Para início de conversa, era baixa demais.

— Você está bem, DiNunzio? — perguntou Bennie. — Não se deixe abater agora. Está quase na linha de chegada.

Mary assentiu no que ela esperava fosse um gesto altivo.

— Estou bem. É, estou ótima.

— Ela está exausta — traduziu Judy.

— Aguente firme — disse Bennie. — Ouçam, Marta acabou de ligar de um telefone público. Ela está a caminho e quer falar com vocês duas. Disse que é importante. Vocês podem esperar, não é mesmo? As duas moram na cidade.

— Claro — respondeu Judy, e Mary deixou escapar um suspiro. O mesmo costumava acontecer quando ela trabalhava na Stalling & Webb. Dava para ir a pé da firma até o seu apartamento e, assim, sempre esperavam que ela trabalhasse, independente do tempo. Era tão injusto. Mary fez uma anotação mental para atear fogo ao seu prédio.

— Ótimo. Obrigada — disse Bennie, seus olhos examinando a mesa de reunião. O arquivo do caso Steere estava espalhado sobre o tampo e as capas de papel-manilha haviam sido enfiadas de qualquer maneira nas pastas sanfonadas. Fora o máximo que as associadas conseguiram fazer ao empacotar o arquivo no carro alugado, levá-lo até ali e arrastá-lo até o andar de cima. — É melhor dar uma arrumação nesse arquivo, garotas. Ponham as provas documentais em ordem. Vocês sabem como Marta é exigente.

— Você vem dizer isso a mim? A oferta anal vai ser a primeira que ela vai fazer — disse Judy e, assim que Bennie fechou a porta, as jovens advogadas começaram a arrumar a sala de reunião. Em pouco tempo, as 25 pastas sanfonadas vermelhas que representavam a defesa no caso *Commonwealth v. Steere* encontravam-se dispostas verticalmente sobre a lustrosa mesa de nogueira, onde se arquivavam de correspondência a petições, provas documentais e anotações das advogadas. Os *clippings* da imprensa ocupavam cinco pastas e mais de setenta provas protegidas por espuma descansavam de encontro à parede sob a gravura de um remo. As duas associadas acabaram no momento exato em que Marta Richter entrou correndo na sala de reunião, quando imediatamente tornou-se mais do que óbvio que ela não estava dando a mínima para o arquivo.



Marta se sentia calma, recomposta. O trajeto interminável e abafado no ônibus até o escritório dera-lhe tempo para pensar. Ela agora tinha um plano, mas precisaria de DiNunzio e Carrier.

Marta despiu a capa molhada assim que entrou na sala, pediu às associadas que se sentassem e lhes disse o que fazer, sem contar a verdade sobre Steere. Elas iriam correndo falar com Rosato se

soubessem que estavam reunindo evidências contra um cliente, e Rosato era uma opositora a qual Marta podia muito bem passar sem. Assim sendo, Marta passou a tarefa a DiNunzio e Carrier, sem entrar em detalhes, como mais uma incumbência impossível depois de dois meses de incumbências impossíveis. As associadas pareciam perplexas.

— Você quer isto para *quando*?— indagou Mary, com uma vaga consciência de que não era a primeira funcionária nos Estados Unidos a fazer aquela pergunta.

Marta consultou o relógio e sentiu um aperto já familiar na boca do estômago.

— São quase quatro e meia. Preciso de uma resposta por volta das sete.

— Sete? — gemeu Mary. Sua cabeça estava girando, os ombros caídos. — Menos de três horas?

— Pare de reclamar. Não estou lhe pedindo que redija uma peça processual completa. Não tem casos para pesquisar. É só ler o arquivo e dar uma busca nos jornais. Tomar nota do que encontrar.

— Mas o tipo de busca de que você está falando poderia levar dias. Uma semana. Tenho de redigir o pedido de exclusão das impressões encontradas no carro.

— O pedido pode esperar. Não é tão importante assim. Vai ser recusado, de qualquer maneira.

— Mas o restante das provas precisa ir para o júri amanhã bem cedo. Hoje de manhã você me disse…

— Mary — interrompeu Marta —, esta discussão está levando mais tempo do que a porra da busca. Limite-se a fazer o que pedi.

— OK. — Mary omitiu o VÁ PARA O INFERNO, SUA PUTA que e veio até a garganta e começou a rabiscar em seu bloquinho, como se de repente houvesse sido visitada por alguma inspiração legal, como o Espírito Santo. *Decididamente não era talhada para esta profissão*, escreveu Mary. *O convento parece cada vez melhor*.

Marta virou-se para Judy.

— Sua tarefa levará mais tempo; portanto, vá andando. Vou encontrá-la depois de Mary. Tente me dar uma resposta por volta das oito. Esse tempo deve ser suficiente.

— O problema não é o tempo. — Judy abanou a cabeça. — Isso é uma busca inútil. Não vou encontrar nada. Essa incumbência não faz sentido.

— Vou explicar mais uma vez. — Marta calou-se, mas era difícil controlar sua urgência. Um cronômetro tiquetaqueava em sua cabeça. Ela não tinha tempo a perder com bobagens. — O Commonwealth descobriu novas evidências, algo que prova que Steere não matou em legítima defesa.

— Como você sabe disso? — perguntou Judy.

— Não posso dizer. É confidencial.

Judy estava mais surpresa do que zangada.

— Para nós? Estamos todas do mesmo lado.

— Obedeça apenas, Carrier. Não tenho tempo para discutir com você.

Mary escreveu no bloco: *Posso ficar com o velho quarto de Angie no convento. O que tinha aquele lindo crucifixo de madeira. A vista dava para o cemitério, mas eu não sou exigente. Qualquer coisa distante da máquina de gelo serve*.

— Eu também não quero discutir — replicou Judy. O tom agudo em sua voz evidenciava confusão, não uma atitude defensiva. — Só estou tentando entender seu raciocínio.

— Você não precisa entender meu raciocínio. Só tem que fazer seu trabalho.

— Como posso fazer meu trabalho se não o compreendo?

— Seu trabalho é fazer o que eu mando, na hora em que eu mando! — gritou Marta de repente. Seu rosto avermelhou-se e uma veia no pescoço ameaçava estourar. — Eu lhe disse o que fazer e aonde ir. Isso é tudo que você precisa saber. É para isso que é paga.

Eu fico bem de preto, pareço mais magra. E não preciso nem mesmo de cama de casal. Ou de TV a cabo.

Judy mergulhou num silêncio perplexo. A Inflexível descontrolada? Alguma coisa estava errada. Marta parecia quase em pânico, mas Judy não conseguia imaginar por quê; a mulher tinha acabado de arrasar a promotoria num julgamento por assassinato de grande repercussão. Os jornais e a TV Tribunal estavam promovendo Marta como a melhor advogada criminalista do país. Judy teria esperado ver a Inflexível se vangloriando a essa altura. Normalmente tinham de aplaudir até quando ela peidava.

— Quero essa resposta, Judy. — Marta se levantou e apanhou a capa sobre a cadeira. — E a quero antes que o promotor peça a inclusão dessa nova evidência amanhã de manhã.

— Podemos tratar da questão amanhã, então — argumentou Judy, tentando superar sua perplexidade. — O juiz nos dará tempo para responder a qualquer petição que façam. Ele não pode tomar nenhum tipo de decisão judicial sem ouvir a defesa. — Os braços de Judy se abriram, as mãos voltadas para cima, num apelo.

Mary pensou que Judy parecia exatamente a Mãe Santíssima naquela posição. Para Mary, todas as associadas, mais cedo ou mais tarde, se pareciam com a Mãe Santíssima. Como suplicantes, implorando por piedade, mas sem encontrar nenhuma. Ela escreveu: Vou levar Judy comigo para o convento. Só que ela vai ter de abrir mão do ESPN e do ESPN 2. Sem falar no tal do voto de silêncio.

Marta jogou a capa com violência sobre os ombros.

— Você não entende? Não estou disposta a deixar aqueles palhaços me apanharem de surpresa. Não cheguei onde estou deixando que um promotor leve vantagem sobre mim. Se eles têm alguma coisa sobre Elliot Steere, quero saber o que é e quero saber assim que eles souberem.

— Nós não temos os recursos que eles têm! São trinta advogados neste caso, e mais a polícia.

— Você não tem escolha! — gritou Marta, a plenos pulmões. — Você tem uma tarefa, agora execute-a e cale a boca!

O rosto de Judy ardia como se ela tivesse levado uma bofetada. Ela se pôs de pé e enfrentou Marta, do outro lado da mesa.

— E se eu me recusar?

— Então você está fora do caso e deixa para Mary a responsabilidade de realizar a sua tarefa e a dela. Até as oito.

Santa Maria Mãe de Deus. Atire em mim agora.

6

Marta manobrou o Taurus alugado, entrando na nevasca que caía sobre a Locust Street. Lufadas de neve batiam contra o para-brisa, os limpadores movendo-se freneticamente, e o aquecedor zumbia tão alto quanto um secador de cabelos. Ainda assim, as janelas continuavam embaçadas. O trânsito parou bruscamente, interrompido. Vapores de descarga formavam nuvens nocivas por toda a rua. Marta olhou para o relógio do carro. 17h35. Seus dedos agarraram o volante e ela buzinou para o Subaru à sua frente.

— Anda logo, seu babaca! — gritou ela, sua voz reverberando no interior do automóvel — Anda logo!

Marta tornou a buzinar, mas nada aconteceu. Uma coisa que a deixava maluca era tomar uma atitude e nada acontecer. Acostumara-se a ver uma reação por parte dos advogados oponentes e do juiz, dos clientes e da imprensa. Ela sempre podia fazer alguma coisa acontecer no tribunal e mesmo em sua vida amorosa, por mais raro que isso parecesse. Marta se modelara uma catalisadora humana, mas aqui estava ela, buzinando feito louca, e o trânsito a ignorando. Ninguém acionava a buzina de volta ou mesmo lhe fazia um gesto obsceno. Ela tocou a buzina, ainda mais alto. Por mais tempo, à espera da reação. Mas não obteve nenhuma resposta.

Marta tentou relaxar no banco do motorista. Tamborilou as unhas sobre o volante. Assobiou sem seguir nenhuma melodia especificamente. Tentou até mesmo desfazer o sulco em sua testa. O fato de compreender sua reação irritava-a ainda mais. Estava respondendo a anos de estase de nada acontecer por mais que ela fizesse, de pais que ficavam sentados, bebendo e se acabando, suas vidas se extinguindo como uma frase.

E, por mais que Marta tivesse implorado, gritado ou escondido as garrafas, nada mudara. Os Richter moravam num bosque perto de Bath, no Maine, e o pai de Marta trabalhava na base aérea local. Perdera o emprego quando a filha estava com seis anos porque não tinha conseguido esconder seu convívio com as garrafas e acabara bebendo até morrer muito tempo depois de Marta ter parado de brincar de esconde-esconde com seu uísque.

A mãe então se tornara o arrimo da família arrastando a menina de dez anos para a estrada. Ei, moço! Moço! Os carros passavam zunindo. Pare! Por favor! Ei! Assim que um carro parava e a porta do passageiro se abria, o esquema começava. Marta implorava para que não fizessem aquilo, mas seus apelos não surtiam o menor efeito. Nada mudava, não até a perua azul. Aquele foi o ponto final, pelo menos para Marta.

Quando fez treze anos, ela já estava ao volante do Valiant caindo aos pedaços, indo até a cidade em busca de leite, cigarros e mais uma garrafa. Os guardas da cidadezinha não a paravam porque conheciam sua mãe e era mais seguro deixar uma criança dirigir do que uma bêbada, ainda mais quando a criança em questão era Marta Richter. Um metro e quarenta e oito, e por sua própria conta. Não que Marta culpasse os pais ou sentisse pena de si mesma. Pelo contrário, aquela vida fizera dela o que era hoje.

BIIIP! Ela tocou a buzina. Porque não podia deixar de fazê-lo.

Precisava chegar à casa de Steere, em Society Hill. Marta estava seguindo uma intuição, apostando que encontraria alguma coisa na casa dele que levaria a uma pista ou algo que pudesse usar como ponto de partida. Além disso, Marta precisava saber uma coisa. Porque agora que percebia que Steere não estava interessado nela, havia uma pergunta-chave que permanecia sem resposta. Em quem ele estava interessado?

Marta olhou para o para-brisa embaçado e disse a si mesma que seu interesse devia-se apenas em parte ao ciúme. Se ela pudesse

descobrir com quem Steere estava dormindo, poderia apanhá-lo. Marta ainda não sabia exatamente como, mas tinha experiência suficiente para saber o quanto essa informação era valiosa. Principalmente porque era evidente que Steere estava fazendo segredo dela, até mesmo para Marta. Principalmente para ela. Sua advogada, a quem ele tinha traído.

BIIIP! Marta socou a buzina do carro. Ela destruiria a porra da casa dele se fosse preciso. Entraria lá e procuraria em cada gaveta. Leria cada caderno de endereços, cada extrato bancário e cada registro de viagem. Steere tinha dito que estava indo para São Bartolomeu. Como ele conseguira providenciar a viagem? Onde estariam as passagens? Quem era o agente de viagem? Com quem ele iria?

Marta iria descobrir. As respostas estariam na casa. Haveria alguma coisa na casa. Tinha de haver.

BIIIIIIP! tráfego havia parado de todo. Era enlouquecedor. Marta esticou o pescoço para ver o que estava obstruindo o caminho, mas não conseguiu ver nada além da fila de carros. Virou-se para trás para ver se podia dar ré, mas havia outro automóvel atrás dela. Estava presa. Pensou em abandonar o Taurus ali mesmo, mas isso só serviria para fazê-la voltar à estaca zero. 17h45. Marta precisava ir. O júri estaria deliberando nesse exato momento, ainda antes do jantar. Merda!

BIIIP! BIIIIIIIPPP!

Três carros à frente de Marta, Bobby Bogosian sentava-se encurvado ao volante de seu Corvette preto. Ele verificou no retrovisor para ver se a vaca ainda estava lá. Não pôde ver porque ela estava muito atrás e a neve continuava a cair sobre o vidro traseiro, mas podia ouvi-la buzinando a cada cinco minutos.

Bobby deu uma risada. Não era culpa dele estar bloqueando o trânsito. Vinha descendo a Locust quando o carro morreu. Quanta sorte. Ligara para o serviço de socorro como um bom cidadão e disseram-lhe que esperasse, talvez só precisasse de um

empurrãozinho. Assim, ele ficou esperando. Não podia fazer nada se estava bloqueando o caminho da vaca. Era um motorista em apuros.

BIIIP!

Bobby lia uma revista enquanto esperava, o ultimo número da Dog World, especializada em cães. Ele lia revistas como se estivessem saindo de moda, mas nunca as comprava nas bancas, só por assinatura. Repugnava-o pensar que alguém houvesse tocado em sua revista antes dele. Gostava das assinaturas que vinham embaladas em plástico, mas não eram muitas que vinham assim. A última Dog World chegara hoje pelo correio e Bobby a trouxera com ele. Adorava cachorros.

BIIIP! BIIIP!

Bobby, folheando a revista, foi direto aos anúncios de filhotes nas últimas páginas. Compraria um cachorrinho, com pedigree, assim que pudesse sair daquele cu que era seu apartamento e ir para uma casa própria. Queria morar em Delaware County, numa casa que pudesse transformar em um canil. Então ele poderia se tornar um dono de canil, fosse lá o nome que isso tivesse. Um criador.

Bobby sabia tudo sobre cães. Conhecia o nome de todas as raças, mesmo as mais difíceis, como o vizsla, e era capaz de fazer um bom desenho de um rottweiler. Bobby ia à exposição de cães todos os anos, quando não estava em cana, e passava o dia todo lá, bebendo vitamina de morango, comendo *pretzels* macios e acariciando os cachorrinhos. Era uma boa exposição, pois podia-se conversar com" os criadores. Eles sempre tinham mesas compridas repletas de comida nos corredores entre as gaiolas e pareciam muito unidos.

Bobby sabia que daria um bom criador de cães. Seria difícil vender os filhotes, mas ele teria de ser profissional, não se apegar demais. Virou a página. Havia uma foto de um cachorrinho malhado marrom e branco, sentado numa cama de cachorro em tecido xadrez. Parecia o cão do seriado de TV *Frasier*. Bobby tinha quase certeza de que o cachorro de Frasier era um terrier Jack Russell e apostava que

o da foto também era. Para testar a si mesmo, cobriu a legenda com o polegar.

— Terrier Jack Russell — disse em voz alta, para confirmar seu palpite.

BIIIP! BIIIP!

Bobby ergueu o polegar e olhou a legenda, apertando os olhos. Era míope, mas não se importava se ficasse cego como um morcego; não ia usar óculos. Bobby aproximou a revista do rosto e as letrinhas entraram em foco. *Terrier Jack Russell*!

BIIIP!

7

Judy Carrier estava parada diante do edifício que abrigava a Rosato & Associadas, na Locus Street, abanando a cabeça, desgostosa. Inflexível era intragável. Ela sabia que Judy nunca deixaria Mary em apuros. Que tipo de alpinista deixaria um amigo pendurado por uma corda? Judy suspirou. Mais um ponto para as forças do mal. Era provável que esse grau de desumanidade fosse necessário para se conseguir o sucesso, mas Judy não estava disposta a pagar tal preço.

Ela puxou o gorro de esquiar até as sobrancelhas, protegendo-se contra a neve que o vento soprava. O céu era um manto cinza opaco, de onde os flocos despencavam. O informe meteorológico dizia que a neve estava caindo a 25 centímetros por hora. Judy adorava aquele quadro. O inverno era uma das coisas de que ela mais gostava no leste, principalmente uma nevasca enorme assim. Era a natureza em busca de afirmação. Lembrando a todos que a hierarquia natural era mais importante do que sócios, associados e secretárias.

Mas Judy precisava chegar a um determinado lugar, e logo. Ela esquadrinhou a rua. Um trator de limpeza passou lentamente por ela. Como chegaria até lá? Seu carro estava estacionado na rua onde morava e a essa altura, sem dúvida alguma, estaria coberto de neve. Levaria muito tempo para desobstruí-lo, quanto mais para fazê-lo funcionar e chegar a algum lugar. Ela não tinha tempo para esperar um ônibus e tomar um táxi era algo impossível. Inflexível levara o carro de aluguel e era muito longe para ir a pé. A cidade estava se esvaziando, logo todos os carros teriam desaparecido. Só restaria a neve, amontoando-se nas ruas. Leve, seca, flocosa.

Perfeita.



Judy fincou o bastão direito até alcançar o asfalto e então começou a esquiar, apoiando-se na perna esquerda, os esquis desaparecendo em meio à neve enquanto ela deslizava. Judy impulsionou o tronco com facilidade e lançou-se adiante, alavancando o corpo com a perna direita entrando no ritmo natural de vaivém do esqui, na modalidade *cross-country*. De um lado para o outro, deslizando, numa parka amarela e calça própria para a neve. Menos de uma hora havia se passado e Judy estava a caminho, esquiando pelo antigo centro da cidade. Aquilo era divertido. Exatamente como em Valley Forge, exceto pelos frascos de crack no chão.

Judy exalava profundas baforadas de ar que formavam nuvens diante dela, como uma locomotiva de brinquedo. Não demorou para que começasse a suar, apesar do vento frio e das más condições do tempo. Estava escurecendo e a neve abafava os últimos ruídos do dia de trabalho. Judy ouvia apenas a própria respiração ofegante, o chiado dos seus esquis e as vergastadas cruéis do vento à medida que as lâminas dos esquis deslizavam velozmente sob a neve. Ela seguia na direção sudoeste, sempre que possível por ruas secundárias. Apenas uns poucos carros se aventuravam por ali, os faróis atravessando a neve que caía. Quanto mais Judy se afastava do centro da cidade, mais o trânsito ia se tornando esparso, e logo, logo ela era o único sinal de vida na rua coberta de neve.

Judy gostava da crescente sensação de solidão; era assim que se sentia ao escalar, onde a rocha era a sua única companhia. Ela seguia enterrando os bastões e impulsionando o corpo adiante. Quando alcançou Grays Ferry, sentia-se completamente relaxada. Seu

coração batia feliz e seus músculos estavam aquecidos e ágeis. Afinal, não era assim tanta loucura ir a um lugar esquiando. Pelo menos, não era mais loucura do que a incumbência que lhe fora dada.

Voltar à cena do crime, quase um ano depois. Aquilo não fazia absolutamente qualquer sentido. Se o Commonwealth tinha encontrado evidências incriminando Steere, não vinham da cena do crime.

Todas as condições haviam sido alteradas. A tentativa de roubo do carro acontecera no fim da primavera, não no inverno, e à meia-noite, não à luz do dia. Aquela tarefa era absurda. Ainda assim, Judy tirou rapidamente os esquis, deixou-os ao lado dos bastões, junto ao meio-fio, e caminhou, os pés subitamente leves, até o local sob a ponte da rua 25, onde a tentativa de roubo tinha acontecido.

Grays Ferry, o velho bairro carniceiro da cidade, era um lugar desfigurado pelas casas abandonadas, pelos armazéns vazios e pelas disputas raciais. A ponte da rua 25, que antes sustentava uma estrada de ferro elevada, atravessando o bairro no sentido oeste, agora traçava uma linha de decomposição que ia dar em lugar nenhum. As maciças pilastras de concreto que a escoravam estavam corroídas, os tirantes de reforço enferrujados projetavam-se como costelas expostas e grandes blocos de alvenaria haviam caído da parte inferior da ponte. Pingentes de gelo pendiam de rachaduras amplas e irregulares em seu leito, onde as junções haviam se expandido e, por fim, se rompido. A plataforma da ponte criava um teto comprido porém baixo sobre a rua 25. Presa a uma das pilastras, uma placa imunda dizia: ATENÇÃO — ALTURA MÁXIMA 4 METROS.

Tarefa estúpida. Judy parou na rua, bem debaixo da ponte, onde a linha dupla central desaparecia sob uma camada de neve. Ali embaixo, duas faixas corriam em direções opostas, e praticamente não havia tráfego devido à nevasca. A ponte protegia Judy da neve, mas um vento revigorante soprava entre as pilastras e ela sentia os

olhos lacrimejarem no ar gélido. A tentativa de roubo do carro de seu cliente acontecera na pista da direita, a que seguia para oeste. Os olhos úmidos de Judy pousaram no local.

Na primeira vez em que tinha visitado a cena do crime, o sangue havia manchado o asfalto areento numa poça letal. Judy nunca tinha visto uma cena de crime antes e ficara olhando aquele sangue por muito tempo, tentando parecer profissional, que era o mesmo que dizer insensível. A polícia tinha desenhado com fita a costumeira silhueta do corpo sobre o asfalto e disposto pequenos pedaços de papel, dobrados e numerados, ao lado de uma mancha de sangue e de um cartucho deflagrado, como cartões medonhos indicando os lugares dos convidados à mesa. Agora a mancha de sangue estava coberta pela neve, assim como estaria qualquer evidência que restasse. Cara, isso era mesmo estúpido. Horripilante e estúpido.

Os músculos de Judy se contraíram no frio e ela caminhou, rígida, sob a ponte, até a rua transversal onde ocorrera o homicídio. Ela não podia imaginar que tipo de evidência o promotor poderia ter contra Steere. A reação deste podia até ter extrapolado, mas quem iria questionar alguém naquela situação? Judy reconstruiu mentalmente o crime. Steere estava indo para casa em seu carro depois de um jantar para levantar fundos, no museu da Universidade. O empresário estava desacompanhado, embora fosse o solteiro mais cobiçado de Filadélfia. Estava indo para casa, em Society Hill, mas tinha bebido um pouquinho demais e tomado a saída errada na Penn. Poderia ter acontecido com qualquer um. a própria Judy havia se perdido na área da University Avenue assim que se mudara para Filadélfia, vinda de Palo Alto.

Judy piscou, esquivando-se aos flocos de neve que se extraviavam para debaixo da ponte. À sua esquerda, via-se uma pilastra de concreto redonda, uma das várias que formavam uma fileira de ambos os lados da rua. As pilastras eram grossas, com cerca de 1,20m de diâmetro, largas o bastante para que um homem

se escondesse com facilidade atrás delas. Era o que tinha acontecido com Steere. Já passava da meia-noite quando ele parou no cruzamento das ruas, sob a ponte, à espera de que o o sinal de trânsito ficasse vermelho. Steere ia dirigindo com o rádio do carro num volume alto. Judy gostava disso. Era a única coisa de que gostava em Elliot Steere.

Não havia trânsito àquela hora da noite, e também não havia mais ninguém na rua. Fazia uma noite quente e abafada, uma prévia de um típico verão de Filadélfia, de forma que Steere tinha baixado a capota do conversível, um Mercedes branco-perolado de dois lugares. O carro era novo na ocasião da tentativa de roubo e, quando Judy o inspecionara no depósito da polícia, vira que o esmalte intacto havia sido maculado por um jato de sangue seco. Judy tivera de examinar o padrão dos respingos, de pé atrás da Inflexível e de seu especialista em sangue. Este tinha considerado o padrão coerente com o relato de Steere. Inflexível o teria demitido se fosse outra a sua opinião.

Judy imaginou Steere parado no sinal de trânsito, na escuridão da noite, sonolento e ligeiramente embriagado, ao volante de um conversível luxuoso. De repente, um homem grandalhão salta de trás de uma pilastra. Steere pensa em pisar no acelerador, mas o homem abre a porta do automóvel bruscamente, encosta uma faca no pescoço de Steere e exige que ele entregue o Mercedes. Steere salta do carro amedrontado, com a intenção de se render. Mas leva com ele sua arma, para qualquer eventualidade. O assaltante, porém, corta o rosto de Steere, que vê seu próprio sangue descrever um arco no ar e sente a chuva quente lavar-lhe o rosto. Ele luta pela sua vida. A arma dispara enquanto os dois homens lutam. O assaltante cai de joelhos e se transforma numa silhueta desenhada com fita.

Judy estremeceu, enquanto fitava a neve branca polvilhada sobre a rua como uma grande quantidade de talco de bebê, e imaginou o sangue vermelho e espesso derramado. Ela sabia inclusive sua

composição: os testes mostraram que o tipo sanguíneo do assaltante era O, e o de Steere, AB. O trabalho de Judy no caso Steere tinha sido manter as provas documentais, mas nada nelas podia ajudá-la agora. Ela abaixou-se e afastou a neve no local do crime com a mão, mas viu-se distraída com a fina textura da neve. Judy vinha pintando desde que rompera com Kurt, que tinha deixado parte de seu material de pintura para trás. Estava gostando da experiência e achava que a pintura a havia tornado mais observadora do que antes.

Judy aprumou-se e limpou os joelhos com as mãos. Por toda parte, tudo que se via era o branco, a única mancha de cor sendo o sinal de trânsito no cruzamento das duas ruas, no momento em que mudava do amarelo para o vermelho, como na noite em que Steere fora atacado. Judy observou o sinal sob a ponte mudar de cor e piscar, suas ricas tonalidades formando um vivido contraste com a neve. A luz vermelha era a que mais brilhava, tingindo os pingentes de gelo que pendiam de sua cobertura de metal com um tom carmesim. O verde parecia infantil, como jujubas verdes. O amarelo queimava num círculo ardente, como o sol; um intenso amarelo de cromo, uma cor de Van Gogh. Judy pensou em montes de feno e girassóis, e no rico dourado do chapéu de palha do artista num autorretrato. Judy nunca conseguia acertar no amarelo em seu próprio trabalho.

Engraçado. Amarelo, vermelho, em seguida verde. Judy não tinha percebido antes e continuaria sem perceber se não fosse pelo contraste entre a neve e as cores. Sob a ponte, no ponto onde Steere fora atacado, o sinal de trânsito era fixado de lado. Horizontalmente. As diferentes luzes eram aparafusadas a estruturas de metal sob o teto reforçado da ponte, talvez devido à pouca altura do vão. Grossos fios encapados serpenteavam até o painel de metal, onde as luzes se dispunham em sequência. O vermelho era o círculo mais à esquerda, o amarelo estava no centro e a luz verde ficava à direita.

Estranho. Judy não se lembrava de ver um sinal de trânsito disposto daquela forma em nenhum outro lugar da cidade; pelo menos não era algo comum. Tampouco ela se lembrava desse detalhe em sua visita inicial, quando se concentrara no sangue e no horror do crime. Judy piscou diante do sinal de trânsito, que piscou de volta. As cores reluziam, brilhantes, contra o fundo branco. Para ela, a alvura era apenas uma folha em branco, sem cor própria Por mais que tentasse, Judy não conseguia ver o branco como cor, somente a ausência desta, e não podia imaginar um mundo sem cor.

Então, lembrou-se dos registros médicos de Steere, uma prova conjunta de um relatório hospitalar. Steere fora levado para o hospital após o episódio e um cirurgião da Emergência costurara o corte sob seu olho. Um outro médico fizera um exame de vista com ele e percebera que sua visão estava toldada. Judy, porém, pensava na observação anotada na ficha médica: *Dicromatismo*. Ou daltonismo. Mais tarde ela havia questionado Steere a esse respeito e ele afirmara que era mesmo daltônico e que não conseguia distinguir o vermelho do verde. Judy havia se perguntado como ele podia dirigir, mas acabara por concluir que ele sabia a disposição das cores. Todos sabiam disso: *O vermelho vinha em cima*.

Espere um pouco. Judy examinou o sinal de trânsito sob a ponte piscar, mudando do vermelho para o verde, lateralmente. Como Steere sabia que o sinal tinha ficado vermelho se o painel era montado horizontalmente? Não havia razão ou lógica para o vermelho estar à esquerda. Podia muito bem ser o contrário. Não havia como saber, sendo daltônico. Mesmo que Steere soubesse, não tinha feito nenhuma referência a isso em suas entrevistas e fora interrogado a fundo em relação aos detalhes.

O coração de Judy disparou. Se Steere não podia saber se o sinal estava vermelho, por que tinha parado, principalmente naquele bairro violento? Se não tinha certeza se o sinal estava vermelho ou verde e não havia trânsito, por que não seguir em frente? Haveria

algo de suspeito na história de Steere? Teria ele tido a intenção de matar o homem? Seria essa a descoberta do promotor?

Judy fez meia-volta e correu para seus esquis. Queria conversar com Mary sobre isso antes que Inflexível voltasse. Encaixou as botas nos calços dos esquis, enfiou as mãos nas alças dos bastões e partiu em direção ao escritório. Era quase noite e a neve não dava sinais de arrefecer.

Judy começou a esquiar em meio à nevasca, os olhos atentos a todas as luzes no caminho de volta. Flocos de neve rodopiavam em torno dos sinais de trânsito em espirais de vermelho e remoinhos de verde. Precipitavam-se em halos irreais em torno das lâmpadas nos postes de iluminação, que se projetavam como pinceladas empastadas contra o céu noturno. A cena lembrava a Judy uma noite estrelada, além do próprio Van Gogh, e ela se pegou perguntando a si mesma como alguém que parecia completamente normal podia, na realidade, ser extrema e verdadeiramente insano.

8

Mary DiNunzio sentava-se encurvada diante do computador em seu escritório e, olhando pela janela a neve que caía, sentia-se culpada. Já estava escuro e sua melhor amiga se encontrava lá fora, em meio à tempestade, na pior parte da cidade, graças a ela. O rádio na mesa de Mary informou que a temperatura caíra para os 15 negativos, o que, com o vento frio, parecia menos trinta. Ela desligou o rádio e empurrou Judy para o fundo de sua mente, mas ainda assim não conseguia se concentrar.

Onde estava Marta? Quanto tempo ainda restava? Deu uma olhada no relógio, um Waterford falsificado que seus pais tinham lhe dado.

18h05. Merda. Precisava continuar trabalhando para ter uma resposta dentro do prazo. Marta incumbira Mary de ler todas as declarações que Steere dera à polícia e à imprensa para ver se havia incoerências em sua história. Era uma tarefa estúpida e, como era de se prever, até ali a sorte de Mary tinha sido execrável. Já lera todo o arquivo, mas este estava totalmente coerente. Desanimada, Mary tomou um gole de café numa caneca onde se lia FEMINAZI. Na Rosato & Associadas, até mesmo a louça era política.

1955 de 2014 artigos, dizia o computador.

O cérebro de Mary zumbia com a cafeína. Ela costumava beber muito café na Stalling, mas na Rosato, o café era uma coisa de devoção, com Bennie posando de Nossa Senhora dos Filtros Naturais. A última cruzada de Bennie era contra o café não estar saindo quente o bastante, de modo que tinha passado a fazê-lo no fogão elétrico, em antiquados bules de estanho como faziam os pais de Mary. Ela bebericou o líquido fervente, estremeceu de dor e pressionou a tecla ENTER.

ELLIOT STEERE ACUSADO DE ASSASSINATO, dizia a manchete em tamanho reduzido na tela do computador, em vez das letras garrafais dos tabloides. Mary passou os olhos pelo primeiro parágrafo. Os jornais de Filadélfia, on-line em seu próprio e vistoso web site, haviam falado mal de Elliot Steere desde sua escalada no mundo da expansão imobiliária. Mary rolou a tela, voltando no tempo.

TRIUNFO QUE TRAZ PREJUÍZO, dizia um subtítulo, e o repórter detalhava como Steere tinha comprado o edifício de mais de nove mil metros quadrados em 1975, um ano após ter sido tombado como patrimônio histórico, com a intenção declarada de restaurá-lo e transformá-lo em apartamentos residenciais. As reformas, porém, nunca chegaram a acontecer e Steere começou a deixar de lado a manutenção. Todos os anos, o departamento de Licenças e Inspeções despachava um pacote de citações por violações da lei, como uma saraivada de cartuchos de festim. Steere defendia-se com ações judiciais que amarravam a propriedade em litígios. Nesse ínterim, o edifício histórico caía aos pedaços. A história se repetia em muitas outras quadras da cidade.

Mary tomou um gole do café pelando, enquanto lia. O artigo consistia em uma litania de queixas contra Steere. Os preservacionistas e a Câmara do Comércio censuravam-no duramente. Ninguém era mais contundente do que o prefeito de Filadélfia, Peter Montgomery Walker.

> *"Elliot Steere está baixando esta cidade ao seu nível", disse o prefeito Pete Walker numa entrevista exclusiva ao repórter. "Falando francamente, estou me referindo à sarjeta."*
>
> *Segundo a chefe de gabinete do prefeito, Jennifer Pressman, o sr. Steere detém, atualmente, 150 propriedades no centro da cidade, 82 das quais apresentam irregularidades no sistema de segurança contra*

incêndios e na edificação. Além de suas propriedades no centro da cidade, o sr. Steere possui centenas de casas nos bairros afastados, com escrituras registradas através de uma complexa série de holdings. A sra. Pressman afirmou que neste momento a Prefeitura está liderando uma fiscalização dessas holdings.

A consciência de Mary começou a incomodá-la. Nascida e criada em Filadélfia, ela era uma grande fã do prefeito. Ele conseguira fazer a cidade mudar de rumo e tinha planos de ir além. Seu projeto, ao qual os jornais chamavam de "Renascença de Filadélfia", incluía um imenso orçamento para publicidade a fim de atrair turistas, um empreendimento chamado Avenida das Artes, que compreendia a construção de museus, uma casa de espetáculos, teatros, cinemas e um complexo de entretenimento na margem do rio Delaware. A menina dos seus olhos seria o recém-urbanizado bairro histórico:

A cidade lançou uma campanha para revitalizar o bairro histórico de mais de 2,5 quilômetros quadrados, incluindo um Centro de Visitantes de 20 milhões de dólares, o Parque Histórico Nacional da Independência, a ser construído ao lado do Independence Hall e do Liberty Bell, assim como os bairros coloniais adjacentes: Old City e Society Hill. Os planos incluem ainda a construção de um Centro da Constituição no complexo comercial ao lado do Tribunal de Justiça dos Estados Unidos, que, segundo a sra. Pressman, viria a unificar a área.

Todos esses planos dependiam da aparência do centro da cidade de Filadélfia, infelizmente muitíssimo influenciado por Elliot Steere, que se recusava a reformar sua imensa quantidade de prédios. Por quê? Steere danificaria seus prédios até que o município pagasse o preço que ele pedia, para então recuperá-los e restaurá-los. Ele sabia o quanto suas propriedades eram decisivas aos planos do prefeito e não venderia até obter o preço máximo.

Mary sentiu uma segunda onda de culpa. Sua cidade natal estava tentando se reabilitar e Steere a estava chantageando. Obstruindo a recuperação da cidade praticamente sozinho e, como resultado, torpedeando a reeleição do prefeito. Mary mordeu o lábio. Tinha esperado trabalhar para os mocinhos quando se juntara a Rosato. Agora o fogo do inferno lambia seus calcanhares.

Mas Mary precisava voltar às declarações de Steere, se quisesse ter uma resposta para Marta. Ela continuou a rolar a tela retroativamente, mergulhando ainda mais nos arquivos on-line. Estava rezando para que Steere tivesse dito alguma coisa à imprensa nos primeiros estágios da investigação. Só Deus saberia; ele dera toneladas de entrevistas. Ela suspirou e voltou ao zilionésimo artigo.

> *"Sou absolutamente inocente de todo e qualquer crime de que me acusam", disse Steere aos repórteres. "É triste quando um homem não pode defender sua própria vida sem ser hostilizado por isso. Essa é uma acusação política. Vocês sabem disso e eu também sei."*
>
> *"O sr. Steere não tem mais nada a declarar", interrompeu sua advogada, a criminalista nacionalmente famosa Marta Richter. "Isso é tudo por ora, pessoa!".*
>
> *Membros da Associação Nacional de Atiradores de Fuzil protestaram contra a acusação ao sr. Steere fazendo um piquete em frente ao Centro de Justiça Criminal. Seu porta-voz, Jim Alonso, declarou: "Representamos o direito de todo cidadão americano decente de defender sua vida e sua propriedade."*

Uma foto sob o artigo mostrava Marta diante de vinte e tantos microfones com um grupo determinado de membros da ANAF dispostos decorativamente em camisetas brancas atrás dela. Cada camiseta trazia na frente um alvo vermelho e os dizeres: PROTEGIDO

PELA SMITH & WESSON. Marta havia orquestrado a manifestação, mas não tinha conseguido convencer os caras da ANAF a abrir mão das camisetas. Mary bebericou o café, que finalmente estava esfriando. Quando ela ia trabalhar para os mocinhos? Ou pelo menos para os Democratas?

Mary pressionou uma tecla para passar ao artigo seguinte, leu mais declarações de Steere e prosseguiu, artigo após artigo. Ela consultou o relógio. 18h15. Mary continuou a rolar a tela e ler, seu coração cada vez mais aflito. Não encontrava nada e já estava ficando tarde. Sua cabeça começou a latejar, numa ressaca de cafeína. Ainda assim ela continuou a ler, correndo os olhos por cada artigo até encontrar Steere em negrito.

18h31. Quase 19h e Mary ainda não tinha uma resposta. Ela fez uma pausa, repassando o problema. Talvez estivesse usando o critério de busca errado. Estava pesquisando artigos que continham o nome Steere e recebendo uma aula de educação cívica. Talvez devesse abordar a questão de um outro ângulo. Tentou formular uma nova ordem de busca, os olhos esquadrinhando o escritório em busca de inspiração.

A sala era pequena, organizada e prática. Um antigo trabalho de tapeçaria estava pendurado na parede ao lado de diplomas emoldurados da Penn University, do curso de direito e de alguns certificados de honra ao mérito. Havia duas cadeiras simples diante de uma mesa de pinho em estilo rústico, que ela usava como mesa de trabalho; seus livros jurídicos estavam dispostos de pé, como acólitos no altar, em prateleiras de madeira presas à parede. Mary decorara o escritório com o intuito de inspirar confiança em seus clientes, ao mesmo tempo sem ofender sensibilidades corporativas. Tinha sido projetado para não transmitir outra mensagem senão CONTRATE-ME, POR FAVOR. VOCÊ PODERIA CONSEGUIR ALGUÉM BEM PIOR. Que era precisamente o que Mary pensava de suas habilidades legais.

O olhar de Mary pousou sobre sua mesa, atipicamente apinhada com os documentos do caso Steere, que havia tomado conta de seu escritório da mesma forma que tomara conta de sua vida. Ela odiava esse caso. Uma tentativa de roubo de carro que tinha terminado em morte. Facas. Armas. Horrível. Mary lembrou-se das fotografias da perícia com náusea e doía-lhe olhar as fotos da autópsia. Ela já tinha visto morte demais; o marido e o que aconteceu depois. O caso Steere não a estava ajudando a deixar essas lembranças para trás. A próxima pessoa que lhe dissesse as palavras "processo de cura" ia levar um murro.

Ela olhou para o arquivo de Steere e viu de relance a fotografia do mendigo morto, caído na rua, em posição fetal. Seus olhos estavam abertos na hora da morte, a boca um agônico buraco negro em meio à barba espessa. Fios rebeldes do cabelo estavam empapados de sangue. Ele usava calças largas e estava sem camisa. Não tinha carteira de identidade ou endereço conhecido, nenhum amigo ou parente. A polícia soubera seu nome através dos vizinhos, pessoas que viviam nas redondezas da ponte da Rua 25.

O nome era Heb Darnton. Mary tinha realizado a investigação efetiva sobre ele e entrevistado os vizinhos. Estes lhe haviam dito que Darnton morava debaixo da ponte, bêbado na maior parte do tempo. Costumava gritar para os carros que passavam, mas ninguém acreditava que ele fosse capaz de fazer algum mal. A comunidade negra revoltou-se quando ele foi morto por Steere. Exigiram que Steere fosse processado por assassinato e fizeram um protesto diante do Centro de Justiça Criminal, o contraponto de uma minoria pobre aos membros brancos e abastados da ANAF. A polícia teve de ser chamada com o equipamento de choque e os pastores alemães, a fim de manter a ordem; para os tiras e a imprensa, a identidade da vítima tornou-se um detalhe à medida que o homem foi se metamorfoseando em símbolo. Heb Darnton foi esquecido em meio à balbúrdia, mas Mary nunca esquecia uma vítima e nunca

esqueceria. Porque certa vez a vítima tinha sido alguém que ela amava.

A vítima. Talvez fosse isso. Mary deletou a antiga busca, digitou DARNTON e deu o comando para inciar.

Encontrados 2238 artigos, informou o computador.

Ah, não. Ela leu os primeiros, esquadrinhando o texto à procura de informações sobre Darnton. O mendigo era mencionado apenas como a vítima de Steere. Ela leu os cinco artigos seguintes. Nada. Então afunilou a busca, digitando Heb Darnton.

Encontrados 1981 artigos, apareceu na tela.

Mary passou os olhos pelos primeiros. Eram os mesmos da busca anterior, só que incluíam o primeiro nome de Darnton. Seu cérebro estava cansado demais para pensar e ela esvaziou o conteúdo da caneca. Acabara seu gás. Jesus Cristo! Que espécie de nome era Heb, afinal? Um apelido? Ela arriscou um palpite, digitou Heb e esperou, enquanto o disco rígido zumbia. Então viu o erro tipográfico na ordem de busca.

Eb.

Droga! Mary nunca fora boa digitadora. Tentara aprender através daquele programa Mavis Beacon, mas sem sucesso. Tinha comprado o software porque gostara da linda e executiva Mavis na caixa e tivera vontade de lhe dar uma força. Mas Mary não conseguia encontrar tempo para a ciberprática e então descobriu que Mavis não era nem mesmo uma mulher de negócios de verdade, apenas um modelo. Que desilusão!

Encontrados 23 artigos.

Mary estava prestes a deletar a ordem de busca quando seu olhar resvalou para o primeiro artigo, sobre um fazendeiro no condado de Lancaster, fora de Filadélfia, membro de uma seita anabatista ortodoxa, chamado Eb Stoltzfus. Eb e seus amigos supostamente estavam tendo problemas com uma praga nos milharais. Muito útil.

Mary pensou por um instante. Eb. Ebenezer. Passou para o artigo seguinte.

"*Ebenezer Squeezer* era minha música preferida", afirmou Jillian Cohen, aluna da segunda série da Escola Elementar Gladwyne. "Foi a que eu mais gostei de todo o recital."

De repente, Mary ficou alerta. Eb, e não Heb? Ebenezer Darnton. Talvez fosse esse o verdadeiro nome do mendigo. Só se sabia seu nome porque ele o havia dito aos vizinhos. Talvez eles tivessem ouvido Heb, mas ele tivesse dito Eb. Os tiras haviam aplicado seus métodos para identificá-lo, mas Mary tinha sido mais meticulosa em sua investigação junto aos vizinhos. Ela digitou Ebenezer Darnton e deu início à busca.

Não foi encontrada nenhuma ocorrência.

Merda. Já eram 18h50. Talvez Marta se atrasasse. Talvez Marta morresse. Pense, garota. Se a busca está muito estreita, amplie o limite do tempo. Mary apertou uma tecla para procurar todos os arquivos de 1950 até o presente.

Não foi encontrada nenhuma ocorrência.

O que fazer? Última tentativa. Digitou Ebenezer e deu início à busca.

Encontrados 3 artigos.

Isso! Mary chamou o primeiro deles. Era o boletim de ocorrências policiais de 7 de fevereiro de 1965. Seu coração encheu-se de esperança até ela ler:

> *Foi registrado o roubo de um Oldsmobile 1964 marrom num estacionamento em Joshua Road, em Plymouth Meeting. Ebenezer Sherry, da polícia local, declarou que esse é o décimo segundo automóvel roubado naquelas redondezas esse ano e que ele teme que o roubo de carros esteja crescendo, mesmo nos subúrbios de Filadélfia*.

Novidade. O crime se espalhando para os subúrbios. Mary suspirou e pressionou uma tecla para que aparecesse o segundo artigo. Talvez essa fosse uma ideia estúpida afinal.

Ebenezer Yoachim, 68 morreu hoje na Casa de Convalescença Jardins do Sinai. O sr. Yoachim era proprietário da Tinturaria Yoyo, na Cottman Avenue, e até ficar doente era barítono no quarteto romântico chamado Os Trovadores. O sr. Yoachim deixa a viúva Rachel Newman Yoachim e o filho Samuel.

Mary sentia-se desapontada. Um óbito. Não podia ser Darnton. Restava uma história. Ela pressionou a tecla sem entusiasmo. Era datada de 12 de abril de 1965, e fora publicada na coluna de economia.

Ebenezer Darning, da Greene Street, no centro da cidade, foi promovido a caixa na principal agência do Girard Bank.

Mary piscou, surpresa com a semelhança dos nomes. Darning/Darnton. Aprumou-se na cadeira e rolou a página na tela. Sob a nota de divulgação havia uma foto pequena de um rapaz com um sorriso confiante e o rosto liso. Ebenezer Darning, dizia a legenda. O homem na fotografia da matéria era negro, como Darnton. Era surpreendente. Um negro promovido naquela época? Aquilo tinha sido por ocasião do Estatuto dos Direitos Civis. A discriminação racial era feroz então. Darning devia ter inteligência e coragem.

Mary inclinou-se, aproximando-se da tela do computador, a fim de ver o rosto do caixa do banco. Não conseguia ver suas feições na fotografia minúscula, então moveu o mouse e clicou a ciberlente de aumento sobre o rosto do homem. A foto desabrochou em diminutos

pixels, mas ainda não tinha nitidez. Os olhos do homem pareciam estar fechados, como se o obturador houvesse sido ativado na hora errada. Mary tornou a clicar o botão do mouse.

Meu Deus! Ela fitou a foto ampliada na tela. O que viu a fez afundar novamente na cadeira. Era um retrato do jovem Eb Darning, mas ela bem podia estar olhando uma foto da autópsia de Heb Darnton, seus olhos selados pela morte. Sem a barba, havia uma clara semelhança em torno dos olhos, da saliência da testa e do nariz amplo. Parecia o mesmo homem, trinta e tantos anos mais jovem. Seria Eb Darning o mesmo Heb Darnton?

Para ter certeza, Mary precisava comparar a imagem do computador às fotos da autópsia incluídas no arquivo. Teria encontrado algo significativo? Essa nova informação estaria relacionada à evidência que o promotor havia descoberto? Será que todo mundo era capaz de digitar melhor do que ela?

Mary levantou-se da cadeira de um salto e disparou pelo corredor na direção da sala de reunião envidraçada.

9

A tempestade ia se tornando mais intensa à medida que a noite caía do outro lado da janela da sala do júri, no Centro de Justiça Criminal, mas Ralph Merry estava satisfeito. Os jurados estavam indo pelo caminho certo, que era o de declarar Steere inocente. Ralph acreditava cem por cento na Quarta Emenda e argumentava que a atitude de Steere ao se defender quando assaltado em seu carro era justificada. Além disso, esse seria um final mais feliz para o livro de Ralph.

Os jurados ainda não tinham permissão para assinar qualquer contrato, mas Hilda, mulher de Ralph, tinha recebido telefonemas de dois agentes literários de Nova York, que afirmaram que várias casas editoras estavam interessadas nos bastidores do caso Steere. Era assim que as companhias editoras se intitulavam — casas — e Ralph pensou que podiam se chamar como quisessem, desde que lhe oferecessem um contrato de seis dígitos. Ainda assim, ele não faria acordo com nenhuma casa até ter a certeza de que iriam colocar seu retrato na capa, como fizeram com o livro do general Schwarzkopf. O contrato para o livro de Ralph estaria por pouco, se não fosse por Kenny Manning, que estava criando um caso e tanto para que o réu fosse condenado.

— O cara é culpado! — Kenny estava dizendo. Tinha se levantado da cadeira e estava inclinado sobre a mesa, apoiado nos braços musculosos, ficando quase cara a cara com o perplexo Christopher Graham. — Se o camarada foi até o carro, tudo que o cara tinha de fazer era ir embora. Só isso. Não precisava acabar com ele!

— Tá muito certo — acrescentou Sete da Sorte.

Christopher recuperou a compostura e endireitou os ombros largos, postado de pé atrás de sua cadeira. Nunca tinha tido muito contato com negros, mas não estava disposto a se deixar intimidar por nada que pesasse menos de uma tonelada.

— Você não pode ver a coisa assim, Kenny. Tem de se colocar no lugar de Steere.

— Que se foda, cara! Steere tinha um SL600. Doze cilindros! Uma máquina dessas é capaz de subir numa árvore.

— É isso aí — assentiu Sete da Sorte, embora Kenny o ignorasse.

— Se eu tivesse um carro daqueles e algum maluco chegasse em mim, dava uma arrancada e deixava o cara rodopiando lá atrás.

— Se *eu* tivesse um carro daqueles — acrescentou Sete da Sorte —, não estaria aqui.

Megan teria rido se não estivesse tão apreensiva. Tinha votado pela absolvição de Steere, mas não queria declarar seu voto diante do que estava acontecendo. A briga estava ficando pior. Ela queria que o julgamento chegasse ao fim, de verdade. Seu e-mail tinha sido deletado a essa altura pelo AOL. Megan se perguntou se o sujeito que tinha conhecido no *chat* teria respondido. Ele tinha até uma *web page* própria. Megan gostava disso num homem.

Christopher continuava com a atenção voltada para Kenny.

— Mas Steere estava apavorado. Ele entrou em pânico.

— Não tinha razão para pânico! — berrou Kenny. — O cara só estava bêbado, só isso. Ele não ia machucar ninguém! Era só um velho falando besteira!

Megan encolheu-se diante do nível de decibéis e Nick ficou ainda mais nervoso. Ele não podia acreditar que isso estivesse acontecendo. A votação, os gritos. Ele nunca tomava nenhuma decisão sem Antoinetta. Seu estômago o estava matando.

— Cavalheiros — disse a sra. Wahlbaum, que se pôs de pé, ao centro da mesa, um ponto de equilíbrio matronal entre Christopher e Kenny. Era uma figura atarracada, num vestido de malha que lhe

achatava o busto generoso, e ergueu os braços como se para separar os homens. — Cavalheiros, por favor. Toda história tem dois lados. Temos de discutir isso como pessoas civilizadas, sentadas à mesa, e não gritando em volta dela. Vocês ficarão mais calmos se se sentarem, com certeza. É a linguagem do corpo. Eu acho lastimável que o mendigo tenha sido morto, mas não posso culpar…

— Eu não tava falando com você, professora — disse Kenny, a cabeça lustrosa virando-se bruscamente na direção da sra. Wahlbaum. — Fica na sua.

— Vá com calma, Kenny — interveio Ralph.

— Está tudo bem, Ralph. — A sra. Wahlbaum silenciou-o com um gesto da mão enrugada. Ela sabia que o modo de lidar com rufiões era apaziguá-los. — Por que vocês dois não se sentam, Christopher? Kenny? Basta se sentarem, os dois. — Ela agitou os braços para ambos com tanta força que pôde sentir a gordura sacudir debaixo deles. *Braços de Hadassa*, era assim que a cunhada os chamava, mas aquela Yetta que fosse para o inferno.

A cada minuto que se passava, Nick ia ficando mais preocupado. Mastigou algumas pastilhas antiácidas, mas seu estômago ainda estava pegando fogo. Não lhe agradava estar ali sem a esposa. Estavam casados há 42 anos e, durante esse tempo, Antoinetta tinha tomado todas as decisões. Pagado as contas, preparado as refeições, educado as meninas. Nick desejou ter algo que o ajudasse a relaxar. Desejou ter um pouco de leite. Supunha-se que leite fosse bom para úlcera. Ou quem sabe um pouco de licor de anis gelado, bem saboroso, num pequeno cálice.

Christopher acomodou o corpo enorme na cadeira dura, mas Kenny não arredou pé.

— O quê? — perguntou Kenny, dando uma risada incrédula na direção da sra. Wahlbaum. — Professora, se quer dizer a Kenny Manning o que fazer, precisa aprender uma lição.

— Kenny, tenho quarenta anos mais que você. Deveria ter mais respeito comigo.

— Respeito? — indagou Kenny, ameaçando-a com um sorriso. — Ter respeito com *você*!

— Lá vem a *expert* outra vez — murmurou o sr. Fogel. — *Expert* em sentar. Sabe tudo sobre sentar. Pergunte a ela o que quiser. — Ele se inclinou para Wanthida. — Temos aqui Irã e Iraque, e ela acha que, se se sentarem, vai ficar tudo bem. Como se fosse uma coisa automática.

— Eu o ignorarei, sr. Fogel — replicou a sra. Wahlbaum. Os criadores de caso detestavam ser ignorados. — Agora, Kenny, você se senta. Ande, sente-se, sente-se, *sente-se*.

— Perdeu a porra do juízo? — cuspiu Kenny, seu sorriso desaparecendo. — Quem acha que é, dando ordens a mim?

Ralph calculou que, se não interviesse, a sra. Wahlbaum acabaria morta.

— Kenny — começou ele —, diga-nos por que acha que Steere é culpado. Você pode ficar em pé ou se sentar, como quiser. Apresente seus argumentos, como os advogados. Nós ouviremos. Esse deve mesmo ser um debate de ordem legal.

— Ei, Ralph Falador, deixe o cara em paz — disse Sete da Sorte, rindo nervosamente.

Isaiah Fellers ficou de lado, calado. Da primeira vez, votara *inocente*, embora soubesse que Kenny ficaria puto da vida. Segundo o ponto de vista de Isaiah, Steere estava apenas se protegendo e à sua propriedade. Não importava quem era negro e quem era branco. Steere tinha um direito como homem.

— Não foi uma ordem, Kenny, foi um pedido — abrandou a sra. Wahlbaum. — Por favor. Precisamos raciocinar juntos, todos nós. Discutir o caso. Sentados. — Seus joelhos tremiam ligeiramente e ela achou que aquela era uma boa hora para se sentar. — Está vendo?

Kenny manteve-se de pé, sozinho, ainda escorado nos braços, do outro lado da mesa. Ora, imagine se ele iria se sentar só porque uma professora judia disse que o fizesse. Ela o estava enfrentando, mas seus braços estavam ficando cansados. A sala ficou em silêncio, aguardando. Observando.

Nick gostaria de poder fechar os olhos. Quando a discussão acabasse, teriam que votar novamente e ele teria que decidir sozinho. Em sua última visita, Antoinetta tinha lhe dito que deveria votar pela condenação. Disse que o sr. Steere era um vigarista e que os Trolio haviam lhe vendido a casa por uma ninharia. No entanto, se Nick se decidisse pela condenação, teria de ir contra todas as outras pessoas brancas. Ele não sabia em que votar. Quando o papel chegasse a ele, será que poderia escrever AINDA NÃO SEI?

Nesse ínterim, Kenny tomou uma decisão e estava apontando para a sra. Wahlbaum.

— Não fique me dizendo o que fazer, professora. Está entendendo? — Seu bíceps se contraiu e ninguém, inclusive Nick, deixou de perceber a pequena tatuagem em seu braço. Era um símbolo chinês que Nick não sabia interpretar, o que só serviu para apavorá-lo ainda mais.

— Ela compreende — Ralph apressou-se em dizer.

O sr. Fogel encolheu os ombros magricelas.

— É claro que ela compreende. Ela compreende tudo. Aposto que pode até prever o futuro.

— Pois bem, Kenny — disse a sra. Wahlbaum, sabendo que Kenny tinha de salvar as aparências. — Eu compreendo.

— É só para ter certeza de que entende — replicou Kenny, uma advertência na voz.

— Certo. Eu entendo.

— Ótimo. — Kenny sentou-se, quase como uma reconsideração.

Sete da Sorte não o encarou.

Megan Gerrity lançou um olhar ao relógio Swatch. Cabecinhas de bebês giravam em círculo. Era difícil ler a hora no relógio, mas ele era tão engraçadinho...

— São quase sete. Até que horas podemos deliberar esta noite? Alguém sabe? Talvez possamos entrar em acordo para uma votação final.

Kenny cruzou os braços, como uma criança teimosa, mas Christopher assentiu, satisfeito.

— Podemos deliberar até a hora que quisermos — disse ele. — Espera-se que a gente ligue para o juiz e avise ao meirinho quando quiser jantar.

Todos queriam votar novamente, exceto Nick, que pensou que fosse pegar fogo. Ele bebeu um gole de água, mas isso não acabou com a queimação em seu estômago. Era como se tivesse uma bola de fogo subindo pela garganta. Nick não conseguia controlá-la.

— Acho que vou passar mal — falou, sem pensar.

— O quê? — perguntou Christopher e, ao redor da mesa, onze bocas se escancararam.

10

Foi só quando o relógio do Taurus marcou 19h01 que Marta chegou a Society Hill; mas ela teve sorte em conseguir chegar. A obstrução do trânsito na Locust tinha durado uma eternidade e ela finalmente conseguira escapar seguindo sobre a calçada pela metade de uma quadra e escapulindo para uma rua lateral. Uma noite gelada tinha descido sobre a cidade e o vento soprava a neve com mais força. Os limpadores de para-brisa agitavam-se de um lado para o outro e o aquecedor conseguira por fim funcionar.

Marta procurou uma vaga para estacionar na rua da casa de Steere. Os carros parados junto ao meio-fio eram caríssimos montes de neve. Society Hill era o bairro residencial mais elegante da cidade, mas aparentemente era difícil estacionar por ali. Marta deu uma volta no quarteirão, procurando uma vaga. Seus olhos insistiam em se desviar para os dígitos luminosos do relógio, 19h04, 19h05, 19h06.

Porra Estava ficando tarde. Ela não tinha tempo para ficar dando voltas com a porcaria do carro. A vaga não precisava ser legal, só tinha de estar livre. Lá estava. Marta avançou a custo em meio à neve e estacionou diante do ponto de ônibus. Desligou a chave na ignição e saltou do carro.

Uma rajada de vento frio atingiu-a como um choque. O vento atravessava sua roupa e a capa de chuva. A neve congelou suas canelas e encharcou seu melhor par de escarpins. Marta teria calçado botas, mas não as possuía desde o tempo de criança. Tinha passado a vida adulta indo da limusine do aeroporto para o hotel, do táxi para o tribunal. Ela desceu a rua correndo, no sulco deixado pelos pneus de um carro.

A rua era estreita, ladeada por suntuosas casas de tijolo em estilo colonial, as persianas restauradas cobertas por um monte pitoresco

de neve. Cada casa possuía uma placa de ferro fundido com indicações contra incêndio, todas de valor histórico, mas Marta não dava muita importância à história. Sua própria história devia tê-la amaldiçoado. Um terapeuta certa vez a chamara de "autoconsumada" e ela o havia dispensado por isso.

Ei, moço! Está nevando forte outra vez. Por favor, moço, pare! Uma perua azul para. Parece tão grande quanto uma casa. A porta da frente se escancara e o homem ao volante usa óculos pretos e gravata. Marta não quer entrar, embora esteja quente no interior da perua. Ela tem um mau pressentimento em relação ao motorista. Alguma coisa em seu sorriso. A mãe está bêbada demais para perceber. *Louvado seja Deus*, diz a mãe e começa tudo de novo.

Marta afastou as lembranças. Por que estavam vindo à tona justamente agora? Seria devido à neve? Não importava, não tinha tempo para elas. Quando chegou à esquina, espremeu-se entre os carros estacionados, derrubando neve em suas pernas, e subiu na calçada. As ruas estavam desertas, mas as luzes brilhavam nas casas ao longo da rua. Todo mundo estava em casa, encolhido, resistindo à tempestade.

Marta desceu a calçada apressadamente, passando diante das janelas do pavimento térreo das casas. Luzes amareladas e aconchegantes brilhavam através das tabuinhas das persianas de madeira. Uma das salas de estar tinha a lareira acesa e suas chamas bruxuleavam no teto alto. Marta imaginou as famílias, confortáveis e satisfeitas consigo mesmas em suas casas; famílias prósperas, com a despensa cheia de comida. Livros revestindo as paredes de todos os cômodos e empilhados nas mesinhas de centro. Mozart tocando baixinho no aparelho de CD. Era pura fantasia, e não era para ela. Não mais.

Marta estremeceu e correu adiante. Abaixou a cabeça para evitar a neve que ferroava e esconder o rosto. Poderia haver repórteres esperando na casa, ou os tiras. Ela não queria ser vista ou

reconhecida. A Front Street, onde Steere morava, era a próxima rua, depois da esquina. A rua de Steere tinha vista para a rodovia e para o rio Delaware, e assim que Marta entrou nela, levou uma rajada de vento úmido e neve na cara.

Ela apertou bem a gola da capa e examinou com atenção a casa de Steere, erguendo-se, sólida, na metade da rua, entre outras casas de milhões de dólares. Marta reduziu o passo. Não via ninguém diante da propriedade. Um carro descia a rua lentamente e Marta escondeu-se atrás da gola de lã, virando o rosto para o outro lado. Quando o carro passou e a rua coberta de neve ficou novamente silenciosa, ela dirigiu-se à residência de Steere.

Tratava-se de uma casa colonial restaurada, de tijolos descorados e janelas com divisões abauladas; com quatro andares de altura, era a mais grandiosa da quadra, pretensiosa demais para o gosto de Marta. Ela adorava casas e era proprietária de quatro delas, caso se contasse com um apartamento num condomínio; a casa de Steere lembrava-lhe a sua em Beacon Hill, que era sempre fria, escura e com uma constante corrente de ar, como um castelo medieval. A residência de Steere era iluminada por um bico de gás ao lado da porta principal almofadada, que ficava afastada da rua, atrás de um muro de tijolos de quase dois metros. Uma fina pilha de neve cobria o topo do muro, no meio do qual havia um portão de barras de ferro trancado.

Marta desceu correndo a Front Street em direção à casa, perguntando a si mesma se a empregada estaria ali. De que outra forma ela poderia entrar? As luzes do primeiro e do segundo andares estavam acesas, o que deixou Marta esperançosa. Ela alcançou o portão, mas este era alto demais para ser escalado, mesmo que ela estivesse desesperada o bastante para tentar. Marta apertou a campainha embutida ao lado do interfone no muro de tijolos. Nenhuma resposta. Tornou a pressionar o botão, dessa vez com mais força.

Ouviu-se um estalido através do intercomunicador, seguido pela voz da empregada.

— Quem é? — perguntou a mulher, com nitidez suficiente para que Marta entendesse.

— É a sra. Richter, a advogada do sr. Steere. Preciso entrar. Abra o portão. — Fez-se uma pausa e então houve um clique metálico no trinco do portão. Este não cedeu, o mecanismo evidentemente emperrado devido ao frio. — Tente outra vez — disse Marta, dando um empurrão forte no portão, que se abriu o suficiente para que ela entrasse. Então Marta subiu os poucos degraus que levavam à porta de entrada, que se abriu ligeiramente.

A empregada estava parada no vão da porta, cingindo com força um cardigã sobre o uniforme e apertando os olhos para se proteger da neve. Uma luz fria vinda do hall de entrada desenhava a silhueta de seu corpo magro e pequeno. Marta estivera com ela uma vez, mas tinha esquecido seu nome.

— Sra. Richter — disse a empregada, uma senhora de certa idade, de que Marta se lembrava vagamente como sendo polonesa ou coisa parecida.

Marta alcançou o degrau superior e bateu os pés para descongelar as canelas.

— E você é…

— Vou para casa agora. Minha filha, ela precisa de mim. Dia de neve, sem escola amanhã — tagarelava ela, enquanto conduzia Marta ao hall de piso de mármore, fechando e trancando a porta da frente. — Pego seu casaco?

— Não, eu fico com ele. Preciso que você me ajude. Tenho que encontrar uma coisa para o sr. Steere. Ele me pediu que levasse para ele.

— OK, OK, o que quiser — disse a empregada. Seu rosto era marcado pela idade e pelo cansaço e a cabeça de rolinhos grisalhos e crespos movia-se com rapidez. Parecia nervosa, mas Marta se

acostumara a deixar as pessoas nervosas e procurava tirar vantagem disso.

— O sr. Steere precisa de alguns documentos. Ele disse que a namorada deve estar com eles. Sabe o número do telefone dela?

— Namorada? — A empregada franziu a testa.

— É. Eu sei sobre a namorada. Tem o número dela?

— Eu não, preciso ir agora. Minha filha, ela vem me buscar. — A mulher apertou mais o casaco em torno dos ombros ossudos.

— Qual é o nome da namorada dele? Preciso falar com ela.

A empregada sacudiu a cabeça, nervosa. Olhou para trás e encaminhou-se, hesitante, para um corredor de mármore.

— Vou embora. — Fez meia-volta e afastou-se, apressada, e Marta a seguiu pelo corredor.

— Espere! Pare aí! — Marta passou rapidamente por um pequeno elevador e um lavabo. — Você não quer ajudar o sr. Steere? Ele vai ficar zangado se não o fizer.

Marta se viu no final do corredor, numa biblioteca cavernosa, forrada com prateleiras de cerejeira, que iam até o teto, repletas de livros. Escadas de madeira corrediças apoiavam-se nas prateleiras e viam-se *bergères* de couro dispostas diante de uma lareira apagada. A biblioteca estava vazia. A empregada desaparecera. Do outro lado da sala, portas duplas de mogno abriam-se para uma sala de jantar espaçosa e formal, com piso de mármore branco. Um jogo de cadeiras modernas, de espaldar alto, cercava uma longa mesa de vidro, dominada por um centro de mesa de cristal pontiagudo, como um hexágono esculpido em vidro. Um candelabro de cristal fosco lançava fragmentos de luz pela sala.

Aonde tinha ido a mulher? Marta estava perplexa. Ela pressentiu o ataque uma fração de segundos antes que duas poderosas mãos a agarrassem pela garganta, asfixiando-a e levantando-a completamente do chão.

11

Bobby Bogosian apertou a garganta da vagabunda por trás e a ergueu pelo pescoço. Manteve-a assim, enquanto ela se debatia e grunhia, correndo no ar como a porra de um desenho animado do Papaléguas. Não que Bobby gostasse daquela visão; ele não gostava. Conhecia sujeitos que sentiam prazer com essa merda, mas para ele era um trabalho. Ele era um profissional. Assim, quando pensou que a advogada fosse sufocar, lançou-a através da sala, fazendo-a se chocar contra a mesa de jantar.

— Não! — gritou ela, e Bobby achou engraçado como as pessoas sempre diziam "não". Como se isso fosse resolver tudo. Como se ele pudesse ser tão facilmente persuadido. Bastava apenas dizer não. Ele foi atrás dela.

Bobby atravessou a sala com três saltos e empurrou a vadia sobre a mesa. A cabeça dela atingiu aquela coisa de vidro no centro, derrubando-a no chão e quebrando-a em mil pedacinhos. Porra! Agora Bobby estava furioso. Um profissional não fazia aquela bagunça. Aquela merda provavelmente tinha custado umas mil pratas. Puta safada!

Ela estava gemendo, tentando chutar e desvencilhar-se dele, e Bobby agarrou-a pelos cabelos, virando-a de frente para ele. Então a puxou pela frente da blusa e bateu sua cabeça outra vez contra a mesa. Um golpe, e mais outro. Os olhos dela reviraram, mas ela ainda não estava apagada. Puta teimosa. Pois bem. Então era assim que jogaria. Conforme as cartas que viessem.

— Que porra há com você? — gritou Bobby na cara dela. — Você quebrou esse negócio, sua puta!

Marta tentou gritar, mas não conseguiu. Arfou, tentando respirar. Sua garganta estava fechada. Sua cabeça explodia de dor.

Lágrimas de pavor surgiram em seus olhos.

— O que acha que está fazendo? Quebrando as coisas! Invadindo a casa dos outros! Você é uma puta safada, sabe disso? Uma piranha nojenta!

Marta tentava recuperar o fôlego. Quem era esse homem? O que estaria acontecendo? Ele estava arrancando os cabelos de sua cabeça.

— Que porra você acha que está fazendo? — Bobby tornou a bater sua cabeça contra a mesa e meteu-se entre as suas pernas. Ele a espetaria na mesa com o pau. Deixaria que a puta o sentisse. Veria se ela gostava.

Marta sentiu suas pernas sendo abertas violentamente. A saia subindo até a cintura. Não. Isso não. Ela se debatia nas mãos dele. Tentou empurrá-lo. Chutá-lo, matá-lo. Ele tornou a bater sua cabeça com mais força no tampo da mesa. Marta gritou de agonia e terror. Ela lutava com as mãos. Dilacerava o ar com as unhas.

— Quer cair nas minhas boas graças? — Bobby estava gritando.

Marta sentia-se tonta com os golpes. Seu couro cabeludo estava pegando fogo. Um jato quente esguichava de sua nuca. Sangue. O seu sangue. O medo cresceu tanto que se tornou remoto. Aquilo estava acontecendo com outra pessoa. Ela assistia à violência como se estivesse de cima e lutava para orientar-se. Pensar. Salvar-se. O homem estava à espera, na casa de Steere. Devia conhecer Steere. A empregada tinha lhe preparado uma armadilha.

— Quer cair nas minhas boas graças? Responda! — berrou Bobby, cuspindo.

Acima de Marta, o rosto do homem estava vermelho de fúria e ódio. Ela sentiu uma vertigem. Ele trabalhava para Steere, que o mandara para detê-la. Isso significava que não poderia matá-la e não poderia estuprá-la. Ela teria que falar na TV quando o júri retornasse. Marta disse a si mesma que tinha o controle da situação, embora ele a estivesse espancando. O poder era um estado de espírito.

— Quer cair em minhas boas graças? Responda, sua piranha!

— Você tem alguma graça? — Marta conseguiu dizer.

Bobby não conseguia acreditar naquela puta! Quando chegasse a hora de dar um fim nela, talvez ele começasse a gostar de seu trabalho. Puxou-lhe a cabeça para a frente, pelos cabelos, e tornou a arremessá-la contra a mesa de vidro, repetidamente, até que ela por fim desmaiou. Foram necessários mais dois golpes além do que ele tinha imaginado.



Marta arfou ao se debruçar sobre a pia no banheiro em seu quarto de hotel. Até mesmo o mais leve movimento espalhava uma onda de dor pelo corpo. Devia ter machucado as costelas, e suas costas a estavam matando. A cabeça latejava e as mãos tremiam ao jogar água quente no rosto, deixando escorrer. Marta estava viva, mas era uma prisioneira. O pistoleiro estava sentado na sala de estar da sua suíte. Ele não iria embora até que o júri retornasse.

Marta borrifou mais água no rosto e tentou ordenar os pensamentos. Tinha voltado a si no Corvette do homem, e ele a havia levado para o hotel e a acompanhado até o quarto, pressionando uma Magnum entre suas costelas castigadas. Como se livraria dele?

Marta fechou a torneira e secou o rosto. Estremecendo, levou a mão à nuca, onde uma dezena de galos havia surgido, e apalpou os calombos para ver se o sangramento parara. As pontas dos dedos voltaram sujas de sangue, o couro cabeludo inchado e sensível. Todos os ferimentos estavam localizados nas costas, escondidos; coisa de profissional. Ela abriu o armário de remédios com

dificuldade e engoliu mais três comprimidos de Advil. Em seguida, viu-se no espelho grande e imaculado do banheiro.

O cabelo de Marta estava desgrenhado, a maquiagem desfeita. As roupas estavam amarrotadas e o olhar distante. Ela não tinha comido ou bebido coisa alguma desde o almoço e sua pele apresentava uma palidez murcha, doentia. Marta conhecia aquele rosto. Parecia-se exatamente com a mãe depois de uma bebedeira. E a mãe era a última pessoa no mundo que ela desejava ser.



Graças a Deus que o senhor nos pegou! Nosso carro quebrou lá atrás. Comigo e com esta menina aqui. A mãe empurra Marta para o banco da frente, ao lado do motorista da perua azul. E entra depois dela. Marta está pensando: *Não, não é assim que se faz. Você entra primeiro, não eu*. Mas a mãe está bêbada demais para se lembrar. Ela fecha a porta. Marta fita o pino alto e prateado da fechadura da porta, querendo mantê-lo levantado. O joelho do motorista bate no dela quando dão a partida na perua azul.

Marta espantou as lembranças. Precisava agir. Consultou o relógio. 20h30. O tempo estava se esgotando. O que ela podia fazer? Como livrar-se dele? Haveria mais violência? Alguma coisa lhe dizia que não. Steere a queria paralisada, não pulverizada.

Marta destrancou a porta do banheiro e a abriu em silêncio. Espiou pela fresta e olhou a sala de estar, além do quarto. Seus músculos retesaram-se diante da visão do pistoleiro, mesmo à distância; seu corpo lembrava-se dos golpes, mesmo enquanto sua mente tentava fazê-los desaparecer. O homem estava sentado no sofá aveludado, as botas pretas de *cowboy* cruzadas sobre a lustrosa mesa de centro. Devia ter quase 1,90m, o cenho carregado, cabelos

escuros encaracolados e feições grosseiras. O homem coçou o peito através da camisa de seda bege, enquanto lia uma revista. Poderia ser um marido boçal qualquer, exceto pelo coldre de couro com a Magnum pendurado no ombro.

Marta apagou a luz e saiu do banheiro. O pistoleiro não ergueu os olhos de sua revista e ela acomodou-se na cama, diante da TV. Um noticiário especial estava no ar. O prefeito estava dando uma entrevista coletiva e ela prestava atenção apenas parcialmente, enquanto uma repórter gritava uma pergunta ao prefeito. Marta reconheceu a repórter do julgamento de Steere, uma beldade morena de nome Alix Locke. Alix havia atormentado Marta para que esta lhe desse uma entrevista exclusiva, mas Marta nunca dava exclusivas; era como fazer de uma outra pessoa a estrela. Ela fingiu interesse pela coletiva, enquanto tentava decidir-se pelo próximo passo.

— Sr. Prefeito — disse Alix num microfone alto no corredor —, é uma pergunta objetiva: sim ou não. Existe verba no orçamento para limpar as ruas secundárias depois desta tempestade?

Se o prefeito Walker estava aborrecido, não deixava transparecer. Ele mostrava-se esguio, correto e relaxado, como um apresentador de televisão. Com a gravata de repes e a camisa de mangas enroladas que usava na maior parte do tempo, o prefeito era um homem nem bonito nem feio, com olhos azuis brilhantes, cabelos escuros e cheios, e um sorriso elegível. Mais personagem do que pessoa, a imagem que o prefeito Walker projetava era de um menino crescido demais e esforçado, louco o bastante para tentar mudar a sorte de uma das maiores cidades americanas.

— Existe, sim — respondeu o prefeito —, existe verba mais do que suficiente para limpar as vias secundárias, Alix. Você não leu meu orçamento? É quase tão bom quanto um livro do Tom Clancy.

Os repórteres riram e anotaram a resposta. A imprensa adorava o prefeito Walker, que, até onde Marta podia ver, era um mago das relações públicas. Ele respondia com frases curtas e sorria para todas

as fotografias. Comia *cannoli* de uma confeitaria italiana e pêssegos frescos comprados numa barraca coreana; foi o primeiro a retirar um livro da nova filial da Biblioteca Livre e o último a acarinhar a anaconda no zoo de Filadélfia. E, mais importante: o prefeito conhecia o segredo do trato com os repórteres — facilitar seu trabalho, para que logo pudessem ir beber.

Alix Locke, porém, não estava sorrindo.

— Com todo o respeito, os habitantes que estão presos pela neve podem não achar graça quando chegar novembro outra vez.

O sorriso do prefeito desapareceu.

— Os habitantes desta cidade sabem que não se trata de uma questão de dinheiro. A questão é poder passar as máquinas para limpar a neve pelas ruas estreitas. Como você sabe, existem inúmeras ruas nesta cidade histórica que mal têm a largura de uma travessa. O que não é espaço suficiente para um limpador de neve. Nessas ruas, tentamos fazer o melhor que podemos.

— E o que exatamente isso significa, sr. Prefeito?

— Significa que as máquinas convencionais não cabem na rua. São largas demais. Temos de usar as estreitas, cuja compra estamos providenciando agora.

Os repórteres assentiram e escreveram apressadamente. Alix Locke apertou os lábios e procurou, desesperada, uma pergunta subsequente. Marta inclinou-se para o lado e checou o pistoleiro. Ainda lia a revista. *Dog World*? O homem a espancava até transformá-la em pasta, mas era gentil com os animais? Vá alguém explicar isso.

Na TV, Alix Locke esmerava-se em apresentar sua melhor Brenda Starr.

— Sr. Prefeito, o senhor sabia que enfrentaríamos esse problema, pois o mesmo aconteceu no ano passado. Portanto, a cidade teve um ano para encomendar essas máquinas. Por que não foram compradas e entregues antes desta tempestade?

Marta fitava as imagens na TV sem vê-las. Como sairia dali? Então, teve uma ideia.

12

Marta silenciou a repórter com o controle remoto e caminhou, com desconforto, até a sala de estar. O capanga levantou os olhos da revista, estreitando-os ligeiramente, e Marta manteve uma certa distância, o nervosismo em seu sorriso genuíno. Encostou-se numa estante grande almofadada, perto do telefone, em busca de apoio.

— Preciso ligar para o escritório — disse ela. — Você disse que eu não podia usar o telefone. O que eu faço, então?

Nada de telefone.

— É sobre o julgamento de Steere. É importante e, se eu não der notícias, minhas associadas começarão a se preocupar. Eu disse que voltaria às sete horas. Sou bastante pontual e elas sabem disso.

— Problema seu!

— Se eu não aparecer, elas vão achar que aconteceu alguma coisa comigo na tempestade. Talvez peçam ajuda no 911.

O capanga espiou sobre a revista de papel acetinado e seus olhos castanhos apáticos registraram ceticismo. — Edaí?

— Daí que elas sabem que estou hospedada neste hotel. Podem vir aqui procurar por mim, ou talvez mandem alguém. Quer explicar quem você é? Por que estou aqui?

— Resolva essa porra agora. — O pistoleiro deixou de lado a revista. — Qual é o número do telefone? — Marta lhe disse o número e observou enquanto ele digitava com a mão pesada no telefone na extremidade da mesa, numa extraordinária semelhança com um gorila sentado a um piano em miniatura. — Pegue a extensão e fale — disse ele, gesticulando. — Seja breve. Vou ficar ouvindo. Alguma gracinha e é o fim.

— Entendi. — Na verdade, Marta já contava com isso. Ela levantou o fone na estante. — Alô?

— Mary DiNunzio — disse a associada quando ela levou o telefone ao ouvido.

— Já acabou aquele pedido de exclusão de prova? — perguntou Marta, destacando as palavras.

— Ahn, não. Quer dizer, comecei, mas ainda não está pronto. Eu estava fazendo a pesquisa no computador. Descobri que…

— Mas eu não falei para você parar de trabalhar no pedido! — Marta verificou a expressão do pistoleiro, que parecia estar prestando atenção. Diante dele, na mesinha de centro, estava a revista sobre cães que ele tinha deixado ali. A capa trazia uma etiqueta amassada com o nome do assinante, e Marta estreitou os olhos discretamente para ler o nome. BOGOSIAN. — O que aconteceu com o pedido de exclusão? Precisamos dar entrada nele amanhã!

— Precisamos? É? — gaguejou Mary. — Bem, ahn, estou com a pesquisa pronta, mas não redigi…

— A pesquisa? E você espera que eu entregue sua pesquisa ao juiz? Comece a trabalhar imediatamente. Quero que esteja pronto quando eu chegar aí. — Do outro lado da linha veio o som da associada respirando fundo. Ótimo. Tudo em conformidade com seu plano. Marta desligou o telefone, cruzou os braços e franziu o cenho para Bogosian. — Ei, temos um problema — disse ela.

— É? — Ele deixou o fone bater ruidosamente no aparelho. Marta resolveu não explicar cultura popular a um primata, principalmente um com delitos graves no cérebro.

— Preciso ir até lá. Você a ouviu. Ela falhou. Preciso redigir esse pedido de exclusão de prova.

— Que se foda!

— É importante — mentiu Marta. — É preciso apresentar esse documento. Tenho de ir até o escritório.

— Você não vai a lugar nenhum.

— Se eu não apresentar uma resposta, as impressões digitais de Steere irão para o júri. Essa prova mostra a posição das impressões, o

que poderia colocá-lo na cadeia para sempre, talvez até mesmo lhe valer uma pena de morte. Você quer contar isso a ele ou eu conto?

— Está brincando comigo? — Os olhos de Bogosian exibiram um brilho de malícia, fazendo um inegável tremor percorrer a espinha de Marta de alto a baixo.

— Não. Só estou tentando fazer o que seu patrão me paga para fazer.

— Não tenho patrão, sou autônomo.

— Está bem. Steere, então. Que seja. Isso não é uma brincadeira.

— Ah, é? Então devo ligar para Steere e saber se você está blefando?

Marta deu uma risada.

— Steere está numa cela de detenção. Você não pode ligar para ele.

Bogosian dirigiu-lhe um sorriso debochado, enquanto erguia o fone, seu dedo mínimo projetando-se absurdamente.

— É mesmo? Para que você acha que existe celular?



Elliot Steere estava cochilando em sua cela quando o telefone no bolso interno do paletó começou a vibrar. Seus olhos abriram-se bruscamente, alarmados, e ele girou a cabeça para o canto da cela, tirando habilmente o aparelho do bolso.

— Não ligue para mim — sussurrou junto ao telefone.

— Desculpe, mas estou no hotel dando uma de babá da sua advogada. Ela quer ir até o escritório. Diz que tem de preparar um tal pedido. O que o senhor quer que eu faça?

Steere olhou sobre o ombro, para onde um guarda negro estava sentado, lendo uma brochura, numa mesa perto da porta. Era da

turma da noite e não dava muita trela a Steere. O guarda de Steere, Frank Devine, era do dia, e Steere não tinha feito acordo com nenhum dos outros guardas. Era arriscado lidar com muita gente; além disso, ele não previra a tempestade de neve; portanto, não sabia que precisaria de alguém à noite. Outro erro. Que chateação.

— Que pedido?

— Alguma coisa sobre impressões digitais. É um pedido de ex… Sei lá o quê.

Steere se deu conta de que Bobby se referia ao pedido de exclusão de prova. A resposta do réu precisava ser apresentada, eles haviam falado sobre isso. Mas por que Marta queria trabalhar nisso agora? Por que não deixava para lá e acabava de fodê-lo? Não era assim tão importante era?

Steere fez uma pausa, cauteloso.

— É isso mesmo? Tem certeza?

— Parece que é. Ela falou com a outra advogada, uma moça. Pelo telefone.

Steere pensou por um momento. O que Marta estava planejando? Ele queria descobrir.

— Deixe-a ir, Bobby mas vá com ela. Não deixe que ela saia de sua vista. Faça isso. — Pressionou a tecla END e tornou a guardar o telefone no bolso, no momento exato em que o guarda olhava em sua direção, a atenção atraída pelo movimento na cela. Seu rosto carrancudo avultou-se junto à janela à prova de balas.

— Disse alguma coisa? — indagou o guarda, batendo na janela com o grosso nó do dedo.

Só estava falando sozinho — replicou Steere. O guarda lhe deu as costas e Steere fechou os olhos, descansando a cabeça contra o inexorável bloco de concreto. A parede era dura e áspera, mas não demorou para que Steere já não a sentisse, livrando-se da ação da gravidade. As lâmpadas fluorescentes eram claras demais e incômodas, mas logo Steere não mais as via; à sua volta, tudo tinha

se tornado escuro como breu. Steere ficou ali sentado, imóvel, relaxado. Resvalou para dentro de si mesmo.

O que Marta poderia estar planejando? Não importava. Mesmo que não fosse ao escritório para preparar aquele pedido, ela não conseguiria nada. Bogosian a manteria sob controle. Ela estava perdida com ele; o homem era um matador. Steere estava confiante em que tomara a decisão certa ao deixá-la ir. Sun-Tzu teria dito: Leve o inimigo a arriscar-se Elliot Steere teria dito: *Dê a Marta a corda para se enforcar*.

Steere pensou no júri. Perguntou a si mesmo se ainda estaria deliberando e ficou satisfeito com que tudo estivesse em ordem por lá também. Tinha determinado que não demorassem muito para absolvê-lo e o jurado de Steere ia obedecer. Afinal, pagara uma quantia substancial pelo veredicto de inocente. A justiça não era barata. A liberdade não pode ser comprada sem previdência. Era uma questão de não impor limites ao pensamento, uma coisa de visão, e todos os grandes líderes possuíam essa qualidade. Como dissera Sun-Tzu:

O estrategista vitorioso procura o combate apenas depois da vitória.

13

— AAARGH! — Mary DiNunzio tinha finalmente perdido o controle. — AAARGH! — Ela enterrou os dedos nos cabelos e considerou a hipótese de arrancá-los todos. Morreria graças ao excesso de trabalho e, quando encontrassem seu corpo, fios de um louro encardido estariam espalhados à sua volta, como feno numa manjedoura. O médico-legista não conseguiria explicar o fenômeno, mas qualquer associado numa firma jurídica seria capaz de fazê-lo. — POR QUE OS SÓCIOS NUNCA CONSEGUEM DECIDIR O QUE QUEREM? — gritou Mary.

— Talvez ela estivesse brincando — disse Judy, aturdida. Estava sentada numa das cadeiras defronte à mesa de Mary, enrolada numa parka amarela que pingava. Judy ainda estava gelada demais para tirá-la e a neve de suas botas se derretia, encharcando o tapete. A ponta do seu nariz havia descongelado, mas os cabelos molhados ainda conservavam o formato do gorro.

— Brincando? Brincando?! Você já viu Marta Richter brincar com alguma coisa?

— É estranho — afirmou Judy. Estava pensando, alguma coisa ali cheirava mal. Alguma coisa não se encaixava. Ela não sabia dizer o quê. A tempestade caía lá fora e a neve soprava diante da janela da sala de Mary. A temperatura descera ainda mais e a polícia advertira a todos que não saíssem. Por que Marta sairia numa noite como essa para ver um documento que ela sabia que não tinha sido escrito? Principalmente depois de tê-lo colocado em segundo plano. — É mesmo muito estranho.

— Estranho? Você acha que é estranho? — Mary começou a rir, um pouco descontroladamente. — Primeiro ela me diz para redigir o pedido de exclusão de prova. Depois, me diz que pare de escrevê-lo.

Em seguida, grita comigo porque não escrevi o pedido. Você acha que isso é estranho?

Judy assentiu.

— Bem, estranho não é a palavra que eu usaria. Estranho é elogio comparado a isso. Estranho é mixaria.

— Bem, é…

— ESQUIZOFRÊNICO! Esquizofrênico é a palavra que eu usaria! Esquizofrênico é a primeira coisa que me vem à mente.

— Mary…

— A personalidade dela está se dissociando, estou lhe dizendo.

— Mary…

— Temos um autêntico caso de personalidade múltipla aqui, cobrando as suas horas de trabalho.

— Espere. Relaxe. Fique fria. Tem certeza de que Marta lhe disse para fazer a petição?

— Eu tenho ouvidos, não tenho? Eu ouvi o que ela disse! Bem no telefone, foi isso que ela disse! — Mary não conseguia parar de gritar, embora estivesse ficando com dor de cabeça. — Olhe o meu pescoço. Olhe só essas manchas! — Ela abriu a gola da blusa para que Judy pudesse ver.

— Minha cabeça vai explodir! Atenção, atenção! Afaste-se da posição de associada! Afaste-se da posição de associada!

— Talvez seja a menopausa — disse Judy, pensativa.

— Sou nova demais para entrar na menopausa!

— Você não, pateta. — Judy revirou os olhos. — *Inflexível*. Talvez *Inflexível* esteja passando por essa fase.

— Impossível. *Inflexível* não tem estrogênio. Ninguém que tenha estrogênio poderia fazer isso a outro ser humano. — Mary afundou na cadeira. Apoiou a cabeça nas mãos e correu os dedos pelos cabelos, repetidamente. — Ah, meu Deus, por que fui ser advogada? Por que não escolhi ser caubói?

Judy observava-a com uma pontada de arrependimento. Ela é que metera Mary nessa confusão. Fizera-a sair da Stalling & Webb para começar sua própria firma, que nunca aconteceu. No entanto, alguma coisa havia de muito estranho, e Mary não estava percebendo.

— Ouça, Mare. Marta Richter é uma advogada de tribunal das melhores. Ela não é estúpida. Pode até ser compulsiva, mas não é louca. Deve haver uma razão para o que ela está fazendo.

— Não, não há. Ela é sócia numa firma de advocacia e os sócios são todos iguais. Não dou a mínima para o fato de que ela é mulher e que eu deveria gostar dela. Por mim, ela pode queimar no inferno. Eu devia procurar outro emprego.

— Pense a respeito. Talvez Marta esteja vendo alguma coisa que nós não possamos ver. Algo que não estejamos vendo. Como Van Gogh, vendo as cores que não vemos.

Mary continuava a sacudir a cabeça.

— Eu tenho outras habilidades, não tenho? Qual é a cor do meu paraquedas?

— Amarelo.

Mary piscou, magoada.

— Amarelo?

— Os amarelos de Van Gogh. Ele pode vê-los, mas nós, não. — Judy inclinou-se para frente, em sua parka. — É a mesma coisa aqui. Marta pode ver alguma coisa que não podemos. Temos de descobrir o que ela está vendo, o que está fazendo. Ela é como Napoleão.

— Napoleão? — Mary estava ficando tonta. Às vezes achava que Judy era inteligente demais para que pudessem ser amigas. Precisava de uma amiga mais burra. — Pensei que estivéssemos falando de Van Gogh.

— Conhece aquela história sobre Napoleão? A de uma batalha famosa de que ele participou?

— Não tenho a menor ideia.

— Você conhece.

— Não, não conheço.

— Sei que conhece, Mare.

— Não conheço! — Mary perguntou a si própria se Judy, Marta, todos em volta estavam ficando malucos. Talvez fosse a nevasca. Febre de isolamento, uma onda prematura. — Judy, do que você está falando?

— Napoleão estava no meio de uma batalha, esqueci qual delas, e havia tanta fumaça e poeira que ele não conseguia ver o que estava acontecendo. — Judy abriu o zíper da parka. — Ninguém podia ver o que estava se passando por causa da fumaça. Os dois lados que se enfrentavam não conseguiam nem mesmo ver um ao outro para que pudessem atirar.

— OK. — Malucos. Perdendo o contato com a realidade. Café em excesso. Ou talvez café insuficiente.

— Assim mesmo, Napoleão disse a seus tenentes para onde deslocar os homens, em resposta ao que sabia que o outro lado estaria fazendo. Ninguém entendia o que ele estava fazendo, mas ele foi capaz de dirigir a batalha sem ver absolutamente nada. Todos os soldados pensavam que ele estivesse maluco. Mas, quando a poeira assentou, quem você acha que saiu vencedor?

— Os advogados?

Judy riu.

— Isso não é engraçado.

— É, é sim. Você riu.

— Você não está entendendo.

— Não, é você quem não está. Tenho uma petição para redigir e Napoleão vai chegar aqui a qualquer minuto.

— Isso é tudo que a preocupa?

— Não, mas conversamos enquanto trabalho. — Mary se levantou e seguiu para a sala de reunião, com Judy gotejando atrás dela.



Movidas por um pote de *kona* havaiano pelando, Judy e Mary começaram a rascunhar a petição, mas a toda hora se distraíam conversando sobre a possibilidade de Heb Darnton ser Eb Darning e sobre o daltonismo de Steere. Quanto mais Judy pensava no assunto, mais estranho ele lhe parecia, e suas suspeitas criaram corpo numa teoria.

— Será mesmo possível que Steere pretendesse matar Darning? — perguntou Judy.

— Por quê? Que motivo ele teria? — Mary não podia ignorar o rascunho da petição em seu laptop e perguntou-se quanto tempo teriam antes que Marta voltasse. — De onde você acha que Marta ligou?

— Eu não sei, foi você quem falou com ela.

— Acho que ela estava no hotel. — Mary pressionou uma tecla no laptop e leu o começo do último parágrafo: *Tribunais em todo o país há muito consideram tal evidência inadmissível*. Maldita Mavis Beacon. Aprendiz de Betty Crocker. Mary correu o *trackball* até o ícone para a Revisão Ortográfica. — Quanto tempo teremos antes que Marta chegue aqui e comece a gritar?

— Uma meia hora, se vier de táxi.

— Acha que é tempo suficiente para terminar a petição?

— Não.

— OK, então que motivo você acha que ele teria? — Era intrigante, mas não era trabalho. Mary clicou em SALVAR.

— Não estou muito certa sobre o motivo, mas pense no que sabemos sobre Steere. Ele é egoísta. Arrogante. Impiedoso. Um babaca insensível.

— Não me venha com eufemismos agora. E existem muitos babacas por aí. Mas eles não cometem assassinato por causa disso. Não é razoável como motivo. — Mary viu a tela de seu laptop apagar e a petição mergulhar num sono de economia de energia.

— É sim, de certa forma. É uma coisa de poder. Quando um negro pobre tenta roubar o carro de Steere, ele sabe que pode matá-lo e escapar impune.

— Essa sua interpretação está um tanto forçada, não? — Mary estendeu a mão e apanhou a foto de Darnton Darning obtida através dos arquivos do computador no centro da mesa.

— Está coerente com a personalidade de Steere.

— Certo, mas não é o bastante. Se Steere matou intencionalmente, tem alguma coisa a ver com Darnton, se este é mesmo Darnton. Por ser Darnton, não por ser um mendigo. — Mary examinou a foto com atenção pela enésima vez e comparou-a mentalmente às fotos medonhas da autópsia. — Aposto como Heb Darnton é mesmo Eb Darning. Teria a idade certa, cerca de cinquenta e um, cinquenta e dois anos. Acha que parece o mesmo homem, só que mais velho? — Ela deslizou a foto sobre a mesa na direção de Judy, que a pegou na metade do caminho.

— Ele não envelheceu muito bem, não é mesmo? — indagou Judy, estudando a foto. — Você tem uma teoria? Vá em frente.

— Vamos supor que Darnton/Darning seja o homem da foto — disse Mary, hesitante. — Era um trabalhador, mas agora é um mendigo. Isso acontece todos os dias. Sabemos que era alcoólatra, os vizinhos nos contaram. Vamos dizer que tenha começado a beber depois que deixou o emprego como caixa do banco e que sua decadência tenha começado a partir daí. Perdeu o emprego, a namorada. Deixou a barba crescer.

Judy pousou a foto sobre a mesa, pensando em voz alta:

— Então você acha que isso tem a ver com Darning?

— Talvez. Talvez não tenha sido um encontro casual entre Darning e Steere. Talvez se conhecessem.

— Isso é ainda mais idiota do que o que eu disse. — Judy retorceu o rosto largo, e Mary ergueu a mão, como o papa.

— Deixe-me terminar. Junte tudo que descobrimos. Vamos dizer que Steere não soubesse que o sinal de trânsito estava vermelho. Se não sabia, seu comportamento não faz muito sentido, certo?

— Certo. A menos que ele estivesse muito bêbado, coisa que não estava, segundo os exames de sangue. Além disso, Steere é um sujeito grandalhão. Pode absorver uma grande quantidade de álcool. — Mary bebeu um gole de café de sua caneca, mais em busca de coragem do que de cafeína. — A atitude de Steere de parar debaixo da ponte não faz sentido, a menos que se suponha que quisesse encontrar Darning. Poderiam ter marcado o encontro sob a ponte. Suponha que Steere fosse mesmo parar, independente do sinal, a fim de matar Darning. Então ele inventou toda a história do roubo do carro.

— A tentativa de roubo do carro foi uma mentira?

Mary abanou a cabeça.

— Uma mentira não, uma armação. Raciocine comigo. Lembre-se, não é um encontro casual. — Embora Mary estivesse apenas pensando em voz alta, ela sentiu o pulso acelerar. — Steere estava dirigindo um Mercedes novinho em folha. Havia comprado o carro fazia apenas duas semanas, certo?

— Deixe-me verificar. — Judy se pôs de pé e dirigiu-se à terceira pasta sanfonada. Remexeu as capas de papel manilha até encontrar a que procurava, tirou-a dali e a abriu. — Aqui está. O recibo da compra do carro novo de Steere. Tinha três semanas de uso. Cento e vinte mil dólares! Uau!

— Que carro ele tinha antes? Aposto que não era nada igual ao *Melecamóvel*. — Mary referia-se ao seu antigo BMW 2002, o único carro verde-amarelado já vendido.

— Olhe só todas essas coisas. — Judy estava ansiosa. — Airbags, volante e alavanca de marcha forrados em couro, alto-falantes disfarçados embutidos à esquerda e à direita do painel…

— Jude, qual foi o carro que ele trocou?

— Como será um alto-falante disfarçado? Como pude me formar na faculdade de direito e não saber como é um alto-falante disfarçado?

— Judy! O carro anterior.

Judy passou para uma série de extensos documentos brancos e tornou a torcer o rosto três vezes mais.

— Ah, aqui. Meu Deus! Ele deu em troca um Mercedes sedã. Um S500. V-8. Aqui diz "cinco lugares, quatro portas".

— De que ano era o carro? — Mary entortou o pescoço para ler o documento. — Quantos quilômetros rodados?

— Tinha seis meses de uso. Dois mil e quatrocentos quilômetros. — Judy ergueu os olhos e as duas associadas se fitaram.

— Não parece que Steere precisasse de um carro novo, não é mesmo? — Mary sentiu um sinistro aperto na boca do estômago e não era o café. De repente, a petição não tinha mais importância e tampouco seu emprego. — E se Steere planejou essa coisa toda? E se ele comprou o carro para fazer o roubo parecer mais plausível? E se Steere marcou um encontro com Darnton, ou Darning, para matá-lo? Isso é homicídio qualificado. Premeditado.

Judy aprumou a cabeça, cética agora que a expressão de Mary estava se tornando tão séria.

— Você quer dizer que Steere usou o Mercedes novo como isca?

— Não. Quero dizer que Steere tinha a intenção de matar Darning por alguma razão e comprou o carro antes disso… para tornar a tentativa de roubo do carro mais plausível.

— Espere, espere, devagar. Você está falando sério?

Mary assentiu.

— Tudo se encaixa direitinho, não é? E é coerente com o que descobrimos. Talvez Steere seja um assassino. — Mary sentiu-se mal só em dizer aquelas palavras. — E nós o defendemos. Provavelmente o inocentamos.

— Mary, ouça-me, por favor. — Judy sacudiu a cabeça. — O simples fato de Steere ter comprado um carro novo não quer dizer que ele seja um assassino. Os ricos fazem coisas assim o tempo todo. Uma compra de impulso.

— Um conversível? Um Mercedes branco que custa tanto quanto uma casa?

— E daí? Ele é um exibido, e já era quase verão.

— Judy, ele comprou o carro mais chamativo que existe e saiu com ele pela pior vizinhança que existe. No meio da noite. Isso não é suspeito? Isto é, se você quisesse que as pessoas acreditassem que alguém tentou roubar o seu carro, você sairia e compraria um carro vistoso o suficiente para ser roubado. Steere estava fazendo a coisa parecer um crime de rua acidental quando, na verdade, era mesmo assassinato.

Judy deixou-se cair outra vez na cadeira giratória com um suspiro. Franziu o lábio inferior, preocupada. Arrependia-se de ter começado isso tudo, com a história do daltonismo. Receava que Mary estivesse vendo assassinatos misteriosos por causa do seu passado.

— Mas como a promotoria pôde provar isso?

— Não sei, mas eles trabalham bem. Talvez tenham encontrado algum tipo de prova de "última hora". São os seus impostos.

Os olhos de Judy se estreitaram.

— Você ainda tem um problema em relação ao motivo, Mare. Por que Steere quereria matar Darning?

— Eu não sei. — Mary fez uma pausa, então sua expressão iluminou-se. — Talvez haja um motivo e nós simplesmente ainda não saibamos qual é. Não temos informações suficientes. Se

encontrarmos a conexão entre os dois homens, encontraremos o motivo.

— Que conexão? Não existe nenhuma conexão. Um está na base da cadeia alimentar e o outro, no topo.

Mary piscou, como se a resposta tivesse acabado de lhe ocorrer.

— Qual é a conexão entre um homem rico e um empregado de banco? Pense bem. Tem a ver com dinheiro.

Judy considerou a questão. Talvez aquilo não fosse completamente insensato, ou paranoico.

— Espere um minuto. — Ela se levantou e tornou a vasculhar o arquivo de Steere, verificando cada pasta sanfonada. — Em que banco Darning trabalhava?

— No PSFS. Uma sociedade de fundos de poupança da Pensilvânia. Eles não estão mais operando no momento, mas a placa de néon ainda está no topo da sua antiga sede. Você conhece a placa.

— PSFS? Placa? Não.

— Está no alto do prédio, na zona leste da cidade. É imensa, não dá para deixar de ver. Agora é um marco histórico. Você conhece, sim.

— Não acabamos de ter essa conversa?

— Esqueça. — A dor de cabeça de Mary voltou. Já era muito tarde para ainda estar trabalhando. Que emprego! Mary lembrou-se da caderneta plástica do PSFS que ela tinha quando criança, numa estampa axadrezada que era sua marca registrada. Havia nela um pequeno E preto, que significava uma conta de estudante. Onde estaria aquela porcaria de caderneta agora? Talvez ela fosse rica e não soubesse. Nesse caso, poderia pedir demissão.

— Aqui está. — Judy tinha chegado ao fim de um volumoso documento e o entregou a Mary. — A declaração de renda mais recente de Steere. Mostra todas as suas contas bancárias, mesmo as das suas empresas. Nenhuma delas é no PSFS. — Judy folheou as

outras declarações na pasta. — Pelo menos nos últimos cinco anos, nenhuma referência ao PSFS.

Mary leu a lista na declaração de renda. Seu coração falhou uma batida, na metade da lista.

— Steere tem duas contas no Mellon Bank, com cem mil dólares ao todo. Agora me diga, por que ele deixaria essa quantia toda numa conta que não rende quase nada?

— E qual é a diferença? Não foi no Mellon Bank que Darning trabalhou.

— Foi, sim. O Mellon comprou o PSFS há cerca de cinco anos.

Judy piscou.

— Verdade?

— O Mellon veio de Pittsburgh na década de 1980 e começou a comprar todos os bancos de Filadélfia, inclusive o Girard, que era uma coisa muito típica de Filadélfia. Minha mãe não abre conta no Mellon porque eles tiveram a ousadia de comprar o Girard.

— Estranho.

— Minha mãe?

— Não. Eu adoro a sua mãe. Gosto mais dela do que você, Mary, mas estava pensando.

— Talvez Darning tenha subido no banco e estivesse havendo alguma trapaça ou coisa do gênero nas contas de Steere. Subornos. Desfalques.

— Você está fazendo conjecturas.

— E você pode me culpar? — indagou Mary, mas isso foi tudo que ela disse ou precisou dizer. Não queria falar do passado, não queria nem mesmo pensar nele. E certamente não queria revivê-lo.

De repente, ouviu-se uma agitação do lado de fora da sala de reunião. As advogadas ouviram Marta falando com alguém e entraram em ação, como se fossem associadas de Pavlov.

— Puxa! — gritou Judy, agarrando os papéis e as fotos em cima da mesa e enfiando-os na pasta sanfonada mais próxima. — Como

foi que *Inflexível* chegou aqui tão rápido?

Mary apertou uma tecla para acordar o laptop.

— Ela veio de vassoura.

14

O juiz Harry Calvin Rudolph ruminava, sentado à mesa pesada e lustrosa em seu moderno gabinete, no Centro de Justiça Criminal, manuseando o bilhete manuscrito que ameaçava pôr fim à sua carreira judicial. A promoção que tinha esperado a vida toda estava agora ao seu alcance e o juiz Rudolph não a deixaria escorregar por entre os dedos, não na idade em que estava. As manchas senis começavam a se espalhar por suas mãos e os pelos que escapavam de sob os largos punhos da camisa estavam se tornando grisalhos. O juiz Rudolph se encontrava no auge de sua carreira como jurista. Um erudito, um líder. Ele poderia fazer história.

Antes de presidir o caso Steere, o juiz Rudolph tinha passado 15 anos no Tribunal de Ação Civil do Condado de Filadélfia. Ele quisera tanto ser juiz no início, que tinha abandonado a prática privada, quando esta começava a prosperar. O dinheiro não era tudo, e o jovem Harry fora atraído à erudição, aos adornos e ao prestígio inerentes à posição de um juiz. A beca, o martelo, o estrado. Ele imaginava o que seus colegas da Universidade de Bucknell iriam pensar. As fraternidades que o ignoraram na semana de recrutamento de novos membros. Agora Harry Rudolph não só fazia parte da fraternidade, como era a própria fraternidade.

O juiz Rudolph torceu o pedaço de papel amarelo nas mãos, lembrando-se de seu idealismo no começo da carreira. Deixe que os outros briguem por dinheiro, deixe que os colegas batalhem pelo poder efêmero de uma sociedade numa firma de advocacia. O poder do juiz Rudolph era real, duradouro, reforçado pelo prestígio judicial. Nesse período em que vinha ocupando a cadeira do juiz, tinha feito fortunas mudarem de mãos, mandado criminosos para a cadeia e até mesmo encarcerado alguns repórteres. O juiz Rudolph

administrava a justiça. Quando se tinha isso, quem precisava de dinheiro?

Quinze anos depois, o juiz Rudolph precisava. Quinze anos depois, dinheiro era tudo de que ele precisava. A renda de seus colegas havia disparado além da sua, embora ele estivesse ganhando cem mil dólares por ano. Ouvira dizer que Blumenfeld estava embolsando 450 mil dólares na Dechert Price & Rhodes, e que Schotzbarger estava ganhando muito dinheiro na Morgan, Lewis. Diabos, todo mundo estava ganhando muito dinheiro na Morgan, Lewis. O juiz Rudolph não suportava fitá-los nas reuniões, jantares de revistas jurídicas ou naquelas raras ocasiões em que seus colegas de turma apareciam diante dele no tribunal. Ele sabia que eram eles que estavam rindo por último, a caminho de casa. Em seus Jaguares.

O juiz Rudolph pousou o bilhete sobre a mesa. Se o segurasse por mais tempo, acabaria rasgando-o em dois. Olhou o papel com desprezo, ali no mata-borrão verde e macio, no meio de sua mesa reluzente. Na semana passada mesmo, Dave Loder tinha vindo ao tribunal defender o principal executivo da Witmark. Loder estava bronzeado, depois das férias na Gran Caymán. Férias de inverno nas ilhas Caymán, santo Deus, com todos os seis filhos e a mulher. O juiz Rudolph jamais poderia fazer isso e era dez vezes melhor do que Loder como advogado.

O juiz entrelaçou os dedos sobre a mesa, estudando o bilhete. Poderoso Deus. Agora não. Havia uma vaga surgindo na Suprema Corte estadual, e o juiz Rudolph era o nome certo para ser indicado. Desembargador Harry C. Rudolph. Desembargador chefe H. C. Rudolph. Superchefe. Não deixaria esse bilhete arruinar tudo. Não a sua última chance.

O caso Steere estava indo muito bem e o juiz tinha feito tudo certo até ali. Nada de câmeras no tribunal; uma ordem para que o caso não fosse comentado, expedida assim que os advogados começaram a tagarelar. Somente cinquenta espectadores de cada

vez; todas as entrevistas coletivas concedidas após o horário de trabalho. Duas confabulações por dia; argumentações limitadas a cinco minutos para cada lado. Ele tinha até tomado providências para que o júri pudesse deliberar durante a nevasca e mantido Steere no tribunal. Eles não o chamavam de Rudolph "Foguete" sem razão, e esse era exatamente o tipo de coisa que chamava a atenção dos mandachuvas. Dar prosseguimento aos processos e não fazer merda nos julgamentos por crimes dolosos. Steere era o caso que faria dele um juiz da Suprema Corte. Se esse bilhete não acabasse com ele.

O juiz Rudolph procurou seus óculos de leitura ao lado do mata-borrão. Talvez houvesse interpretado mal, devido à raiva. Mas, por outro lado, talvez não:

MERITÍSSIMO UM DOS JURADOS ESTÁ NUMA EMERGÊNCIA MÉDICA E DESEJA LHE FALAR.

ATENCIOSAMENTE,
CHRISTOPHER GRAHAM, SEU REPRESENTANTE

O juiz tirou os óculos com um gesto brusco e vociferou:

— Mande-o entrar!



— O senhor foi alfaiate, sr. Tullio? — O juiz Rudolph lançou um olhar penetrante por cima dos óculos para o jurado, que não devia ter mais do que um metro e meio de altura. Usava um terno marrom com uma lapela costurada à mão, surrado.

Fui, sim, meritíssimo. Até me aposentar. Meritíssimo. Senhor.

— O senhor mora em South Philadelphia perto da rua Dois. É isso mesmo?

— Sim, senhor. Meritíssimo. Perto do museu.

— Mas o museu de arte fica na alameda.

— O museu da pantomima, é o que quero dizer. — Nick assentiu com vigor, nervoso. — Tem as fantasias dos pantomimeiros e tudo. Em vitrines.

O juiz Rudolph pigarreou.

— Sr. Tullio, fui informado de que o senhor se encontra numa emergência médica. É verdade?

— É. Não. Meritíssimo. Uma emergência, não. Não estou sangrando nem nada assim.

— Isso eu posso ver.

— Eu só vomitei, só isso.

O juiz Rudolph deixou escapar um suspiro profundo.

— É esse o seu problema médico, sr. Tullio? O senhor…

— Eu vomitei. — Nick escorregou na almofada vermelha da cadeira diante da grande mesa do juiz. O assento era muito amplo e escorregadio para o seu traseiro. Ele precisava segurar-se nos braços da cadeira para manter-se ereto. Nick não parava de olhar à sua volta, mas não de maneira óbvia demais. Ele estava sozinho com o juiz, o assistente e a moça na máquina. Nick nunca tinha estado num lugar tão importante quanto o gabinete de um juiz, com todos aqueles documentos, livros e quadros. Graças a Deus estava usando seu melhor terno. Um homem nada perdia por andar bem vestido.

— Sr. Tullio? O seu problema médico resume-se ao fato de o senhor… ter vomitado?

— É a minha *ulça*.

— O senhor tem úlcera? — perguntou o juiz Rudolph, corrigindo o homem.

— É, uma *ulça* — repetiu Nick. — No estômago. Eu quero ir para casa.

Ora essa, imagine se o juiz Rudolph perderia um jurado agora. Já tinha mandado os suplentes para casa, e levaria horas para que um deles retornasse, em meio àquela tempestade de neve. O juiz esquadrinhou suas notas referentes aos jurados e em seguida o formulário daquele à sua frente.

— O senhor não mencionou uma úlcera em seu formulário, sr. Tullio. Não fez qualquer referência a úlceras.

Nick escorregou de lado na cadeira.

— Não tinha certeza de ter uma quando preenchi aquele papel. Isto é, o médico disse que não tenho, mas eu sei que tenho. E ela está se manifestando por causa dos meus nervos. Está queimando.

— Seu médico o examinou e disse que o senhor não tem uma úlcera, é isso?

— Bem, é. Mas tem um buraco no meu estômago, eu posso sentir. E eu vomitei, o que é uma prova. Meritíssimo. Senhor.

— O senhor precisa de um médico agora? — indagou o juiz, enquanto a estenógrafa ia digitando. Perguntava apenas para registro. Um médico não iria trabalhar numa noite como essa, os médicos ganhavam muito dinheiro. Só juízes tinham de trabalhar numa noite assim. Juízes penalistas.

— Não, não estou precisando de um médico. Mastiguei seis pastilhas antiácidas. Sabor tropical.

— Ótimo. O senhor não precisa de médico.

— Mas meu estômago está doendo. Por causa dos meus nervos.

— O senhor está com uma indigestão, é esse o seu problema?

— É.

O juiz Rudolph recostou-se em sua cadeira e tirou os óculos. Pôs-se a examinar as minúsculas dobradiças destes, enquanto pensava no caso. Tinha cuidado da questão, mantendo-a longe do conhecimento da imprensa e de qualquer outra pessoa fora de sua sala. Impedira os advogados de participar com a promessa de lhes entregar uma transcrição da conversa no dia seguinte. Reduzira uma

úlcera a uma indigestão. Hora de fazer o alfaiate voltar para a sala do júri.

— Quem sabe o senhor não se sentiria melhor se bebesse alguma coisa?

A garganta de Nick contraiu-se com esperança.

— O senhor tem anisete?

— Para uma indigestão? — O juiz Rudolph franziu os lábios. Ai minhas penas, Senhor. Sem trocadilho.

— O anisete me faz relaxar. Meu estômago.

— Esqueça — disse o juiz, impassivelmente. — O senhor está em deliberação. Pode beber qualquer coisa não-alcoólica que desejar. Um refrigerante ou chá quente, uma bebida assim.

— Bem, então um belo copo de leite?

O juiz Rudolph fez sinal para o assistente.

— Joey, vá buscar um pouco de leite para o sr. Tullio.

— Leite? — repetiu o assistente. — Não temos leite. — Era um garoto baixinho, que para Nick não parecia italiano, apesar do nome Joey.

O juiz franziu o cenho.

— O que quer dizer com não temos leite?

— Não temos leite aqui no gabinete, meritíssimo.

— Nem na geladeira?

— Não, meritíssimo.

— Você me serve chá com leite, não é?

— Não. É com creme.

— Meu Deus, Joey. Então vá buscar o creme.

Nick ergueu a mão, debilmente.

— Ahn, não posso tomar creme. É pesado demais.

— É creme *light* — contrapôs o assistente.

— Tem de ser leite — disse Nick, mas o juiz e o assistente o fitaram ao mesmo tempo. Nick perguntou-se se poderiam processá-lo. Talvez ele não devesse ter dito coisa alguma. E daí se tinha

vomitado? Não morreria por isso. Nick sentiu-se escorregar ainda mais na imensa cadeira. Sentia-se como se estivesse se afogando, como se a única coisa que o mantivesse fora d'água fossem os braços da cadeira. — Ouçam, não preciso de nenhum leite. Pode esquecer o que eu disse sobre leite, meritíssimo. Joey, esqueça isso.

— Em absoluto, sr. Tullio — disse o juiz Rudolph. Ele estava protegendo um livro de registros, não a mucosa de um estômago. — Se precisa de leite, conseguiremos leite para o senhor.

— Está bem. Está tudo certo. — Nick abanou a cabeça nervosamente. — Eu nem gosto de leite. Detesto leite. Jamais gostei, desde pequeno. Só bebo leite porque Antoinetta me diz para beber. Se eu nunca mais visse leite na minha frente, morreria feliz. Não se pode morrer de vomitar, pode? Era um… um vômito seco.

O juiz Rudolph voltou a colocar os óculos.

— Sr. Tullio, se tivéssemos leite, o senhor beberia?

Nick piscou. Não tinha certeza se mentir para um juiz era permitido e se, no caso de mentir, a pessoa poderia ir para a prisão. Talvez entrar na sala de um juiz fosse como estar sob juramento. Talvez fosse como jurar sobre a Bíblia. Nick arrependia-se de ter falado sobre o estômago. Deveria ter votado inocente, como as outras pessoas brancas. Queria que Antoinetta estivesse aqui.

— Providencie o leite do sr. Tullio, Joey — ordenou o juiz Rudolph.

O assistente empalideceu.

— Meritíssimo, não sei como conseguir leite em meio a uma nevasca. Tenho certeza de que muitas lojas estão…

— Não importa que teta você tenha de espremer, Joey. Mas vá buscar o maldito leite para ele.

— Sim, senhor — disse o assistente e saiu.

O olhar do juiz Rudolph continuou fixo no alfaiate. Essa conversa deveria ter terminado há dez minutos. O jurado deveria estar deliberando, não sentado ali, em seu gabinete, queixando-se sobre o

estômago. Pelo amor de Deus. O juiz Rudolph odiava o tribunal do júri. Seu lugar era na bancada de apelação, onde a conversa era sobre a lei, não sobre "ulças.

— Espero que esteja tudo bem com Joey lá fora — disse Nick, simplesmente para puxar conversa, pois o juiz o olhava furioso.

— Tenho certeza de que está bem.

— É *povável*.

— Provável — corrigiu o juiz.

— OK. Bem. É provável — disse Nick, só para concordar, mas isso só serviu para o juiz Rudolph parecer ainda mais furioso.

— Não estou preocupado com meu assistente, sr. Tullio, estou preocupado com o senhor — disse o juiz Rudolph, embora nem uma só de suas palavras fosse verdadeira. O que o preocupava era como aquela "teta" repercutiria nos jornais, se vazasse. Será que algum grupo feminista se oporia à sua nomeação? — Lembre-se, Carol — disse à estenógrafa —, essa transcrição é sigilosa até que eu diga o contrário.

Carol assentiu, compreendendo. Ela trabalhava para o juiz Rudolph desde que se divorciara. Se ele fosse para a Suprema Corte, cuidaria dela. Ela pularia alguns níveis hierárquicos e os benefícios seriam extraordinários.

— Está bem, meritíssimo.

— Obrigado. — O juiz voltou-se para o alfaiate e tentou parecer simpático. — Sr. Tullio, se o senhor não tem outros problemas e se não estiver precisando de cuidados médicos, pode retornar ao júri e retomar as deliberações.

— Ahn, o quê? O senhor quer dizer, ahn, voltar?

— Sim, é claro. Eu lhe mandarei o leite assim que chegar. O júri tem uma tarefa a executar neste momento, uma tarefa muito importante. O jantar desta noite está previsto para as sete e meia, devido às muitas horas de trabalho que temos pela frente. Estou certo de que até lá vocês poderão avançar bastante nas deliberações.

— Eu não sei. Os meus nervos. O estresse.

O juiz Rudolph inclinou-se mais para a frente, sobre sua mesa, chegando bem perto do rosto do alfaiate. Macacos o mordessem se ele deixasse esse sujeito insignificante foder com ele.

— O senhor não está me dizendo que está doente demais para deliberar, está?

— Bem, não. Quero dizer, sim. É. De certa forma. Meritíssimo.

— Mas o senhor não está precisando de médico.

— Não, meritíssimo.

— Só precisa de leite.

— Sim, meritíssimo. Senhor.

— Então, por que não pode voltar e discutir o caso?

Carol pigarreou ruidosamente, advertindo o juiz do perigo. O juiz Rudolph sabia que estava pisando em terreno perigoso, principalmente porque não tinha convocado os advogados. O quão perto estava de um erro reversível? Onde estava aquele maldito assistente? Droga!

— Não posso voltar por causa dos meus nervos… — O pânico apossou-se de Nick e fez morrer sua fala. Ele estava assustado demais para falar e assustado demais para não fazê-lo. Não podia voltar ao júri e não podia ficar aqui com o juiz. Era como se algo como um punho o estivesse espremendo no meio do corpo. — Eu só queria que Antoinetta estivesse aqui — lamuriou-se Nick, à beira das lágrimas.

O juiz Rudolph examinou minuciosamente o alfaiate, esquadrinhando suas feições de trabalhador e investigando seus olhos úmidos e remelentos. De repente, o juiz teve a sensação de que podia ver dentro da alma pequena e surrada do homem. Ele compreendeu o que estava acontecendo com uma clareza cristalina que não experimentava desde sua crítica na revista jurídica.

— Sei exatamente do que o senhor precisa, sr. Tullio — afirmou o juiz.

— Sabe? — indagou Nick.

— Sei. — O juiz Rudolph respirou fundo e seu peito inflou. Quando ascendesse ao estrado da Suprema Corte da Pensilvânia, faria coisas grandiosas pelos cidadãos do Commonwealth. Nesse exato momento, porém, ele os queria fora de seu gabinete.

15

— Eu entro na sala de reunião com você — disse Bogosian, viando-se para Marta no corredor da Rosato & Associadas.

— Não. — Por mais ameaçada que se sentisse intimamente, Marta precisava manter-se firme.

— Preciso ouvir o que você vai dizer.

— Não pode. — Marta observou-o olhar as duas jovens associadas através da parede de vidro da sala de reunião. Elas estavam arrumando o arquivo e Marta não queria Bogosian perto delas. Já se sentia mal o bastante por levá-lo até elas. Não iria expô-las a um risco maior. — Você não pode entrar. É uma conversa confidencial.

— Grandes merdas! — replicou Bogosian, embora tivesse apenas uma vaga ideia do que ela queria dizer. Era muito blablablá. Ele odiava os advogados. Em toda a sua vida, nunca tivera um só que fosse honesto, e eles não conseguiam nem livrá-lo da prisão.

— Como vou explicar quem você é?

— Não estou nem aí. Você não vai sair da minha vista.

Marta indicou um ponto no corredor, a pequena distância dali.

— Olhe, tem outra sala de reunião diretamente em frente a essa onde estarei trabalhando. Com paredes de vidros, como essa outra. Você vai poder ver tudo que eu fizer. Não vou dar nenhum telefonema e, se alguém ligar, você pode ouvir no outro telefone.

— Acha que sou estúpido? Você ia poder contar às outras duas advogadas.

— E colocá-las em perigo? Nunca.

— Que se foda! Vou entrar com você — disse Bogosian aproximando-se tanto dela que Marta quase entrou em pânico. A última vez em que ele tinha estado assim tão perto dela espancara-a

até deixá-la inconsciente. Ela sufocou o medo que crescia em sua garganta e deu a volta, desviando-se dele e dirigindo-se ao hall dos elevadores, onde pressionou o botão de descida com autoridade.

— Então não vou trabalhar no pedido de exclusão de prova — disse Marta, lutando para manter a firmeza na voz. — Leve-me de volta ao hotel imediatamente. Pode ligar para Steere e dizer a ele que suas impressões digitais serão entregues como prova.

— Foda-se!

— Ótimo. Vou ligar para ele assim que chegarmos lá.

— Você está blefando.

— Estou? — Marta virou-se e forçou um sorriso. A pose para publicidade. — Quer descobrir?

Bogosian pensou por um instante. Que vagabunda! Steere ficaria uma fera se Bobby tornasse a ligar para ele pelo celular. E, afinal, Steere tinha mesmo dito que queria o tal pedido pronto. Bogosian calculou que estaria tudo bem se pudesse observá-la. Além disso, o que ela poderia fazer? Era apenas uma mulher.



— O que vocês têm aí para mim, senhoras? — perguntou Marta asperamente às associadas. Ela fechou a porta da sala de reunião ao entrar e puxou a cadeira na cabeceira da mesa. Estava tentando ocultar sua ansiedade, mas não estava conseguindo enganar Judy, que a avaliava com um olho crítico. Sua blusa estava amarrotada, algo extraordinário para *Inflexível*, e seus olhos mostravam-se caídos, como se ela sentisse dor. Decididamente alguma coisa estranha estava acontecendo. Judy teve vontade de perguntar a Marta se ela estava bem, mas *Inflexível* não convidava a esse tipo de interpelação. E Mary tinha uma pauta a discutir.

— Marta, tenho uma coisa para dizer a você — anunciou Mary. Ela se levantou, nervosa, o pescoço coberto de manchas vermelhas sob a blusa. Mary tinha resolvido mostrar um pouco de ousadia, para variar. Ser uma FEMINAZI. — Uma coisa importante.

— Então seja breve.

— Não terminei a petição. Pode dizer a Bennie se quiser. Pode me demitir, se quiser. Mas o pedido não está pronto.

— Não estou preocupada com isso — devolveu Marta. — Vocês descobriram o que o promotor pode ter contra Steere?

Os olhos de Mary se arregalaram de surpresa, e Judy viu-se pensando: *esquizofrênica, mesmo se comparada a Napoleão*.



Marta pôs-se de pé, enquanto as associadas lhe contavam sobre o daltonismo de Steere e o sinal de trânsito. Seu instinto dizia-lhe que elas haviam descoberto alguma coisa. Steere mentira para ela outra vez, mesmo quando supostamente confessara. Por que ela não tinha visto isso? Steere admitira que era um mentiroso, mas, mesmo assim, Marta havia engolido aquela história estúpida sobre a morte do mendigo. Porra, do que ela precisava afinal? De uma prova? Ela o pegaria.

— O único problema é o motivo — afirmou Mary. — Talvez você saiba de alguma coisa que possa preencher a lacuna.

Os pensamentos de Marta corriam em disparada. Primeiro, teria de se livrar de Bogosian, que aguardava na sala de reunião em frente. Ela podia vê-lo através do vidro, uma ardilosa montanha de couro, sentado a uma mesa de reunião idêntica àquela em torno da qual elas se encontravam. Ele lia sua revista sobre cães e olhava para

elas de vez em quando. Marta tinha dito às associadas que aquele era o motorista, mas não o apresentara.

— Esta é a foto da autópsia de Darnton. — Mary entregou a Marta uma fotografia 20 x 25 sobre a mesa. — Ambas acreditamos que seu nome verdadeiro seja Eb Darning.

Marta pegou a foto. Um cadáver sobre uma laje de pedra. Um rosto num necrotério. Ela lembrou-se num rápido vislumbre da Magnum pressionada contra suas costelas e deu-se conta de algo que deveria ter percebido antes. Se Marta descobrisse a verdade sobre esse assassinato, isso lhe custaria a vida. Steere mandaria Bogosian atrás dela e este não pararia de esmurrá-la até que ela também se tornasse um cadáver sobre a laje. O rosto na fotografia da autópsia. Marta tinha de colocar Steere atrás das grades pelo resto da vida ou seria uma mulher morta. Sua cabeça ribombava. Seus ferimentos latejavam. O sangue pulsava em seus ouvidos. De repente, a sala de reunião parecia distante. A foto escorregou de seus dedos.

— Marta, você está bem? Marta? — Era Mary quem perguntava. Sua expressão era de ansiedade, mas Marta não conseguia ouvi-la com clareza. Era como se estivesse embaixo d'água.

Marta sentiu um súbito calor. O suor brotou sob a blusa e nas palmas das mãos. A sala de reunião rodava à sua volta. Documentos, peças processuais e arquivos giravam como um tornado. Tinha tido acessos como esse quando garota, depois do episódio da perua. Não podia entregar-se agora ou logo Bogosian estaria ali, em cima de todas elas. Marta forçou um sorriso que mesmo para ela pareceu uma careta horrível.

— Marta? — chamou Judy, levantando-se. Marta estava tão pálida que Judy pensou em ataque cardíaco.

— Estou bem — disse Marta rapidamente. — Bem. Não se preocupem com isso. — Ela alisou o cabelo para trás com a mão trêmula. A sala tornou a entrar em foco e as vozes das associadas se elevaram. Fosse o que fosse aquele acesso, estava passando. Podia

ver Bogosian com o canto do olho, a cabeça empinada. Ele estava em pé ao lado da cadeira, na outra sala, observando-a. Fez um gesto, despachando-o, e segurou-se no espaldar de uma cadeira, em busca de apoio.

— Está sentindo dor no peito? — perguntava Judy.

— Respire fundo — instruiu Mary.

— Estou bem. — Marta escorou-se numa cadeira, enquanto a sala girando em carrossel ia se movendo mais devagar, até parar completamente. Do outro lado do corredor, Bogosian voltou a sentar-se com a revista nas mãos. Marta respirou mais calma e olhou para DiNunzio e Carrier, que a cercavam. Percebeu que as duas estavam preocupadas com ela, o que era perturbador. Tinha brincado com a ideia de lhes passar uma mensagem sobre Bogosian, mas agora sabia que não poderia fazê-lo. Isso tinha de terminar aqui, pelo menos para elas. Arrancara o couro das duas, mas não deixaria que fossem assassinadas. — Ouçam, vocês duas, vão para casa. Vão para casa agora.

Judy e Mary se entreolharam.

— Do que você está falando? — perguntou Judy.

— Vão para casa. Agora. Isso é uma ordem. O caso acabou. Steere não importa, esqueçam Steere. Vão para casa.

— Não estou entendendo — disse Carrier. — E quanto ao promotor?

— Esqueçam o promotor. Vamos lidar com ele depois.

— Mas Mary pode estar certa. Se soubéssemos mais sobre Darning…

— Esqueçam Darning. Vão para casa.

Judy pegou as declarações de imposto de renda de Steere sobre a mesa.

— Você ainda não viu isso aqui. Esses papéis mostram uma conexão com o banco…

Marta agarrou o pacote e atirou-o de volta na mesa.

— Esqueça o banco. Esqueça Steere. Vá para casa, Carrier. Vocês duas, vão para casa.

Judy continuava imóvel como um tronco.

— Marta, você está fazendo uso de algum tipo de medicamento?

— Quer que providenciemos um… profissional? — indagou Mary.

Marta olhou de uma para outra e explodiu numa gargalhada. Eram como cachorrinhos, essas duas: obstinadas em sua determinação e de uma lealdade sem razão. Lembravam Marta de si mesma quando jovem, protegendo dois bêbados, que não mereciam, de cobradores e diretores de escola. Em vez de fazer com que se sentisse mais próxima delas, essa percepção fez com que ficasse ainda mais distante.

— Eu disse para irem embora.

— Pode confiar em nós — afirmou Judy com suavidade. — O estresse é mesmo muito grande e nós entendemos se você estiver tomando remédios. A pressão. A mídia. Isso afetaria qualquer um.

— Não estou tendo uma estafa — declarou Marta com firmeza. — Vão para casa. Vocês fizeram um trabalho muito bom, e eu… sinto-me grata. Obrigada.

Obrigada? Vindo de *Inflexível*? Com isso, Judy percebeu que Marta as queria fora dali por alguma razão. Estava claro que alguma coisa a preocupava, talvez até mesmo a deixava doente. Ela parecia estar querendo protegê-las, mas isso seria totalmente incompatível com seu caráter. O que estava acontecendo? Além disso, quem era aquele "motorista"? O sujeito parecia o próprio Hulk. Judy lançou um olhar para Mary, que ela sabia estar pensando a mesma coisa.

Mas não estava. Mary estava pensando que tinha acontecido um milagre. Que existia mesmo um Deus e que este falara a Marta Richter. Puxara-a de lado, pousara um braço coberto por um manto branco sobre os ombros estruturados e passara-lhe um sermão no céu. Advertira-a de que, se ela não parasse de torturar as associadas,

acabaria se tornando uma criatura rica, porém frágil. Que seria lançada a um inferno jurídico, onde seria obrigada a ouvir Alan Dershowitz lamuriar-se por toda a eternidade. No entanto, embora a chefe aparentemente houvesse se convertido num ser humano, Mary ainda queria continuar no caso Steere. Não tinha chegado até ali para fazer com que um assassino escapasse impunemente. Não com seu passado.

— Talvez devêssemos mesmo ir para casa — disse Mary alegremente, apanhando o casaco no espaldar da cadeira. — Estou exausta. Você não?

— O quê? — surpreendeu-se Judy fazendo meia-volta para fitar a amiga. — Não está interessada em acompanhar o caso?

— Não. — Mary vestiu o blazer. — Por que estaria?

Judy finalmente acordou.

— Talvez você tenha razão. Podemos lidar com a promotoria quando entrarem com o recurso, não é?

Marta sentiu-se intimamente aliviada.

— Vá com ela, Carrier. Isso é uma ordem. — Agradava-lhe a ideia das associadas saírem juntas; ela se certificaria de que Bogosian não as incomodasse. Abriu a porta da sala de reunião. — Vão!

— Sim, senhora — disse Judy, batendo continência.

— Já era hora de você aprender — respondeu Marta, sorrindo. Do outro lado do corredor, Bogosian ergueu os olhos de sua revista, que voltou a ler quando Marta assentiu com a cabeça. — Sabem, vocês duas precisam aprender melhor a receber ordens.

Judy dirigiu-lhe um sorriso, mostrando os dentes muito separados.

— Não aposte nisso. — *Inflexível*. — Podemos pegar o carro emprestado para ir para casa?

Marta fez uma pausa. O carro ainda estava perto da casa de Steere. Ela lançou um olhar ansioso para Bogosian, que estava sentado perto da porta.

— Deixei o carro alugado no hotel. O motorista me trouxe até aqui.

— Podemos voltar para casa andando — disse Mary, saindo da sala de reunião. — Que bom que moramos na cidade mesmo.

Judy seguiu Mary, passando para o corredor.

— Até mais, Marta. Ligue para nós se tiver notícias do júri.

— Não se preocupem — afirmou Marta. Ficou parada na porta e observou-as percorrerem o corredor até suas salas, sentindo um aperto no peito que misericordiosamente por pouco não se transforma em sentimentos maternais plenos. A sensação persistiu até ela perceber as botas de esqui de Carrier deixando marcas molhadas no tapete novo.



As associadas esperavam o elevador, quando Judy avistou *Inflexível* observando-as pela parede de vidro da sala de reunião. Judy acenou para ela, e *Inflexível* acenou de volta.

— Diga até logo para *Inflexível*, Mare — disse Judy a Mary. — Temos de mostrar a ela que estamos indo embora.

Mary acenou.

— Até logo, esquizofrênica.

— Ela não é esquizofrênica. Alguma coisa está acontecendo. — Judy voltou-se para o elevador e abanou a cabeça. — Alguma coisa aconteceu com Marta.

— Uma visitação. Anjos e santos. Harpas e trombetas.

Judy estava tentando juntar as peças.

— Ela parecia apavorada.

— Medo de Deus. Mas ele demorou muito. Detesto quando demora tanto assim.

Ambas ouviram o ruído do elevador subindo pelo poço. Judy fechou o zíper da parka e juntou esquis e bastões.

— Bem, lá vamos nós. Temos trabalho a fazer.

— De acordo.

— E no meio de muita neve.

— Sei o que está pensando…

— Branca. Fresca. Virgem.

— …e pode esquecer. — Mary estava envolta num pesado casaco e calçava botas. Ela colocou o gorro de tricô, puxando-o sobre a cabeça. — Sem chance.

— Vai sim, senhora. Ah, se vai. — Judy alinhou os esquis e passou um elástico em torno deles. — Vai fazer o que eu mandar.

— Isso não vai acontecer, amiga.

— Não podia haver hora melhor do que essa.

Mary abanou a cabeça.

— Não. Sou mais inteligente do que pareço.

— Não é, não. E já está acontecendo. Aqui e agora. Em breve num monte de neve perto de você.

— Não vou fazer nada com esquis.

— Vai, sim.

Mary franziu os lábios.

— Nem tenho esquis.

— Tenho um par extra em casa. Não há outra maneira.

— Podemos ir andando.

— Levaríamos três horas.

— Você quer que eu vá esquiando até a ponte da rua 25? — perguntou Mary, elevando a voz.

Judy lançou-lhe um olhar de advertência e seus olhos azuis deslizaram significativamente em direção ao Incrível Hulk, sentado na sala de reunião. Ele não se encontrava tão perto assim, mas estava sentado perto da porta, folheando uma revista. Judy não sabia se estavam ao alcance do seu ouvido e não queria se arriscar. Estava

inclusive começando a experimentar uma estranha sensação por deixar Marta sozinha com ele. Decidiu ligar para o escritório e ver se estava tudo bem com ela quando chegassem em casa.

— Entendeu?

Mary olhou sobre o ombro para o homem, agora com um olhar crítico. Ele não parecia motorista de táxi e também não usava uniforme, como faria um motorista de um serviço de limusine. Quem era ele, afinal? Mary sentiu-se estúpida por não achar estranha a sua presença antes.

— Talvez eu não seja mesmo mais inteligente do que pareço.

— Eu lhe disse — afirmou Judy no momento em que o elevador chegava com um som metálico.



Um pouco além no corredor, Bogosian ergueu o polegar de sobre a legenda sob um collie peludo. Acertara novamente! Ele observou as advogadas entrarem no elevador e as portas se fecharem atrás delas. Então estavam indo para a ponte da rua 25, hein? Putas. Precisava cuidar disso, também.

16

Depois que as associadas saíram, Marta voltou ao seu lugar à mesa de conferência e fingiu trabalhar, rabiscando palavras sem sentido num bloco de papel ofício. Pensou em deixar algum tipo bilhete, mas isso não seria de nenhuma ajuda imediata. Marta sentiu o olhar de Bogosian sobre ela. E se ele resolvesse sentar-se ali na sala com ela, enquanto ela trabalhava? Precisava apressar-se.

Marta apanhou as declarações de renda de Steere. Sentia-se intrigada pela conexão do Mellon Bank e virou as páginas, dirigindo-se ao final do maço de declarações, preparadas por uma dispendiosa firma de contabilidade. Marta experimentou uma fisgada ao abrir a capa plástica lisa e brilhante. Predadores como Elliot Steere não podiam existir sem profissionais que os mantivessem ricos e livres. Profissionais como ela. Marta não tinha se dado conta disso até se tornar a presa.

Na terceira página do maço havia uma listagem das deduções hipotecárias de Steere. Ele possuía algumas propriedades de investimento em seu nome e, aparentemente, tinha três residências hipotecadas; casas em Society Hill, Vail e na ilha de Long Beach, em Nova Jersey. Foi a casa de Nova Jersey que chamou a atenção de Marta. Um endereço numa cidadezinha chamada Barnegat Light.

A casa da praia. Marta lembrou-se do que Steere dissera na sala de entrevista no tribunal: que iria para São Bartolomeu num jato partindo de Atlantic City, se o aeroporto de Filadélfia estivesse fechado. Ela olhou pelas janelas da sala de conferência. Flocos de neve redemoinhavam em torno do edifício, soprados em todas as direções por correntes confusas.

Nenhum avião pequeno voaria em meio a uma tempestade como essa. Outra mentira de Steere. Marta trincou os dentes.

Então ela pensou um pouco, pondo de lado as emoções. Por que Steere tinha dito aquilo? Por que se dera ao trabalho de dizer alguma coisa? Ele estava pensando na praia. Talvez estivesse pensando em sua casa de praia. Costumava dizer que sentia saudades de lá, no verão, quando estava na cadeia, e Marta tinha a impressão de que ele considerava aquela propriedade mais como um lar do que a casa na cidade. Talvez fosse o refúgio para onde ia com a namorada Talvez lá houvesse uma pista. Alguma coisa, qualquer coisa. Marta estava desesperada. Sua vida estava em perigo.

O telefone tocou sobre o lustroso aparador atrás dela e Marta deu um pulo. Quem estaria ligando? O tribunal? O júri já teria retornado? Não! Ela saltou da cadeira e agarrou o telefone. Do outro lado do corredor, Bogosian fez o mesmo, tirando o aparelho do gancho em sua sala de reunião. O botão iluminado mostraria qual linha usar.

— Alô — atendeu Marta, ansiosa.

— Sra. Richter? — perguntou a voz de um homem jovem. — Aqui é o assistente do juiz Rudolph.

— Eles já retornaram?

— Não. O juiz Rudolph me pediu que informasse a ambas as partes que está concedendo ao júri uma visita conjugal. Isso foi solicitado por um dos jurados. Uma cópia da transcrição do pedido estará à disposição de ambas as partes amanhã.

— Uma visita conjugal? Hoje à noite? — indagou Marta, aliviada. Ganharia algum tempo antes do veredicto. — Isso não estava previsto.

— Agora está.

— Eles encerraram as deliberações por hoje?

— Sim. Recomeçarão as oito da manhã. Por causa da neve, o juiz Rudolph ordenou que as deliberações fossem transferidas para o hotel onde estão isolados.

— Obrigada — disse Marta e desligou. Pensando.

Do outro lado do corredor, Bogosian também desligou. Observando.

Marta fez meia-volta e imediatamente voltou ao fingido trabalho. Manteve a cabeça baixa e continuou escrevendo. Precisava livrar-se de Bogosian, rápido. No momento em que acabou de encher a página com jargão legal, ela já tinha um plano. Só havia uma maneira de fazer aquilo.

Seu coração se acelerou. Ela consultou o relógio. 20h40. Não havia tempo a perder. Teria de executar seu plano bem ali, debaixo do nariz de Bogosian. Marta encheu-se de coragem. Era sua única chance.

Agora.

Ela se levantou, caminhou casualmente até um dos arquivos de Steere e puxou uma pasta de papel manilha ao acaso. Abriu-a e, enquanto andava de um lado para o outro com ela, fingia lê-la. Com o canto do olho, podia ver Bogosian lendo e de vez em quando erguendo a cabeça, aparentemente satisfeito ao ver que ela estava empenhada no trabalho. A cada ida e vinda de Marta, ela se aproximava cada vez mais do telefone sobre o aparador, observando Bogosian e esperando o momento certo. Ela não teria uma segunda chance. Ele poderia atirar nela através do vidro se quisesse. No segundo seguinte, Bogosian baixou a cabeça e olhou para a revista, apertando os olhos. Era o momento de Marta e ela o agarrou.

Tirou o fone do gancho e pousou-o sobre o aparador, ao lado do aparelho de telefone, em seguida girou sobre os calcanhares, sem alterar o ritmo dos passos. Se Marta conseguisse discar três dígitos — 514 —, estaria com a segurança do prédio na linha. Não podia se arriscar a discar para 911 porque os tiras quereriam levá-la para depor. Haveria perguntas e tempo perdido. Somente três dígitos.

Bogosian lia em sua sala de reunião. Ele estava de costas para o telefone, de modo que não podia ver o botão iluminado na linha aberta. Marta afastou-se do telefone e retornou. Mantinha o rosto

voltado para a pasta. Andou em direção ao telefone, pressionando rapidamente o cinco no teclado, fez meia-volta e tornou a afastar-se do telefone.

Do outro lado do corredor, Bogosian pôs de lado a revista. Levantou-se e ajeitou o jeans sobre as botas de *cowboy*.

Marta voltou ao telefone e pressionou 1.

Bogosian espreguiçou-se e bocejou. Seu casaco de couro abriu-se, deixando ver a Magnum.

Marta afastou-se e esforçou-se para manter a calma. Faltava apenas mais um número.

Bogosian saiu da sala de reunião e começou a atravessar o corredor.

O coração de Marta saltou para a garganta. Ela caminhou na direção do telefone e pressionou o 4. A ligação deveria conectar-se com a sala de segurança. Vamos lá. Atendam.

Marta ouviu uma agitação junto à porta de vidro. Bogosian estava tentando girar a maçaneta, mas a porta estava trancada. Marta fingia não ouvi-lo, absorta em sua leitura. O medo voltou e seu coração disparou. Sua cabeça latejava. As palavras desmanchavam-se diante de seus olhos. Complete a ligação, droga!

— Ei! — gritou Bogosian, começando a socar a porta. Numa fração de segundo, ele já sacara a arma, mas uma fração de segundo era tudo de que Marta precisava. Ela ouviu o leve estalido da ligação telefônica se completando e um guarda atendendo.

Segurança.

Bingo! Num movimento destro, Marta bloqueou a visão de Bogosian do telefone com o corpo e repôs o fone no gancho.

— Estou indo! — disse, parecendo só então notá-lo. Ela correu para a porta e a abriu com a palma da mão transpirando.

— Que porra você está fazendo? — gritou Bogosian, entrando pela porta como um furacão. Ele empurrou Marta para um lado e ela

cambaleou, indo de encontro à mesa, agarrando uma cadeira giratória para impedir sua queda. A dor trespassava suas costelas.

— Estou trabalhando na petição — disse Marta. Ela forçou-se a ficar calma. A ligação fora conectada. A segurança iria até lá verificar. Havia pelo menos um guarda de serviço, ele estava lá quando ela assinara o livro para entrarem. Quanto tempo levaria para ele chegar ali?

Bogosian passou por ela e examinou a sala, desconfiado. Seu corpanzil parecia encher o espaço. Seus movimentos eram ágeis e vigorosos. Ele cheirava a couro frio e adrenalina.

— Já acabou?

— Ainda não. Mais meia hora, só isso.

— Você tem cinco minutos, depois voltaremos.

Marta tinha de ganhar tempo.

— Vai levar mais tempo do que isso.

— Azar o seu. — Bogosian já a aturara demais e, além disso, não tinha mais nada para fazer. Já adivinhara todas as raças de cães e não podia se testar outra vez. Além do mais, queria essa vaca de volta a um local reservado. Tinha a sensação de que ela o estava fazendo de idiota. Ela e as outras duas. Que porra queriam, indo até a ponte? Bogosian apontou a pasta. — O que você está fazendo com isso aí?

— Lendo. Para o pedido.

— É, certo. — Ele arrancou a pasta das mãos da vaca e olhou a primeira página. Era datilografada e havia nomes de processos sublinhados. Bogosian lembrava-se dos documentos legais de seu próprio processo.

— Bobagens. Mais bobagens de advogados. Tudo que eles faziam era encher papel. Ele atirou a pasta sobre a mesa e ela deslizou sobre os papéis, misturando-os. Ele queria misturá-los todos. Virar a mesa de pernas para o ar. Só que então ele não poderia descobrir o que ela estava tramando Você não está seguindo as minhas instruções.

— O que você está querendo dizer?

— Você sabe o que estou querendo dizer.

— Não, eu só estava pesquisando. — Marta observava com ansiedade, enquanto Bogosian andava em torno da mesa de reunião redonda, forçando a vista ao olhar para os documentos e as fotografias. Ela percebeu que ele era míope. Ele tocou os papéis espalhados pelo tampo da mesa, movendo-se deliberadamente como o ponteiro de minutos de um relógio. Onde estavam os seguranças? Será que viriam? Bogosian folheou o bloco de papel em que Marta estivera escrevendo, e ela ficou feliz por não ter deixado um bilhete.

— Era isso que você estava escrevendo?

— Era. Quer ler?

— Não, não quero ler — disse Bogosian, imitando-a.

A garganta de Marta era um nó seco e duro. Onde estava a porra da segurança? Eles checariam mesmo um alarme falso, não checariam? Se saísse disso com vida, faria com que todos fossem despedidos. Marta se demorava perto da porta aberta, enquanto Bogosian circundava lentamente a mesa. Ele estava na posição perfeita do outro lado. Cada músculo de seu corpo experimentava o desejo de correr, mas ela dizia a si mesma para esperar ajuda Lembrou-se com um estremecimento com que rapidez Bogosian podia chegar até ela.

— Por que a tela do computador está toda escura? — perguntou Bogosian, franzindo o cenho acima do laptop. — Não gosto nada disso.

— Se você pressionar qualquer tecla, o texto reaparece. — Marta puxou a cadeira perto do laptop e tirou sua bolsa dali, como se estivesse abrindo caminho para ele. Quem sabe se não precisaria dela mais tarde?

— Aqui, sente-se — disse ela. — Se não confia em mim, fique aqui enquanto trabalho.

— Vá se foder!

De repente Marta ouviu um barulho às suas costas. O matraquear dos elevadores. O estalido da campainha quando as portas se abriram. Dois guardas de segurança desceram do elevador, rindo. Um deles era o jovem que lhe dera o livro de registro para assinar na portaria. Era essa a hora.

— SOCORRO! — Marta gritou, saindo em disparada da sala de reunião. — ELE ESTÁ ARMADO! — Ela passou correndo pelos guardas surpresos, indo em direção à escada. Seu coração batia acelerado. Sua cabeça latejava. As costelas doíam tanto que as lágrimas brotaram em seus olhos. Enquanto voava pelo corredor, ouviu às suas costas o estampido de tiros. Um, dois, três disparos. Um gemido agonizante. *Ah, meu Deus*. Marta torcia para que não fossem os guardas.

— SOCORRO! — tornou ela a gritar, enquanto abria a porta que dava para a escada com um empurrão. Ela lançou-se escada abaixo, descendo um lance de degraus de concreto, e então mais outro. Seus escarpins batiam ruidosamente na borda de aço dos degraus. Ela ofegava devido ao esforço físico e ao terror. Do topo da escada não vinha nenhum som. Ninguém a perseguia. Será que Bogosian estava morto? Um alarme disparou no edifício e repercutiu no poço de concreto da escada. Graças a Deus. Mais guardas apareceriam. — SOCORRO!

Marta continuou a correr. Ela arremessava-se pelos degraus, saltando, quase caindo de patamar em patamar. Um 10 pintado na parede disse-lhe que ainda havia dez andares até o térreo. Ela foi ficando tonta à medida que a escada estreita descia em espiral. A sirene do alarme clangorava em seus ouvidos. Seus gritos juntavam-se à cacofonia. Seis andares até o térreo. Corra! Mais rápido, mais rápido, lançando-se à frente. Voando escada abaixo, a despeito da dor e do medo. Mais quatro andares.

Bogosian não estava em seu encalço. Talvez os guardas o tivessem matado. Talvez ela estivesse livre. Marta chegou ao andar

térreo e atirou-se contra a porta de saída. Esta abriu-se com um estrondo no saguão, no momento exato em que as portas do elevador se abriam, na outra extremidade do piso de mármore branco.

A visão era horrenda. O elevador era um matadouro. O sangue escorria de um imenso borrão, descendo pelas paredes brancas. Os dois guardas encontravam-se caídos, mortos, enrascados em montes que exsudavam no chão do elevador. Um deles tinha o rosto completamente destroçado. Entre os corpos dos dois estava Bogosian.

Apontando a arma para Marta.

17

Marta corria, ofegante, desesperada. Ela disparou como um raio em direção à entrada do edifício, escorregando no piso de mármore polido, passou com violência pela porta dupla de vidro e chegou à rua. O ar gelado atingiu-lhe em cheio o rosto e o peito.

— SOCORRO! POR FAVOR, ALGUÉM ME AJUDE! — gritou ela, embora a rua coberta pela neve estivesse deserta. Não havia policiais por perto, nenhuma ajuda. Fora do prédio, o alarme da segurança soava abafado. Os guardas estavam mortos. Os coitados. Bogosian era um assassino. — SOCORRO!

Marta corria desesperadamente pela calçada, no meio da grossa camada de neve, a bolsa voando do seu ombro. Flocos gelados ferroavam-lhe o rosto e atravessavam como chicotadas o terno de lã. Ela tropeçou e o braço enterrou-se até a altura do cotovelo num monte de neve.

CRRACKK! Marta ouviu um disparo atrás dela, ecoando no silêncio.

Ah, Deus. Bogosian ia matá-la. O pavor despertou seus sentidos com um solavanco. Ela ouvia-se gritar à medida que meio cambaleava, meio corria através da neve enregelante. Passou desembestada por lojas escuras e dobrou a esquina, tentando obstruir a mira do seu perseguidor. Suas pernas estavam encharcadas e os pés dormentes, mas ela continuava a correr. Não podia se esconder porque seus pés deixariam marcas na neve. As lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— SOCORRO! — gritou ela, inutilmente. CRRAACCKK! Mais um disparo.

Marta abaixou-se, tomada pelo pânico. Bogosian ia matá-la. Ele estava sem pontaria, mas não por muito tempo. Uma daquelas balas

encontraria o seu alvo. Sua espinha Seu coração. Sua cabeça Ela ia morrer. Marta avistou as luzes da Chestnut Street e correu atravessando a rua naquela direção. Lá haveria gente.

— SOCORRO! — Os músculos de suas pernas estavam ficando cansados. Seu peito parecia querer explodir. Ela podia sentir o sangue escorrendo quente pela parte posterior do pescoço; os ferimentos deviam ter reaberto. Não sabia por quanto tempo mais conseguiria correr. Bogosian era forte. Ele a alcançaria e a mataria como um cão. Não podia deixar que isso acontecesse.

Marta dobrou a esquina em disparada, entrando na Chestnut Street. Um imenso caminhão branco, com um limpador de neve fixado no para-choque dianteiro, descia a rua, empurrando uma pilha de neve e gelo em seu caminho. Pneus gigantescos levantavam a neve violentamente e a esmagavam em sulcos profundos, deixados em seu rastro. O caminhão parecia fazer parte de um *rally* de caminhões monstruosos. Em sua placa personalizada lia-se ELVIS.

Marta aumentou a velocidade, quase histérica em seu alívio. Ela seria salva. Continuaria viva. Precisava chamar a atenção do motorista. Começou a agitar os braços freneticamente, mas o caminhão não parava. A cabine era alta e escura demais e ela não conseguia ver lá dentro.

— SOCORRO! — gritou, mas o veículo não parava. Ela não conseguia ouvir os próprios gritos em meio ao estrondo do motor. Precisava ficar na frente do caminhão. Fazer com que o motorista a visse.

Marta correu ainda mais rápido a fim de emparelhar com o limpador de neve. As nuvens quentes da descarga do caminhão queimavam seus olhos. A fuligem entrava em sua boca. As gigantescas rodas do caminhão moviam-se em meio à neve, lançando farpas de gelo. Ela precisava deter o caminhão. Não tinha energia suficiente para continuar correndo para sempre. Não parava de acenar, o que quase lhe tirava todo o fôlego. Correu o mais rápido

que pôde e então tomou uma ultima impulsão. Mais alguns passos e estaria lá.

Um, dois, três. Pronto! Marta alcançou o limpador de neve e continuou a correr emparelhada a ele. Tornou a agitar os braços, frenética, mas ainda assim o caminhão não parou. *Porra*! Marta olhou, apavorada, sobre o ombro.

Bogosian a estava seguindo, chegando mais perto. Uma figura maligna em meio à tempestade. Com a arma em punho.

Ah, meu Deus. Marta não tinha opção. Só havia uma coisa a fazer. Ela torceu para que aquilo não fosse suicídio. Lançou-se na frente do maciço limpador de neve. O motorista buzinou ruidosamente, mas continuou em movimento. O quê? Ele era louco? Iria passar por cima dela.

Marta atirou-se adiante, para o meio da rua, e correu entre os faróis do caminhão, acenando, gritando. O motorista tornou a buzinar e seguiu em frente. Por que ele não parava? Talvez pensasse que ela fosse louca ou bêbada. O limpador de neve movia-se tão rápido que Marta não se arriscava a virar-se ou reduzir a velocidade. Uma montanha de neve compacta rolava em seus calcanhares, ameaçando engoli-la.

Ela precipitava-se adiante, com medo. Sua respiração vinha aos arrancos, parecendo rasgar-lhe as costelas. Sua cabeça parecia vazia. As pernas vergavam-se enquanto ela corria. Seus sapatos escorregavam a cada passo. Ela corria em direção à neve e à escuridão, o impulso a arremessando para a frente.

Marta olhou para trás. Uma gigantesca parede de neve a perseguia pela rua, tão perto que podia sentir o frio que dela emanava. Mas não conseguia ver nada atrás do limpador de neve. Se ela não podia ver Bogosian, ele também não podia vê-la. Marta o tinha perdido.

Ela não tinha condições de dar mais um passo sequer. Com um salto, saiu da frente do caminhão, atirando-se sobre um monte de

neve junto ao meio-fio, e mergulhou sob a superfície do pó frio.



— Porra! — gritou Bogosian da calçada. Ele observava o limpador de neve descer a rua em direção ao centro da cidade.

A vagabunda não estava em nenhum lugar à vista, mesmo que ele pudesse enxergar à distância. Não podia ir atrás dela. Com certeza, haveria gente por lá, equipes de emergência, e ele estava com a camisa toda coberta do sangue dos seguranças. Bobby não estava disposto a arriscar a própria pele.

— Porra! — tornou a gritar para a tempestade. Então, fez meia-volta. Começou a suar, embora a temperatura estivesse abaixo de zero.

Bogosian sentia-se como se estivesse encarcerado, como se estivesse de volta à prisão. Não podia mover-se, não podia respirar. O maldito barulho dos rádios. Os malditos negros com aquelas toucas. O fedor.

— Porra! — gritou ainda mais alto, mas isso só serviu para deixá-lo ainda mais furioso. Seu corpo estava completamente retesado. Sentia-se como uma mola gigantesca pronta para distender-se. Como uma rolha que precisasse estourar. Ele queria gritar. Queria matar. Queria gozar. O sangue intumescia seus músculos, seu pau. Ele ouviu-se gritando novamente e bateu com violência a mão fechada contra o espesso concreto da parede de um banco.

Uma vez, e mais outra. Ele sequer sentia a dor. Socou a parede repetidamente até a pele que cobria os nós dos dedos romper-se e o sangue esguichar. Então ele sentiu tudo. A dor explodiu em sua mão. O calor emanou de seu próprio sangue. A pele arrepiou-se por todo o corpo.

Bogosian era capaz de suportar a dor. Capaz de suportar qualquer dor. Ele recolheu a mão e fitou-a, ensanguentada, como se fosse de outra pessoa. Lembrou-se de como sua irmã se cortava. Uma lâmina reta que fazia cortes minúsculos nas coxas e nos braços. Lado a lado, como carreiras de coca. Puta estúpida. Eram todas putas estúpidas. A que tinha desaparecido na rua e as outras duas. As mais novas, do escritório de advocacia, indo para a ponte da rua 25. Bobby sabia do que estavam falando. De Grays Ferry, onde Steere tinha matado aquele crioulo.

Ele se apoiou no prédio, subitamente exausto. O limpador de neve e os outros caminhões haviam desaparecido. A rua estava silenciosa. Bobby escondeu o rosto na parede. O concreto arranhava sua testa. Flocos de neve amontoavam-se em seus ombros e caíam no colarinho. Ele não queria contar a Steere que havia fracassado. Nunca fracassara antes. Precisava consertar as coisas, depois então ligaria.

Bobby se endireitou e tentou abotoar o casaco para esconder o sangue, mas sua mão machucada não estava ajudando muito. Ele era um babaca estúpido para fracassar daquele jeito. Teria de arranjar uma camisa nova. Agora em que porra de lugar iria conseguir isso? Puta que pariu! Estava tudo perdido! E tudo culpa daquela vaca. Ela pagaria caro por isso.

Bobby precisava começar a agir novamente. Ele a encontraria e as outras duas também. Talvez precisasse ligar para Gyro, mas isso não era problema. Gyro podia ajudar, era um matador. Comeria uma fatia grande de sua margem de lucro, mas Bobby precisava terminar o trabalho. Isso era ser profissional. Bobby fechou o casaco e pôs-se a andar aos tropeços em meio à neve.

18

Marta fechou a cortina surrada com um puxão e deixou-se cair sobre a cadeira de plástico da cabine fotográfica. A Woolworth era a única loja aberta na Chestnut Street e o local cheirava simultaneamente a desinfetante e sujeira. Seu sangue pulsava com um ruído surdo, seu peito arfava, subindo e descendo. A cada respiração a dor era agonizante e Marta inspirava para acalmar o fôlego e diminuir a dor. Ela ficou sentada, curvada, ali na cabine, como um boxeador no seu canto do ringue.

Não se ouvia qualquer ruído fora da cabine e Marta tinha a suspeita de que era a única pessoa na loja, com exceção dos vendedores em seus guarda-pós vermelhos, dois dos quais ela havia encontrado ao entrar. A loja fecharia dali a dez minutos, disseram-lhe eles, os olhos arregalados diante de sua aparência enxovalhada. Ela tinha explicado, dizendo ter sido apanhada pela tempestade. Num certo sentido, era isso mesmo.

A respiração de Marta se normalizou e a dor nas costelas se abrandou um pouco. Ela sentou-se ereta e apoiou as costas na parede da cabine. VOCÊILUSÕES FOTOGRÁFICASVOCÊ, dizia uma placa à sua frente. Sob a placa, via-se um monitor de TV, em cuja tela piscava uma amostra das fotografias oferecidas com figuras mal recortadas: VOCÊ com o presidente! VOCÊ numa cédula de dólar! VOCÊ procurado pelo FBI!

O olhar de Marta pousou num espelho cuja moldura imitava madeira. VOCÊ COM ELVIS, O LIMPADOR DE NEVE! Ela desviou o olhar, propositadamente evitando o próprio reflexo. Não precisava de um espelho para saber qual era sua aparência. Os cabelos grudavam-se no rosto em mechas ensopadas e sua pele apresentava manchas vermelhas devido ao esforço físico, cada uma das rugas destacada

pela ansiedade. A roupa estava molhada e pendia como um trapo de seu corpo, mas pelo menos estava viva. Tinha escapado de Bogosian. Isso era um milagre. Então ela pensou nos seguranças, que não tinham tido a mesma sorte. Eles tinham famílias, ao contrário de Marta. Quem sentiria a sua falta se tivesse sido assassinada?

A pergunta a pegou de supetão. A resposta era óbvia. Ninguém. Marta não tinha mais parentes e não estava saindo com ninguém que importasse de fato. Ela não amava ninguém; não sustentava ninguém. Nenhuma alma dependia dela, exceto talvez os funcionários de seu escritório, que encontrariam outros empregos num piscar de olhos. Eles não eram propriamente bem remunerados. E com certeza não sentiriam saudades suas. Certa vez tinha ouvido a secretária desejar que ela morresse.

Marta remexeu-se na cadeira dura. Refizera-se, como sempre acontecia, invocando seu currículo interno. Afinal, era uma das principais defensoras do país. Ex-presidente do Comitê de Justiça Criminal da Ordem dos Advogados, membro dos Advogados de Júri da América, conferencista convidada e comentarista jurídica. Em outras palavras, um pé no saco muito bem pago. Uma megera numa faixa tributária que não parava de subir. De repente, aquilo não lhe pareceu grande coisa.

Marta costumava pensar que fora muito longe. Tinha escapado dos bosques do Maine, conseguira entrar na faculdade de direito e ir além. Pôs um país entre si mesma e uma mulher que, durante anos, enfiou-a no carro de um estranho atrás do outro, com a mesma mentira precária: *Pode me emprestar vinte dólares, moço, para o trem? Nosso carro nos deixou na mão, e estávamos a caminho do hospital para ver o pai da menina. A próxima estação fica um pouco mais abaixo, aqui mesmo nesta estrada*.

Marta sabe que os homens não acreditam na mentira, mesmo quando dão à mãe o dinheiro e as deixam na estação de trem, onde mãe e filha esperam cinco minutos e voltam mais uma vez para a

estrada. Marta sabe que os homens dão o dinheiro por sua causa; ela é a sustentação, a prova. Um instrumento de prova, já naquela ocasião. A única vez em que tiveram problema foi com a perua azul e, depois, acabou. Depois daquilo, a mãe passou a ir sozinha para a estrada. E, depois de algum tempo, foi mais longe.

Marta sacudiu as lembranças. Aquilo era passado. Estava acabado. Por que essa história insistia em continuar vindo à tona? Por que justamente agora? Seus pensamentos estavam confusos, seu mundo fora de ordem. Ela tirou a franja caída sobre a testa molhada. Deveria estar ligada no presente, feliz por se encontrar entre os vivos. Quantos mortos havia até agora, e por quê? Seria ela a próxima? Não havia tempo para sentir pena de si mesma. Precisava agir. Bogosian podia ainda estar atrás dela. Ela ainda tinha de tratar do júri e a Woolworth fecharia a qualquer momento. Marta se levantou, bateu a neve de sua roupa encharcada e espiou através da cortina da cabine fotográfica.

Nada de Bogosian e nada de clientes. A loja estava bem iluminada e vazia. Caixas de aço, transbordando com cosméticos, escovas para cabelo e botas de borracha. Batatas fritas, cadernos de espiral e vídeos com desconto empilhavam-se nas prateleiras. Salsichas rolavam sobre uma *rotisserie* gordurenta ao lado de suportes de sapatos e casacos femininos. Marta jogou a bolsa ensopada sobre o ombro e saiu cuidadosamente da cabine. Tinha algumas compras importantes a fazer.

Havia uma coisa boa em se vender a alma.

Ganhava-se dinheiro com isso.



As duas associadas esquiavam na direção sul pela Broad Street. Judy Carrier ia à frente e Mary DiNunzio seguia em sua rastro, dois sulcos estreitos que sumiam rapidamente sob a neve recém-caída. A tempestade tinha se tornado mais intensa e não se via qualquer trânsito, embora a Broad em geral funcionasse como uma das principais artérias de tráfego da cidade.

Mary mal podia mover-se com a parka azul acolchoada e o macacão jardineira largo de Judy. A neve glacial entrava em sua boca e aferroava suas bochechas. Ela puxou a echarpe também emprestada de Judy, até o nariz, que estava molhado e pingando. Muito atraente.

— Não sei esquiar, sou italiana — gritou Mary, vacilante sobre os esquis. Os dedos dos seus pés estavam presos à madeira e seus braços estavam esticados ao lado do corpo. Ela se sentia um Cristo de neve, crucificado. Ou num freezer.

— O que o fato de ser italiana tem a ver com isso? — perguntou Judy, gritando sobre o ombro, enquanto deslizava suavemente para a frente.

— Os italianos não foram feitos para certas coisas. — Mary empurrou os esquis adiante, numa imitação do ágil movimento deslizante de Judy, mas o máximo que conseguiu foi um gingado de pinguim.

— Que tipo de coisas? — gritou Judy, e o vento carregou suas palavras para trás.

— Coisas que ninguém deveria fazer, para começar. Escalar montanhas. Cavalgar. Tudo que você faz.

— Isso é ridículo!

— Nem todo mundo é capaz de fazer tudo, Jude.

— O oposto também é verdade. Todo mundo é capaz de fazer tudo!

Mary desistiu. O poder sobre si mesmo não era para todos. Pelo menos não para os católicos. Mary lutou para deslizar o esqui

esquerdo para a frente, mas havia uma poça congelada no caminho e ela caiu.

— *Aiiiii*!

— Use os bastões! — Judy fez meia-volta a tempo de ver a amiga tombar de lado em câmara lenta. Mary tinha caído três vezes em igual número de quarteirões. Nessa proporção, levariam uma semana para chegar à ponte da rua 25. Estava difícil seguir, mais difícil do que antes, quando Judy fora até lá sozinha. A camada de neve no chão estava tão espessa que em alguns pontos engolia sua perna até a coxa. Se não fosse aquele tipo de neve, um pó leve e seco, seria o mesmo que esquiar num creme de ervilha. — Você está bem?

— Ótima. Maravilhosa. Nunca estive melhor! — Mary estava tentando se levantar, mas não conseguia se equilibrar. Era uma bola azul-cobalto, como uma daquelas novas pastilhas azuis da MM s, no meio da ampla alameda branca. A neve empilhava-se em montes onde o vento a agitara, e cintilava nas lâmpadas dos postes como o glacê de um bolo de aniversário. Reinando sobre a Broad Street estava a torre amarela e iluminada do relógio da Prefeitura, uma vela de aniversário emanando um brilho dourado. Ali marcava 21h30.

— Levante-se com a ajuda dos bastões — gritou Judy. — Um de cada vez. Mary agarrou com mão de ferro um dos bastões e apoiou-se nele, levantando-se, numa posição apenas levemente vertical. Ela bateu as pernas do macacão, limpando-as, e enfiou as luvas nas alças dos bastões. Sentia-se gelada e desengonçada. A neve batia em seus dentes, voando, como se fossem mosquitos. Sentia-se agoniada o tempo todo e, mesmo assim, aquilo era melhor do que ser advogada.

— Para oeste, eia! — Judy voltou-se para a frente, fincando a ponta de seus bastões até eles alcançarem o asfalto, e tomou impulso, percorrendo vários metros nos minutos seguintes. Mary cobriu a distância entre as duas na metade do quarteirão, quando se

aproximavam da Washington Avenue e das brilhantes luzes de néon da Universidade das Artes.

— Você acha que está tudo bem com Marta? — perguntou Mary.

— Espero que sim! — Judy havia telefonado para o escritório, mas ninguém tinha atendido, portanto ela deixara um recado no hotel. Talvez Marta estivesse no banheiro ou não quisesse falar ao telefone. Talvez o júri houvesse retornado com uma pergunta e Marta tivesse sido chamada ao tribunal. Ou talvez alguma coisa tivesse acontecido com o Incrível Hulk. Judy estava preocupada com a possibilidade de Marta estar envolvida em algo perigoso, mas Judy também queria chegar ao fundo daquilo. Ela nunca tinha defendido um réu de homicídio antes e esperava que não houvesse começado com um culpado. Judy precisava descobrir, por si mesma, se Steere era um assassino. Espetou a neve com seus bastões e deslizou adiante, em meio à tempestade.



— Ei! — chamou uma voz que Penny Jones reconheceu imediatamente como a de Bobby Bogosian. Penny ficou tão animado que pulou para a frente em sua espreguiçadeira com um baque surdo que lhe pareceu uma chicotada. Penny costumava andar com Bogosian antes deste passar para a primeira classe. Estava feliz por Bogosian vir procurá-lo depois de tantos anos, mas era esperto o bastante para não demonstrá-lo.

— Bobby — disse Penny, como se tivessem estado juntos ainda ontem. Ele apagou o baseado e o largou no cinzeiro. Um aparelho velho de TV tremeluzia ao fundo, mostrando cenas seguidas da tempestade. Penny tinha ativado a tecla que eliminava o som do aparelho.

— Ainda está puxando carros? — perguntou Bobby.

— Mas é claro. Você me conhece. — Penny roubava uma média de nove carros por dia e tinha se especializado em jipes. O dinheiro era bom, exceto num inverno como esse. Era difícil descolar um jipe debaixo de um metro de neve. Na TV, o meteorologista enfiava uma régua na merda e sorria como um retardado. Porra de neve. A cada dia, Penny perdia mais dinheiro. — Estou com um negócio novo também.

— Hum, sei.

— É, um negócio novo, de verdade.

— Você estava com um negócio novo da última vez que nos falamos. Aquelas porras daquelas máquinas, com a garra que pega os bichos de pelúcia por vinte e cinco centavos.

— Isso já era. Agora é outro negócio. Uma expansão, pode-se dizer.

Bogosian, do outro lado da linha, sacudiu a cabeça. Não podia acreditar que fosse obrigado a ligar para um merda como Penny. Bobby não tinha conseguido encontrar Gyro e Eddie estava preso na porra do subúrbio. Acabou optando por Penny apenas porque este morava na cidade e teria o carro certo. Se conseguisse ver além do painel. Porra de nanico.

— Bobby, ainda está aí?

— Estou.

— Está precisando de alguma coisa, Bobby?

— De você? Só se tiver um 4x4. Um jipe.

— Ei, sem problema. — O olhar de Penny seguiu além da bagunça em seu conjugado entulhado até um pedaço de compensado de onde pendiam chaves, como a placa onde se penduram os chaveiros num estacionamento. Na verdade, era mesmo uma dessas placas. Penny a trouxera do trabalho, dizendo ao chefe que tinha sido roubada. Bem, fora mesmo. Penny precisava da placa para manter um controle dos carros que estava montando em

seu novo negócio. Ele roubava o carro, depenava-o e vendia o esqueleto. Depois, comprava o esqueleto de volta em leilão, tornava a montar o carro e o vendia com o direito de propriedade. Ter um documento quente elevava o preço de venda. Tornava o carro bom e legal. — Tenho alguns jipes. Tenho um muito bom que vai ficar pronto amanhã. Meu estoque está um pouco baixo por causa da neve…

— Preciso de um jipe agora. Já pronto.

Os olhos injetados de Penny vasculharam as chaves penduradas na placa.

— Tenho um Grand Cherokee novo, bem legal. Acabei de montar. Com documento e tudo. Faço um preço excelente para você, Bobby. Quase nada.

Bogosian resfolegou.

— Não quero comprar a porra do carro, seu babaca. Você é que precisa dele para fazer o trabalho.

— Trabalho? — Penny não podia acreditar no que estava ouvindo. — Tem um trabalho para mim? Que tipo…

— Dá para você calar a porra da boca?

Penny disse a si mesmo para calar a porra da boca. Lembrou a si mesmo que, se não tinha nada de bom a dizer, era melhor não falar nada.

— Tá — disse Penny, esperando que aquilo soasse como se não tivesse importância.

— É em Grays Ferry. Na ponte da rua 25. Sabe onde fica isso, seu merda?

— Sei — respondeu Penny. — É isso aí! Se fizesse alguns trabalhinhos para Bogosian, ganharia dinheiro de verdade. Bogosian era o homem! Bogosian era o tal! Bogosian significava dinheiro! Penny não pôde se conter e saltou da cadeira, rebolando a bunda como um veadinho. — Quando é? — perguntou ele, enquanto seu traseiro magricela se balançava.

— Agora — disse Bogosian. — Imediatamente.

— Falou e disse. — Penny foi dançando até o quarto, para buscar a arma. — Sou todo ouvidos, Bobby.

19

Bennie Rosato saltou do elevador para um pesadelo. Mais uma vez houvera homicídios numa firma de advocacia de sua propriedade. Seguranças haviam sido assassinados, um deles Bennie conhecia bem, um homem já de certa idade chamado Pete Santis. Pete morava sozinho, como Bennie, e os dois costumavam trocar histórias de cães. Ambos possuíam os dois únicos golden retrievers no mundo todo que tinham permissão para pular em cima das pessoas.

— Permissão, droga nenhuma! — costumava dizer Pete. — Estamos falando aqui é de encorajamento.

Bennie não conseguia acreditar que Pete estivesse morto, mas fora o seu corpo que ela tinha acabado de ver sendo carregado para o furgão do serviço médico-legal, num saco preto fechado por zíper. Fora seu sangue que ela tinha visto no elevador lá embaixo. Pete tinha morrido defendendo a propriedade de Bennie, talvez protegendo sua gente. Ela se sentia profundamente deprimida, atônita. As portas do elevador deslizaram, fechando-se, deixando Bennie à deriva no meio do corredor, onde as notícias eram ainda piores.

Ninguém parecia se importar. O corredor da Rosato & Associadas estava vazio, exceto por um único policial uniformizado, que se encontrava parado à entrada de uma das salas de reunião com parede de vidro. Nenhuma fita amarela isolava o local. Nenhum fotógrafo da perícia registrava a cena do crime. Nenhum perito da polícia andava apressadamente pelos corredores, recolhendo fibras ou amostras de pó do tapete. Bennie fizera carreira processando erros de conduta policial e conhecia os procedimentos

da polícia num caso deste quase como se fizessem parte de sua rotina pessoal. E nenhum deles estava sendo respeitado aqui.

Bennie tinha tomado conhecimento do assassinato dos guardas pela TV. Ninguém da polícia lhe telefonara e nenhum detetive a procurara para colher informações. Assim que ouvira a notícia, vestira um impermeável sobre o jeans e um suéter de moletom e correra a pequena distância de sua casa até o escritório, apenas para encontrar o lugar tão quieto quanto uma biblioteca jurídica.

Dois homens haviam sido assassinados, duas associadas tinham desaparecido, Marta Richter também se fora — e ninguém estava investigando o caso. Bennie tentava resistir à conclusão de que estava levando o troco. O que estaria acontecendo? Ela dirigiu-se ao guarda uniformizado, que tinha cabelos ruivos lustrosos e um hirsuto bigode cor de ferrugem, e apresentou-se.

— Sei quem a senhora é — disse o guarda. Ele usava o quepe puxado sobre a testa, as mãos unidas nas costas, e fitava um ponto deliberadamente além de Bennie, como um membro da guarda real britânica, todo de azul.

— Ah, um fã, hein?

— Dificilmente.

Bennie conteve-se a tempo de não mostrar o dedo médio ao policial.

— Devo tomar como pessoal o fato de ninguém estar investigando esses assassinatos? Dois seguranças mortos, meu Deus! Eu pensei que a Delegacia de Homicídios fosse estar muito interessada nisso. Metade dos seguranças da cidade são ex-tiras.

— Não tem nada a ver com a senhora, sra. Rosato — disse o policial uniformizado. — Está nevando lá fora, caso não tenha notado. A maioria de nós não conseguiu apresentar-se. Os que chegaram não podem ficar andando pela cidade. É uma nevasca. Estamos fazendo o melhor que podemos.

— E quanto aos detetives? O pessoal do dia deveria ter ficado, não é?

— Só ficou um na Segunda Companhia. O caso vai ser dele. Qualquer homicídio desta noite vai ser dele, que vai estar aqui o mais rápido que a neve permitir.

— Quem é ele? Qual detetive?

— Não sei. Seja como for, isso é informação confidencial. Como a senhora sabe.

— E por que ele ainda não está aqui? A Rotunda fica a apenas meia hora daqui, mesmo com tempestade.

O tira olhou para Bennie pela primeira vez, com uma expressão de indolência que mal disfarçava sua hostilidade.

— O detetive não está na delegacia. Está preso numa diligência na zona oeste. Vai chegar aqui quando der.

— Quer dizer que ninguém consegue chegar ao local do crime? Nem mesmo alguém da perícia? Um fotógrafo? A delegacia simplesmente não vai se mexer?

— Não — retrucou o policial —, já enviamos um alerta sobre o assassino. Eu já informei ao departamento, OK? Está bom assim para a senhora?

— Já sabem quem é o assassino — perguntou Bennie, animada. — Tão rápido assim? Como? Têm uma testemunha ocular?

— Não posso dizer. É contra os regulamentos.

— Rápido assim, teria de ser através das impressões digitais. — Ela olhou em volta. O local estava limpo, intocado. — Mas ninguém recolheu as impressões ainda. Como foi que fizeram isso?

— A investigação é confidencial. A senhora conhece o regulamento.

— Odeio o regulamento. — Bennie estava atônita. Decidiu-se por pensar em voz alta, técnica que ou funcionava ou deixava os tiras loucos. Em ambos os casos, ela levava a vantagem. — Vamos ver, vocês não podem ter filmado, pois o edifício não possui câmeras. E o

resultado de um exame de sangue não viria assim tão rápido; tampouco de DNA. De qualquer forma, não tem nenhum técnico aqui para recolher amostras.

— É confidencial, sra. Rosato. — O guarda uniformizado abanou a cabeça. Sua barriga projetava-se ligeiramente sobre o cinto largo e ele usava um casaco preto de náilon sobre a camisa azul, com uma circunspecta fita preta sobre o distintivo de aço cromado. Numa plaquinha em seu peito, lia-se TORREGROSSA, observou Bennie.

— Você também é italiano? — perguntou ela, e o policial soltou uma gargalhada.

— Acha que sou fácil assim?

— Não pode me culpar por tentar, não é mesmo? Este é o meu escritório de advocacia. É o meu pessoal. Se necessário, eu até babo o ovo de quem for preciso. Você não faria o mesmo? Onde está a sua lealdade, paesano?

O policial sacudiu a cabeça negativamente.

— Parece a minha mãe falando.

— Pareço a mãe de todo mundo falando. Sabe por quê? Porque me preocupo. Agora me diga, quem é o assassino e como o descobriram?

— Esqueça isso.

— Está bem, vamos arquivar o assassino por ora. Não estou nem aí para ele, quem me preocupa são as advogadas. Descobriram alguma pista sobre elas? DiNunzio e Carrier? Richter? Todas assinaram o livro de registro na portaria. — Bennie tirou um pedaço de papel de seu impermeável e examinou as anotações que fizera ali. — DiNunzio e Carrier entraram às três e trinta e cinco e saíram às oito e quarenta e cinco. Marta Richter e acompanhante, fosse lá quem fosse, chegaram às oito e trinta e cinco e não assinaram a saída. Sabe disso, certo? Verificou o registro lá embaixo.

O policial assentiu.

— É, eu vi o livro lá embaixo. Sei de tudo isso. Por que quer saber essas coisas?

— Porque me importo com aquelas mulheres, me importo com os seguranças. A única diferença é que as mulheres ainda podem estar vivas. Têm de estar. Não estou tentando me meter em sua investigação. Quero que façam tudo o que puderem. E quero fazer tudo o que eu puder também. Pelo menos desta vez estamos do mesmo lado. Por favor, me ajude, está bem?

Os olhos do policial piscaram e Bennie detectou um leve amolecimento.

— Quer minha opinião sobre a forma como aconteceu?

— Por favor.

— Não devia dizer isso, mas o único sangue no local é o do elevador, onde os seguranças foram mortos. Não há sinais de luta no escritório, o que significa que a advogada que chegou por último, Richter, não foi levada à força. O equipamento no escritório parece em ordem. Tudo parece estar no lugar. Fiz uma primeira inspeção. Dê uma olhada você e me diga se estou errado.

— Claro. — Bennie sentia-se aliviada. — E as outras duas advogadas, as que assinaram na saída, onde estão?

— Não tenho a menor ideia.

— Onde poderiam estar? Já liguei para as duas, para os apartamentos delas. Não consigo encontrá-las. — Bennie tinha telefonado até para os pais de DiNunzio, que já sabiam pela TV do desaparecimento da filha. Ela tentara acalmar a mãe de Mary, mas seu italiano não era suficiente.

— Liguei para o Departamento de Pessoas Desaparecidas, expedi um alerta de busca, mas não temos gente esta noite. A tempestade é uma droga. Estamos fazendo todo o possível para encontrá-las. A senhora tem de cooperar conosco. Esta é a pior noite que se pode ter para investigar um homicídio.

— Quem é o assassino? Como o descobriram?

— Sra. Rosato…

— Por favor. Talvez eu possa ajudar. Talvez eu saiba de alguma coisa. É uma nevasca, uma emergência. Precisamos trabalhar juntos, não é? Cooperar. Foi isso que você acabou de me dizer.

O policial suspirou.

— A senhora não ouviu isso de mim, certo?

— Certo.

— O nome dele é Bobby Bogosian. Nós o conhecemos. Tudo que temos de fazer é apanhá-lo.

— Bogosian, nunca ouvi esse nome. Como foi que o descobriram?

O policial não conseguiu conter o sorriso.

— Ele deixou uma revista. Eu a encontrei na outra sala de reunião.

— Como sabe que era dele, sem impressões digitais?

— Pela etiqueta do assinante. O nome e o endereço estão ali bem claros.

Bennie teria dado uma risada se não fosse Pete Santis que tivesse sido assassinado.

— Fácil — disse ela.

— Eles ficam mais burros a cada dia que passa, se quer saber.

Além do policial, Bennie olhou a sala de reunião envidraçada.

— Importa-se se eu der uma olhadinha aí dentro? Posso tentar ajudar.

— A senhora não vai entrar aí de jeito nenhum. É o local do crime. Vai contaminá-lo.

— Não vou tocar em nada. Se vir alguma coisa, direi a você. Talvez possa dar uma ajuda.

— Não.

— Não vou…

— Não! — cortou ele, e sua rispidez mostrou a Bennie que ela tinha passado dos limites outra vez. Não era intencional esse seu

hábito de pisar nos calos das autoridades. Ela deixaria de ultrapassar os limites se alguém lhe dissesse onde estes ficavam.

— Está bem, está bem, está bem. Você venceu, Torregrossa. Vou só ficar aqui diante da porta e dar uma olhada. Posso olhar, não posso? Tenho o direito de olhar previso na Primeira Emenda.

— Olhe tudo que quiser. Deleite-se.

— Obrigada — replicou Bennie, como se precisasse da permissão do tira para examinar sua própria sala de reunião. Aquela era a melhor parte de ser o chefe: não precisava da permissão de ninguém, além da própria. Ela andou até a porta da sala e começou a inspecioná-la. Sua gravura de Eakins pendia obliquamente da parede, como se alguém tivesse esbarrado nela ao correr ou passar por ali. Uma cadeira giratória estava de pernas para o ar e seus pés projetavam-se no ar como um caranguejo de barriga para cima. O arquivo e as provas documentais do caso Steere estavam espalhados sobre a mesa de reunião. As fotografias encontravam-se no topo do monte, como se tivessem sido examinadas recentemente. Bennie inclinou-se, aproximando-se, para vê-las.

— Nem mais um centímetro — avisou o policial.

— Entendido. — Bennie forçou a vista para poder ver as fotos. Eram registros tenebrosos da autópsia do homem que Elliot Steere matara, além de uma foto do tipo publicado pelos jornais. Nela também se via a vítima de Steere. Ao lado das fotos, um bloco de papel onde se lia: Heb Darnton / Eb Darning. *Hummm*. Bennie fez uma anotação mental dos nomes e tentou reconhecer a letra. Maiúsculas destacadas, floreios de menina caprichosa. Letra de uma escola católica. Anotações de DiNunzio. Bennie indicou o bloco. — Parece que DiNunzio estava pesquisando alguma coisa sobre o homem que Steere matou. Será que tem alguma relação?

— Vou mostrar ao detetive quando ele chegar aqui.

— Quer ligar e ver se ele já está a caminho?

— Não.

— Talvez eu devesse ligar.

Um par de olhos frios de tira olhou-a de esguelha.

— Deixe que os detetives cuidem do caso. Eles sabem o que fazem.

Bennie não mencionou que, por experiência própria, sabia do contrário. Tinha perdido uma firma de advocacia devido à incompetência da polícia e não estava disposta a perder outra. Seu estômago contraiu-se com a lembrança. Bennie fora a principal suspeita num assassinato que não cometera, mas as suspeitas vieram a ser tão prejudiciais quanto o indiciamento. Tinha havido telefonemas de clientes ansiosos, vazamentos na polícia e participação da imprensa sensacionalista, e Bennie vira a si mesma assistindo em câmera lenta à ruína de sua primeira firma de advocacia.

Dessa vez, porém, tinha de ser diferente. Dessa vez, Bennie protegeria sua firma e evitaria que alguém mais fosse assassinado. Marta Richter era sua maior cliente. Não se podia dizer que as duas fossem amigas, mas Bennie não tratava com indiferença nenhum de seus clientes. Aquele era um relacionamento fiducial, tanto de confiança quanto de finanças. Haviam sido essas as palavras de Bennie a Marta em seu primeiro encontro, deixando claro que a Rosato & Associadas faria uma parceria com ela e não funcionaria somente como uma caixa de correio local. As duas litigantes haviam conversado sobre estratégias de defesa, o desenvolvimento da firma e a possibilidade de futuras parcerias. Bennie tinha até mesmo emprestado a Marta suas duas melhores advogadas.

Os pensamentos de Bennie voltaram-se para DiNunzio e Carrier. Ela havia selecionado pessoalmente as duas advogadas e as treinado. Qual seria o envolvimento das duas na morte dos seguranças? Onde elas estavam, pelo amor de Deus, e o que isso teria a ver com o caso Steere, se é que tinha alguma coisa a ver? As duas também poderiam estar correndo perigo?

A firma de Bennie estava sendo atacada. Havia sangue em suas paredes. Em sua reputação, em seu nome. Se alguém queria atingir sua firma, teria de passar por ela. Dessa vez, ela precisava lutar. A adrenalina bombeava em suas veias. Não podia esperar pelo degelo para começar a investigação. Começaria agora mesmo. Por sua própria conta. Ninguém conhecia os procedimentos da polícia melhor do que ela. Ninguém tinha tanto em jogo. Bennie tornou a olhar as anotações de DiNunzio. Heb Darnton / Eb Darning.

Era um ponto de partida.

20

O prefeito Peter Montgomery Walker andava de um lado para o outro em seu imenso escritório de paredes forradas de cerejeira, diante de uma mesa de mogno notadamente vazia. A mesa usada por ele para trabalhar de fato encontrava-se em seu escritório particular, por trás da porta secreta embutida na forração de cerejeira. Era ali que ele mantinha seus documentos confidenciais, sua cesta de basquete e sua máquina de refrigerante.

— Precisamos tomar a dianteira neste caso, pessoal! As advogadas de Steere desapareceram e dois homens foram mortos! — vociferou ele. Temos um caso de assassinatos e uma nevasca! E não estamos cuidando de nenhum dos dois!

As grandes janelas que ladeavam a mesa refletiam as mangas enroladas da camisa branca do prefeito e sua gravata de repes esvoaçante. Ele tinha energia suficiente paira discursar veementemente por vinte minutos, afinal corria cinco quilômetros por dia ao longo do rio Schuylkill. Seus assessores acreditavam que ele corresse para manter a forma, mas, na verdade, ele corria porque gostava de sentir o sol em seu rosto e amava as curvas do rio. O prefeito achava que nenhuma outra cidade no país tinha uma entrada mais encantadora do que a de Filadélfia. Era mais bonita até do que a de Chicago.

— Não vou perder esta eleição por causa do maldito tempo! — gritou ele, enquanto andava para lá e para cá. — Ou por causa de Elliot Steere!

Os assessores encolheram-se em suas cadeiras confortáveis junto à parede. Uma secretária idosa aproximou-se da porta de mogno que dava entrada ao escritório. Somente a chefe de gabinete do prefeito, Jennifer Pressman parecia relaxada, recostada no aparador de

cerejeira sobre o qual se viam troféus de *softball* e fotografias da família e de amigos do prefeito. Uma das fotos mostrava Jen com o prefeito quando este ainda era promotor e ela sua assistente. Jen, uma beldade alta e esguia, de cabelos longos e escuros, com um conjunto cinza-mate que realçava a silhueta esbelta, observava o prefeito por trás dos óculos com lentes redondas como moedas. Fazia muito tempo que tinha aprendido a lidar com ele; deixe-o reclamar.

— Onde é que estão os relatórios da perícia? E do médico-legista? Quero respostas, seus boas-vidas! Por que tenho de implorar? Por acaso não me conhecem?

Jen não respondeu ou mesmo reagiu. Seguira o prefeito até aquele posto e, como chefe de gabinete, tinha o diretor administrativo subordinado a ela, assim como os chefes de todos os principais departamentos. Tinha contratado a maior parte dos funcionários administrativos do alto escalão, dirigido a repercutida campanha de alfabetização e dado continuidade à campanha de doação de sangue e órgãos iniciada por ela no gabinete da promotoria. Jen consultou o relógio. Quase meia-noite. Sua frieza ocultava a tensão que experimentava por dentro. Precisava ir, mas sair do escritório agora estava fora de questão. Estresse, café e falta de jantar. Ótimos ingredientes para uma enxaqueca.

— E quem são os detetives responsáveis pelo caso Steere? Onde diabos se meteu Michael? — O prefeito passou as mãos pelos cabelos num gesto brusco de fúria e, intuitivamente, examinou a mão para ver se caíra algum fio. Sua mulher achava que sua calvície estava aumentando, mas a amante discordava. — Jen, sabemos onde Michael está?

— O chefe de polícia se encontra num jantar da Ordem Fraterna da Polícia com o inspetor — respondeu Jen.

— Maravilhoso. E Sam, onde está?

— No Doral, numa reunião. Todos os diretores administrativos das grandes cidades estão lá. É ele quem vai abrir a reunião.

— No Doral? Ele foi. Ele sabia que o caso Steere ia a julgamento!

— A presença dele era exigida. — Algum dia Jen diria ao prefeito que seus assessores desapareciam nas horas de crise por causa de seus ataques histéricos, como esse. O telefone tocava ruidosamente no escritório. O aparelho de fax zumbia no canto da secretária. Jen estava começando a ver pequenos pontos de luz à distância. Ah, não. Era o primeiro sinal de aviso.

— E onde está Tom Moran? Ele deveria saber o que está acontecendo com Steere! Os assassinatos vão afetar o processo no tribunal? Steere vai poder requerer a anulação do julgamento?

— Moran está tentando vir para cá, mas os limpadores de neve ainda não chegaram a East Falls. — Jen empurrou os óculos para cima, como se aquilo fosse pôr um fim às luzes que brilhavam no interior de sua cabeça. O prefeito não tinha conhecimento de suas enxaquecas, nenhum deles sabia. Não era o tipo de informação que se divulgasse quando se queria subir na política. — Ele está em contato com a Assessoria de Comunicação. Podemos colocá-lo no telefone, se você quiser.

— Eu não o quero no telefone, quero-o aqui! Droga, por que ele tem de morar em East Fallsl De hoje em diante, todos aluguem apartamentos na cidade! Dividam o mesmo apartamento, se for preciso! — O prefeito marchava de um lado para o outro. — O que Moran está fazendo em casa, aliás?

— Eles tiveram os bebês, lembra-se? — Jen tentava ignorar os telefones e faxes. Uma luz começou a tremeluzir por trás de seu globo ocular esquerdo, tão frenética quanto uma vela em meio a um furacão. São gêmeos e você é o padrinho — acrescentou Jen, e um dos assessores juniores começou a dar risadinhas. Idiota, pensou Jen. Ela não se importava que ele fosse estúpido, só que não soubesse o

quanto era estúpido. A luz tremeluzindo por trás de seu olho tornou-se mais intensa.

— Não posso ser padrinho, sou o prefeito! Sou candidato à reeleição em novembro e estou muito pior nas pesquisas do que na última eleição! Está aí para todo mundo ver, pessoal! Será que vocês não percebem?

— O prefeito atravessou o tapete oriental de estampa vermelha. Ele só queria consertar a cidade que amava e não podia ser impedido. Ainda não dera início à Renascença de Filadélfia por causa de Steere. Queria aquele verme na prisão para sempre. Era a única forma de desembaraçar aquelas propriedades e ganhar a eleição.

— Pensei numa coisa, senhor — disse O'Rourke, a voz aguda. — E se foram as advogadas de Steere que mataram os seguranças? E se elas mataram os guardas e fugiram com o suspeito? Como uma conspiração.

— O quê? — O prefeito mordeu a língua para não mandar o garoto para aquele lugar. Ele nunca dizia coisa alguma que valesse a pena ser ouvida, mas era filho de Frank O'Rourke e o prefeito não estava livre de um certo nepotismo, se isso o ajudasse a fazer seu trabalho. Estava tentando impedir que a cidade afundasse e idiotas como Elliot Steere continuavam a abrir buracos no barco. De repente, ele girou sobre os calcanhares e cruzou os braços, com as costas voltadas para a equipe.

Os assessores trocaram olhares por trás do prefeito. Contiveram-se para não rir alto quando o prefeito se dirigiu ao Cone de Silêncio. Era o apelido que tinham dado à pequena excentricidade do prefeito Walker, e Jen costumava achá-lo engraçado. Mas não esta noite. Havia muito a fazer e os pontinhos em sua cabeça estavam aumentando, transformando-se em grandes borrões de luz branca, como buracos se abrindo numa lanterna de papel queimando. Ela

precisava pegar a injeção de Imitrex em sua mesa. Sua sala ficava do outro lado do corredor. Levaria apenas três minutos.

O prefeito por fim se virou, parecendo mais calmo. O rubor desaparecia de seu rosto, e ele parou, imóvel.

— Temos de falar com a imprensa, Jen — disse, a voz já quase de volta ao normal. — Temos de adotar uma atitude diplomática no caso Steere. Dois homens estão mortos. Diga que estamos fazendo tudo que podemos. Que cuidaremos para que o julgamento de Steere tenha prosseguimento e que a justiça seja feita. Escreva isso para mim. Entendeu?

— Entendi — disse ela, mas sem saber como seria capaz de pôr um discurso no papel. A náusea estava começando e, depois desta, viria a dor. Uma dor inacreditável, imobilizadora. Ela teria que se deitar numa sala escura. Estaria fodida, completa e absolutamente.

— O mais importante são os novos limpadores de neve, Jen. Anuncie as novas máquinas já de cara. Diga que fomos sensíveis ao problema. Todas as ruas serão limpas, não importa o quanto sejam estreitas. A imprensa está lá fora?

— No saguão — conseguiu dizer Jen.

— Alix Locke ainda está aí? Quero que esteja presente. Foi ela quem criou caso com os malditos limpadores de neve.

Jen assentiu, mas até isso fazia sua cabeça doer.

— Ela está aí fora desde que se espalhou a história dos assassinatos. Não vai embora de jeito nenhum. Está reclamando por não liberarmos o relatório da polícia.

— Por quê? Ela sabe que não liberamos até que a investigação esteja terminada. O que é que há com Locke? Por que ela está sempre no meu pé? Pensei que fosse Democrata.

— Ela é jornalista. Está fazendo seu trabalho. De reclamar. — A luz inundou o cérebro de Jen. A náusea tomava conta dela. A dor estava começando.

A secretária do prefeito tornou a aparecer na porta.

— Sr. Prefeito — começou ela, o alarme estampado no rosto vincado —, Alix Locke insiste em falar com o senhor. Ela não aceita um não como resposta.

— Diga a ela que espere a coletiva, como todos os outros! — esbravejou o prefeito, e sua voz reverberou como um disparo de fuzil, atravessando o cérebro de Jennifer. Então o telefone recomeçou a tocar.

— Desgraça pouca é bobagem — disse O'Rourke, mas ninguém da equipe riu. Muito menos Jennifer, que disparou para sua sala e a injeção de Imitrex.

— Vou anunciar a coletiva — informou ela.

21

Christopher Graham espremeu o corpo vigoroso na minúscula cadeira no seu quarto de hotel e pousou a garrafa verde de Rolling Rock na perna. Christopher detestava as visitas conjugais. Como o sr. Fogel dissera enquanto jogavam cartas na última visita: "Nenhum de nós dois tem alguém com quem se conjugar " Essa noite o sr. Fogel não estava com vontade de jogar cartas; Christopher, portanto, estava sozinho e tomou mais um gole da Rolling Rock. Os jurados tinham direito a uma dose de bebida alcoólica por noite.

— Um brinde a você — disse Christopher, erguendo a garrafa no quarto silencioso. Seu olhar passeava, indiferente, pela neve que caía diante da janela, pela cama de casal com o edredom de poliéster e pela TV no suporte giratório. O hotel exibia um filme a cabo de graça durante as visitas conjugais — hoje era a vez de O parque dos dinossauros —, mas Christopher estava com a televisão desligada. Ao seu lado, no carrinho de aço, viam-se os restos de seu jantar: frango frito e arroz à espanhola, com sorvete de sobremesa. Christopher passara a detestar frango frito durante esse julgamento. Não tanto quanto detestava cadeiras pequenas demais, porém, e nem de longe tanto quanto detestava as visitas conjugais.

Christopher tomou mais um gole da cerveja. Para ele, toda ideia de uma visita conjugal era odiosa, como se os jurados fossem animais. Como se as mulheres fossem éguas no cio, sendo levadas até um garanhão, conduzidas aos caminhões para a viagem a fim de serem cobertas. E os jurados do sexo masculino agiam como animais durante todo o dia de uma dessas visitas. Eles não prestavam atenção no tribunal, remexendo-se nas cadeiras e consultando o relógio a todo instante. Lembravam a Christopher garanhões indóceis ao primeiro sinal da primavera; jogando a cabeça para trás e

empinando-se pelo pasto. Mesmo os animais castrados ficavam agitados quando chegava o mês de abril e não se aquietavam na hora de serem ferrados.

Christopher descansou a garrafa de cerveja na coxa, deixando uma marca molhada no formato de anel no tecido grosso do jeans. A TV do quarto ao lado foi ligada e a risada de uma mulher atravessou as finas paredes. Ah, não. Lá vamos nós de novo. Eram Isaiah Fellers e a noiva. Durante esses dois meses, a cada visita conjugal, Christopher ouvia-os conversando e dando risadinhas, depois a TV soava com estrondo e a cabeceira da cama martelava de encontro à parede. A comoção fazia chocalhar o quadro representando uma flor que pendia da parede acima de sua cama e Christopher retirava-se para o banheiro a fim de escapar do barulho.

— Não se mexa! — disse através da parede um homem no filme dos dinossauros. Então ouviram-se os gemidos da noiva de Isaiah.

Christopher tomou mais um gole da cerveja e fechou os olhos aos sons. Ele achava que o amor era melhor do que aquilo. Gostava de cavalos e de seus modos, mas ele não era um animal. Lainie nunca entendeu isso. Ela costumava sussurrar coisas na cama, acreditando que iriam excitá-lo, mas ele queria que ela estivesse acima disso. Ela era sua esposa. Então, seis meses atrás, Lainie encontrara outro homem e fora embora. Não levara nada, nem mesmo o frisador que usava na franja todos os dias. Ele sabia que ela voltaria um dia, pelo menos para apanhar o frisador. Era muito cuidadosa com aquela franja.

— AAAHHHH! — gritou alguém do outro lado da parede, e Christopher não teve certeza se era o dinossauro ou a mulher até o grito terminar com um AMOOORRRR". Christopher abanou a cabeça, espantado. Nenhuma mulher jamais emitira ruídos como esse com ele. Ou ele estivera com poucas mulheres ou nenhuma delas o havia amado tanto assim.

Christopher pensou na sra. Wahlbaum. Ela sempre estava perfumada nos dias de visita e também parecia mais alerta. Christopher tinha conhecido o marido dela, Abe, um homem alto e magro, de cabelos grisalhos. A sra. Wahlbaum estava de mãos dadas com o marido quando o apresentara a Christopher; parecia feliz só de estar perto dele. Christopher perguntou a si mesmo se algum dia uma mulher se sentiria daquela forma em relação a ele.

— AAAHHHHHH! — gritou alguém, e Christopher desistiu de tentar identificar de quem era o grito. Levantou-se com sua Rolling Rock, dirigiu-se ao banheiro e ligou o sistema de ventilação para mascarar o barulho. A ventoinha ganhou vida, começando a zumbir, e Christopher sentou-se na borda da banheira, no escuro. Fechou os olhos e logo o rosto de Marta surgiu flutuando diante dele, saído da escuridão. Ela estava de pé ao seu lado e Christopher imaginou-se apresentando-a a alguém, como a Sra. Wahlbaum fez com o marido. O rosto de Marta se iluminaria quando ela olhasse para ele. Até mesmo seus olhos azuis sorririam. Seria fácil ver que ela o adorava.

TRIMMM! soou uma campainha, mal audível acima do zumbido da ventoinha. Devia ser do filme. Christopher resolveu deixar para lá. TRRRIIIMMMM! tornou a soar, e ele percebeu que era o telefone. Quem poderia ser? Saiu do banheiro e correu para o aparelho.

— Pronto — disse Christopher no fone cor-de-rosa.

— Aqui é o oficial de justiça. Estou na portaria. Sua mulher veio vê-lo.

Christopher ficou completamente mudo. Lainie? Por que ela veio até aqui? Nunca viera antes. Lainie só poderia querer duas coisas dele, já que o frisador não estava ali com ele. Ou ela queria uma reconciliação ou o divórcio.

— Devo mandá-la subir?

— Não. Quer dizer, claro. Obrigado.

Christopher desligou o telefone e vislumbrou a si mesmo no espelho acima da cômoda. Não parecia em nada surpreso; era bom

em não demonstrar os sentimentos. Lainie costumava queixar-se disso, mas ele não podia fazer nada. Era o seu jeito. Sua natureza.

Christopher passou os dedos pelos cabelos escuros e espessos, ajeitando-os, e verificou se não havia migalhas na barba. Alisou a camisa de flanela e a arrumou dentro da calça jeans. Estava razoavelmente bem. Tinha percebido uma das juradas, Megan, olhando-o de quando em quando. Deu uns tapinhas na barriga, ainda em boa forma. É pegar ou largar, Lainie. Ouviu uma batida na porta e apressou-se em abri-la.

— Encomenda especial para o sr. Graham — disse o oficial de justiça uniformizado, sorrindo enquanto dava um passo para o lado.

— Olá, querido — disse a mulher ali parada, muito parecida com Lainie.

Tinha os cabelos como os de Lainie e roupas como as dela, mas não era Lainie. — Já faz tempo, Christopher — disse a mulher, suavemente.

Christopher fitou-a nos olhos. Eram de um azul límpido e sorriam para ele do vão da porta. Ele reconheceria aqueles olhos em qualquer lugar.

— É, faz mesmo — replicou ele, sem hesitação.

— Já estamos de saída — anunciou o oficial, fazendo um gesto *à la* Jackie Gleason diante da porta e deixando Christopher sozinho.

Com Marta.

22

A nevasca continuava a cair, mas Judy parou na varanda coberta de neve diante da porta de uma das várias casas de tijolo geminadas em ruínas, na rua transversal à ponte da rua 25. Judy sabia que havia alguém em casa porque podia ouvir vozes lá dentro e a luz brilhava através de um quebra-luz de papel rasgado. Ela esticou o pescoço para espiar pelo rasgo e quase caiu da varanda. Tornou a bater. Nenhuma resposta.

De pé na calçada, Mary avistou uma sombra que se movia através do quebra-luz de papel.

— Tem alguém aí — disse ela, de um monte de neve na calçada.

— Oi? — Judy tornou a bater. — Oi?

As advogadas esperaram, mas nada aconteceu. A neve caía em lufadas. A vizinhança estava escura e silenciosa. Três casas até agora, e ninguém respondia. O vento assobiava na rua, fustigando o rosto de Mary e soprando espirais de gelo, que rodopiavam em sua direção. Suas bochechas estavam congeladas e o nariz pingava como o de uma criança do pré-escolar. Seus dedos estavam tão dormentes que ela não conseguia manter juntos os bastões e os esquis.

Judy voltou a socar a porta.

— Ei! Por favor, venham até a porta! É só um minuto! — Nenhuma resposta ainda. Ela fez meia-volta e desceu com dificuldade os degraus.

— O que acha disso, Mare?

— Acho que devemos insistir.

— Por que não respondem?

— Porque estamos no meio de uma nevasca? Porque já é tarde? Porque você é advogada? Não tenho muita certeza.

— Estou tão assustadora assim?

Mary avaliou-a. Uma touca de esqui amarela, a franja loura molhada, uma parka amarelo-canário e calça própria para a neve.

— Não, está parecendo uma banana.

— Talvez eu precise de uma abordagem nova. Implorar não está resolvendo nada. Tem alguma ideia?

— Que tal "O seu bilhete da loteria foi premiado!"?

— Você não ajuda nada. — Judy voltou-se e arrastou-se em meio à neve até a casa seguinte. Mary seguiu-a, levantando os esquis e bastões escorregadios. Um esqui escapou, caindo na neve, e Mary curvou-se para apanhá-lo. Era irritante tentar manter os esquis em ordem. Eles se enganchavam como cabides de arame.

Judy subiu na varanda da casa seguinte, a 412. As duas janelas da frente tinham uma cortina marrom. Ela bateu na porta e o rosto de uma criança apareceu sob a barra da cortina. Um menino pequeno e negro, com a cabeça lisinha. Judy acenou para ele, que acenou de volta.

Mary observava da calçada, enquanto Judy tornava a acenar para o garoto e este acenava de volta mais uma vez. Era uma gracinha, mas não era nenhum progresso.

— Jude, sabe dizer "abra a porta" em linguagem gestual?

— Pode abrir a porta um minuto? — gritou Judy, batendo, mas a cortina caiu e o menino desapareceu.

Droga, pensou Mary, limpando o nariz na manga da parka emprestada. De repente, abriu-se uma fresta na porta e uma mulher surgiu, vestindo jeans e suéter de moletom, com a mão protegendo o rosto contra a neve. O garotinho abraçou o joelho da mulher e enterrou o rosto em sua coxa.

— Com licença — começou Judy —, sinto muito incomodá-la. A senhora conhecia Heb Darnton ou Eb Darning, o mendigo que foi morto aqui na primavera passada, debaixo da ponte?

— Não, não conhecia — respondeu a mulher, com irritação, por trás da mão.

— Bem, talvez possa me ajudar assim mesmo. Meu nome é Judy Carrier e estou tentando descobrir algumas coisas sobre Heb. Alguém por aqui o conhecia? Era aqui que ele morava. Nesta esquina, nesta rua.

O rosto de Mary estava nivelado ao do garoto, que sorriu para ela timidamente. Ela acenou para ele, que respondeu ao gesto, a palma da mão meio escondida atrás da perna da mãe.

— Mamãe, quero ir brincar lá fora — disse ele numa voz sonora, mas a mãe procurou seu ombro e deu-lhe uns tapinhas com a mão.

— Não conheço o homem — respondeu a mãe.

— Sabe de alguém que o conhecia? — insistiu Judy.

A mulher abanou a cabeça.

— Olhe, está frio. Preciso entrar. Estou perdendo o aquecimento com a porta aberta.

— Mamãe? — gritou o menino, mas a porta foi rapidamente fechada e trancada, e em seguida foi passado o ferrolho.

Judy suspirou e desceu os degraus com dificuldade.

— Bem, não foi uma perda total de tempo.

— Foi, sim — disse Mary. Ela apanhou os esquis na neve, onde haviam caído como no jogo de pega-varetas.

— Não, não foi. O garotinho gostou de você. Você acaba de fazer um amigo.

— As crianças me detestam e eu não preciso de um amigo. Preciso é saber quem é Eb Darning.

— Um amigo é sempre útil, Mare.

— Ah, por favor. Ajude-me com essas drogas de esquis, está bem, Califórnia?

Judy ajudou a recolher os esquis e as duas mulheres continuaram de casa em casa, em meio à tempestade, percorrendo as ruas que elas acreditavam que o mendigo frequentara, consultando a vizinhança ao redor da ponte em ruínas. Somente umas poucas pessoas atenderam à porta e nenhuma delas admitiu conhecer Heb Darnton

ou Eb Darning. As advogadas deram a volta no quarteirão e acabaram, desanimadas, no meio da rua em que haviam começado. A nevasca tinha piorado e os pés de Judy estavam frios mesmo nas botas isolantes. Seus tornozelos estavam encharcados porque só havia um par de polainas e ela o tinha emprestado a Mary.

— Eu mesma sou obrigada a admitir que isto não está dando certo — disse Judy.

— Não podemos simplesmente desistir.

— Não vamos desistir, mas talvez haja outra pista que possamos seguir.

— Não me ocorre nada, e a você?

Judy pensou um momento.

— Talvez pudéssemos ir à Greene Street, onde Darning morou. Tentar encontrar alguém que o tenha conhecido antes de ele virar mendigo. A Greene Street fica na cidade, em Fairmount, do outro lado da Free Library.

A bota de Mary se escancarou, deixando a neve entrar com o vento.

— Isso é do outro lado da cidade. Você quer que eu torne a atravessar a cidade esquiando, passando pelo seu apartamento, daqui até a Greene Street?

— Podemos parar lá em casa. Tomar um chocolate quente.

— Que espírito você está recebendo? Minha cara está prestes a se despregar. Minhas lentes de contato estão congeladas. A única parte do meu corpo que está seca são meus tornozelos e isso por causa daquelas coisas de plástico que você me deu.

— As polainas.

— Que seja. Não podemos fazer isso, Judy. Vamos virar picolé. Duplos. Daquele tipo que você tem de quebrar no meio, mas nunca consegue.

— O quê?

— Esqueça. — Mary apertou os olhos, protegendo-os contra a neve.

— No entanto, não é uma má ideia. Por que não sugeriu isso antes?

— Não tinha me ocorrido.

Mary sentiu-se esmorecer. Ela percorreu com o olhar as casas geminadas que enfrentavam a tempestade como um muro de pedras. Alguns dos vizinhos haviam conversado com ela na primavera, mas isso tinha sido naquela ocasião. Agora mostravam-se muito menos amistosos, talvez porque a cidade toda acreditasse que Steere estava prestes a se livrar daquela. Ainda assim, ela não conseguia se convencer a desistir. O papel que desempenhara ajudando um assassino a escapar pesava demais, e ela não precisava de mais nenhuma culpa.

O olhar de Mary percorreu a rua, indo até o local onde algumas crianças brincavam na poça de luz lançada pelo poste elétrico. Uma delas batia os braços para fazer um anjo de neve e duas outras lutavam na neve, figuras escuras caindo uma sobre a outra como fadas no meio da noite. Elas haviam levantado um morro, juntando a neve perto de uma das varandas, e desciam deslizando pela falsa montanha sobre um pedaço de papelão. Uma das crianças, a menor, não participava. Estava parada a um lado, voltada para elas. Voltada para Mary. Estava escuro, mas sua minúscula sombra parecia encaixar-se ao garotinho da casa.

— Judy, é o garoto! — exclamou Mary, o coração saltando. Então largou os esquis no chão com um estrondo e desceu correndo a rua, as pernas revolvendo a grossa camada de neve. Foi diminuindo o passo à medida que se aproximava do menino, então parou e acenou. Ele respondeu ao aceno. Não devia ter nem quatro anos.

— Meu nome é Mary — disse a ele. — E o seu?

Ele não respondeu. Mantinha os braços rígidos ao lado do corpo, vestindo um casaco surrado e luvas pretas. Sua touca dos Eagles

estava esticada e deformada, frouxa no alto.

— Você tem nome?

Nenhuma resposta ainda.

Mary tentou pensar no que dizer em seguida. Nunca tinha sido boa com crianças, mas seu marido, sim. Ele era professor e queria um bando de filhos. Ela tentou pensar no que Mike teria feito, mas fazia muito tempo que não ouvia sua voz na memória. Judy alcançou-a, puxando esquis e bastões.

— O que é isso que ela tem? — perguntou o menino em voz alta, apontando os esquis. Ele tinha uma voz muito forte para um menino assim tão pequeno.

— São esquis — respondeu Mary.

— Esquis? — repetiu ele, experimentando a palavra.

— Isso mesmo, esquis. Você pode brincar com eles na neve. — Mary viu o interesse brilhar nos olhos grandes e redondos e sentiu vontade de chegar até ele. Mas precisava da ajuda de alguém que tivesse mais jeito com crianças. — Judy, os esquis são divertidos, não são? Muito divertidos. São como brinquedos.

— Não, não são. — Judy franziu o cenho sob o gorro. — Isso é um equipamento sério. Não é brinquedo.

Mary teve vontade de esganá-la.

— Não seja tão técnica. — Ela tomou um esqui marrom da mão de Judy e segurou-o diante do menino. — Vê? Quer pegar?

Assustado, o garoto se afastou.

— Não precisa ter medo — afirmou Judy. Ela arrancou o esqui da mão de Mary. — Os esquis são bacanas. Veja isso. — Os olhos escuros do menino seguiram-na, enquanto ela virava o esqui, pousava-o sobre a neve e o empurrava, fazendo-o deslizar até o garotinho como um barco em miniatura numa fonte; ele sorriu. — Legal, hein? — disse Judy, olhando para trás por cima do ombro. — Por que estou fazendo isso, Mare?

— Porque acho que nosso amiguinho gosta de brincar aqui fora — replicou Mary, o olhar fixo no menino. — Aposto que ele brinca aqui na rua o tempo todo e aposto que faz muitos amigos.

Judy sorriu, compreendendo.

— Aposto que você tem razão, Mare. — Lentamente ela se pôs de cócoras, o rosto nivelando-se ao do menino, e Mary ficou atrás dela, observando a reação do garoto. Estavam ambas com a atenção tão concentrada na criança que não perceberam o Grand Cherokee branco dobrar a esquina lentamente e vir rugindo em sua direção, no meio da neve. O motorista do jipe era Penny Jones e seguia direto para as mulheres, a espingarda de caça debaixo do banco dianteiro.

23

Jen Pressman saiu correndo do gabinete do prefeito e precipitou-se pelo corredor de mármore da Prefeitura. Aquela enxaqueca ia ser colossal. Ela precisava do Imitrex. Um bando de repórteres de TV e jornal, encabeçado por Alix Locke, perseguiu-a.

— Jen! — berrou Alix em seu ouvido. — Jen Pressman! O que o prefeito vai dizer esta noite na coletiva? Vamos lá, Jen, me conte.

— Você vai saber daqui a uma hora — disse Jen, torcendo para que Alix parasse de gritar. Seus ouvidos estavam supersensíveis aos sons no corredor. Ao tropel de seus próprios saltos. Aos estalidos dos obturadores das câmeras fotográficas, ao zumbido dos dispositivos automáticos. Jen tinha vontade de tapar os ouvidos.

"Onde está o discurso do prefeito?" "Você tem uma cópia?" "Ele vai conseguir os limpadores de neve?" "O negócio foi fechado com os canadenses?" "Você pode negar ou confirmar?"

— Coletiva daqui a uma hora, na sala de conferência mais à frente no corredor — replicou Jen, abrindo caminho a cotoveladas. Ninguém imaginaria que havia pontos explodindo e saltando por trás de seus olhos.

"Que história é essa do assassinato de seguranças?" "Algum suspeito? "Alguma pista sobre Richter e as outras?" "O que a polícia tem a dizer?"

Jen não se deu ao trabalho de responder. Tinha perdido a capacidade de distinguir de quem eram as perguntas. Era tudo uma cacofonia só. Já sentia náuseas, mas não podia deixar transparecer. Repeliu a todos com um gesto, passando pelo meio do corredor polonês até finalmente alcançar a porta de mogno do outro lado. CHEFE DE GABINETE, dizia a placa. Jen puxou a porta pesada, abrindo-a bruscamente, e uma luz incandescente feriu seus olhos. Queimou

através dos obturadores de suas pupilas. Cortou como um laser, indo direto ao cérebro.

— Ah! — gritou ela, erguendo a mão para proteger os olhos.

— Desliguem essa luz! — gritou sua secretária. — Eu já disse a vocês! Nada de câmeras de TV aqui. Desliguem isso!

— Desliguem essa porra! — berrou Jen. A luz da câmera estalou, escurecendo, mas ela cambaleava, vendo luzes explodirem por toda parte. Ela investiu contra a turba de repórteres a fim de atravessar a recepção e chegar a seu escritório propriamente dito.

— Vamos comprar os limpadores novos, Jen? — gritou Alix Locke, entre outros.

"É verdade que pagamos uma fortuna por eles?" "Quando é que vão chegar às ruas no nordeste da cidade?" "Por que é que não limpam as transversais da Vare Avenue, Jen?"

Jen disparou na frente, deixando os repórteres para trás. Ela ouviu a secretária gritando para que fossem embora, mas não conseguia mais suportar os gritos. Nem mais um minuto daquilo ou seria ela a gritar, e o seu segredo seria descoberto.

Jen lançou-se pelo pequeno corredor rumo a sua sala, entrou ali correndo, e então fechou e trancou a porta. A sala ampla estava irreconhecível. A mobília se dissolvera em vultos disformes. Ela não conseguia focalizar seus diplomas. O pôster da campanha da Prefeitura para a doação de sangue era um borrão carmesim e numa bandeirola para a campanha de doação de órgãos lia-se DOE UM ÓRGÃO, SALVE UMA VIDA DOE UM ÓRGÃO SALVE UMA VIDA.

Jen correu para a mesa atravancada junto à janela que dava para o norte, de frente para o pomposo templo maçônico; em geral, adorava aquela vista. Esta noite, ela não podia vê-la. Abriu bruscamente a gaveta do lado direito e procurou, tateando, sua bolsa. Não estava ali, onde sempre a deixava. Ah, não! A injeção estava na bolsa. Onde a teria deixado? Jen vasculhou em meio a lápis, canetas e clipes de papel, em busca da bolsa marrom. Não

estava. Ela a havia colocado ali? Onde estava na última vez em que a vira?

Jen revirou suas contas particulares. Nada, além de papel. Ela os atirou para o ar, desvairada. Tinha deixado ali, não tinha? Teria trancado a gaveta? Já haviam acontecido roubos até mesmo em seu escritório. Jen tentava pensar em meio à dor que apertava como uma garra por trás de seus olhos. É claro que ela não tinha trancado a gaveta. Estava destrancada ao chegar ali.

A náusea fervilhava em seu estômago. Ela quase deu vazão às lágrimas. A neve e tudo mais, e ainda os assassinatos. Tinha esquecido de trancar a gaveta. Agora não tinha o Imitrex. Merda! O que ia fazer? Tinha apenas alguns poucos minutos antes de sucumbir por completo. Jen puxou a segunda gaveta e revistou-a, à procura da bolsa; em seguida fez o mesmo com a terceira. Memorandos e outros papéis voavam para todos O os lados, flutuando em direção ao carpete. *Por favor, não desapareça. Por favor, esteja aqui*. Mas não estava.

Jen debruçou-se na mesa, em busca de apoio. Pense. Isso! Tinha uma injeção de reserva no banheiro feminino. Ela correu para a porta da sala e a abriu, tentando não chorar. Tentando não gritar, não vomitar.

Dobrou a esquina do corredor a toda velocidade e disparou para o banheiro. Abriu a porta com violência, batendo-a depois de passar, e puxou bruscamente a portinha espelhada do armário de remédios. Já estava quase sem visão; precisava encontrar a injeção pelo tato. O remédio estava escondido num cilindro vazio de Tampax, com uma etiqueta: DE JEN. QUEM MEXER MORRE. Todo o seu mundo estava se dissolvendo. Desmaterializando-se. Fragmentando-se num caleidoscópio pontiagudo de luz e dor.

Jen remexeu com mãos trêmulas as prateleiras de vidro fino, derrubando tudo que havia ali. Ouviu o trovão de uma escova de dentes chocando-se contra a pia. O estrondo de um copo plástico

colidindo com o chão e rolando pelo piso de porcelana. Onde estava a maldita seringa? Aqui está! Jen agarrou o Tampax com a seringa e deixou-se cair sobre o assento do vaso sanitário. Arrancou a tampa com os dentes, cuspiu-a e enfiou a agulha através da meia-calça no músculo da coxa. Em três minutos voltaria a ser humana. Fechou os olhos e as lágrimas escaparam de sob suas pálpebras. O alívio estava a caminho, exceto pela algazarra que começava diante da porta do banheiro, que alguém então se pôs a socar.

— Jen, é Alix! Alix Locke. Preciso de uma cópia daquele discurso!

24

Marta estava no quarto de hotel de um dos jurados, prestes a se envolver numa conduta que podia vir a consistir em corrupção do júri e obstrução da justiça, assim como também na violação de vários regulamentos éticos e disciplinares básicos. Ela não queria pensar no que aconteceria se fosse descoberta. Humilhação, cassação da licença e do seu meio de subsistência. Por mais que precisasse estar ali, Marta sentia-se ligeiramente perplexa pela sua atitude. Às vezes ela assustava a si mesma.

Christopher estava ainda mais perplexo do que Marta. Ele não conseguia dizer nada, e ela também nada dizia; então, durante um minuto, limitaram-se a se entreolhar. Aquilo não era real. Ali estava Marta Richter, tudo que ele sempre tinha desejado numa mulher, vestida igual à mulher com quem ele se casara, Lainie. Christopher não podia negar seus sentimentos. Ele desejava Marta, e ali estava ela. Ela viera até ele, vestida como sua mulher, numa visita conjugal. Ele não sabia se aquilo era sorte ou a Divina Providência.

— Importa-se se eu sentar? — perguntou Marta, recuperando a voz.

— Claro. Não. É claro. Fique à vontade — disse Christopher. Fez um gesto desajeitado indicando a cama, mas então se deteve. O que havia de errado com ele? Só porque sonhava em ter um caso com ela não significava que isso fosse acontecer. Deveria ser um cavalheiro. Ele empurrou o carrinho com os restos de comida para um lado, tirando-o do caminho, e deu um tapinha na cadeira. — Hã, aqui. Aqui, nesta cadeira, quero dizer. Seria melhor.

— Obrigada. — Marta tirou a touca e sentou-se na ponta da cadeira. Ela precisava ir direto ao assunto e rápido. Talvez fosse a barba que escondesse a maior parte de suas feições, mas Christopher

estava tão impassível que Marta não tinha muita certeza de que ele soubesse que ela não era Lainie. — Sabe quem eu sou, Christopher?

— Marta.

— Certo. — Ele a tinha chamado pelo primeiro nome, e Marta não ficou totalmente surpresa. — Aposto que você está achando isso tudo um pouco estranho. Para não dizer ilegal.

Christopher riu, e aquilo soou como um arquejo. De quê? Medo? Esperança? Amor? O som de sua própria risada era algo que não ouvia com muita frequência e lhe pareceu estranho. Fez com que percebesse que o barulho no quarto ao lado havia finalmente cessado. Eles tinham até desligado a TV.

— Bem, é — disse ele, a voz baixa, por precaução. — Eu estava, bem, me perguntando o porquê.

— Foi uma surpresa, eu sei.

— Há? Certamente. Bem, é isso. Você está muito bem — disse num impulso e, assim que as palavras saíram de seus lábios, ele se retraiu. Era um homem adulto, trabalhando por conta própria, e estava agindo como um adolescente. E tudo porque Marta era tão bonita e, vestida em roupas esportivas, parecia mais amistosa. Mais suave. Christopher podia até mesmo imaginá-los juntos. Casados. Talvez porque ela estivesse usando roupas como as de sua mulher.
— Isto é, você se parece muito com Lainie. Fez um ótimo trabalho. Como sabia qual era a aparência de Lainie?

— Tenho uma foto dela no arquivo. Uma foto de jornal. De vocês dois, no anúncio de noivado.

— Como foi que a conseguiu? — perguntou Christopher, surpreso. Saiu só no jornal local.

— Um dos consultores para o júri a conseguiu no computador. Se uma coisa é publicada, vai estar no computador. Seja o jornal local ou não.

Christopher não tinha muita certeza se gostava que o espiassem daquela forma, mas não podia ficar zangado com Marta. Ela estava

tão bonita, diferente. Seu cabelo estava mudado. Os fios louros e arrumadinhos haviam desaparecido, substituídos por outros castanhos, mais soltos. Lainie costumava chamar o próprio cabelo de "grenha", mas Marta não parecia desgrenhada.

— O que fez com seus cabelos? Cortou? Tingiu?

— Não exatamente. Não tinha muito tempo. — Marta levou a mão à cabeça e arrancou a peruca. O choque causado pelo gesto provocou outra risada de surpresa em Christopher.

— Ah, nossa! — exclamou ele, sentando-se na cômoda diante da cama. — Ah, minha nossa!

— Comprei tudo na Woolworth. — Marta coçou o couro cabeludo, aliviada em tirar a peruca que o irritava, ainda que houvesse mantido sua cabeça aquecida. — Lembrei-me da roupa de sua mulher na fotografia e de como ela usava o cabelo.

Meu Deus. A semelhança era extraordinária. Christopher tinha tantas perguntas a fazer. Por que Marta estava aqui? Seria porque sentia alguma coisa por ele, como ele sentia por ela?

— Hã, como foi que passou pelos guardas lá embaixo?

— Disse a eles que era Elaine, Lainie. Lembrei que éramos parecidas. Os agentes judiciários não me reconheceram. Na verdade, um deles me disse que tinha visto a minha foto. Isto é, a foto de Lainie.

Christopher confirmou com a cabeça. Uma vez mostrara aos guardas a foto do seu casamento, mas não lhes disse que Lainie havia fugido. Nem mesmo o sr. Fogel sabia por que Lainie não vinha às visitas, pois Christopher não gostava de tocar no assunto. Um dia ele tiraria a droga da fotografia de sua carteira e a jogaria fora.

— Você está se perguntando por que estou aqui — disse Marta, sentindo-se de repente desconfortável com o olhar fixo dele. Christopher a olhava de seu lugar em cima da cômoda, as pernas musculosas ligeiramente abertas. A linguagem corporal de Christopher era tão sutil quanto um trem expresso, embora sua

expressão facial ainda fosse indecifrável. — Estou com um problema — começou ela, e então lhe contou toda a história.

Christopher ouviu com atenção, apoiado na borda da cômoda. Seu rosto não traía qualquer emoção, nem mesmo quando ela falou do assassinato dos seguranças; por dentro, porém, ele estava horrorizado. Nunca tinha ouvido nada parecido e, quanto mais Marta falava, mais preocupado ele ficava. Ela estava em perigo.

— Como posso ajudar? — perguntou Christopher, quando ela terminou o relato.

— Convencendo o júri a condená-lo. Vou continuar tentando descobrir por que Steere matou Darnton, mas preciso que você faça um trabalho interno. O júri precisa considerar Steere culpado de assassinato. Culpado? — indagou Christopher, atônito. — Os jurados estão prestes a considerá-lo inocente. Vão absolvê-lo.

— Não podem.

— Já votamos duas vezes. São nove a dois, com uma abstenção. Achamos que se tratou de legítima defesa, exatamente como você disse. Está tudo correndo como você queria.

— Não é mais assim. — Marta nunca tinha se sentido tão infeliz por ter tido uma atuação arrasadora. — Quem está votando pela condenação? Kenny Manning e um dos outros negros, certo?

— Nem todos os negros estão votando pela condenação. Kenny Manning está, eu acho, mas não Gussella Williams. — Christopher ouviu-se falando num tom de censura, mas concluiu que estava autorizado. As deliberações do júri haviam-no feito pensar muito sobre a questão racial. A cor da pele não fazia diferença para Gussella, mas fazia para Kenny. Assim como fazia para Ralph Merry. Às vezes, Christopher não entendia as pessoas. Os cavalos não se agrupavam segundo a cor, e supunha-se que as pessoas fossem mais inteligentes do que os cavalos.

— OK, está bem. Que seja — retrucou Marta. Ela havia escolhido um corpo de jurados quase totalmente branco, imaginando que

favoreceriam um empresário branco diante de um mendigo negro, e estava certa. A questão da raça não era tudo, mas Marta precisava ser realista. Agora estava trabalhando contra si mesma. Contra o tempo. — E quanto à sra. Wahlbaum, a professora? Ela é pela absolvição, não é? Vai continuar firme nessa ideia?

Christopher concordou com um gesto de cabeça. Uma vez a sra. Wahlbaum tendo tomado uma decisão, não acreditava que alguma coisa pudesse fazê-la mudar de ideia, nem mesmo o sr. Wahlbaum.

— E a garota, a programadora visual? Megan Gerrity? Acha que ela vai se manter firme?

— Não sei. É provável.

— Ela vai absolver. — Marta sacudiu a cabeça. Malditos liberais. Em qualquer outra ocasião ela teria beijado os pés deles, mas nesse momento podiam lhe custar a vida. — Você precisa ganhar tempo. Diga-lhes que você vota culpado e defenda a sua posição.

— Não posso fazer isso. — Christopher cruzou os braços com a camisa de flanela. — Hoje votei inocente. Eu quase os convenci. Eles querem ir para casa. Estão todos cansados de morar num hotel.

— Diga que mudou de ideia — insistiu Marta. — Que pensou bem. Que vem se perguntando por que Steere não testemunhou e contou o seu lado da história.

— O juiz Rudolph disse que isso não deveria ter importância.

Diga que tem importância para você, que não pode fazer nada contra isso. Os júris sempre ficam intrigados quando o réu não sobe ao banco das testemunhas. Se Steere estava se defendendo ao atirar no homem, por que ele simplesmente não foi lá na frente e explicou o que aconteceu? Elliot Steere não é um homem tímido, é um assassino. Anuncie o seu voto e mantenha-se firme à sua opinião.

— Isso não constituiria um impasse no júri?

— Você precisa convencer todos eles. Não quero que o júri chegue a um impasse. Não quero que o julgamento seja anulado. Em qualquer uma dessas hipóteses, Steere estará livre e eu, morta. Tem

de ser uma condenação, nada menos do que isso. Procure ganhar tempo. Preciso de todo o tempo que você puder me dar.

Christopher tentou pensar no que diria amanhã. Visualizou os outros jurados sentados ao redor da mesa, olhando para ele como se fosse louco, quando lhes dissesse que havia mudado de ideia. Tinha sido tão determinado hoje. Christopher gostava de pensar que era um homem de palavra, mas Marta estava em apuros de verdade. Dois homens já haviam sido assassinados.

Marta esfregou a fronte com ansiedade e esta latejou em resposta.

— Quem é o representante do júri? Ralph Merry?

— Não, sou eu.

— Que maravilha! — Marta animou-se. Que sorte! Talvez seu plano funcionasse. Talvez Christopher pudesse mesmo ajudá-la. — Então você pode convencê-los. Os jurados admiram seu representante. Procuram um líder. Foi por isso que o escolheram.

— Não.

— É modéstia sua.

— Não, com sinceridade — disse ele, mas Christopher preferia morrer a ter que explicar o que tinha acontecido. Já era difícil demais ficar conversando com Marta aqui em seu quarto, bem na frente dele. Em seu próprio quarto. Christopher tinha a impressão de que ela sabia com que frequência ele pensava nela. Tantas noites ele a imaginara aqui, e agora ali estava ela. Ele precisava saber. — Por que veio me procurar, Marta?

— Precisava chegar ao júri.

— Mas por que eu? Por que me escolheu? Você não sabia que eu era o representante. Você ficou surpresa.

— Eu o procurei porque era você quem tinha mais chances de ajudar.

— Por que achou isso?

Marta fez uma pausa e então deixou as palavras saírem.

— Por que acho que se sente atraído por mim.

O quarto do hotel de repente pareceu imobilizar-se para Christopher. O silêncio ecoava. Ele não sabia o que dizer. Poderia guardar para si seus sentimentos, mas abrira mão de tantos sentimentos em sua vida, sem agarrar nenhum deles. Dessa vez, pareceu-lhe, não devia deixar passar. Esse sentimento tinha a força de um cavalo desembestado. Era hora de tomar as rédeas nas mãos. Agarrá-las e segurar com firmeza. Dominá-las.

— Você sente alguma coisa por mim, Marta? — perguntou Christopher, e pareceu-lhe que o coração estava preso na sua garganta. — Diga-me sim ou não. Pois eu sinto por você.

Esta não era uma conversa que Marta quisesse ter neste momento. Todos os seus instintos diziam-lhe que o enganasse, que mentisse para ele, que até mesmo fosse para a cama com ele, se isso a ajudasse a conseguir o que queria. Marta não podia se imaginar dizendo a verdade com tanta coisa em jogo. Então ela olhou para o rosto austero e franco de Christopher e não pôde se imaginar não dizendo. Ele era um homem decente e gentil, e ela estava lhe pedindo para fazer algo que podia mandá-lo para a cadeia. Ele merecia uma resposta honesta.

— Não, absolutamente nada — respondeu ela. — Eu nem mesmo o conheço.

— Entendo — apressou-se Christopher em dizer.

Marta engoliu em seco, percebendo sua mágoa. Engraçado como aquilo de certa forma a magoava também. Por causa dele. Mas ela precisava seguir em frente.

— Você vai me ajudar assim mesmo?

25

O Grand Cherokee branco parou no meio da rua e estacionou com o motor ainda funcionando. A pintura esmaltada branca camuflava-se em meio à neve que caía, toldando o contorno anguloso do veículo na tempestade. Os gases que saíam do cano de descarga serpenteavam numa nuvem fantasmagórica e dissipavam-se numa lufada de vento. Os limpadores do para-brisa agitavam-se lentamente na neve.

No final do quarteirão, Judy se encontrava ajoelhada, empurrando a extremidade plana do esqui próprio para o *cross-country*, a fim de fazê-lo deslizar para a frente e para trás. A neve chegava à bainha do casaco do garotinho.

— Agora é a sua vez — disse ela — Empurre de volta para mim. Sem dizer palavra, o menino curvou-se e empurrou o esqui de volta para Judy. Ela então o mandou outra vez para ele, que repetiu o jogo com um sorriso que ia se ampliando.

— Você conhecia meu amigo Heb? — perguntou Judy, deslizando o esqui na direção dele.

O garoto assentiu e manteve os olhos grudados no esqui marrom. Mary sentiu seu batimento cardíaco se acelerar, mas continuou atrás de Judy e conservou a boca fechada. O esqui chegou até o menino, que o segurou em sua luva preta e surrada.

— Heb se machucou, não foi? — indagou Judy.

— Ele levou um tiro. — Os olhos do menino moviam-se com o esqui. Para a frente e para trás. — Ele morreu.

— Você viu quando ele levou o tiro?

— Não. Eu não vi, escutei. *Pou, pou, pou, POU*! — gritou o garoto, reunindo toda a força de seu pequeno corpo. Então deu um impulso vigoroso no esqui.

Judy parou o esqui como se agarrasse uma bola, ergueu os olhos para o menino e em seguida para sua casa, que ficava de frente para a ponte, em diagonal ao ponto onde Darning fora morto. Ela calculou a distância da casa até a ponte. Cerca de cinquenta metros, O menino poderia ter visto alguma coisa.

— Tem certeza de que não viu quando ele levou o tiro, hein?

— Eu tava dormindo. O *POU* me acordou. Ouvi lá dentro, pela janela.

Judy deduziu pelo grito que ele tinha sentido profundamente o acontecido.

— Heb era seu amigo também?

— Era. — O menino fez que sim com a cabeça. — Ele me dava dinheiro de voto.

— Ele dava dinheiro a você?

— Ele era rico.

Mary piscou.

— O quê?

— Era mesmo? — indagou Judy, empurrando o esqui pela neve.

— Dennell! — chamou um dos meninos mais velhos, que se encontrava de pé no meio da rua. Haviam parado de brincar e estavam indo para casa, abandonando o trenó de papelão e os anjos de neve. — Dennell!

De súbito, o menino fez meia-volta e saiu correndo, levantando um minúsculo rastro de neve em seu caminho.

— Espere! — gritou Judy às suas costas, mas o garotinho não olhou para trás. As advogadas ficaram observando-o correr para o garoto mais velho e subir a varanda de sua casa. A porta da frente fechou-se ruidosamente, ecoando na rua, que mergulhou num silêncio súbito. O vento ganhara força e lançava os flocos de um lado para o outro. Mais abaixo estava o Grand Cherokee, estacionado com o motor ainda ligado. Perdidos no alvo pano de fundo, os limpadores de para-brisa moviam-se para a frente e para trás.

Judy aprumou-se e limpou a neve compactada em seus joelhos.

— Ouviu isso? Como um mendigo pode ser rico? Esmolando?

— Não nessa vizinhança, e este era o único lugar em que ele vivia. Dormia debaixo da ponte.

— A pensão do governo mal daria para sustentá-lo, muito menos para permitir que sobrasse algum dinheiro para ele dar a um garoto. Talvez Darning tenha poupado dinheiro quando trabalhava no banco.

— Poupado, desde os anos sessenta? — indagou Mary. — Do salário de caixa de banco? Por que você sempre procura o melhor nas pessoas? Que tipo de advogada é você?

Judy sorriu e sacudiu a neve das travas dos esquis e dos bastões.

— OK, talvez ele tenha roubado do banco quando trabalhava lá. Desfalque, sonegação de contas. Propina para transferir o dinheiro de uma conta para outra.

— Agora, sim, estamos nos entendendo. Mas o que isso teria a ver com Elliot Steere?

— Talvez Darning tenha roubado dinheiro da conta de Steere há muito tempo e quando Steere descobriu, matou-o. — Judy inclinou-se e arrumou os esquis na neve aos pares, mas Mary não pareceu entender a indireta.

Mais abaixo, na mesma rua, o Grand Cherokee branco esperava, despercebido. Silencioso.

— E por que Steere não daria queixa à polícia? — indagou Mary.

— Talvez quisesse resolver as coisas à sua maneira. Talvez tenha ido conversar com Darning a respeito e as coisas tenham fugido ao seu controle.

— Não. Isso não faz sentido. O garoto disse que Darning era rico.

— Você não pode se basear no conceito de riqueza de um garotinho, Mare. Cinco dólares é muito dinheiro para um garoto pequeno como ele. — Judy pressionou a bota na trava do esqui,

apoiando-se no ombro de Mary para se equilibrar. — Vamos lá, amiga. Hora de ir embora.

— O garoto falou em dinheiro de voto. Já ouviu falar disso?

— Disso o quê? Ele não estava se referindo a coisa nenhuma. O menino deve estar misturando palavras que ouviu. Entendeu? — Judy calçou o outro esqui com um estalido e enfiou as mãos nas alças dos bastões. — Vamos, ande. Ponha os esquis.

— Eu acho que o menino estava, sim, repetindo alguma coisa que ouviu. Alguma coisa que Darning falou. Queria dizer mesmo dinheiro de voto.

— É? E o que queria dizer com isso?

Mary sorriu.

— Você é mesmo tão… californiana. É o dinheiro que se paga na compra de votos. Você dá dinheiro a alguém para que essa pessoa possa comprar votos em seu distrito.

— Fascinante.

— Bem-vinda a Filadélfia!

— Muito agradecida. — O vento soprava com força e os tornozelos de Judy estavam molhados e gelados. — Ponha os esquis, Mare. Vamos discutir isso em meu apartamento.

Mary tentou encontrar a trava do esqui com a bota, mas não conseguia evitar que ele escorregasse.

— Sabe, muitos artigos que consegui em minha busca no computador falavam de Steere e do prefeito Walker. Do quanto se odeiam.

— É? E daí? — Judy ajoelhou-se e firmou o esqui de Mary até que sua bota finalmente se encaixou nele com um estalido.

— Daí que talvez seja uma coisa política. As eleições estão se aproximando. Talvez tenha sido ou vá ser pago algum dinheiro de voto. Talvez haja algum aspecto político nisso.

— O outro esqui — falou Judy, estreitando os olhos para protegê-los contra o jato de partículas de gelo que batia em seu rosto, vindo

do chão.

— Vamos, Mare! — Com os olhos semicerrados, Judy não poderia ver o vidro fumê da janela do Grand Cherokee baixar até a metade, mesmo que estivesse olhando naquela direção.

— Está ouvindo, Jude? Pode ser algo político.

— Ponha a porra da bota na porra do esqui.

— Nossa mãe! Estamos irritadinhas, não é? Estou tentando solucionar um caso de assassinato aqui. Não é nada fácil. — Mary embicou a outra bota para baixo, finalmente encontrando a trava com a ponta do pé e fixando a bota.

— Aleluia! — Judy se pôs de pé, manobrando para dar meia-volta, e esquiou alguns metros adiante pela calçada, a fim de tomar a dianteira.

— Siga-me! — gritou ela.

— Talvez Darning recebesse o dinheiro de algum lugar — gritou Mary as suas costas, cambaleando em meio à neve. Fazia um frio terrível. O ar estava gelado demais para respirar. — Alguém lhe deu dinheiro de voto.

Do outro lado da rua, a janela do Grand Cherokee desceu ainda mais. O vidro fumê estava salpicado pela neve em pó. Estava muito escuro para que se pudesse ver o motorista. O motor estava ligado e os gases eram lançados ao ar pelo cano de descarga. Os limpadores de para-brisa agitavam-se com mais velocidade.

— Vamos para o meio da rua, onde é mais fácil — berrou Judy para Mary, procurando uma passagem entre os carros estacionados junto ao meio-fio. Cobertos pela neve, os carros mais pareciam uma barra de chocolate branco com pedaços de amêndoas. Judy avistou um espaço e esquiou para lá, saindo na rua. — Anda, Mare! Tente me acompanhar.

— Exibida — resmungou Mary.

Judy dirigiu-se ao meio da rua, afastando-se dos sulcos deixados pelos carros que passavam. A neve chegava aos joelhos em alguns

pontos. Fazia horas desde a última vez em que Judy ouvira um boletim meteorológico.

Mary alcançou a rua com dificuldade. Ela ouviu um forte ruído hidráulico e viu um trator de limpeza de ruas à distância, com uma luz de advertência amarela piscando na cabine. Talvez estivessem limpando as ruas no caminho do apartamento de Judy. Isso ajudaria. Mary não podia acreditar que alguém praticasse esqui *cross-country* por prazer. Era um esforço brutal, interminável. Se quisesse isso, podia muito bem ir para o escritório.

— Mare! — gritou-lhe Judy. — Você está bem?

Mary tentou responder, mas suas palavras foram engolidas pelo vento frio e pelo barulho do limpador de neve. Ela lutava contra a tempestade, tentando acompanhar a amiga. Era uma causa perdida. Os flocos de neve entravam em seus olhos. Suas mãos estavam molhadas dentro das luvas. A nevasca não parecia querer abrandar. A distância entre Mary e Judy, a princípio de alguns metros, logo já era de meio quarteirão.

Atrás de Mary, o vidro fumê do Cherokee branco desceu por completo. De dentro do carro surgiu uma mão numa luva de couro, que espanou a neve da borda da janela. Um segundo mais tarde, o cano de uma espingarda de caça aparecia e apontava para um ponto mais abaixo na rua.

26

É uma excelente caminhonete, Christopher tinha dito a Marta. *Não julgue pela aparência. Os pneus estão novinhos. Bridgestones*.

Marta identificou a caminhonete de Christopher imediatamente porque aquela era a lata velha mais repugnante na garagem do hotel: uma picape de um azul desbotado, com uma cobertura branca esburacada sobre a carroceria. O para-lama traseiro e o corpo do veículo estavam desfigurados por amassados, a porta enferrujada com bordas cancerosas. Encolhia-se como um lazarento num canto afastado da garagem subterrânea. O único ponto brilhante no pequeno caminhão era o adesivo cor de cereja colado no para-choque: FERRADORES CALÇAM MELHOR.

O adesivo foi ideia de Lainie, tinha advertido Christopher, embora Marta pudesse ter adivinhado.

Ela se demorou na entrada da garagem e olhou nervosamente à sua volta, procurando Bogosian. Será que o tinha perdido definitivamente? Não acreditava que ele a houvesse acompanhado até o hotel, pois tomara o cuidado de verificar a todo instante se não estava sendo seguida. Ainda assim, não podia ter certeza. Talvez estivesse à sua espera, como na casa de Steere. Ele sabia que havia uma visita conjugal programada, talvez houvesse adivinhado que ela tentaria contatar o júri. Ou talvez Steere tivesse calculado isso. Ainda assim, precisava ir.

Marta correu para o caminhão, enfiou a chave na fechadura e entrou rapidamente quando a porta se abriu com um rangido. Jogou a bolsa no enxovalhado banco do carona. O caminhão estava frio e tinha um estranho cheiro de cabelo chamuscado. O assento estava entulhado com copos de café vazios, papéis de embalagens de roscas da Dunkin Donuts e sacolas de celofane de cenouras murchas. Uma

lanterna rolou no chão e Marta viu uma bola grande de borracha verde espremida no canto do banco. HORSEBALL, lia-se nela. Hein?

Marta introduziu a chave na ignição, pisou no acelerador e girou a chave. O motor emitiu um levíssimo estalido, mas não virou. Christopher a havia avisado de que isso aconteceria.

Tenha paciência, dissera ele, *faz dois meses que o carro está parado. E cuidado para não afogar o motor*.

Marta consultou o relógio. 22h15. Precisava ir. Ela tornou a girar a chave na ignição, mas sem sorte.

Dê-lhe um minuto ou dois. Converse com ela. Ela gosta quando a gente conversa com ela.

Que se foda. Conversar com uma caminhonete?! Christopher tinha tempo demais disponível. Marta obrigou-se a esperar e tornou a esquadrinhar a garagem com o olhar, à procura de Bogosian. A merda do para-brisa estava sujo demais, impedindo a visão, e ela o limpou com a mão gelada. Havia alguns carros estacionados nesse nível. Bogosian poderia estar atrás de qualquer um deles, esperando para agarrá-la. Ela lembrou-se da força das garras dele em sua garganta, expulsando o ar de seus pulmões. Em pânico, Marta virou a chave mais uma vez. O motor não respondeu.

Fique calma. Dê tempo a ela.

Marta, porém, não tinha tempo. Precisava pôr aquela caminhonete em movimento. Precisava ir embora dali. Olhou ao redor. Bogosian poderia estar em qualquer lugar. Marta forçou-se a esperar e tentou imaginar o que tinha acontecido desde que ele matara os seguranças. Os tiras deveriam estar enxameando a Rosato & Associadas. Eles veriam a assinatura de Marta no livro de registros. Deveriam estar à sua procura. E a imprensa os seguiria.

Ela só precisa aquecer. Espere e então tente outra vez.

Marta testou a ignição mais uma vez, mas o motor só tossiu. Porra! Ela precisava pôr o pé na estrada. Não havia outra maneira. Se isso a levasse a algum lugar, teria se apresentado e contado tudo

que sabia sobre o assassinato dos seguranças, mas não podia provar que Bogosian estava ligado a Steere. Não podia nem mesmo provar que Bogosian existia. Rudolph "Foguete" estava conduzindo o caso Steere por meio de engrenagens bem lubrificadas; Marta duvidava de que mesmo um assassinato no escritório fosse detê-lo. De qualquer forma, Steere nunca iria permitir um adiamento e Marta não podia correr o risco.

Continue tentando. Não desista.

Palavras para se ter como lema de vida. Ela girou a chave e o motor finalmente virou, reumático, mas com vida. Marta engatou impetuosamente a ré e afogou o motor, enquanto saía da vaga. Duas vezes. Por fim, conseguiu que o carro se pusesse em movimento e saiu da garagem, pagando o estacionamento com dinheiro vivo.

A caminhonete embicou o nariz em meio à nevasca, que ameaçava soterrar os velhos limpadores de para-brisa. Ela estava tomando a direção norte, a caminho da casa de Steere em Nova Jersey, seguindo sua intuição de que a casa de praia era especial para Steere e de que encontraria alguma pista ali. Alguma prova. Algo que o incriminaria. Marta estava indo para a ilha de Long Beach, onde quer que esta ficasse. Mas precisava de um mapa.

Ela abriu um porta-luvas bagunçado e revirou-o, à procura de mapas. Estes caíram no assento ao lado dela e Marta remexeu entre eles, enquanto enfrentava a tempestade. Havia mapas amarrotados de Maryland e da Pensilvânia. Dos condados de Bucks, Chester e Delaware. E, finalmente, de Nova Jersey.

Marta quase colidiu com um poste telefônico, tentando abrir o mapa de Nova Jersey e esticá-lo. Estava escuro demais para ler. Com uma das mãos no volante, ela tateou o chão em busca da lanterna e a acendeu sobre o mapa. Era impossível ler no trêmulo feixe de luz, mas Marta conseguiu ter uma ideia geral — cruzaria o rio e os bosques. Uma viagem de pelo menos três horas em meio à neve. Não tinha tempo a perder.

Tornou a verificar o espelho retrovisor. Não havia desembaçador na janela traseira, e o plástico arranhado mostrava-se completamente escuro. Nenhum farol brilhava lá atrás e Marta sentiu-se razoavelmente segura de que não estava sendo seguida. As estradas haviam sido limpas pelos tratores, mas apenas o suficiente para possibilitar a passagem com dificuldade. Pelo menos o tanque de gasolina estava cheio. Marta acelerou e a caminhonete engasgou três vezes, depois respondeu.

A temperatura estava tão gélida quanto a do Maine no inverno e Marta estremeceu na caminhonete gelada. Pressionou o botão do aquecimento e uma fumaça azulada soprou das saídas de ar. Marta abanou a cabeça com aquela visão; tivera um Corvair Monza que costumava fazer o mesmo. As coisas sempre se repetiam, caso se vivesse o bastante para isso, e Marta queria viver bastante. Ela desligou a fumaça e fechou o zíper do casaco. Havia comprado a roupa na Woolworth: um gorro, ceroulas, uma imitação de casaco acolchoado com penas em xadrez marrom e calças próprias para a neve combinando. Ela estava aquecida, embora parecesse uma peça de mobília.

Marta encontrou o rádio e o ligou. Nada. Girou o seletor de estações. Silêncio. Então o rádio também não funcionava. Merda. Marta queria saber o que estava acontecendo com a polícia. Ela tornou a verificar o retrovisor. Ninguém a estava seguindo. Ainda assim, sentia-se vulnerável. Precisava de proteção.

Olhe na caixa de ferramentas, havia sugerido Christopher. *Ali tem peças que você pode usar como armas*.

Marta olhou para trás. Onde estava a caixa de ferramentas? Aquilo ali atrás era um verdadeiro chiqueiro; cabides de ferraduras, escanchados numa bancada de trabalho, retiniam uns contra os outros à medida que o veículo abria caminho em meio à neve. Via-se uma pequena forja escondida no fundo com reservatórios de propano ao lado. Um avental de couro encontrava-se embolado

sobre a bigorna empretecida. Então Marta as viu. Na frente da bigorna havia duas caixas de ferramentas, e a maior estava cheia de velhas talhadeiras, martelos e limas.

Olhe na caixa grande. Pegue o ponteiro de encraveirar.

E o que é um ponteiro de encraveirar?

Parece uma pua, com uns vinte e cinco centímetros de comprimento. Pode usá-lo como faca, para se proteger.

Marta sorriu para si mesma. Dois meses atrás, não sabia nem o que era um ferrador. Agora estava corrompendo um deles. Ela esticou o braço para trás do banco e puxou a caixa para mais perto, então vasculhou as ferramentas e encontrou um martelo pequeno com uma extremidade pontuda.

Se tiver a cabeça pontuda, é um escareador. Não o pegue. É leve demais.

OK, muito bem. Nada de escareadores. Aquilo não era algo que se aprendesse na faculdade de direito. Marta enfiou a mão no fundo da caixa de ferramentas. Estas retiniram, batendo umas contra as outras, e sua mão ergueu-se com uma faca que tinha uma lâmina comprida e estranhamente curva, como uma miniatura de foice.

O aparador de cascos parece aquela coisa que a Morte carrega. Esqueça-o. Vai acabar furando a si mesma. Apanhe o malho de forja também. Ele pode ser útil.

Marta jogou para trás o aparador de cascos. *Nunca leve um aparador de cascos quando puder levar um malho de forja*. Ela tornou a enfiar a mão na caixa de ferramentas. Havia vários martelos ali, mas um deles era maior e mais pesado, com extremidades arredondadas e um cabo de madeira arqueado. O malho de forja! Um já fora encontrado, agora faltava o outro. Marta pôs o malho no colo, mas não conseguiu achar o ponteiro de encraveirar e desistiu antes que acabasse perdendo a direção da caminhonete.

O trânsito ficava escasso à medida que Marta saía da cidade e chegava a uma ponte azul que atravessava o rio Delaware. A ponte estava sendo desobstruída e Marta seguiu o trator da Autoridade

Portuária como se fosse a coisa mais natural do mundo ela estar ali. Marta não precisava que um rádio lhe dissesse que era ilegal um civil dirigir naquelas condições de tempo, mas uma vez que havia cometido o crime de corromper um jurado, o resto era de menos. Ela cruzou ruidosamente a ponte a uma distância segura atrás do trator e passou pelo pedágio, entrando em Nova Jersey.

Marta passou por uma placa indicando Cherry Hill e por uma série de espeluncas ao longo da estrada; em seguida, por um estabelecimento sórdido chamado Casa do Almirante, embora ela pudesse apostar que o lugar nunca tinha sido frequentado por um almirante, e depois pelo Rancho da Bebida. Eia! A caminhonete ia chocalhando pela estrada, dando a Marta tempo de pensar no próximo passo. Ela tinha esperanças de encontrar alguma coisa na casa da praia, mas… e se não encontrasse? Teria perdido metade da noite. Quanto tempo ainda tinha antes que Bogosian ou os tiras a encontrassem? O júri voltaria a se reunir logo pela manhã.

Marta mantinha um olho no retrovisor. Ainda não havia ninguém atrás dela, mas viam-se alguns carros à frente. Ela seguiu por mais de uma hora da Rota 70 à 72, sentido leste, e entrou num trevo que parecia não ter fim, na altura do Olgas Diner, onde havia uma multidão, apesar da tempestade. Marta sentiu-se aliviada ao ver que a tempestade estava abrandando e que o acúmulo de neve era menor em Nova Jersey do que em Filadélfia. Os gastos limpadores de para-brisa tinham chance de vencer aqui. Marta pisou no acelerador e passou por uma placa que indicava MEDFORD; em seguida, por campos cobertos por um fino manto de neve.

De repente, uma pequena van verde surgiu do nada e cortou a caminhonete. Marta gritou com o susto. Um baque surdo fez oscilar o veículo, que derrapou descontrolado, e girou alucinadamente pela estrada. Marta apertou o volante e girou-o no sentido contrário ao da derrapagem, lutando para não capotar. Sua bolsa foi atirada contra a porta do carro. A caminhonete rodopiou e parou junto a um monte

de neve como um bate-bate. A cabeça de Marta foi atirada para trás e depois para a frente. O motor morreu e a caminhonete ficou imóvel. O acidente terminou tão abruptamente quanto tinha começado.

Marta sentia-se aturdida, tonta. Suas costelas voltaram a doer e a sensação dolorosa na cabeça também retornou. Ela soltou os dedos que se aferravam ao volante e recuperou o foco da visão a tempo de ver a van dando ré diante dela. A mulher ao volante manobrou o veículo e disparou pela estrada. Colado ao vidro traseiro um adesivo: IMPRENSA EM SERVIÇO. Porra! A motorista estava fugindo do acidente sem parar para ver se havia vítimas. Uma repórter, provavelmente.

Marta ficou imóvel, esperando que a dor abrandasse. Como isso não acontecesse, ela a reprimiu e avaliou o dano causado à caminhonete. A van a atingira do lado do motorista, mas o para-brisa estava intacto. O capô também parecia estar OK, ainda que a frente estivesse mais barulhenta do que antes. Marta torceu para que o motor ainda funcionasse. Não podia perder tempo. O relógio em seu pulso marcava 00h35. Ela tirou o cabelo que caía em seus olhos e girou a chave na ignição.

— Pegue, infeliz! — ordenou, e o motor obedeceu. Como um sortilégio. Preciso. Parecia ter até melhorado. Já era mesmo hora de ela ter um pouco de sorte. Marta engatou a ré, fazendo as rodas girarem inutilmente, e então fez a porra da caminhonete oscilar para a frente e para trás até conseguir sair do monte de neve e tomar a direção certa, seguindo o mesmo caminho da van. A luz vermelha das lanternas traseiras do veículo brilhava à distância, enquanto Marta chacoalhava atrás, passando por lojas e lanchonetes e parando nos sinais de trânsito a intervalos regulares. A van não parou num único sinal vermelho.

— Está atrás de uma boa história, sua idiota? — gritou Marta atrás da van, embora gritar fizesse seu maxilar doer. — Está nevando, é essa a grande notícia? É branca? É fria? E cai do céu?

Outro sinal ficou vermelho, mas a van passou direto por ele. Se Marta tivesse tempo, ela a interceptaria e anotaria o nome da repórter. Lembrou-se do rosto ao volante. Um rosto emoldurado por cabelos escuros, com feições de uma beleza convencional. Olhos grandes, nariz arrebitado. Quem ela pensava que era? Então Marta se deu conta de que conhecia aquela mulher.

Era Alix Locke, a repórter que havia feito a cobertura do julgamento de Steere. Alix estava o tempo todo atrás de Marta e todos os dias publicava uma notícia sobre ela no jornal. Fora Alix que ela vira dando trabalho ao prefeito em sua coletiva. Por que ela estaria correndo assim para a costa de Nova Jersey? Ela cobria apenas as principais histórias, como Elliot Steere e a Prefeitura. Haveria alguma coisa assim tão importante num balneário? No inverno?

Marta girou o botão do rádio do carro novamente, mas ainda estava mudo. Talvez tivesse acontecido uma enchente grave ou um passeio ao longo da praia houvesse sido carregado na tempestade. Mas esse não era o tipo de história de Alix. Ela não fazia matérias sobre o tempo ou fatos banais, somente as notícias grandes. O que estaria acontecendo?

Marta ignorou o sinal vermelho e manteve-se de olho na van. Estava se aproximando rapidamente de um trevo rodoviário. A van escolheu a primeira saída, sem nem mesmo reduzir, embora a placa estivesse encoberta pela neve. Marta precisava checar o mapa, mas ali estava muito escuro. Ela não queria perder a repórter de vista, mas não queria tomar o caminho errado. Tateou nervosamente à procura da lanterna, enquanto a caminhonete se aproximava do trevo, e apalpou um cilindro que rolava de um lado para o outro no assento. Ela o levantou. Um bastão de desodorante. Atirou-o no chão. Estava chegando ao trevo.

Marta tentou mais uma vez, tateando no banco, e dessa vez encontrou a lanterna. A essa altura, a van havia desaparecido em

meio aos flocos de neve. Marta não conseguia ler a placa na estrada nem assim de perto e foi obrigada a parar totalmente para ver o maldito mapa. Esticou o papel no colo e voltou o feixe de luz da lanterna para a estrada litorânea que levava à ilha de Long Beach. Em torno desta estendia-se, por alguns quilômetros, a região de Pine Barrens. A estrada que Alix tomara levava à ilha de Long Beach.

Marta apagou a lanterna, pisou no acelerador e a seguiu. Não havia ninguém na estrada escura e coberta de neve, até que Marta avistou Alix muito à frente. Ela pensava tão rápido quanto a dor provocada pela lesão no pescoço lhe permitia. Por que Alix estaria indo para a ilha de Long Beach? Por que estava tão certa do caminho que devia tomar, mesmo com a placa encoberta? Era evidente que já tinha estado na ilha de Long Beach muitas vezes antes.

Marta acelerou na esperança de alcançar a van. O que sabia sobre Alix? Que era jovem, sexy e bonita. Que era solteira, pois ela mesma contara a Marta em certa ocasião, tentando encontrar um território comum para conseguir a exclusiva. Não havia dúvidas quanto a isso, Alix era uma repórter agressiva. Uma estrela.

Marta analisou sua teoria. Alix Locke e Elliot Steere; os dois formavam um casal perfeito. Atraentes, arrojados e bem-sucedidos. E, aparentemente, Alix estava seguindo para a ilha de Long Beach, onde Steere tinha uma casa de praia. Não poderia ser só uma coincidência, poderia? Alix Locke seria a amante de Elliot Steere?

Marta pisou mais fundo no acelerador. A teoria certamente era coerente. Alix tinha dado destaque à defesa de Steere em seus artigos e chegara mesmo a ser criticada por favorecer a defesa. Marta acreditara que a publicidade favorável se devesse ao seu trabalho, mas afinal talvez fosse mesmo por causa de Steere. Era ele o maior beneficiário.

Era a intuição de uma advogada de júri, mas Marta pressentia que sua teoria estava certa. Alix era uma pedra no sapato do prefeito, e este era a Nêmesis de Steere. Marta lembrou-se da coletiva

na TV, na qual Alix havia atormentado o prefeito. Talvez isso fosse para favorecer os objetivos de Steere. E Alix e Steere seriam obrigados a manter o romance secreto para não comprometer o trabalho de Alix nem pôr em risco suas matérias sobre Steere.

Marta passou zunindo por bordos, pinheiros e carvalhos americanos anões, todos cobertos de neve como se polvilhados de açúcar. Tinha certeza de que estava indo na direção certa. Alix iria levá-la à casa de praia de Steere e, quem sabe, às pistas que estava procurando. Marta poderia, pelo menos, confrontar Alix. Exigir a verdade. Exigir justiça.

O ânimo de Marta elevou-se. Ela sentiu-se energizada. Justiça! Ela não sabia que era isso que procurava, mas desde o assassinato dos seguranças, alguma coisa tinha mudado. Se no início fora movida pelo ciúme, agora o motivo era outro. Agora ela queria a verdade sobre o assassinato que Steere tinha cometido e ela defendido. Agora ela queria fazer justiça com Steere. Desancar sua amante, ainda por cima, seria sopa no mel. Afinal, Marta também podia se divertir, não podia?

A caminhonete seguia adiante. Ao lado da autoestrada, bétulas brancas curvavam as cabeças, os galhos saturados com a neve molhada. No passado, Marta adorava as bétulas. Tinha crescido entre elas nos bosques. Esguias e delicadamente brancas, seus troncos eram marcados por linhas tão negras e precisas quanto se feitas por uma caneta-tinteiro. Marta tentou lembrar-se da última vez em que estivera num bosque ou mesmo em qualquer lugar que não tivesse estacionamento pago. Sua vida mudara muitíssimo e ela tinha deixado muitas coisas para trás, tanto boas quanto ruins. E era preciso que voltasse a ver as bétulas para lembrar-se do que era bom.

A caminhonete abria caminho debaixo da redoma negra e sem estrelas do céu. Algum tempo depois, o céu parecia mais amplo do que antes. Marta sabia por quê: ela costumava gostar de estudar a natureza até perceber que aquilo não era lucrativo. As árvores iam

ficando mais baixas, os pinheiros anões mais franzinos a cada quilômetro. Isso significava que a quantidade de areia no solo devia estar aumentando. Estava se aproximando da praia.

Marta mantinha o olho na van de Alix e a seguia através de Pine Barrens, passando depois por hospitais, postos de gasolina e marinas, e finalmente por um elevado de concreto que conduzia à ilha de Long Beach. A menos que o palpite de Marta estivesse errado, Alix Locke a estava levando à porta da casa de Elliot Steere. A única coisa que Marta não sabia era:

Por quê?

27

Do Grand Cherokee branco, Penny Jones tentava fazer mira com sua espingarda de caça, mas suas mãos tremiam demais. O baseado que havia fumado já tinha perdido o efeito e Penny não estava totalmente concentrado no trabalho. Merda, caçava desde garoto. Veados, faisões, essas porras todas, mas não uma pessoa. Penny nunca tinha matado alguém. Dessa vez, porém, era preciso. Ele tinha de passar por essa prova para cair nas graças de Bogosian. Aquela era uma oportunidade única na vida.

Penny apoiou a espingarda na curva do braço, firmou o cotovelo na porta e olhou pela mira, estreitando os olhos. Havia um mundo de neve caindo e seus olhos lacrimejavam devido ao frio. Disse a si mesmo para não pensar. Era só abatê-la e não pensar. A neve continuava a cair, mas Penny achava que podia conseguir um tiro direto. Só teria mesmo a chance de um único tiro com o barulho que essa filha da puta faria.

Penny piscou os olhos, limpando-os. Havia duas advogadas na rua, esquiando. A da frente era alta e a de trás, baixinha. A grandona já estava fora do alcance, pois Penny tinha bobeado. Ele alvejou a mais baixa, que estava mais próxima dele. Ela não sabia mesmo esquiar. Era a lei da sobrevivência dos mais aptos, certo? Se Penny eliminasse uma, isso manteria a outra ocupada. Dois coelhos com uma só cajadada, certo?

Penny esperou a hora certa. Disse a si mesmo que não era coisa do outro mundo acabar com aquela mulher. Porra, ela era uma advogada. Deviam era dar uma medalha a ele. Penny fez pontaria no casaco azul na ponta do cano. Mirou através dos flocos de neve bem no meio do casaco, direto no coração.

Porra! Espere aí. Ainda não estava pronto. Precisava colocar o jipe numa posição melhor para uma fuga rápida. Além disso, estava tudo quieto demais nessa porra de lugar. Ele pousou a espingarda no colo, aproximou-se mais da rua transversal e freou, deixando o carro engrenado. Fez mira com a .30-.30 enfiada na curva do seu braço, sentindo-lhe o peso. Concentrando-se. Observando o alvo através da neve. A advogada baixinha ainda estava ao seu alcance, esquiando em direção à luz de um poste elétrico. Ótimo. O casaco azul fazia-o lembrar-se do centro de um alvo. Um alvo belo e fácil.

Penny puxou o gatilho parcialmente. Sua mão ainda tremia. Merda. Ele devia atirar logo. Não havia motivo para ficar nervoso. Nenhuma razão para protelar. Não corria o risco de ser apanhado nem nada parecido. Teria tempo mais do que suficiente para fugir. Os olhos de Penny correram à sua volta a fim de se certificar, o dedo gelado no gatilho. Não havia ninguém na rua. Os tiras levariam uma eternidade para chegar até ali. Era moleza. Exceto pelo silêncio absoluto da rua.

Foi então que Penny ouviu. Um estrépito que vinha de algumas ruas acima, como o rangido de um trator limpando a neve. O barulho encobriria o disparo. O tratorista acreditaria ter arrebentado uma corrente ou batido na tampa de um bueiro. Tudo estava a favor de Penny. Não havia ninguém por perto. Ele seria um herói. O puto de um parceiro de Bobby Bogosian, rico como a porra. Tudo que Penny precisava fazer era puxar o gatilho. Ele era um excelente caçador.

E era temporada de caça aos advogados.



Judy fincou as pontas dos bastões na neve e fez meia-volta. Mary tinha caído outra vez. Era a segunda vez até ali que caía e não tinham ainda sequer saído da rua 25. Coitada.

— Mare! — gritou Judy, embora soubesse que Mary não poderia ouvi-la Estava muito longe e o limpador de neve fazia muito barulho. Mary! — tornou a gritar assim mesmo.

Judy não queria esquiar novamente até lá se não fosse preciso. As duas nunca chegariam em casa se ela ficasse recuando, e além disso seus tornozelos estavam molhados. Judy estreitou os olhos em meio à neve, tentando enxergar rua abaixo. Mary estava levando muito tempo para se levantar. Hora da cavalaria.

— *Lá vai a biônica, formiiiga Atôômica*!

Judy manobrou os esquis, virando-os na direção oposta, e começou a voltar. O que é que ela estava fazendo, deitada lá no meio da neve? Bancando a palhaça. Típico de DiNunzio.

— Vamos lá, sua malandra. Levante-se daí! — gritou Judy, enquanto esquiava até ela.

A nevasca não havia abrandado e o vento estava de matar, fustigando o rosto de Judy. O fator de resfriamento do vento devia estar batendo recorde. Mary não devia ficar deitada na neve daquele jeito. Só serviria para ensopar sua calça e fazer com que ela sentisse mais frio durante todo o trajeto de volta. Um erro de principiante.

— Mary, levante-se! — berrou Judy, mas a amiga não se mexeu. Os flocos de neve se acumulavam sobre as pernas de Mary no chão, cruzadas nos esquis como uma tesoura. Os bastões ainda estavam presos aos seus pulsos. Ela não estava fazendo esforço algum para se levantar e a neve do chão devia estar batendo direto no seu rosto, levantada pelo vento. Que diabos estava acontecendo?

Judy começou a esquiar com mais velocidade. Sentiu um aperto na garganta. O instinto lhe dizia o que o cérebro queria negar. Alguma coisa estava errada. A essa altura, Judy esquiava tão rápido que quase tombava para a frente; então atirou os bastões no chão,

soltou as traves dos esquis e correu os últimos metros até Mary, caindo de joelhos ao lado dela.

— Mary? Você está bem?

— Estou. — Os olhos de Mary estavam abertos, porém desfocados. Ela parecia tonta. Estava deitada de lado na neve. Os bastões ainda presos em suas mãos. — Claro.

— Por que está deitada aqui?

— Estou esquiando. — As pálpebras de Mary tremeram. Sua respiração estava pesada. — Lá vou eu. Vou alcançar você.

— O quê? — As palavras dela não faziam sentido. Judy debruçou-se sobre a amiga, que pareceu não reagir à sua proximidade. Ela tocou o rosto de Mary. A pele estava úmida e fria.

— Estou com sede. Você tem leite aí? — Mary deu uma risadinha, e Judy aproximou-se ainda mais, os olhos batendo nas costas da amiga. Um círculo carmesim exsudava no meio da parka. O sangue pingava na neve. Era o vermelho mais vivo que Judy já vira sobre o mais branco dos brancos. Sem saber por que, Judy arrancou o gorro da cabeça.

— SOCORRO! — gritou ela, olhando desvairadamente em volta. SOCORRO, ALGUÉM ME AJUDE, POR FAVOR! — tornou a gritar a plenos pulmões.



As sirenes soavam, estridentes, no momento em que dois paramédicos saltaram em disparada da traseira de um caminhão de resgate dos bombeiros e se lançaram sobre Mary. Luzes vermelhas de emergência banhavam de carmesim a neve que caía. Os flocos de neve, como gotas de sangue, caíam sobre Judy, ali de pé, parada,

tremendo de frio e de medo. Ela segurava com firmeza os esquis de Mary, somente para segurar-se em alguma coisa.

O motorista da equipe de resgate saltou de trás do volante, correndo para a traseira do pesado caminhão vermelho, de onde puxou uma maca. As rodas desta deslizaram, quicando, sobre o aço texturizado do piso do veículo e desapareceram no meio da neve.

— Ela levou um tiro nas costas — gritou Judy para os paramédicos, a visão turva pelas lágrimas. Mary havia perdido a consciência enquanto esperavam a ambulância e parecia morta, apesar de ainda estar respirando. Seus olhos estavam fechados e o rosto mostrava-se pálido na lúgubre luz vermelha. Sua cabeça caiu para o lado enquanto os paramédicos verificavam o ferimento em suas costas e a cobriam com um fino cobertor verde. Em seguida, ergueram-na, colocando-a na maca, depois de uma rápida contagem até três.

Judy não suportava olhar aquilo. E também não suportava não olhar. Ela deixou cair os esquis e correu atrás dos paramédicos, que içavam a frente da maca para o interior do caminhão. Um membro da equipe entrou ao lado da maca, enquanto o outro a empurrava por trás. O motorista voltou correndo para o seu lugar, abrindo a porta bruscamente. Estavam partindo.

— Vou com vocês — gritou Judy.

— Nada de carona — replicou um dos paramédicos na traseira. Ele estava sem casaco e o uniforme de mangas curtas deixou ver um bíceps volumoso quando tentou fechar a pesada porta do veículo. — Nosso trabalho é pegar e levar. Temos regulamentos.

— Ela é minha melhor amiga!

— Não sou eu que faço os regulamentos.

— Preciso ir com ela! — Antes que o paramédico pudesse impedi-la, Judy enfiou o braço na frente da porta e subiu. — Não saio daqui — declarou, agachada junto à parede interna do veículo. — Sinto muito.

— Como quiser — disse rispidamente o paramédico —, mas só porque não posso deixar você aí no meio da neve, nesse frio. — Ele bateu as portas, girando o trinco. — Vamos lá! — gritou sobre o ombro, e o veículo de resgate partiu, aos solavancos, com a sirene cantando.

No interior iluminado, os paramédicos entraram imediatamente em ação, num febril trabalho de equipe. O tipo musculoso cortou a manga da parka e do suéter de Mary, procurando com dedos experientes uma veia, e então enfiou o soro na dobra do braço dela.

— Possível ferimento a bala no pulmão esquerdo — gritou ele para o motorista, sobre a forma imóvel e agasalhada de Mary. — Choque de grau dois. Está perdendo de um a dois litros. Vai precisar de duas, talvez três unidades quando chegarmos lá.

O outro paramédico verificava os sinais vitais de Mary.

— Frequência respiratória, trinta. Pressão arterial, noventa por cinquenta. Frequência cardíaca, cento e trinta.

O motorista acionou com a palma da mão um rádio, que começou a chiar, e repetiu as informações que ouvira. Judy não conseguiu entender a resposta em meio aos chiados. Não conseguia tirar os olhos de Mary, enquanto os paramédicos movimentavam-se à volta dela. A pele de seu rosto parecia borracha. Mais branca do que a neve. Exangue.

Os dentes de Judy começaram a bater e ela cruzou os braços no peito, encolhida no canto da ambulância em alta velocidade. O ar estava aquecido ali dentro, mas Judy nunca tinha sentido tanto frio em sua vida.

28

A ilha de Long Beach parecia o dedo indicador de uma bruxa no mapa de Marta e protegia um trecho da costa de Nova Jersey do oceano Atlântico. A escala do mapa mostrava que a ilha tinha pouco mais de trinta quilômetros de comprimento e apenas oitocentos metros de largura em alguns pontos. Menor e mais estreita do que Marta esperava.

Ela seguiu a van verde por uma rua ampla, coberta pela neve, que parecia percorrer toda a extensão da ilha, de norte a sul. A rua estava vazia, embora aqui a nevasca houvesse sido mais amena também. Um céu cinza-escuro derramava apenas uma leve poeira de neve. Marta calculou que a ilha estivesse deserta por causa do inverno, não da tempestade.

A caminhonete de Marta chocalhava pela rua, tremendo com as fortes rajadas que vinham do Atlântico, pela direita, e da baía, pela esquerda. A rua devia ser a mais movimentada no verão, pois era ladeada por lojas apagadas, que anunciavam pranchas de surfe, maios, biquínis e óleos de bronzear. Marta passou por lojas de souvenir, Laundromats e restaurantes. As placas davam testemunho de uma quantidade de comida maior do que qualquer ser humano seria capaz de consumir: HAMBÚRGUER BATATA FRITA COSTELETA MILKSHAKE PIZZA e o básico, CAFÉ DA MANHÃ. Um anúncio numa loja de brinquedos dizia simplesmente: COMPRE, e esta marcou pontos com Marta pela honestidade, ainda que carecesse de especificidade. Ela mantinha a van à vista, enquanto atravessava a cidadezinha chamada Surf City.

A van e a caminhonete penetravam na ilha, seguindo para o norte. A casa de praia de Steere ficava em Barnegat Light, e Marta deu uma olhada no mapa com a ajuda da lanterna. O povoado ficava

no extremo norte da ilha, para onde o veículo à sua frente seguia com tanta pressa.

Marta acelerou a fim de acompanhá-lo. Os sinais de trânsito haviam sido desligados. Ela atravessou sem dificuldades um bairro comercial, entrando numa área que parecia residencial. Pinheiros anões tornaram a aparecer ladeando a estrada, suas agulhas cobertas pela neve. O caminho era delineado por árvores perenes, como árvores de Natal em exposição. As lojas de futilidades foram substituídas por casas de diferentes formas e tamanhos; antigas casas de dois andares com seus tabuados descorados conviviam lado a lado com casas modernas e espaçosas, construídas sobre pilares, com múltiplos níveis e amplas janelas envidraçadas. As placas de madeira presas em cercas cobertas de neve informavam a Marta os lugarejos por onde passava: NORTH BEACH, HARVEY CEDARS, LOVELADIES.

Marta seguiu atrás da van por dez minutos, que depois viraram vinte. Dentro da caminhonete, com o aquecedor quebrado, o frio era congelante, e ela sacudiu os dedos nas luvas para manter o sangue circulando. Os limpadores de para-brisa tinham finalmente encontrado uma quantidade de neve a que podiam fazer frente e agitavam-se loucamente, cheios de orgulho. Marta esticou o pescoço, dolorido devido ao acidente, e apalpou os galos em sua cabeça, sensíveis graças a Bogosian. Ela estava tão arrasada quanto a caminhonete, mas por algum motivo seus sentidos estavam alerta. Prementes.

Marta observava as casas passarem de ambos os lados da estrada, iluminadas apenas pelos faróis da caminhonete. E pela pouca luz que os faróis proporcionavam, e Marta deduziu que quebrara um deles no acidente. As casas avultavam-se imensas na escuridão, quase todas vazias. Eram umas quatro ou cinco bem perto da praia, em menor quantidade do que na margem da baía. Quanto mais Marta adentrava a ilha, maiores e mais vazias as casas.

Dez quadras adiante, elas tornaram-se mansões mais modernas. Viam-se residências suntuosas com excêntricos trabalhos de pintura, seus tons de rosa e amarelo visíveis mesmo em meio à escuridão. Construções contemporâneas do mais puro branco erguiam-se afastadas da estrada, diretamente na beira da praia. As casas pareciam novas e projetadas com exclusividade. Uma das brancas fez com que Marta se lembrasse de sua casa de praia envidraçada, em Cape Cod, exceto pelo fato de os lotes aqui serem maiores e pontilhados com uma vegetação coberta pela neve. Ela pressentiu que estava se aproximando. Se Steere tinha uma casa na ilha, teria de ser na localização mais exclusiva.

Marta acompanhou a van por mais cinco quadras, quando o veículo virou à direita, entrando numa rua transversal e continuando em direção ao oceano. Marta seguiu-o até aquela rua e parou na esquina. Então ligou a lanterna, dirigindo o foco para a placa da rua; era o endereço que tinha visto no formulário do imposto de renda de Steere. Marta tinha razão. Ela desligou os faróis para que Alix não visse a caminhonete e virou à direita.

Marta desceu lentamente a rua, à procura da van. Estava quase na outra extremidade quando as lanternas traseiras vermelhas brilharam à direita, junto a um meio-fio coberto de neve, apagando-se em seguida. Marta ficou à espera na caminhonete, abaixada sobre o forro do banco feito de continhas. Uma figura saltou da van, a capa de chuva preta agitando-se e os cabelos escuros voando em meio à neve que caía suavemente. O rosto estava claramente visível à luz que vinha da porta aberta da van. Aquela era Alix Locke, com certeza.

Marta afundou ainda mais no assento. A distância erguia-se a casa de Steere, inesperadamente diferente das casas modernas encontradas no caminho. Os fundos da mansão davam para a rua, mas Marta podia ver que era uma casa antiga e graciosa, com contrafortes vitorianos e torres em destaque. Com três andares de

altura e revestida por uma forração cinza-escuro, ficava mais distante da estrada principal do que qualquer outra das casas. Marta calculou que devia ter sido construída numa saliência da ilha. Pinheiros, feno-das-areias e dunas cobertas de neve cercavam a mansão, encobrindo-a parcialmente. Ela podia compreender por que Steere adorava aquela casa — e por que a usaria para esconder alguma coisa importante.

Ela observou Alix subir uma duna e seguir na direção da casa. Quando Alix estava fora de seu campo de visão, Marta estacionou a caminhonete a uma certa distância da van e desligou a chave na ignição. O que Alix estaria pretendendo? Marta agarrou o malho e a lanterna e estava prestes a saltar da caminhonete, quando se lembrou do ponteiro de encraveirar. Poderia precisar de uma proteção maior do que o malho.

Marta acionou a lanterna e virou-se para remexer na caixa de ferramentas de Christopher, em busca do ponteiro. Depois de revolver por algum tempo as ferramentas, ela puxou dali um espigão comprido e pontudo, com uma ponta tão afiada quanto a de uma adaga. O ponteiro de encraveirar, exatamente como Christopher o havia descrito. Um tosco instrumento de ferro negro e maciço.

— Tem desse em azul? — perguntou a um vendedor invisível, depois guardou ambas as ferramentas no bolso, ajustou as luvas e desceu da caminhonete.

Marta recebeu na cara uma violenta rajada de neve vinda do oceano e baixou a cabeça. Não estava preparada para a força do vento e a intensidade da escuridão à sua volta. A noite estava negra como breu e o céu tempestuoso permitia a passagem apenas de um levíssimo luar. Ela dirigiu o facho da lanterna para a superfície fulgurante da neve e caminhou em direção à van, as botas enterradas na neve fina. Marta alcançou o veículo e dirigiu o feixe de luz para o seu interior, a fim de se certificar de que estava vazio. Estava, de

modo que ela seguiu as pegadas de Alix até a duna, a neve rangendo sob seus pés.

Marta alcançou a duna e começou a subir com dificuldade. Suas costelas doíam a cada passo, e a neve e o gelo queimavam-lhe o rosto. O vento soprava com mais força à proporção que ela subia. Marta escalou até a crista perolada da duna e, quando chegou, abaixou-se para se proteger do vento que açoitava seu rosto e ribombava em seus ouvidos. Ela enfiou a lanterna no bolso e espiou além do monte de areia.

As dunas cobertas de neve ondulavam-se em montes sensuais e leitosos, que se estendiam até a mansão vitoriana de Steere e até o céu de um negro cinzento, sem horizonte na tempestade. Entre as dunas, descia um vale de alabastro, atravessado pela sombra de uma mulher fustigada pelo vento: Alix, os cabelos voando de lado, correndo em direção à mansão escura.

Marta acocorou-se no" topo da duna e suas costelas machucadas protestaram. Ela esperou, expulsando a dor de sua mente. Não podia se arriscar a ir já. Ficaria exposta nas dunas abertas e, se Alix a visse, estaria tudo perdido. Marta agachou-se na neve, como um soldado numa trincheira. Não que ela soubesse alguma coisa sobre trincheiras, mas tinha uma imaginação fértil. Era preciso ter, na defesa criminal.

Ela ficou observando Alix subir a duna seguinte. Tão logo a repórter desapareceu do outro lado, Marta se levantou e disparou duna abaixo, meio rolando, meio deslizando. Chegou ao fundo do côncavo branco entre as dunas e continuou correndo até a próxima, subindo, subindo, subindo, correndo o mais rápido que podia no encalço de Alix, os pés levantando neve atrás dela. Quando Marta atingiu a crista da duna, atirou-se ao chão, apoiada nos cotovelos, até que seu peito parasse de doer.

A mansão de Steere em meio às dunas erguia-se imponente e graciosa, principalmente de perto. Tinha envergadura, estilo e classe;

qualidades que Steere podia apenas comprar. Uma vasta extensão de neve incandescente a circundava como um manto quente, e, além da casa, agitava-se o negro Atlântico. A neve chuviscava do céu como um açúcar finíssimo polvilhado por uma colher e dissolvia-se em contato com o oceano escuro e violento. Uma luz acendeu-se subitamente na entrada nos fundos da casa, chamando a atenção de Marta. Havia lâmpadas com sensores nos fundos da casa e na garagem para três carros. As lâmpadas deviam ser sensíveis ao movimento e iluminaram completamente os fundos da casa.

Marta observou enquanto Alix manuseava desajeitadamente um chaveiro e entrava pela porta dos fundos. A porta fechou-se com violência, produzindo um barulho que se perdeu em meio ao rugido do vento e das ondas. Marta se levantou e correu em direção à casa na praia, o vento martelando em seus ouvidos.

29

A equipe do prefeito Walker chamava seu banheiro particular de Penico em Honra a Frank L. Rizzo, mas não em público. O banheiro tinha sido construído com donativos de amigos do antigo prefeito, evidentemente desejosos de que seu herói cagasse com estilo. As paredes eram revestidas em mármore branco com veios dourados e o vaso sanitário tinha sido instalado sobre um pedestal combinando. A bancada em torno da pia também era de mármore e as ferragens eram folheadas a ouro. O efeito final era de Roma sob a tutela de Nero, uma boa analogia para Filadélfia no governo de Rizzo.

O prefeito Walker odiava aquele banheiro, mas detonar a cabeça de Rizzo lhe custaria todos os votos do distrito sul da cidade. Ele fechou os olhos ao mármore branco e lavou o rosto na água fria, tentando permanecer alerta, embora já passasse há muito da meia-noite.

Conte-me, Jen — disse entre um jato d'água e outro. — Quais são as últimas?

— DiNunzio está no hospital. — Jen se encontrava no vão da porta, encostada no portal de mármore em busca de apoio. Tinha tomado o Imitrex quase tarde demais e sua cabeça doía mais do que numa ressaca. Jen tinha tanta coisa para fazer, mas tudo que queria era se deitar.

— Vai escapar?

— É pouco provável. Rascunhei um obituário e o coloquei na tribuna junto com o seu discurso. É o Adendo A. Se tiver morrido até lá, inclua-o.

O prefeito fez uma pausa. Jen às vezes era tão fria.

— É uma pena. O rapaz é daqui mesmo? A moça é daqui mesmo.

— Ah, certo. De onde ela era?

Do distrito sul da cidade. Frequentou a escola de direito de Penn blablablá, era amiga de todos, blablablá, uma perda muitíssimo sentida. Está tudo na nota biográfica, na tribuna DiNunzio foi a tal daquela emboscada ocorrida algum tempo atrás.

— Foi ela? Não vou mencionar isso. — O prefeito deixou a água fria escorrer pelo rosto. — Preparou o discurso em espaço dois?

— Naturalmente.

— Usou o tipo que eu gosto, aquele grande?

— Humanístico.

— Obrigado.

— Não, humanístico é o tipo. O prefeito corou.

— Certo. E o que mais?

— Richter ainda está desaparecida, e eles ainda não pegaram o suspeito do assassinato dos seguranças. A outra advogada está bem.

— Judy Carrier, correto?

— Correto.

O prefeito sorriu. Quando você é bom, é bom.

— Então Carrier pode dar prosseguimento ao caso Steere.

— Pode.

— Excelente. — Ele enxaguou o rosto e sorveu ruidosamente a água recolhida nas mãos em concha. Não entendia por que todos detestavam a água de torneira em Filadélfia. Chamavam-na Ponche de Schuylkill, mas na opinião do prefeito o sabor era ótimo. — Carrier também é de Filadélfia?

— Nativa, não.

— Então ela não conta, não com esses eleitores. — Ele se empertigou, fechou as torneiras de ouro e puxou uma toalha branca e macia do porta-toalhas de mármore. Já se sentia melhor. Se Steere ainda tinha uma advogada, suas chances de anular o julgamento eram muito pequenas, levando-se em conta que o caso já havia sido submetido ao júri. Quem sabe não seria condenado afinal?

O prefeito enxugou-se, absorto em seus pensamentos. Os credores de Steere deviam estar ficando nervosos Quando iriam resgatar os títulos da dívida? Se as propriedades de Steere fossem a leilão, a cidade poderia reavê-las por uma pechincha. Ou talvez os bancos as vendessem a empresários razoáveis; ladrões com os quais Walker sabia lidar, não um pilantra como Elliot Steere.

— Steere é um pilantra, sabe disso? — comentou o prefeito.

— Eu sei. — Jen assentiu. Há anos ela ouvia variações sobre esse mesmo tema. O prefeito era obcecado por Elliot Steere. Ele insistira em que o promotor processasse Steere por assassinato e pedisse a pena de morte. O prefeito sempre se deixava vencer pelas emoções. Era por isso que Jen estava apostando dos dois lados.

— Veja o Simmons Building, por exemplo. Um edifício de cento e cinquenta anos, um dos mais belos desta cidade. Um prédio histórico, sob todos aspectos da história. Uma história importante, história de Filadélfia, sabia? Belas arcadas brancas, como o velho Lit Brothers. Steere compra o edifício por dois milhões, espera ele cair aos pedaços e então o vende à Temple por dez.

— A mim parece um bom negócio — replicou Jen, mas ela sabia que o prefeito não concordaria. Não que ela se importasse com isso. Precisava ir embora.

— Talvez sim. Talvez fosse um bom negócio. Mas sabe de uma coisa? O homem não amava aquele edifício — afirmou o prefeito, sacudindo um dedo molhado. — O homem não amava o edifício. Se você quer ser dono de um edifício como aquele, então tem de amá-lo. Aquilo não é papel sanitário. É isso que é um pilantra. Compreende? Só um pilantra faria isso.

— Sei.

O prefeito se perguntou se Jen estaria prestando atenção.

— Você pode pôr isso num discurso?

— Que Elliot Steere é um pilantra? Não creio que possa.

O prefeito abanou a cabeça. Não era àquilo que tinha se referido, e ela sabia disso. Às vezes ele não gostava muito de Jen, definitivamente. No entanto, ela fazia coisas boas pela cidade. O programa de alfabetização, as campanhas de doação de sangue e de órgãos. Tudo por iniciativa própria, quando ainda estavam na Promotoria.

— Já está pronto? — indagou Jen. — A imprensa está lá fora, esperando.

O prefeito esfregou o rosto vermelho.

— Onde está nossa amiga Alix Locke?

— Já foi, graças a Deus.

— Ela tem um problema comigo, Jen. Não vai sossegar enquanto não me vir como cidadão comum outra vez. Está tentando foder com as minhas chances de reeleição, sem a ajuda de ninguém. O que foi que eu fiz a ela?

O prefeito deixou a toalha na borda da pia de mármore e Jen a apanhou e pendurou-a no porta-toalhas de mármore.

— Não comece com isso, está bem? — Jen correu as unhas feitas pelo cabelo escuro. Estava esgotada. Precisava ir embora. A cada minuto que passava ia ficando cada vez mais tarde. — Os repórteres estão esperando. Chegaram outros depois do atentado contra DiNunzio. Vamos dar comida aos animais e ir para casa.

— Alguém da imprensa nacional, ou só local? — O prefeito se aproximou mais do espelho e passou os dedos pelos pelos que começavam a crescer em seu queixo, tentando decidir se precisava se barbear.

— Até agora só local. A CNN está a caminho, mas estão tendo problemas por causa da neve. Devia fazer a barba.

— Outra vez? Já me barbeei duas vezes hoje. Minha pele está me matando. Fico cheio daqueles carocinhos vermelhos. — O prefeito estremeceu, mas Jen pegou um barbeador descartável na prateleira e o entregou a ele.

— Faça a barba. Temos visitas. Vamos, ande. Temos de ir. Estão esperando.

— Se a CNN aparecer, eu faço a barba. Que tal o acordo?

Jen suspirou.

— Ouça, temos que ir. Eu preciso ir.

O prefeito avaliava seu reflexo. Via um homem forte, vibrante, cheio de energia e paixão. Uma figura de palavra, inteligência e integridade, no apogeu de sua vida política. Courtney chamava-o de o garanhão perfeito, mas sua mulher não usava palavras como aquela. Talvez porque fosse de uma outra geração.

— Jen, preciso fazer uma pergunta a você.

— O que é?

O prefeito inclinou a cabeça ligeiramente para baixo.

— Acha que estou ficando careca?

30

Judy afundou numa cadeira na sala de espera do hospital e ficou olhando o sangue seco nas palmas de suas mãos. Sentiu uma náusea intensa. Não tinha conseguido tirar todo o sangue ao lavar as mãos. O sangue secara, escurecendo, e coagulara nos vincos das palmas, desenhando cada traço com uma linha tão fina como se fosse feita por um pincel de pelo de marta. Sua linha da vida estava tingida com o sangue de sua melhor amiga.

Judy enfiou as mãos entre as pernas para que não tivesse mais de olhá-las. Mas de nada serviu. O sangue de Mary manchara sua calça, quando ela a apoiara em seu colo na neve. Judy olhou a sala à sua volta, buscando algo que a distraísse. Havia um aparelho de TV ligado, preso no alto da parede a um canto da sala de espera vazia, reservada aos casos de cirurgia. O volume estava desativado, mas Judy podia ver que estavam transmitindo um interminável boletim atualizador sobre a tempestade. A neve caía na tela da TV da mesma forma que caía lá fora. Um repórter entrevistava um burocrata de gravata e gorro de esqui. Então na tela surgiu a imagem de imensos caminhões basculantes espalhando sal na autoestrada.

Judy não conseguia se concentrar na tela. Seus pensamentos voltavam sempre a Mary. Caída no chão, sangrando. Agora ela estava sendo operada. Estavam fazendo todo o possível, um médico tinha lhe dito, assim como também uma das enfermeiras, uma mulher mais velha. Todos estavam fazendo todo o possível, Judy ficava dizendo a si mesma, repetidamente, como um mantra. Era o que ela diria aos pais e à irmã gêmea de Mary quando chegassem. Mas os DiNunzios eram velhos, e Judy temia que não conseguissem resistir a um choque desses.

Judy tentou se acalmar. Precisava estar com as ideias concatenadas, se ia ver os DiNunzios. Ela tornou a recostar-se na cadeira e cruzou as pernas, tentando esconder a mancha na calça. Entrelaçou os dedos e então cruzou os braços. Teve vontade de telefonar para os seus pais, mas eles estavam viajando outra vez. Judy olhou ao redor da sala. Seu olhar não tinha onde descansar.

Nesse momento, seus olhos pousaram na TV e Judy empertigou-se na cadeira, incrédula. A tela mostrava a legenda REPORTAGEM ESPECIAL acima de uma foto de Marta, superposta à imagem dos escritórios de Rosato & Associadas. Havia uma foto de sangue espalhado pelo elevador no escritório, seguida por duas outras, mostradas rapidamente, dos seguranças do prédio. O que era aquilo? O que estava acontecendo? Judy não podia acreditar no que estava vendo.

A âncora do noticiário voltou à tela. Sua boca pintada de batom se mexia, mas não se ouvia nenhuma palavra. O som da televisão estava desligado. Judy pulou da cadeira e correu para a TV. Era alta o bastante para alcançar o aparelho, mas não conseguia encontrar os botões. Onde estava o controle do volume? Ela puxou uma cadeira para baixo da TV e subiu nela.

Assim de perto, o rosto da âncora era achatado e enorme, as cores tinham as tonalidades artificiais da televisão. Seus olhos eram de um azul de safiras, os lábios um cor-de-rosa supersaturado. Ela continuava a falar silenciosamente, abrindo e fechando a boca. Judy examinou todo o painel da TV. Onde estava o volume?

Começaram a passar um filme de Marta, falando diante do Centro de Justiça Criminal. Atrás dela, os vidros escuros do prédio moderno. Deviam ser imagens de arquivo do julgamento de Steere. Judy foi tomada pelo pânico. Teria acontecido alguma coisa a Marta? Ela teria sido baleada também, como Mary? E quanto aos seguranças? Judy procurava freneticamente os botões da TV.

Nenhum controle. Ela apalpou o painel. Plástico frio, sem emendas. Merda! Onde eles estavam?

— Cadê o volume? — gritou Judy, embora soubesse que o andar estava vazio. Não havia sequer um funcionário na recepção quando ela chegara ao andar. — Ei! — chamou ela. Ninguém apareceu correndo, mas ela não queria deixar a TV. Talvez houvesse um controle remoto. Judy girou o corpo na cadeira e esquadrinhou a sala, à procura do controle. As mesas de centro, as de canto, as cadeiras, tudo vazio.

Na tela da TV, o prefeito Walker fazia uma espécie de coletiva. Seu rosto mostrava-se sério por trás dos microfones, numa tribuna com o brasão da cidade. À sua esquerda estava sua chefe de gabinete, parecendo igualmente sisuda. No alto da tela lia-se: AO VIVO. O que eles estavam dizendo? Teria alguma coisa a ver com Marta? Com Mary?

Judy avistou um pequeno painel de plástico sob a tela e bateu ali para ver se uma tampa se abria Nada aconteceu. Ela tornou a bater, mas o painel insistia em não abrir. Ela bateu com mais força, socando com a mão fechada até a tampa se soltar. Botões minúsculos projetavam-se de um compartimento embutido, e Judy girou-os para a frente e para trás, com os dedos manchados de sangue. As cores artificiais da TV passaram da cor de carne ao laranja, do azul vivo ao preto. Judy ainda não conseguia ouvir a TV. Onde ficava a porra do volume?

Na tela, o inspetor de polícia estava sendo entrevistado, diante da Rotunda, no meio da neve. O que estava acontecendo? Então entrou um comercial. O noticiário tinha chegado ao fim. Não! Alguém estaria tentando matar todas elas? Quem estava por trás disso? Steere? Judy não podia deixar que ele fizesse isso. Ela o enfrentaria. Precisava ouvir o que estava acontecendo. Começou a socar o painel da TV até que a tampa se quebrou, quando ela então passou a bater com mais força, estilhaçando-a em cacos plásticos pontiagudos,

despedaçando a porra do painel. Esmagando, destruindo, destroçando. Apagando todas aquelas cores falsas com toda a sua força, sua vontade e sua dor. Dando vazão à fúria até que a mão estivesse toda coberta de sangue, e finalmente, desta vez, era seu sangue.

Judy sentou-se na cadeira com a mão imobilizada e enfaixada com gaze. Tinha levado três pontos e se recusado a tomar um sedativo. Tinha esfregado a calça e lavado o rosto e as mãos. Uma enfermeira havia lhe trazido sabonete antibacteriano, que tirara a maior parte do sangue da sua mão ainda boa. Judy sentia-se exausta, as emoções exauridas. Observou a cena em volta com um estranho distanciamento.

Bennie Rosato tinha chegado, vestindo jeans e suéter, o rosto largo abatido e sem maquiagem. Ela se certificou de que Judy estava bem e então se sentou, tentando consolar a mãe de Mary, uma senhora já idosa, miúda, cabelos arrumados num penteado volumoso. A mãe soluçava, sentada ao lado do pai de Mary, um homem baixo e careca, cujo corpo de operário havia se tornado flácido. Seus olhos estavam avermelhados, mas ele consolava a mulher.

Ao lado deles estava a irmã de Mary, Angie, sua gêmea idêntica. Seus cabelos, embora mais curtos, tinham o mesmo tom louro encardido, e os olhos eram castanhos e grandes como os de Mary. A boca era idêntica, larga, de lábios cheios. Judy gostava de ficar olhando para Angie. Era como se Mary estivesse ali na sala de espera, outra vez inteira e com saúde.

Angie falava em voz baixa com os pais e com Bennie. Os quatro sentavam-se muito juntos, num círculo nervoso e choroso. De onde estava sentada, Judy não conseguia ouvir, mas ficou observando os lábios de Angie se moverem como os da âncora na TV. Os DiNunzios estavam mudos, em dois sentidos. Tudo parecia distante em torno de Judy. E ela queria que ficasse assim.

Deixe que Bennie console os pais de Mary, ela saberia o que dizer.

Judy precisava era descobrir o que fazer.

31

Marta desceu em disparada a duna coberta de neve atrás da casa de Steere e correu em direção ao lado esquerdo da construção. As lâmpadas com sensores fulminaram-na com um jato de luz assim que ela alcançou seu campo de ação invisível. Marta começou a correr ainda mais rápido, desabalada ao lado de sua sombra saltitante, espalhando neve a cada passo, passando pela entrada dos fundos da casa. Por mais tentada que estivesse a seguir Alix e entrar na mansão, era arriscado demais. Algumas luzes iam se acendendo lá dentro, e Marta precisava ver o que estava acontecendo.

Ela alcançou a sombra da parede lateral e escondeu-se aí. As luzes de segurança se apagaram. Estava escuro novamente. Marta encostou-se à casa, respirando com dificuldade. Suas costelas machucavam-na por dentro. Não devia ter feito tanto exercício assim nem em todo o ano anterior. O vento e a neve vinham em rajadas do oceano e fustigavam os cabelos de Marta. Seus olhos ardiam devido à neve e ao sal, e ela colou-se à forração áspera da parede, piscando. A neve cobria seus dedos enluvados e grudava-se às tábuas da forração em borrões. Os montes de neve chegavam aos seus joelhos.

Ela precisava se manter em movimento. Marta inspirou profundamente, enchendo-se de coragem para enfrentar a já familiar dor nas costelas, e correu através dos montes de neve ao longo da casa, deslizando uma das mãos pela parede para evitar uma queda. As janelas eram altas e a luz que vinha da casa jorrava sobre sua cabeça. Ela seguiu correndo acompanhando a parede, chegou à frente da mansão e espiou pela quina.

A fachada da casa era ainda mais grandiosa do que os fundos, consistindo em uma imensa varanda que cobria toda a sua extensão.

Uma série de janelas em arco dominava a parede da frente e a luz brilhava através delas, iluminando uma sala de estar.

As paredes da sala eram cobertas por estantes, ostentando intricados volumes encadernados em couro, em tons de vermelho e marrom. Sofás vitorianos e cadeiras antigas circundavam uma mesa de centro de mogno entalhado. Não se viam aparelhos de TV ali; aquele não era o gosto de Steere, talvez o de um decorador ou o de Alix. Do outro lado da lareira, havia uma sala de jantar escura, seguida provavelmente por uma cozinha; ao comprar suas casas, Marta havia visitado número suficiente de casas antigas para saber disso. Alix não estava em nenhum lugar onde pudesse vê-la, pelo menos de um ponto de vista paraláctico. Marta teria de se deslocar mais para o centro para ter uma visão melhor. Pequenas dunas se acomodavam diante da casa, e ela avistou uma que se erguia a pouco menos de dez metros de onde estava. O vento que vinha do oceano rugia sobre a duna e soprava a neve de sua crista, formando um leque de gelo.

Marta correu com dificuldade em direção à duna e se encontrava diante da varanda, quando subitamente foi puxada para trás. Seu casaco tinha se prendido numa cerca de madeira. Ela o puxou, mas não conseguiu soltá-lo. Marta estava claramente visível em relação à sala de estar, de pé num quadrado de luz. Ela deu um puxão no casaco, olhou para a janela e então ficou paralisada.

Dentro da casa, chegando à sala de estar por uma outra entrada, estava Bogosian. Marta quase gritou. Bogosian estava bem diante dela, do outro lado do vidro. Podia vê-la, se olhasse para o mar. Sua cabeça girava para a esquerda e para a direita. Ele procurava alguma coisa. Ou alguém.

Marta entrou em pânico. Puxou o casaco com toda a força, mas este continuava preso à estaca. Ela estava totalmente exposta, lutando com a porra da cerca. Se Bogosian a visse, estaria morta. Então deu um vigoroso safanão no casaco e estava prestes a despi-lo,

quando a cerca tremeu violentamente e o casaco se soltou. Marta caiu de costas num monte de neve gelado e ficou ali deitada, imóvel como um boneco de neve, os Pensamentos fervilhando.

De onde Bogosian tinha surgido? Será que tinha vindo de carro? Onde estaria o carro, na garagem? Marta não se dera ao trabalho de procurar marcas na neve, de tão distraída que tinha ficado com Alix. Também não vira Bogosian seguindo Alix; portanto, ele já devia estar aqui quando chegaram. À espera Talvez tivesse deduzido que Marta tentaria revistar a casa de praia de Steere. Ou talvez houvesse combinado um encontro com Alix aqui.

Marta estava apavorada demais para responder a essas perguntas. A neve congelava seu pescoço e caía atrás de suas orelhas. Ela estava completamente imóvel para não atrair a atenção de Bogosian. Todavia, precisava descobrir sua posição. Reuniu toda a coragem que pôde e espiou, acima das botas, a casa. A sala de estar se encontrava vazia. Onde estava Bogosian? Estaria vindo atrás dela? Marta poderia correr até a caminhonete.

Começou a dirigir-se para lá e então se deteve. Bogosian estava parado na escada que levava ao segundo andar. Marta estremeceu de medo e de frio. A sua memória veio a visão dos seguranças ensanguentados. Ela precisava saber. O que Bogosian estava fazendo? Tinha de conferir.

Marta virou-se de bruços, o queixo enterrado na neve, e arrastou-se pelos poucos metros até a duna pequena. Agachou-se atrás desta, o vento socando com força as suas costas. Os cabelos chicoteavam-lhe o rosto e ela os afastou com a luva coberta de neve. As ondas arrebentavam na praia, com um estrondo ensurdecedor. Bogosian estava imóvel no meio da escada. Parecia estreitar os olhos, tentando ver o topo da escada.

Marta ergueu os olhos para o segundo andar da mansão. Uma luz piscou numa janela afastada, onde devia ser um quarto. Era alto demais para que Marta visse o interior. Na escada, Bogosian inclinou

a cabeça como um pit bull, a manopla pousada no corrimão. O que quer que estivesse acontecendo, não parecia que Bogosian e Alix houvessem marcado um encontro aqui. Uma sinistra sensação percorria as entranhas de Marta.

A luz no quarto do segundo andar se apagou. Uma fração de segundo depois, uma luz apareceu na janela ao lado da primeira. Alix devia estar indo de quarto em quarto. Marta esticou o pescoço, mas, ainda assim, não conseguiu ver coisa alguma. O que estava acontecendo? Ela tinha de recuar se quisesse ver o andar de cima.

Marta afastou-se da duna, indo em direção ao oceano, colada ao chão como um caranguejo na neve. Retrocedeu até uma outra duna e abaixou-se atrás dela. De sua nova perspectiva, dava para ver a cabeça e os ombros de Alix num quarto do segundo andar. Ela parecia estar procurando alguma coisa numa sala de ginástica, onde se viam um aparelho de step e uma bicicleta ergométrica. Marta observou enquanto Alix abria um armário no quarto e remexia seu conteúdo. Toalhas brancas e garrafas de Evian caíram no chão. O que Alix estava procurando?

Na escada, Bogosian subiu um degrau, correndo a mão enluvada pelo corrimão.

Marta tornou a olhar lá para cima. A sala de ginástica escureceu. No minuto seguinte, uma luz se acendeu no meio do segundo andar, onde portas duplas de vidro se abriam para um balcão de madeira. As portas davam a Marta uma visão completa e ela pôde ver que Alix se encontrava num escritório, abrindo as gavetas de um arquivo com violência e revirando-as. Folhas de papel voavam para o carpete. Alix continuava a procurar. O que ela estava procurando?

Um súbito movimento na escada chamou a atenção de Marta. Bogosian sacou a Magnum do coldre que tinha preso ao ombro.

Meu Deus! Marta ergueu os olhos para Alix, que ainda remexia as pastas, ajoelhada diante do arquivo.

Bogosian começou a subir os degraus com a arma em punho. Será que ele sabia que Alix estava lá em cima? Teria a intenção de matá-la? E por quê? Marta não sabia o que fazer. O pânico cingia-lhe o peito.

Alix tentava rasgar uma caixa de papelão com as unhas. Depois de algumas tentativas, apanhou uma tesoura na mesa e abriu uma fenda na caixa com a lâmina da tesoura.

Bogosian chegou ao topo da escada. Marta sentia o coração trovejando através do tecido grosso do casaco. O que ela podia fazer? Tinha que fazer alguma coisa. Não podia deixar Bogosian matar Alix. Não havia ninguém por perto. Estavam no meio de uma nevasca. Marta não conseguiria chegar à casa a tempo, mesmo que tentasse. Ela se pôs de pé, vacilando no vento furioso.

Alix estava ajoelhada diante da caixa de papelão, lendo os papéis guardados ali. Bogosian surgiu no vão da porta do escritório e apontou a arma à queima-roupa para a testa da mulher. Uma onda arrebentou com o rugido de um trovão, e Marta ouviu o próprio grito acima do estrondo.

32

A neve redemoinhava em torno do arranha-céu de aço que servia como cenário platinado para a maior e mais cara firma de advocacia da cidade, a Cable & Bess. A luz cintilava de suas janelas talhadas como pedras preciosas, como uma gargantilha de diamantes enrolada em torno do pescoço do edifício. Um advogado de cabelos prateados encontrava-se sentado a uma mesa num canto, falando ao telefone. Em boa forma aos 62 anos, John LeFort continuava sereno e profissional, embora já passasse da meia-noite e ao telefone estivesse o quinto banqueiro insatisfeito com quem falava. Todos eles credores de um dos clientes de LeFort: Elliot Steere.

— Eu lhe asseguro que as dívidas de Steere estão sob controle — dizia LeFort. Ele correu um dedo indicador sobre uma das sobrancelhas escuras, que, como uma sólida marquise, protegiam os olhos claros e os traços finos. Formado em Harvard, LeFort era o perfeito advogado financista, de modo que não julgava seus clientes. Alguns enriqueciam, outros faliam e todos tentavam outra vez.

— As dívidas não estão sob controle, pelo que entendo — respondeu o banqueiro. Desta vez era Morris Barrie do First Federal. LeFort tinha negociado com Barrie muitas vezes ao longo dos anos e o conhecia muito bem. Os dois falavam a mesma língua, portanto essa conversa, que de outra forma poderia ser ofensiva ou profana, transcorria de forma bastante civilizada.

— Vamos precisar de outro adiamento, Mo — disse LeFort tranquilamente.

Ele sempre usava a primeira pessoa do plural quando se referia aos seus clientes, com o intuito de levar os credores a vê-los como uma equipe. Uma equipe que não podiam abandonar.

— Não tenho tanta certeza assim, John — replicou Mo, que a essa altura estava mostrando sinais preocupantes não só de abandonar a equipe, como também de liquidar o negócio.

— O adiamento de mais um mês no pagamento do principal serviria.

— Já concedemos esse adiamento de um mês por seis vezes. Por quanto tempo mais podemos ficar adiando? Além da parcela atual, Steere deve também parcelas atrasadas do principal.

— É uma situação temporária — tranquilizou-o LeFort. Seu olhar passeava pela mesa, onde se viam pilhas arrumadinhas de correspondências e blocos de papel. Um conjunto de caneta e lapiseira Waterford e algumas fotografias em preto-e-branco eram os únicos toques pessoais; LeFort preferia de longe os retratos em preto-e-branco aos coloridos. — Estamos cumprindo os pagamentos dos juros. Vamos recomeçar a pagar o principal assim que sair a absolvição, a qualquer momento agora. O banco retém as propriedades como garantia extra. A dívida está garantida.

— Não consigo ver como. Fiz a revisão dos contratos de Uasing e aquelas propriedades não podem gerar dinheiro suficiente para retomar os pagamentos do principal, mais os juros e as taxas. O propósito do investimento era a revenda dos imóveis. A posição legal de Steere torna isso insustentável, senão impossível.

— Nossa posição legal é segura.

— Segura, você diz? As advogadas de defesa dele estão tombando como moscas. Uma desaparecida e outra ferida. A TV está noticiando o tempo todo. Minha mulher acha que elas abandonaram o navio, pelo amor de Deus!

LeFort deu uma risada, não tão alta porém que pudesse ser tomada como descortesia. Bunny era uma histérica, todos sabiam disso.

— Lembre-se de que o júri já está deliberando. O caso agora está nas mãos deles. Eu estava no tribunal, assisti ao encerramento e

posso lhe afirmar que, na minha opinião, ele será absolvido antes do fim do dia de amanhã.

— É o que você diz, mas o refinanciamento de Steere eleva o débito acima de avaliações conservadoras do valor de liquidação da propriedade; aliás, acima de qualquer tipo de avaliação. No papel, esses nove edifícios estão avaliados em noventa e três milhões. Provavelmente não valem nem sessenta, e nosso risco está aumentando.

— Estamos quase fora de perigo, Mo.

— John, a comissão está preocupada. Muitíssimo preocupada. Cada hora que júri leva para chegar a uma decisão reduz a possibilidade de venda das propriedades. Se o júri for suspenso, isso pode continuar por mais um ano. Então não poderemos esperar pela melhor oferta. Teremos de liquidar.

— Vocês não vão precisar liquidar.

— Não me importo de lhe dizer que a essa altura já estou em sérios apuros. Pessoalmente, é o que quero dizer. — Mo suspirou e ouviu-se o clique-clique musical de cubos de gelo tilintando no cristal. LeFort sabia o que aquilo significava. Glenfiddich, o elixir dos momentos de baixa.

— Eu não me preocuparia em excesso, Mo.

— Como posso não me preocupar? Emprestei a vocês mais do que as propriedades valem no caso de uma liquidação. Aliás, mais do que elas valem, e ponto final. A comissão vai pedir minha cabeça por isso. Mais um clique, seguido pelo som discreto de um gole. — John, se Steere tiver recursos ocultos, ativos ocultos, deve apresentá-los agora. Qualquer coisa na Suíça, na ilha de Man, nas Caymáns. Meu Deus, homem, esta é a hora. Esconder uma coisa assim não é mais…

— Não temos nenhuma reserva oculta — asseverou-lhe LeFort.

Nada havia a esconder. O patrimônio líquido de Steere era, sob todos os pontos de vista, negativo — ele tinha se utilizado da

alavancagem de maneira extraordinária, mas ninguém com quem Steere negociava podia admiti-lo. Em outras palavras, se Steere não estivesse tão endividado, estaria quebrado. LeFort já não achava irônico que uma dívida colossal fosse tão poderosa quanto uma fortuna colossal.

— Sei que não somos os únicos credores — afirmou o banqueiro. — Não temos os únicos títulos da dívida. Com certeza não queremos ser os últimos a protestá-los.

LeFort encolheu-se ao ouvir aquela palavra. Algumas pessoas estremeciam ao ouvir uma palavra como câncer, mas os advogados financistas eram de outra opinião.

— Protestar títulos é uma alternativa ruim para ambos os lados, você sabe disso, Mo. Você não vai querer nos mandar a todos para a Vara de Falências pelos três próximos anos. O banco teria de se conformar com uma fração embaraçosa. Tenha paciência, aguente firme e você vai se dar bem.

— John, dessa vez eu estou encurralado. — Ouviu-se mais um clique e então o chocalhar abafado de cubos de gelo. No fundo do copo. LeFort adivinhou que Mo se serviria de mais uma dose, e foi o que ele fez. Então era verdade o que vinha ouvindo no clube.

— Não se esqueça — acrescentou LeFort — que você tem a garantia pessoal de Steere em relação ao refinanciamento.

Uma risada e um gole.

— De que vale a garantia pessoal de um réu condenado?

LeFort enrijeceu-se. Aquela conversa estava ficando cansativa e ele já tivera quatro outras daquela. Era hora de endurecer um pouco.

— Vai protestar os títulos, Mo?

— Eu não disse isso.

— Ótimo. Então vamos precisar de mais trinta dias.

— Não posso fazer isso, John.

— Se não pode, então proteste.

— Também não posso fazer isso — replicou o banqueiro, a frustração evidente em sua voz. — Se a intenção de Steere é vender os imóveis à prefeitura, eu insistiria para que ele considerasse as ofertas reduzidas de agora. Recebemos dois telefonemas do gabinete do prefeito hoje. Eles querem aqueles imóveis, John. Disseram que o ponto de partida eram cinquenta milhões.

— Ainda não estamos prontos para vendê-los. Esperamos que o preço se eleve à medida que as eleições se aproximem.

— Mais dinheiro da prefeitura, John? É querer tirar sangue de pedra.

— Não com a prefeitura. Soubemos que um grupo pode estar se reunindo para comprar os edifícios. Leonard Corbin e seu grupo.

— Não podemos esperar por isso. A comissão não concordará. Um daqueles imóveis deve estar comprometido num acordo de venda até o fim da semana.

LeFort endireitou os ombros estruturados.

— As propriedades serão vendidas por um preço justo quando acharmos conveniente.

Um suspiro profundo, então o silêncio.

— Isso está me matando, John.

— Fazemos negócios juntos há anos. O banco tem a chance de lucrar generosamente com esses empréstimos. Foi assim no passado, será assim no futuro.

— Mas essas notícias sobre as advogadas… isso é assustador.

— Mantenha o olho na bola, Mo. O júri não tem conhecimento disso. Vamos manter a calma, está bem?

— OK, John. Olho na bola. — O banqueiro deixou escapar um último e alcoolizado suspiro e desligou.



Elliot Steere estava sentado em sua cela com os olhos levemente fechados, descansando a cabeça na parede de blocos de cimento cinza. O guarda bexiguento tinha contado a ele sobre os seguranças mortos e sobre a advogada, DiNunzio. A batalha estava sendo travada. Suas forças prevaleciam, mas tinha acontecido um problema. Steere precisava avaliar a situação presente e então agir. Tinha muitas opções. Espaço para se movimentar. Ele só parecia um homem aprisionado.

Steere descansou as mãos ao seu lado, relaxou o corpo e deixou que seus pensamentos corressem livremente. A primeira coisa que fez foi considerar suas forças: uma mulher e um homem. A mulher tinha sido instruída a destruir o cadastro. Ela o faria porque Steere lhe ordenara e porque os papéis a incriminavam. Steere supunha que ela estivesse indo em busca do arquivo para destruí-lo, a menos que ouvisse o contrário. Até ali nenhuma notícia, portanto estava tudo bem.

Steere refletiu sobre o homem, Bogosian. Tinha sido instruído para permanecer com Marta, mas era evidente que alguma coisa dera errado. Bogosian, porém, ainda devia tê-la sob seu controle. Ele não a deixaria escapar. Persistiria até liquidar o trabalho. Ou Marta.

O rosto de Steere permanecia uma máscara. Seus olhos moviam-se sob as pálpebras fechadas. Não havia outra alternativa agora senão Marta morrer. Ela tinha durado mais do que sua utilidade. O caso já estava nas mãos do júri. Se ela sumisse e aparecesse morta mais tarde, Bogosian poderia fazer com que parecesse suicídio ou reação a um assalto. Bogosian cuidaria bem dos detalhes. Já tinha feito isso antes.

Steere respirava pesadamente, entrando num estado profundo de meditação. Era evidente que Bogosian havia apanhado DiNunzio na ponte da estrada de ferro. Fora um imprevisto, mas ele tinha agido a fim de salvar a operação. Tratava-se de uma tática inteligente e demonstrava iniciativa. Steere recompensaria Bogosian por isso. Era como dissera Sun-Tzu: *Se (…) for indulgente, mas incapaz de fazer valer sua autoridade, então seus soldados ficarão iguais a crianças mimadas; veja-os como crianças e saiba liderá-los na batalha*. Steere estava experimentando aquele sentimento em relação a Bobby agora. Quase paternal. Então, passou.

Que atitude Steere poderia tomar agora para alcançar a vitória? Precisava ser flexível, permanecer relaxado. Seus inimigos estavam desbaratados. Dispersos, feridos. Steere estava na posição superior e precisava manter-se fluido para beneficiar-se das circunstâncias. *Na batalha, seja como a água. A água modela seu curso de acordo com a natureza do solo por onde passa; o soldado prepara sua vitória de acordo com o inimigo que está enfrentando*.

Os pensamentos de Steere tornaram-se claros como a água de uma nascente e passaram a fluir como um riacho. O dano que causara às suas advogadas poderia provocar uma anulação do julgamento. Essa era a última coisa que ele queria. Tinha garantido o veredicto do júri e sabia que seu jurado seria bem-sucedido. Uma anulação do julgamento custaria a Steere esse jurado, o manteria na prisão e inquietaria seus credores. Não. Queria que o julgamento prosseguisse, o veredicto inevitável como as marés. Steere deveria ser considerado inocente, e logo. Nada menos do que isso serviria.

Steere avaliou sua posição nos negócios. Seus credores precisavam daquele veredicto também, o mais rápido possível. Deviam estar ameaçando protestar os títulos. Tinha instruído LeFort a agir com dureza e sabia que suas ordens seriam cumpridas. Os bancos não queriam protestar suas dívidas. Eles detestavam confrontos e conflitos, ainda que um conflito tão brando quanto um

litígio. Steere sorriu internamente. Os banqueiros também nada conheciam sobre a guerra. Quando todos têm a bomba, ninguém tem colhões para usá-la.

Steere respirou profundamente. *Na batalha, seja como a água*. Considere a hipótese de um dos credores protestar um título. Um incêndio nas instalações elétricas de um dos edifícios levantaria o capital. Steere designaria ao banco o direito de receber o seguro e isso lhe daria tempo com os outros títulos. Em hipótese nenhuma Steere iria permitir que o prefeito conseguisse os imóveis. Steere tinha uma estratégia para assegurar a derrota do prefeito e os imóveis eram essenciais a ela. *Exércitos adversários podem se enfrentar durante anos, lutando pela vitória, que é decidida num só dia*.

De repente houve uma batida na janela da cela, arrancando Steere de sua meditação. Era o guarda, inclinando-se diante da grossa janela plástica.

— Sr. Steere — anunciou ele —, sua advogada está aqui para vê-lo.

33

Bennie estava sentada diante do seu computador no quarto extra que ela somente por eufemismo, chamava de escritório doméstico. Livros e papéis projetavam-se das prateleiras acima do monitor. Copos velhos de café e colheres sujas ameaçavam engolir o teclado ergonômico. Uma cadela golden retriever de pelo avermelhado, chamada Ursa, descansava aos pés de Bennie, entre as botas molhadas, faxes velhos e tufos de pelo. Para Bennie, era preciso optar entre a limpeza e o gozo da vida, coisas estas que se excluíam mutuamente. Não tinha sido o juiz Louis Brandeis que dissera que a luz do sol era o melhor desinfetante? Bennie tinha adotado aquela máxima como sua filosofia doméstica.

Ela clicou o mouse do computador e fitou a fotografia ampliada do negro na tela. Eb Darning, funcionário de banco; barbeado e bem cuidado. Bennie tornou a clicar e apareceu uma foto de Heb Darnton que ela havia importado do jornal online. Devia ser uma foto de arquivo. Heb tinha a barba espessa, os cabelos revoltos e uma expressão perturbada.

Bennie moveu as fotografias, de modo que ficassem lado a lado na tela. Eb Darning / Heb Darnton. Tinha dado uma busca de ambos os nomes em todos os *websites* sobre Filadélfia que pôde encontrar, incluindo os sites dos jornais locais. Bennie recostou-se em sua cadeira e comparou as duas fotografias. Podiam ser fotos do mesmo homem, do tipo antes e depois.

Bennie estava perplexa. Com o que suas associadas haviam topado? O que estava acontecendo em sua firma de advocacia? Teria sido por isso que Mary levara um tiro? E qual era o envolvimento de Marta? Havia perguntas demais, todas ameaçando a existência da

Rosato Associadas. Bennie não podia perder tudo que construíra, outra vez não, e não sem lutar.

Ela olhou a foto do homem. Eb Darning. Ele tinha as respostas. O artigo online dizia que Darning fora morador da Greene Street nos anos 60. Bennie conhecia a Greene Street muito bem; ficava no bairro de Fairmont. Bennie tinha um cliente na Spring Garden Street, um barbeiro que cortava o cabelo de todo mundo na vizinhança. Ele devia conhecer Darning ou devia conhecer alguém que o conhecesse.

Bennie estendeu a mão para o telefone.



MÉTODO DO FEIJÃO, lia-se em letras brancas pintadas num arco caindo aos pedaços na minúscula fachada da loja. A barbearia não tinha se modificado desde a década de 50. Estava espremida, como um sanduíche de geleia entre um bordel e um edifício de apartamentos reformado. Suas lâmpadas florescentes cintilavam em meio à tempestade de neve.

Feijão morava em cima da loja, mas encontrou Bennie dentro da barbearia, ficando de pé ao seu lado, enquanto ela se sentava numa das cadeiras antiquadas, de porcelana branca com almofadas e apoios para a cabeça em couro vermelho rachado. Feijão ficava mais à vontade na loja, o que Bennie compreendia perfeitamente.

— Desculpe-me por tirar você da cama — disse ela.

— Não se preocupe com isso. — Feijão dispensou as desculpas com a mão escura surpreendentemente pequena para alguém de seu tamanho. Aos 67 anos, Washington "Feijão" Baker ainda era um homem corpulento, com bochechas rechonchudas e olhos castanhos separados; o aspecto mais notável de sua aparência, porém, era o formato incomum da cabeça careca. A testa se abaulava onde antes

começavam os cabelos, o queixo era pontudo e a pele tinha um tom de marrom misturado ao vermelho. Quando crescia, a mãe tinha chegado à conclusão de que a cabeça do filho parecia um grão de feijão e então lhe dera o apelido. — Posso descer a qualquer hora para uma dama como você — afirmou ele.

— Mesmo eu tendo perdido a sua causa?

— Eu disse que não ia sair nada dali. Ninguém vai querer enfrentar os tiras. Eles arrancam dinheiro de você e fica por isso mesmo.

— Agora não ficaria.

— Por quê? — perguntou ele, abrindo lentamente um sorriso. Feijão fazia tudo devagar. Pensava bem antes de falar e só se movia vagarosamente, uma característica tranquilizadora num homem com uma lâmina encostada em sua carótida. — Aprendeu alguns truques desde aquela época?

— Uns poucos. E os júris também aprenderam. Hoje, aqueles tiras teriam sido condenados.

— Então eu devia esperar um reembolso?

— Ei, eu incluí você nas despesas eventuais, lembra-se disso? Eu não cobrei os olhos da sua cara.

Feijão sorriu.

— Eu sei. Só falei para ver você ficar nervosa.

— Eu já me sinto mal o bastante — resmungou Bennie. — Eu devia tê-los pegado. Eles mentiram *sub judice*.

— Ah, se mentiram. — A voz dele era suave, o tom casual. — Afinal, são tiras.

— Fiquei devendo essa a você.

— Esqueça isso. Eu só gosto de deixar você irritada. Bennie sentou-se mais na ponta da cadeira do barbeiro.

— Conhece alguém chamado Eb Darning, Feijão?

— Eb? — Feijão esfregou a cabeça lisa com as pontas dos dedos, amassando a calva marrom-avermelhada como se fosse barro macio.

— Eb? Faz muito tempo. Eb. É, eu me lembro de Eb.

— O que você se lembra sobre ele?

— Só tinha uma coisa a se saber sobre Eb. Ele bebia demais. Tinha um problema com a bebida. Ia para a mercearia todos os dias. Eu costumava ver Eb lá. Assim que abriam, lá estava ele. Ficava esperando na calçada. Contou-me que só comprava uma garrafa por dia. Se comprasse mais, beberia todas.

— Drogas também?

— Só bebida.

— Quando foi a última vez que o viu?

— Uns dez, doze anos.

Dê uma olhada nisso. — Bennie tirou do bolso do casaco a fotografia obtida no computador do Eb Darning bem barbeado e a entregou a Feijão. — É esse aqui?

— Com toda certeza. Esse é o Eb.

Agora quero mostrar a você outra foto. Ela passou a ele a fotografia com a barba. — Dê uma olhada e me diga se acha que esse também é Eb.

— É ele? — indagou Feijão, passado um minuto.

— É você quem vai me dizer.

Feijão caminhou com a fotografia nas mãos até os bancos acolchoados encostados à parede da barbearia e acomodou o corpo sobre um deles. Os bancos haviam sido recolhidos em refugos de vários restaurantes e reunidos em fileiras díspares de vermelho, azul e marrom, formando um arco-íris de vinil contra o fundo branco dos azulejos de porcelana da parede. Um telefone de ficha preto com disco giratório tinha sido colocado perto da parede azulejada e pedaços de fita adesiva prendiam à parede dos fundos pôsteres políticos amarelados, com fotografias desbotadas de líderes distritais negros. Bennie deixou os olhos se demorarem em seus rostos brilhantes e ambiciosos, pois Feijão ficaria olhando a foto pelos próximos minutos.

— E então? — perguntou ela quando já não podia mais aguentar a espera.

Feijão levantou os olhos, piscando.

— Não parece o Eb que conheci, mas poderia ser. Os olhos… é, pode ser ele. Eb não usava barba naquela época. Disso eu tenho certeza. Ele vinha se barbear de vez em quando.

— Se tirássemos a barba, então seria Eb?

— Pode ser. Pode ser. — Feijão devolveu as fotos. — Envelheceu rápido, o sujeito. Eu não teria reconhecido, se você não tivesse dito nada.

Bennie entendeu a resposta como um sim hesitante e enfiou as fotos novamente no bolso.

— Que tipo de homem era o Eb, você se lembra?

— Um bêbado.

— Estou falando da personalidade dele.

— Para mim, era um bêbado. Isso é tudo. Os bêbados são todos iguais. — Feijão sacudiu os ombros pesados. Vestia um guarda-pó azul largo, com calça folgada, seu uniforme de barbeiro, embora a loja estivesse fechada. Feijão sempre tinha dito que dormia com o guarda-pó, mas Bennie até então não acreditava. — Eb ficava calado, sentado na cadeira, quando estava sóbrio. O resto do tempo ele tagarelava.

— Falava sobre trabalho?

— Trabalho? Falava sim.

— Trabalhava num banco, correto? O PSFS.

— Banco?

— É. O PSFS.

O olhar de Feijão fixou-se no piso limpo de ladrilhos pretos e brancos.

— Isso foi só por pouco tempo. Um ano, talvez. Sei porque Eb passou a usar gravata. Então, saiu de lá e parou de usar a gravata. Ele usou terno e gravata por um ano, vamos dizer.

— Por que saiu do emprego, você sabe?

— Por causa da bebida. Eb nunca ficava num emprego por muito tempo. Estava sempre em busca de trambiques, sabe? Uma vez, ofereci a ele um emprego, para varrer a loja. Eb disse *não, obrigado*. — Feijão franziu tanto o cenho que sua testa enrugou-se como a de um velho buldogue. — Ele disse: "Não faço esse tipo de trabalho." Eu não gostei daquilo, não gostei mesmo.

Bennie sorriu.

— Quem é que não ia querer trabalhar para você, Feijão? Eu toparia a qualquer hora.

— Você? Você é uma desmazelada. Eu vi o seu escritório.

— Estamos falando sobre Eb agora, e não sobre mim, portanto me fale dele. Tudo que souber.

Feijão relaxou sobre o banco acolchoado.

— Eb. Eb. Deixe-me ver… Eb era o tipo de homem que não queria um trabalho de verdade. Queria era dinheiro fácil. Procurava trambiques. O tempo todo, procurando. Entende o que quero dizer?

— Entendo.

— Eb gostava dos trabalhos que fazia para a Prefeitura.

— Para a Prefeitura?

— É o que me lembro.

— O que ele fazia lá?

— Servicinhos.

— Para quem ele trabalhava? Qual departamento?

Feijão sorriu, dessa vez sem cordialidade.

— Mulher, que tipo de trabalho você acha que um homem como aquele faz para a Prefeitura?

— Eu não sei.

— Não seja boba.

— Explique-me. Que trabalho?

— No departamento de E e I, por algum tempo.

— Licenças e Inspeção?

— O departamento não importa; dê o nome que quiser. Licenças para obras, frotas de veículos. Regularização de estacionamentos e outras coisas. Eb trabalhava para a Prefeitura. Eb fazia o que era preciso. Recebia em dinheiro vivo.

— Ele tinha amigos?

— Não que eu saiba.

— Mulher? Namorada?

— Mulher, não. Talvez uma garota, por algum tempo.

— Alguém especial.

— Não. Algumas garotas.

— Merda.

— Espere. — Feijão ergueu a mão. — Agora você está me apressando. Eu disse "não" rápido demais. Talvez tivesse uma menina.

— Uma criança. — Bennie não tinha visto coisa alguma nos jornais sobre uma criança. Não tinha aparecido ninguém.

— Uma garotinha. — Feijão fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Eu vi uma foto dela na carteira dele. O retrato de uma garotinha na escola. Muito bonitinha.

— Qual era o nome dela?

— Sei lá. Ele nunca falava dela. Eu perguntei quando vi a foto e Eb só balançou a cabeça. Não disse nada, só balançou a cabeça. Estava com uma expressão triste, um ar ruim. Imaginei que alguma coisa tivesse acontecido com aquela menininha. Como ela ter morrido, por exemplo, e Eb não queria falar disso.

Bennie fez uma pausa, confiando nos instintos de Feijão.

— Eb não tinha mais ninguém além da filha?

— Não.

— Nenhum amigo do trabalho?

— Não. Sentava-se aqui na cadeira e não falava muito, só respondia o que perguntavam. Às vezes fazia a barba, como eu disse. Quando tinha alguma missão. Para a Prefeitura.

— Que tipo de missão?

Feijão aprumou a cabeça e franziu a testa.

— Ora, como eu vou saber que tipo de missão?

— Talvez ele falasse. Por favor, me dê um desconto. Estou tentando decifrar o que aconteceu. O que ele dizia sobre essas missões? Você consegue se lembrar?

Feijão fechou os olhos, enquanto pensava. Suas pálpebras tremiam, ligeiramente gordurosas.

— Você não perguntava a ele: "Por que precisa fazer a barba hoje, Eb?" "Por que está todo arrumado hoje, Eb?"

— Fique quieta agora e me deixe pensar. Você é uma mulher muito, muito impaciente.

Bennie calou-se.

— Eb costumava falar algumas coisas sobre inspeção — disse Feijão devagar e então abriu os olhos.

— Inspeção de edifícios?

— Talvez fosse isso.

Bennie estava pensando nas propriedades de Steere na cidade. Elas tinham de ser inspecionadas todos os anos. As violações de Steere eram notórias. Alguém tinha de estar com os olhos fechados. Alguém que estivesse fazendo trambiques e que recebesse dinheiro vivo.

— Quando foi isso?

— Agora você está querendo me fazer voltar no tempo de verdade.

— Vinte, trinta anos?

— Pode ser. Não me lembro.

— Qual foi a última vez em que você viu Eb?

— Não sei. Perdi contato com ele. Ouvi dizer que perdeu a casa, que se mudou. Bebendo o tempo todo. Não sei onde está agora. Nunca mais vi o homem.

Bennie fez uma pausa, tentando decidir se deveria contar a Feijão o que tinha acontecido com Darning. Não podia dizer a ele que Eb era o mendigo que Steere matara. Aquilo era informação privilegiada, e a Rosato & Associadas já estava numa merda antiética muito grande na atual situação. Mas também não podia simplesmente deixá-lo no escuro.

— Feijão, eu sinto muito, mas acho que Eb pode ter sido assassinado.

— É uma pena — comentou ele, mas sem alterar a expressão de seu rosto, o que pareceu estranho a Bennie, pois o homem tinha um coração imenso.

— Você não parece muito aborrecido.

— Não estou aborrecido. Também não estou surpreso.

— Por quê?

— Isso acontece.

Feijão assentiu com a cabeça e Bennie sentiu-se uma tola.

— O assassino não vai escapar impune.

Feijão limitou-se a sorrir.

— Não vai mesmo. Não se eu puder evitar — afirmou ela.

Então, caiu na real. O que ela estava dizendo? Steere era seu cliente, um cliente da Rosato. A firma de Bennie estava sendo paga para inocentá-lo. Espere um pouco. Então teria sido isso o que acontecera? Teria sido por isso que Mary levara um tiro? Por que Marta havia desaparecido? Será que elas estavam trabalhando para chegar ao fundo do assassinato de Darning, com a intenção de incriminar Steere? Seu próprio cliente?

Bennie não podia deixar que isso acontecesse. Não com sua firma, não com um cliente seu. Aquilo podia arruiná-las a todas. Se Steere era um assassino, não era função de seus próprios advogados fazerem justiça. Isso seria uma traição, uma violação do dever ético que, para ela, tinha um significado maior. Lealdade.

Bennie precisava pôr um ponto final nessa história. Ela se levantou, agarrou o casaco e o vestiu, apressada.

— Preciso ir, Feijão. Muitíssimo obrigada pelas informações.

— Ainda está nevando lá fora. Por que não fica quieta aqui até parar?

— Não, obrigada.

— Posso aparar essa gaforinha na sua cabeça.

— Tenho de correr — disse Bennie, no momento em que saía no ar gelado.

34

O juiz Rudolph pesou as más notícias apoiado no cotovelo ao lado da mulher que roncava, relutante em deixar a quentura da cama de dossel, *king size*. O juiz dormia a sono solto quando recebeu um telefonema do seu auxiliar, contando-lhe o que havia acontecido com duas das advogadas de Steere — uma estava desaparecida e outra, baleada — e que dois seguranças tinham sido assassinados. Cristo, quando não era uma coisa era outra. O juiz Rudolph sabia que tinha uma péssima noite pela frente e que esta começaria assim que seus dedos descalços tocassem o frio piso de madeira. Ele estava um tanto preocupado com as advogadas, mas precisava manter-se concentrado em sua meta. E quanto à sua promoção à Suprema Corte?

— Quanto tempo ainda falta, Senhor? — resmungou ele para si mesmo, enquanto tirava as pernas magricelas de sob o edredom branco. Seus pés esfriaram em contato com o piso de madeira que Enid se recusava a cobrir com algo tão plebeu quanto um tapete qualquer. Ele correu para o banheiro em seu short de pugilista e ficou parado, tremendo, em cima do capacho do boxe. Aquela maldita casa estava fria demais. Enid mantinha o termostato nos 20°C, e seus dedos dos pés ficavam azulados uma boa parte do tempo. O juiz abraçou o próprio corpo para se aquecer e movimentou os pés sobre o capacho. Não tiraria os pés dali. O piso vitrificado devia estar um gelo.

O juiz aproximou-se do vaso sanitário, fazendo o capacho deslizar com os dedos dos pés. Ele teria de ir para a sala de audiências e resolver aquela confusão. A nevasca uivava do lado de fora da janela do banheiro.

Telefonaria ao oficial de justiça para vir buscá-lo. Nem mesmo uma tempestade de neve iria detê-lo. Seria preciso mais do que um ato de Deus para impedir Harry Calvin Rudolph de chegar à Suprema Corte da Pensilvânia.

O juiz ergueu a tampa do vaso. Levava cerca de um minuto desde aquele probleminha que tivera na próstata. Mas ele estava bem, estava ótimo, ainda tinha uma longa carreira pela frente. Inspire, expire. Relaaaaxe, como disse o médico. Diga bem devagar: "Relaaaaxe". E então saiu, com seus pensamentos.

Restava uma advogada: a loura alta, Carrier. Legalmente, o julgamento podia prosseguir enquanto houvesse um advogado sobrevivente, desde que o réu não se opusesse. Mas se Steere desse entrada num pedido de anulação ou adiamento, isso resultaria em algo bem diferente. O juiz Rudolph não conhecia a lei com exatidão nesse aspecto, pois não havia leis a esse respeito. Com que frequência os advogados eram liquidados durante as deliberações do júri? O juiz tinha mandado o auxiliar sentar o rabo na sala de audiência e lhe apresentar a solução certa. Justamente Joey, que não conseguia nem comprar leite.

O juiz Rudolph saltou do capacho do banheiro e correu pelo parquete gelado até o quarto de vestir, onde pousou ambos os pés no tapete oriental. Seus pés estavam muito frios. Primeiro calçou as meias e já havia começado a vestir a calça do terno quando o telefone tocou.

— Droga! — Ele correu ao escritório para atender ao telefone, segurando a calça com uma das mãos. A última coisa de que o juiz precisava era que Enid acordasse e começasse a resmungar. Ela odiava o caso Steere. Tinha perdido as férias de inverno na ilha de Sanibel por causa dele e, quando Enid ficava sem jogar golfe, tornava-se insuportável. O juiz Rudolph atravessou em desabalada carreira o corredor e chegou ao escritório no momento exato em que o telefone tocava outra vez. Ele levantou o fone do gancho e a calça

caiu ao redor de seus tornozelos, quando se deu conta de quem estava falando. — Prefeito Walker! — exclamou o juiz, surpreso.

— Muito frio por aí, Harry? — perguntou o prefeito. Sua voz soava casual, como se fosse hábito seu ligar para o juiz no meio da noite.

— Pode ter certeza. — O juiz Rudolph não ia cair naquela. O prefeito era democrata e o juiz, republicano; portanto, o prefeito jamais o apoiaria para a Suprema Corte. A Pensilvânia era um dos poucos estados que ainda realizavam eleições para o judiciário, como novilhas concorrendo numa feira pecuária, e o juiz dava graças a Deus por sua boa sorte. Exceto pelo enclave democrata que era Filadélfia, a maior parte do estado era conservadora e republicana.

— É uma senhora tempestade.

— A nevasca do século.

— Pelo menos da reeleição.

Ambos riram de modo desagradável. O juiz Rudolph, de pé num lago de lã formado pela calça do terno, sabia que o prefeito Walker havia forçado a ação penal contra Steere. Ao prefeito nada agradaria mais do que uma anulação do julgamento, o que manteria Steere na prisão, liberando suas propriedades. Ao juiz nada agradaria mais do que um veredicto, que lhe asseguraria uma nova beca.

— Vou direto ao assunto — disse o prefeito. — Imagino que já tenha ouvido as notícias. Alguém está matando os advogados de Elliot Steere.

— Eu não iria tão longe assim. — O juiz levantou a calça pela cintura. Ora, ora, se ele discutiria o caso Steere com o prefeito. Como isso seria usado mais tarde?

— Eu, sim. Assassinato, sequestro. Uma tragédia e uma catástrofe para o caso.

— É uma tragédia para a família dos seguranças, mas não deve afetar o julgamento. — O juiz escolhia as palavras com cuidado. Já era arriscado por si só dar prosseguimento àquela ligação. O juiz

Rudolph só conhecia uma forma de se proteger. Ele pressionou um botão ao lado do seu telefone e o gravador oculto na gaveta da escrivaninha foi silenciosamente acionado. — Não tenho intenção de discutir os méritos do caso Steere com o senhor — afirmou da forma mais distinta possível.

— Não estou telefonando para discutir os méritos do caso — replicou o prefeito, de modo igualmente distinto. Peter Walker não tinha chegado a prefeito sendo de todo obtuso. Seu próprio gravador estava rodando desde o início. — Liguei para consultá-lo sobre o procedimento em relação à tempestade. Esclarecer a logística. Declarei situação de emergência por causa da nevasca, mas posso mandar escoltar os jurados até suas casas. Quando calcula que irá dispensar o júri?

— Não haverá dispensa. Os jurados permanecerão sequestrados e darão prosseguimento às deliberações.

— O quê? Não imagino que seja lícito prosseguir em tais circunstâncias. Uma das associadas da equipe de defesa, Mary DiNunzio, está na UTI e não tem muitas chances de se restabelecer.

— O réu dispõe de uma advogada, uma jovem brilhante — declarou o juiz. Talvez esta fosse sua chance de redimir-se daquele comentário sobre as "tetas". — Ela é muito competente e pode comandar o julgamento, exatamente como muitas das mulheres que se apresentam diante de mim. Trabalha numa firma exclusivamente de mulheres, o senhor sabe, a Rosato Associadas. Tenho grande respeito por essa firma Não tenho a menor dúvida de que farão tudo que estiver em seu poder para proteger o direito do réu a um advogado e a um processo justo.

Do outro lado da linha, o prefeito revirou os olhos. Quem era o candidato às eleições aqui, ele ou o juiz?

Ah! Ambos.

— A advogada principal está desaparecida também. Marta Richter. Como pode prosseguir sem ela?

— A sra. Richter não está desaparecida. Meu auxiliar falou com ela esta noite e ela estava bem.

— Ela pode ter sido sequestrada!

— Isso é especulação. O paradeiro da sra. Richter quando o tribunal não está em sessão não é da minha conta. Não tenho conhecimento de quaisquer fatos que me levem a acreditar… Você não dispõe de todos os fatos, Harry.

O juiz hesitou. O prefeito podia ter em mãos informações úteis.

— A polícia encontrou evidências de sequestro?

O prefeito hesitou. O juiz podia ter em mãos informações úteis.

— O réu deu entrada num pedido de anulação do julgamento?

Os dois homens se calaram, enquanto seus gravadores continuavam zumbindo. Um impasse entre raposas.

Passado um minuto, o juiz Rudolph pigarreou.

— Sinto-me pouquíssimo à vontade com essa conversa.

— Não vejo o porquê. Não estou lhe fazendo perguntas confidenciais. Saber se deram entrada em uma petição para anulação de um julgamento é uma questão de interesse público. As estradas estão perigosas com essa nevasca e, se você vai dar prosseguimento às deliberações, vai precisar de policiamento extra para transportar os jurados até o Centro de Justiça Criminal. Um aviso antecipado ajudará a cidade a conciliar suas necessidades durante esse estado de emergência.

— O julgamento terá prosseguimento — informou o juiz com firmeza. Judicialmente. — Se o réu deseja uma anulação do julgamento, deve fazer uma petição através da sra. Carrier ou dele próprio. Pode até mesmo me telefonar, se desejar. Meu auxiliar sempre sabe onde me encontrar. Foi com ele que conseguiu esse número, não foi? — O juiz abanou a cabeça. Passaria uma descompostura em Joey quando chegasse ao tribunal. Segunda bola perdida por aquele garoto. — Além disso, ordenei aos jurados que continuassem suas deliberações no hotel, portanto não será

necessário transportá-los para o Centro de Justiça Criminal. Espero que esta seja a nossa última conversa sobre este assunto. — O juiz desligou o telefone e fechou a calça com satisfação.

Os dedos de seus pés moviam-se alegremente, de súbito aquecidos.



Do outro lado da cidade, na Prefeitura, o prefeito atirava o telefone contra a parede forrada. O aparelho caiu sobre o tapete oriental num emaranhado.

Jen observou-o tombar com uma expressão sombria no rosto.

— Eu disse a você que deveria ter deixado que eu telefonasse.

35

De pé na duna batida pelo vento, Marta viu a cabeça de Bogosian, ao som de seu grito, voltar-se bruscamente em sua direção. Ele devia tê-la ouvido. E viria atrás dela.

Ela saiu em disparada, correndo o mais veloz que podia pela praia coberta de neve. A escuridão era absoluta. Marta não conseguia ver coisa alguma. A neve soprava para todos os lados e transformava-se em oceano. O oceano agitava-se por toda parte e transformava-se em céu. O vento fustigava seu rosto e golpeava seus ouvidos. Corra. Fuja daqui. Para a escuridão, o barulho e o frio. Fuja. O mais rápido que puder. Rápido, como tinha corrido da perua, a mãe chamando por ela. *Fuja*.

Marta atravessava velozmente a praia. Seu gorro voou. Ela olhou para trás e avistou a casa iluminada. Alix esmurrava as portas duplas. Bogosian devia tê-la trancado. Ele estava vindo atrás dela. Ah, meu Deus. Num minuto ele estaria na praia. Atiraria nela, como antes. Só que agora não haveria um trator gigantesco para protegê-la. Fuja.

Marta desviou na direção da orla d'água, onde a camada de neve era mais fina. O vento batia de cheio em seu rosto e em seu peito. Ela corria pela praia como um raio, chapinhando na arrebentação. As ondas se quebravam, os respingos frios batendo em seus ombros. A água gelada encharcava-lhe o casaco. Marta não conseguia ver onde a areia terminava e o mar começava, e então continuou correndo em linha reta, afastando-se da casa de praia de Steere.

Sua respiração saía em golfadas de pânico. Suas pernas doíam devido à corrida com as botas pesadas. Seus ombros vacilavam sob o casaco encharcado. Marta não conseguiria manter o ritmo por muito

mais tempo. Ela avistou uma casa branca em estilo moderno à distância. Um lugar para se esconder.

Ela mudou de direção, afastando-se da água, e disparou através da neve, em direção à casa. O vento soprava vindo do oceano, impelindo-a para diante. À medida que Marta ia se aproximando da casa, ia procurando esconderijos com os olhos. Estava escuro demais para que pudesse enxergar alguma coisa e ela simplesmente seguia em frente tinha a sensação de que seu coração estava prestes a explodir.

Crack! Crack! Disparos.

Marta sentiu um sobressalto de terror. Bogosian. A Magnum. Onde ele estava? Marta não conseguia dizer de onde vinham os tiros. A tempestade e o mar engoliam o barulho. A que distância ele estaria?

Ela já estava quase alcançando a casa branca. Era uma construção alta, erguida sobre estacas. Onde poderia se esconder? Havia uma varanda cercando toda a casa, mas era por demais exposta. Ela correu sob a varanda, olhando desvairadamente ao redor. Debaixo da casa estava ainda mais escuro. E não havia neve para mostrar seu rastro. Uma porta de madeira bateu com o vento, mais para os fundos da casa. Um chuveiro externo.

Crack! Mais um disparo. Mais alto. Mais perto. Não havia tempo a perder.

Marta correu para o cubículo do chuveiro e entrou. Tudo escuro. Não conseguia ver nada. Seus dedos tiveram dificuldade para passar o ferrolho na porta e ela esbarrou numa prateleira, tateando então à sua procura com dedos nervosos e subindo nela. O que fazer? Rezar para que Bogosian não a encontrasse? Não. Ela precisava de uma arma. Então lembrou-se.

As ferramentas de Christopher. Tirou o malho do bolso. Um martelo contra uma pistola? Marta teve um estremecimento de pavor. Sua respiração ofegante estava alta demais. Suas costelas

queimavam de dor. O pulso não se acalmava. Ela ergueu o malho pesado e espiou por cima da parede do cubículo, em meio à escuridão.

Lá estava ele. Bogosian. Uma sombra imensa contra a neve, com a camisa branca voando, cambaleando pela praia. A arma em punho. A cabeça abaixada. Estava procurando pegadas na neve. Virou-se na direção da casa.

Ah, Deus, não. O estômago de Marta contraiu-se. Ele estava vindo para a casa. Seguindo sua pista. À medida que se aproximava, ela pôde ver o brilho da arma.

Marta abaixou-se e tentou silenciar sua respiração ofegante. Encontrou uma minúscula fenda entre as tábuas do cubículo e colou o olho ali. Ela podia ver Bogosian, mas ele não podia vê-la. Disse a si mesma que era ela quem tinha a vantagem e sugestionou-se a acreditar. Ela o apanharia de surpresa.

Bogosian movia-se pesadamente na direção da casa. Parou, abaixando-se para tocar a neve. Rastreando as pegadas. Ergueu-se e seguiu diretamente para a casa.

Marta mordeu o lábio para não gritar.

Bogosian continuou se aproximando. A arma em punho, pronta para disparar. Estava a uns três metros da casa, depois dois. Indo direto para a entrada. Parando exatamente onde Marta havia parado, na frente da varanda que circundava a casa.

Marta não se movia, não respirava. Foi então que se lembrou do ponteiro de encraveirar. Ela levou a mão ao bolso e agarrou a ferramenta. O que ela podia fazer com aquilo? Marta obrigou-se a pensar, apesar do medo. Nos filmes, o perseguido atirava um objeto para distrair a atenção do perseguidor e então corria. Mas isso não funcionaria. Bogosian acertaria Marta quando ela corresse.

Bogosian aprumou a cabeça, lembrando a Marta mais uma vez um cão feroz. Dessa vez, a imagem lhe deu uma ideia.

Ela arranhou a madeira com o ponteiro e emitiu um leve choramingo, como o de um cãozinho. Um filhote preso no cubículo do chuveiro. O bandido gostava de cachorros, não gostava? Ele tinha praticamente decorado aquela revista.

Bogosian girou na direção do som. Apontou a pistola para o cubículo.

O coração de Marta subiu para a garganta. Ela arranhou com mais força e deu um choramingo mais amedrontado. Não era difícil fingir.

Bogosian deu um passo debaixo da casa, seguido por um outro. Ele era tão alto que ela poderia alcançá-lo acima da parede se pudesse atraí-lo para perto o bastante. À distância, a vantagem era dele. Era assim com as armas.

Marta arranhou com força ainda maior. Choramingou o mais baixinho que pôde, como se estivesse ferida. Morrendo de fome. À beira da morte. Mais três passos era tudo de que precisava para alcançá-lo.

Bogosian deu mais um passo, e o segundo. Então o terceiro. Estava a seu alcance.

Por favor, meu Deus, me ajude. Marta ergueu o malho e o baixou sobre a cabeça de Bogosian com força brutal, atravessando-lhe a abóbada do crânio com a bola de ferro. Os ossos racharam como uma calçada. O sangue esguichou do ferimento, quente e viscoso, respingando no rosto de Marta. Ela gritou, horrorizada.

Os olhos de Bogosian giraram como a lua e fixaram-se nela.

Ele morreu ali, de pé como estava.

36

Elliot Steere sentou-se atrás da janela à prova de balas na sala de entrevista e ficou observando, com um dissimulado ar divertido, enquanto Judy Carrier tentava interrogá-lo. Ela era uma mulher jovem, e o corte de cabelo semelhante a uma cuia invertida e o rosto muito largo faziam com que parecesse uma boneca de pano superdimensionada. Carrier estava lhe fazendo perguntas há quase quinze minutos e até ali tinha conseguido manter a calma, mesmo sem fazer progresso. Steere podia ver em sua expressão que ela estava ficando furiosa e desesperada. Uma combinação potencialmente problemática, mesmo num brinquedo.

— Quero saber que porra está acontecendo — Carrier estava dizendo. Ela se encontrava de pé atrás da cadeira do seu lado da janela, segurando o espaldar. Steere percebeu que sua mão direita estava enfaixada, mas não mencionou o fato.

— Estou sendo julgado por assassinato, aguardando o veredicto.

— Você não nos contou a verdade.

— Eu não contei nada a você. Você é só uma advogada júnior na minha equipe de defesa. Eu trato diretamente com Marta.

— Onde Marta está?

— Eu não sei.

— Quem atirou em Mary?

— Não sei.

— O que Eb Darning tem a ver com dinheiro de voto? O que você tem a ver com Eb Darning?

— E o que é dinheiro de voto?

A raiva de Judy aflorou à superfície.

— Você não sabe o que aconteceu com Mary, não sabe o que aconteceu com Marta. Não conhece o "motorista" que levou Marta

para o escritório e não sabe explicar como viu que o sinal de trânsito estava vermelho. Para um homem de quem se espera que tenha todas as respostas, você não sabe porra nenhuma.

Steere alisou uma ruga em sua calça.

— Se foi para isso que me interrompeu, estou voltando à minha cela.

— Alguém está tentando matar suas advogadas. Por que será que tenho a impressão de que é você?

— Isso é absurdo.

— Sabe o que acho? Acho que você é um assassino. Acho que você matou Eb Darning e acho que contratou alguém para matar minha melhor amiga.

— Não está falando como minha advogada, sra. Carrier. — Steere se levantou e sacudiu as pernas da calça, ajeitando-as. — Vou voltar para a minha cela. Não me chame outra vez até que o júri tenha retornado.

— Espera que eu prossiga como sua advogada?

— Esperar? Eu exijo isso.

— Sabia que era o que faria. — Judy cruzou os braços e seus olhos azuis se estreitaram. — A última coisa que você quer é que o julgamento seja anulado ou adiado, estou certa?

— Correto. A decisão está nas mãos do júri. Meu nome precisa ser limpo.

— E se eu não quiser limpá-lo? E se me retirar do caso?

— Eu me oponho. Meus direitos constitucionais…

— Foi o que imaginei. Foi por isso que escrevi isso aqui. — Judy puxou um maço de papéis do bolso interno de seu casaco e espremeu-os pela fenda na janela à prova de bala. — Está manuscrito. Não é a petição mais bonita do mundo, mas vai resolver o problema.

Steere olhou para os papéis sem tocá-los.

— O que é isso?

— Uma petição para a anulação do julgamento. Considerando-se o que aconteceu com minha colega, tenho razões para acreditar que minha vida esteja correndo perigo. É uma petição de emergência.

Steere tentou reprimir o sorriso.

— E desde quando os seus medos servem de base legal para a anulação de um julgamento?

— Desde agora. Não estou muito preocupada com precedentes. Não existem leis sobre o que acontece quando alguém usa a equipe de defesa para praticar tiro ao alvo. Seja como for, não sou muito de precedentes. Quando você tem razão, você vence. Haja ou não jurisprudência.

— Muito interessante, mas você não pode dar entrada numa petição sem minha aprovação. E eu não vou aprovar uma petição dessas.

— Que pena! Eu já dei a entrada.

Steere hesitou momentaneamente.

— Você não fez isso.

— Fiz, sim. Passei-a por baixo da porta do gabinete do juiz lá embaixo, datada e com a hora registrada. — Judy consultou seu relógio de pulso. — Dei entrada na petição há cinco minutos. Vou me apresentar ao promotor e ao juiz assim que sair daqui. Pela manhã já será oficial.

Steere tornou a avaliá-la, os dois de pé, cada um do seu lado da divisória.

— Sua única opção é me dispensar. Em qualquer um dos casos, deixo de ser sua advogada e consigo a anulação do julgamento. — Judy sorriu e Steere percebeu a separação entre os dentes.

Que coisa feia, pensou.

37

Marta não conseguia parar de tremer. Sua mão esquerda estremecia em torno do ponteiro de encraveirar e ela enfiou a ferramenta no bolso. Agachou-se no banco de madeira no interior do cubículo do chuveiro e esperou que a tremedeira cessasse. Legítima defesa ou não, ela havia matado um homem. A justificativa legal não alterava a questão moral. Os tremores em seus músculos diziam-lhe isso e ela sabia que nunca esqueceria essa lição.

Agora ela era uma assassina. O pensamento lhe provocou náuseas. Pavor. Marta passou em revista todos os clientes que já defendera. Assassinos, alguns ricos. A maioria bastante assumida ou não louca o bastante para repetir o ato. Mas haviam feito uma vez, assim como Marta. Será que se tem direito a um assassinato impune quando se é cliente de Marta Richter? E ela também teria? Marta ficou tremendo no banco, tentando recuperar o controle. Torcendo para que a tremedeira cessasse, assim como também as perguntas.

Ela enxugou os olhos numa parte limpa da manga do casaco e se levantou, os músculos retesados. Seus joelhos fraquejaram e ela estendeu a mão para a parede do cubículo. Encontrou a porta, procurou o ferrolho e o puxou, o sangue quente fazendo os dedos escorregarem. A porta se abriu. A visão era grotesca. Bizarra.

Bogosian ainda estava em pé, morto e em pé.

Marta arfou. Não sabia que se podia morrer e continuar em pé. Talvez não houvesse vento suficiente debaixo da casa para derrubá-lo ou os pés dele fossem grandes demais. Só de pensar nisso teve ânsia de vômito.

Nesse momento, sentiu uma pontada momentânea de medo. Ele estava morto, não estava?

Marta forçou-se a se aproximar para ter certeza. Os olhos castanhos e opacos de Bogosian estavam rígidos, fixos. Suas feições grosseiras haviam se congelado em agonia. O sangue jorrava de sua cabeça em riachos. Marta desviou os olhos, nauseada. Já tinha visto número suficiente de fotografias de autópsias para saber que Bogosian estava mesmo morto. Ela não ia sentir seu pulso.

Marta passou correndo pelo cadáver. A Magnum devia ter caído na neve, mas ela não a viu. De qualquer forma, não precisava dela. Não queria nem mesmo tocá-la. Precipitou-se sob a varanda, indo para a praia então virando na direção do vento.

Marta seguiu direto para a casa de Steere, a única luz que se via da praia. O vento enfunava seus cabelos e a neve salobra golpeava-lhe o rosto. Dessa vez, a neblina vinda do oceano pareceu-lhe fresca e purificadora. Ela apanhou um punhado de neve e lavou o rosto e as mãos. Estava congelante, mas despertou seus sentidos. Seu alívio. Ela estava viva. salva.

Começou a correr para a casa. Alix estava trancada no escritório havia muita coisa que Marta queria saber. O que Alix estava procurando? Tinha alguma coisa a ver com o motivo por que Steere matara Darning? Seu passo alongava-se à medida que seu plano ganhava forma Ela convenceria Alix a dar um depoimento em troca de um acordo, então procuraria o promotor. Isso tiraria Steere de campo para sempre Ele podia até mesmo pegar a pena de morte.

E quanto a Marta? Steere planejaria uma represália e mandaria outra pessoa atrás dela, mas a essa altura ela já teria contratado seguranças. Tinha recursos para se proteger. O dinheiro cuidaria disso. Isolando-a atrás de paredes anônimas. Comprando passagens de avião para suas várias casas. Enviando-a para ilhas desertas no Caribe. Fazendo-a desaparecer. Marta não se importava se não pudesse mais advogar. Fosse como fosse agora não podia mais voltar atrás.

Ela inspirou profundamente o ar frio e salgado, que, como uma vela enfunada, a impulsionou em direção à casa. Hora de encerrar esse caso Ela faria Steere pagar. As luzes da mansão foram se aproximando, tremeluzindo a cada passo apressado; dali a pouco Marta já podia ver as portas duplas do escritório de Steere, onde alguma coisa se movia, esvoaçando.

Ela apertou os olhos, protegendo-os da neve que caía. As cortinas transparentes voavam das portas, sugadas do quarto como um íncubo. As portas duplas batiam impetuosamente, lançadas pelo vento. O escritório de Steere estava vazio. Alix se fora.



Uma vez no interior do escritório de Steere, Marta tentou fechar as portas duplas contra a tempestade. A madeira à volta da maçaneta havia sido quebrada e estava muito cheia de lascas para fechar completamente. Por que Alix não tinha destrancado a porta por dentro? Devia estar fechada à chave, chave esta que ela não conseguiu encontrar na pressa. Alix evidentemente tinha escapado pela varanda do segundo andar, levando as respostas com ela. E também as esperanças de Marta de saber a verdade sobre o assassinato de Darning.

Marta girou em volta, frustrada, e examinou o escritório revirado. Viam-se gavetas de arquivos de nogueira abertas e pastas espalhadas pelo chão. Uma confusão de papéis cobria o tampo de vidro da mesa. Uma cadeira giratória de couro macio rolara até a parede. O computador sobre a mesa havia sido desconectado e o monitor de quinze polegadas encontrava-se estraçalhado ao lado das portas duplas, fios cor de cinza pendendo de sua parte posterior. Alix devia ter usado o monitor para quebrar a porta. Era a coisa mais

pesada que havia no escritório. Mas o que Alix estava procurando? Não restava dúvida de que não havia encontrado. Ela devia ter fugido de Bogosian sem continuar a busca.

O olhar de Marta bateu na caixa de papelão que Alix estivera tentando abrir com tamanho frenesi. Ela se ajoelhou diante da caixa e puxou a tampa. Ali dentro empilhavam-se brochuras tríplices, descrevendo um projeto de balneário. Seria isso que Alix queria? Muito pouco provável. Marta fechou a caixa, deixando nela a marca vermelha aguada da palma de sua mão. Não podia continuar assim. Ela deixaria um rastro de sangue por toda parte. Um arrepio percorreu-lhe o corpo.

Marta se levantou e, no corredor, encontrou um banheiro que se ligava ao quarto principal. Ela acendeu a luz com o braço. A bancada branca e brilhante estava bem abastecida de cosméticos. Batons enchiam os buracos num organizador de plástico; lápis para os olhos rodavam num tambor de acrílico. Aquele devia ser o banheiro de Alix. Um espelho de aumento para maquiagem estendia-se acima da pia e Marta avistou o seu reflexo.

Ela quase gritou. Seu rosto ampliado estava tingido de vermelho numa mistura de sangue e água. O cabelo pendia em feixes grossos em torno de olhos azuis monstruosos. Marta não podia andar por aí com essa aparência, principalmente se voltasse à cidade. Teria de tomar um banho. Sobre a pia do banheiro havia um tubo de loção de limpeza facial. Doux Nettoyant Moussant, da Clarins, dizia o frasco. Para a limpeza do presunçoso rosto de Alix. Marta o apanhou e levou-o para o chuveiro.



Depois de um banho quente, Marta dirigiu-se ao quarto, à procura de alguma coisa para vestir. Exatamente como havia suspeitado, um *closet* ao lado do de Steere estava repleto de roupas de mulher. Marta examinou as roupas perfumadas e escolheu um suéter de *cashmere* marrom-claro e calça caramelo. Roupas para uma mulher elegante. Ela vestiu-se e então vasculhou o *closet* mais minuciosamente. Passou em revista as blusas de seda penduradas em cabides acolchoados e procurou atrás dos vestidos. Nenhuma pista, de nenhum tipo. Então passou para as mesinhas de cabeceira e caixas debaixo da cama. Nada. Marta parou um pouco para pensar. Alix estava procurando papéis no escritório.

Marta voltou correndo para o escritório de Steere e para as gavetas que Alix havia revirado, na esperança de encontrar o que a outra não tinha conseguido. Com o cabelo molhado gotejando, abriu uma das gavetas com um puxão e olhou as etiquetas das pastas ali arquivadas. Uma das divisões, onde se lia IMÓVEIS COMERCIAIS, continha pastas de papel pardo para cinco áreas diferentes de Filadélfia. Uma das pastas trazia a etiqueta CENTRO DA CIDADE e Marta a puxou e abriu.

Os principais edifícios de Steere e os documentos de empréstimo de cada um. Ele tinha mais imóveis do que ela pensava e todos com alto índice de alavancagem. Havia credores dentro e fora do estado e as promissórias distribuíam-se entre vários bancos diferentes. Nenhum deles, isoladamente, saberia quanto Steere devia ao todo e, pelo que parecia, a dívida era imensa. Centenas de milhões de dólares. Marta fechou a pasta e apanhou a seguinte. IMÓVEIS COMERCIAIS — NORDESTE. Mais imóveis, mais empréstimos. Até mesmo uma advogada criminalista era capaz de ver que as operações comerciais de Steere eram precárias, as propriedades com uma alavancagem pesada. Cada *leasing* fora feito num nome corporativo diferente e Marta contou pelo menos vinte nomes. Nenhum deles parecia constituir sociedade, visto que nenhum sócio havia assinado

os títulos. Steere era o homem principal em todas as transações. Marta fechou a pasta de arquivo e a repôs no lugar. Aquilo era muito interessante, mas não era o que Alix estava procurando. O que ela queria, afinal, e por que agora?

Marta parou. Por que agora?

A resposta podia estar aí. Era possível que os papéis procurados comprometessem Steere no assassinato de Eb Darning. Caso contrário, por que essa atividade frenética a essa altura? Suponha que Steere tivesse mandado Alix em busca desses papéis depois de Marta ter dito que que encontraria provas contra ele. Ele dispunha de um telefone celular. Talvez Steere tivesse ligado para Alix e dito que encontrasse o arquivo e o escondesse em outro lugar. Ou que o rasgasse, que sumisse com ele. Se o desejo de Steere era mantê-lo em segredo, o de Marta de encontrá-lo era ainda maior.

Marta estava de pé, diante do arquivo, pensando. Então se lembrou de que a polícia tinha dado uma busca na casa de Steere na cidade assim que ele fora preso. O promotor tinha tentado conseguir um mandado de busca para a casa de praia também, mas Marta se opusera, com sucesso, por ausência de causa justificada. Steere, porém, não correria riscos. Se houvesse alguma evidência aqui relacionada ao crime, ele a teria escondido, ou disfarçado. Podia ser alguma coisa que parecesse inocente, mas que não era. Como o próprio Steere.

O olhar de Marta correu pelo escritório. Do outro lado do cômodo, havia um pequeno aparador com duas gavetas que tinham sido deixadas abertas. Ela correu para lá, puxou a gaveta de cima e folheou os papéis que ali estavam. Documentos pessoais. Uma das pastas de papel pardo trazia a etiqueta ANTIGUIDADES e estava repleta de notas fiscais de peças de mobília. Estilo Inglês — Uma cômoda baixa de mogno, US$ 1.550, dizia a nota de cima. Marta devolveu a pasta.

Puxou a seguinte, onde se lia LANCHA. Lancha? Marta não sabia que Steere tinha uma lancha. Ela olhou a nota fiscal. FOUR WINNS 258 Vista Cruiser, 25 pés. Havia custado US$ 47.425 e tinha sido comprada há quase quatro anos. Também na pasta encontravam-se a documentação do seguro e as contas de ancoragem da LBI Marina.

O nome do barco era *Pirata*. Perfeito para Steere, mas em nada ajudava.

Merda. Que horas seriam? Ela consultou o relógio. 1h45 da manhã. Marta retesou-se. O júri retomaria as deliberações dali a sete horas. Será que Christopher conseguiria fazê-los mudar de opinião? Onde poderiam estar os tais papéis? Quem sabe escondidos em outra parte da casa? Algum lugar onde ela não esperaria encontrá-los. Mais que depressa Marta deixou de lado o aparador e então procurou nos outros quartos qualquer coisa que parecesse fora do comum. Nada.

Marta desceu as escadas correndo e revistou o primeiro andar. Esquadrinhou estantes de livros e armários de cozinha. Cômodas altas e baixas. Nada. Ela não sabia nem mesmo o que estava procurando. Era uma tarefa impossível. Deixou-se cair sobre o tapete da sala de estar. O cansaço estava tomando conta dela. Marta não sabia mais o que fazer. Na parede da sala de estar via-se pendurada uma planta grande e emoldurada da mansão. CONSTRUÍDA EM 1888 TODD HUNTER, ARQUITETO, lia-se em letras etruscas e arquiteturais.

Marta piscou, distraída. Ela adorava casas, até mesmo projetos de casas. A planta tinha fundo marinho e o arquiteto a havia desenhado em branco. Podiam-se ver as linhas retas, demarcando as salas de estar e de jantar, e também as linhas pontilhadas e em ziguezague que assinalavam as portas duplas que as separavam. Essa era uma casa muito, muito antiga. Não era de se admirar que não houvesse sido construída sobre estacas, como as outras pelas quais Marta tinha passado. Ela sabia pela sua própria casa de praia em Cape Cod

que as construções mais novas tinham os quartos no primeiro andar e as áreas de estar no segundo, beneficiando-se da vista para o mar.

Marta franziu o cenho, apaixonada por casas que havia nela desaprovando. Aquele era um problema da casa de Steere: apesar de toda sua graça e elegância, não tinha vista para o mar. Ela olhou para a série de janelas que davam para a praia. Eram grandes, mas as dunas impediam a vista do oceano. Montes cobertos de neve circundavam a casa como pérolas soltas.

Marta parou um minuto para pensar. Por que Steere, que podia pagar qualquer casa na ilha de Long Beach, escolheria uma que não tinha vista para o mar? Foi então que se lembrou de uma coisa. O que era mesmo que Steere tinha dito? Na sala de entrevista, no tribunal? Adoro a praia, mas detesto a água. A lembrança despertou Marta com um sobressalto.

Steere detestava o oceano. Detestava-o tanto que tinha comprado uma casa de onde não se via a água. Então para que tinha um barco?

Marta levantou-se, apressada, e voltou correndo para o andar de cima.

38

O juiz Rudolph encontrava-se de pé atrás da mesa, em seu gabinete, e franzia o cenho diante da petição manuscrita para a anulação do julgamento, que tinha sido entregue em mãos em seu gabinete. Seu auxiliar estava sentado diante da mesa, o rosto rubro. Joey fora estúpido o bastante para aceitar a entrega da petição. Terceira bola fora. (juiz Rudolph não o levaria para a Suprema Corte, se um dia ainda chegasse lá.

— Você devia ter recusado! — censurou o juiz, atirando os papéis sobre a mesa com raiva.

— Sinto muito, meritíssimo.

— Devia ter dito a ela que a apresentasse no horário comercial.

— Eu sei, meritíssimo.

— Não tem nem carimbo com a hora registrada. Não há nada de oficial nisso. Você ainda poderia ter dito a ela que não tinha permissão para aceitar.

— Certo, meritíssimo.

— Poderia pelo menos ter pedido o documento de identidade da mulher. Como é que você sabia quem ela era? Por que deixa estranhos entrarem no meu gabinete assim?

— Ela não era uma estranha. Era Judy Carrier. Eu a conheço do tribunal, meritíssimo.

— Não me responda! Meus objetos pessoais estão aqui! Este é o meu gabinete, não o seu!

— Sim, meritíssimo, eu sei. — Joey estava sentado na cadeira de frente ara a mesa do juiz. Sua cabeça pendia sobre o bloco de papel ofício e as cópias de processos em seu colo.

— A mulher aparece para entregar os papéis e você mais que depressa estende a mão?

— Carrier disse que tinha feito o registro oficial da petição, senhor juiz…

— À uma da manhã? — O juiz agora estava gritando. — Como ela poderia ter feito esse registro, seu idiota?

— Ela disse que era uma emergência.

— Era uma emergência para ela não para mim. Sabe quantos documentos chegam aqui que alguns advogados chamam de urgentes? Quantos, Joey? Um milhão? Para os advogados tudo é emergência!

— Sim, meritíssimo.

— Quem é que está presidindo este processo, afinal? Eu ou os advogados? Nada é emergência, a menos que eu diga que se trata de uma emergência! Até então, qualquer papel é apenas mais um papel. Mais um advogado com outra petição. Papel. Lixo. Entulho. Quantas vezes preciso lhe dizer isso? — O juiz Rudolph tirou os óculos de aro de tartaruga e esfregou os olhos, irritado. — Meu Deus, como eu odeio isso!

— Sim, meritíssimo.

— Dá para você calar a boca? Você pode, por favor, calar a boca? Joey assentiu. Pensou em dizer "sim, senhor", mas achou melhor não dizer nada. Aquela era uma pergunta confusa.

— Pelo menos fez a pesquisa sobre a questão legal?

— Fiz. Não existe um caso diretamente afim, mas encontrei um ótimo artigo numa publicação jurídica e pesquisei casos semelhantes no julgamento Manson, e…

— Não é preciso ser tão prolixo, Joey. Essa mulher, Carrier, apresentou uma petição para anular o julgamento. Eu quero negá-la. Minha decisão vai ser revogada?

— Não, se o réu se opuser à petição, o que ele faz nesta carta.

O juiz Rudolph fitou Joey, incrédulo.

— O que foi que você disse? O réu escreveu uma carta, se opondo?

— Sim, senhor.

— *O próprio Steere*?

— Sim, senhor.

— Meu Deus! Por que você não falou isso antes, seu imbecil?

— O senhor estava gritando…

Ande, me dê essa carta! Meu Santo Deus! O que há de errado com você?

O juiz arrancou o papel da mão estendida de Joey e colocou rapidamente os óculos de leitura. A carta era manuscrita e o juiz a leu em voz alta, num tom de espanto.

> *"Minha advogada apresentou uma petição para anulação do julgamento em questão sem meu conhecimento ou autorização. Eu me oponho a essa petição para anulação do julgamento… e por meio desta peço ao Tribunal que a considere retirada… Eu expressamente declaro que não desejo a anulação do julgamento… E desejo prosseguir como meu próprio advogado.*
>
> *Assinado, Elliot Steere."*

O juiz puxou a cadeira e deixou-se cair sobre ela, perplexo. Que sorte! Era quase bom demais para ser verdade.

— Como foi que recebemos isso?

— Um dos agentes judiciários trouxe da cela.

— Então é mesmo de Steere.

— É, sim, meritíssimo.

O juiz Rudolph abanou a cabeça, os olhos grudados na carta. Ele nunca tinha tido um caso como aquele. Nunca tinha lido sobre um caso como aquele. Esse processo tinha vida própria.

Joey pigarreou.

— Encontrei casos em que o réu tem o direito de prosseguir em causa própria num processo criminal, mesmo que dispense o advogado no meio do processo.

— É claro que tem. — O juiz Rudolph leu a carta várias vezes, incrédulo como um ganhador da loteria. — É direito do réu defender-se. É um direito pessoal. Ele pode exercitá-lo ou abdicar dele.

— Sim. É verdade. Eu sabia disso. Encontrei estudos afirmando que os direitos num julgamento criminal são pessoais ao réu, de forma semelhante àqueles casos onde é vontade do réu que o Estado execute a sentença e o tribunal não permite que os advogados intervenham.

— Isso não vem a propósito.

— Bem, no caso Manson…

— Cala a boca, Joey.

— Sim, meritíssimo.

— Você está se complicando. — O juiz Rudolph ergueu os olhos do papel em suas mãos. — Esta carta já foi entregue ao promotor?

— Não sei. A sra. Carrier me disse que apresentou a petição ao promotor, mas não sei quanto à carta de Steere.

O juiz Rudolph hesitou. Ainda não estava livre de empecilhos.

— Ligue para o promotor. Quero falar com ele. Acha que consegue fazer isso?

39

Judy tinha uma única pista a seguir e esta a levou de volta à ponte da rua 25. Ela tomou um táxi solitário na porta do tribunal e a viagem levou apenas meia hora através das ruas limpas pelos tratores. Não havia tráfego porque ninguém, exceto Judy, era louco o suficiente para enfrentar a nevasca.

Grays Ferry estava deserta e Judy sentiu-se inquieta assim que o táxi entrou na rua 25. A cena a fez gelar. Mary tinha sido baleada ali poucas horas atrás e, no entanto, nenhum cavalete ou fita amarela marcava o local. Bennie tinha lhe dito no hospital que a polícia estava desfalcada, mas o que seria das evidências que porventura estivessem na cena do crime? Judy se viu fitando o ponto onde Mary fora atingida. A neve fresca tinha enterrado o sangue de Mary, escondendo o que havia acontecido. Até mesmo os esquis de Judy ou estavam perdidos em meio à neve ou há muito tinham sido levados.

— Moça? O dinheiro! — disse o motorista do táxi.

— Perdão. — Judy remexeu no bolso fechado por zíper à procura de uma cédula, e então a entregou a ele. — Fique com o troco, OK? — Ela saltou para o ar frio e subiu a rua na direção da casa.

Judy galgou os degraus da já familiar varanda coberta de neve ao lado das cortinas marrons da sala de estar e bateu com a mão ilesa. Não esperava uma resposta imediata; já era tarde da noite. Judy bateu até que uma luz se acendeu no interior da casa e continuou batendo até ouvir vozes perto da porta de entrada. Então, começou a gritar. Haveria oportunidade para as desculpas mais tarde. Agora precisava entrar e conseguir respostas.



Judy estava sentada diante da mãe na sala de estar, contando a ela toda a história. A sala era entulhada e a mobília velha, mas o lugar era limpo e simples. Um sofá surrado, uma TV antiga e um aparelho de rádio e gravador sobre uma mesa, tendo algumas fitas cassete ao lado. Livros infantis e revistas em quadrinhos dos X-Men empilhavam-se sobre bandejas de metal com pés, que serviam como mesinhas laterais. As paredes revestidas com lambris finos eram cobertas com fotografias de crianças, todos meninos. Seus dentes frontais desapareciam numa foto e reapareciam na seguinte, brincando de um pique-esconde fotográfico. O foco central da sala de estar era um grande retrato pendurado sobre o sofá, uma fotografia onde a mãe posava com seus três filhos, tendo o pequeno Dennell no colo.

A mãe estava cansada, tendo sido despertada do seu sono, mas ouviu sem comentários, a cabeça bem-feita inclinada num ângulo duvidoso. Seus traços eram grandes e não exatamente bonitos, mas os olhos redondos mostravam inteligência. Vestia um roupão branco fino e o cabelo curto tinha um corte natural. A única vez em que o tocou foi quando Judy explicou as circunstâncias em que Mary tinha sido baleada.

— Por que não procura a polícia para tratar disso? — perguntou a mulher, cautelosa. — Por que veio falar comigo?

— Eu vou à polícia, mas agora tudo que tenho é uma suspeita. Seja como for, eles não podem fazer nada esta noite. Além disso, se seu filho sabe de alguma coisa, não prefere que seja eu a falar com ele em vez da polícia?

— A essa hora da noite? Não.

— Eu sinto muito. Mas não tem outro jeito.

A mulher apertou o roupão em torno do corpo magro.

— Meu filhinho, o Dennell, não conhece esse mendigo de que você está falando. Dennell nunca disse nada sobre ninguém chamado Eb. Ou Heb.

— Eu acho que Dennell o conhecia, sim. Ele nos disse que conhecia. Dennell brinca muito na rua, não brinca? Devia conversar com Eb quando você estava no trabalho.

— Dennell não conhece esse homem. Ele não conhece gente que fica pelas ruas. Não fala com gente assim.

— Como sabe disso? Você trabalha na loja o dia todo. A mulher franziu os lábios.

— Olhe, eu faço o que posso. Eu trabalho, não vivo de caridade. Rasheed, ele toma conta do pequenininho quando estou fora; outras vezes é uma senhora, nossa vizinha. De qualquer forma, o que você sabe da nossa vida? Você não sabe de nada.

Judy enrubesceu.

— Estou lhe dizendo o que Dennell contou a mim e a Mary.

— Como eu já lhe disse, Rasheed olha o Dennell direitinho para mim. Eu disse para ele não deixar o menino falar com gente estranha.

— Heb não era um estranho. Alguns vizinhos o conheciam.

— Eu não conhecia. Eu, não.

— Dennell disse que Heb era rico.

A testa da mãe se franziu.

— Ele disse isso? A você?

— É, ele me disse que Eb lhe dava dinheiro.

— Dennell não tem dinheiro nenhum.

— Não haveria possibilidade de Heb ter dado dinheiro a Dennell?

— Não. Eu nunca vi um centavo desse dinheiro.

— Mas Dennell me falou sobre dinheiro de voto. Você sabia disso?

— Dinheiro de voto? — zombou a mãe. — Você não sabe se Dennell estava falando a verdade ou não.

— Dennell mente?

A mãe não respondeu.

— Eu não achei — afirmou Judy, e a mãe olhou feio para ela.



A janela no quarto abarrotado dos meninos era isolada por filme de PVC e fita adesiva, e a cama muito estreita de Dennell ficava debaixo do peitoril da janela, cuja tinta descascava. O garotinho apertou os olhos, protegendo-os da súbita claridade de uma luminária de vidro fosco e velho, pendurada no teto.

— Mamãe? — murmurou o menino sem abrir os olhos.

— Dennell, acorda e fala comigo um minuto, meu anjinho. — A mãe acariciava a cabeça deitada num travesseiro coberto por personagens de Guerra nas Estrelas. — Tem uma moça aqui que quer perguntar algumas coisas a você.

— Sou a moça dos esquis — disse Judy numa voz macia, sentada aos pés da cama. — Lembra-se de mim, Dennell?

Os olhos do menino continuavam fechados e a mãe sacudiu-o delicadamente pelo ombro. Ele usava um suéter grosso da Vila Sésamo; o quarto estava frio, apesar do pequeno aquecedor cujas duas serpentinas espiraladas cintilavam uma luz laranja no canto oposto, perto de uma estante abarrotada de jogos de tabuleiro gastos, livretos e fitas cassete. Os dois filhos mais velhos dividiam uma cama de casal e um deles estava completamente desperto, enquanto o outro dormia. Era o mais velho que estava acordado e

Judy calculou que o garoto tivesse uns quinze anos. Vestia uma camiseta de um vermelho vivo onde se lia CHICAGO BULLS.

— Que que tá havendo, mãe? — perguntou ele.

— Nada que seja da sua conta, Rasheed. Continue dormindo. Rasheed ficou quieto, mas continuou meio levantado na cama, ao lado do irmão sonolento, assistindo à estranha cena. Tinha um rosto comprido e bonito, com traços fortes e olhos escuros e pequeninos. Presos à parede acima da cama, viam-se pôsteres de Michael Jordan, de Scottie Pippen e dos cabelos de Dennis Rodman.

— Dennell — insistiu a mãe, sacudindo o menino com relutância. Dennell continuava a dormir.

Judy pensou em desistir, mas isso era muito importante. Alguém tinha tentado matar Mary e ela precisava ir ao fundo daquela história. Ela tinha uma camaradagem com esse menininho que a polícia não teria. Alguma coisa dizia-lhe que isso tinha de ser feito esta noite. Agora.

— Dennell — chamou Judy. — Lembra-se de que brincamos com os esquis?

O menino abriu um olho.

— Os esquis?

Judy subiu um pouco mais na cama, ao lado da mãe de Dennell.

— Eu empurrei o esqui para você. E nós ficamos brincando, lembra-se?

De repente, os dois olhos imensos se abriram.

— Você disse que não é brinquedo! — disse ele na voz potente de que Judy se lembrava.

— Bem, e não é mesmo.

— Eu asso que é!

Rasheed riu com desdém.

— "Acho". É "acho" que se diz.

— Asso! — repetiu Dennell.

Rasheed sacudiu a cabeça lisa.

— Ele não consegue dizer o “ch”.

— Shhh — interrompeu a mãe, fazendo sinal para que Rasheed se calasse e virando-se para Dennell. — Meu anjinho, conhece um homem chamado Eb Darning?

Dennell fez que sim com a cabeça Os olhinhos redondos passaram da mãe para Judy e voltaram à primeira. Tinha cílios tão compridos que se curvavam na ponta, como os de um filhote de camelo.

— Ele lhe deu dinheiro?

Dennell tornou a fazer um gesto afirmativo com a cabeça e a mãe soltou um gemido.

— O que você fez com o dinheiro, menino?

— Fiz uma coisa feia?

Rasheed ergueu-se mais, apoiando-se nos cotovelos, a expressão tão concentrada quanto a de Michael Jordan.

— Não minta, D.

— Não tô mentindo! — gritou Dennell, e a mãe lhe deu uns tapinhas na perna.

— Fique calmo agora — disse ela. — Não precisa gritar. Quanto dinheiro ele lhe deu?

— Não sei. Dois. Dez. — Dennell encolheu os minúsculos ombros perdidos no suéter de moletom. — Dez.

— Dez dólares?

— É. Dez.

— E onde está esse dinheiro agora?

Dennell piscou, mas nada disse.

— Ele não tem dinheiro nenhum — afirmou Rasheed, e então Judy olhou para ele. Rasheed parecia pouco à vontade. Não era preciso ser mãe para saber o que estava acontecendo, e a mãe virou-se do caçula para o mais velho.

— Rasheed. Você sabe alguma coisa sobre esse dinheiro? — Rasheed abanou a cabeça e a mãe se levantou, apoiando as mãos nos

quadris. — Escute aqui, mocinho, você vai me olhar nos olhos e me dizer que não sabe do que esse garotinho tá falando.

— Mã…

— Você me ouviu. Olhe pra mim e minta. Não seja covarde.

Rasheed tombou na cama, os olhos pregados no teto.

— Eu não sou covarde.

— Não tem nada que eu odeie mais do que gente covarde. Os covardes não chegam a lugar nenhum nesse mundo. Não tem jeito. Não tem como. Agora você me fale.

Rasheed suspirou.

— O homem dava dinheiro a ele e falava um monte de merda.

— Cuidado com a língua. Que dinheiro é esse?

— Notas.

— Quantas? Dez?

— Mais — disse Rasheed, olhando para o teto.

A mãe cruzou os braços.

— Onde é que está esse dinheiro agora?

— Tá comigo.

— Então pegue, garoto.

Rasheed suspirou teatralmente, jogou as cobertas para o lado e pôs os pés grandes para fora da cama. Assim que pisou no tapete fino, começou com as explicações.

— O dinheiro é meu, e pronto. Dennell me deu.

— Pegue — ordenou a mãe.

— Ele pode ficar com o dinheiro, mamãe — disse Dennell, prestimosamente, mas foi ignorado.

Rasheed caminhou até o armário, vestido com a camisa exageradamente grande e o short de ginástica. Era alto e magro, com os músculos rijos da panturrilha formando nós nas pernas compridas. Ele deslizou a porta do armário para um lado, sobre a corrediça quebrada, e levou a mão à prateleira superior do armário bagunçado.

— Eu estava economizando.

— Você estava guardando um segredo.

— Eu estava economizando. Você vive dizendo: "Economize, economize, economize." — Rasheed empurrou uma caixa de sapatos para o lado, deixando ver uma segunda caixa, enfiada bem no fundo do armário. Podia-se ler a marca ADIDAS na caixa oculta — Eu estava guardando para o caso de não ganhar aqueles tênis no meu aniversário. Os Air Jordans.

A mãe pareceu magoada e seu corpo vergou-se com resignação.

— Você sabe que não posso comprar esse tênis para você, Rasheed. Eles custam cem dólares. Não tenho esse dinheiro, garoto.

— Eu sei, é por isso que eu estava guardando o dinheiro. Para comprar eu mesmo.

— Você não tem como comprar!

— Tenho, sim. Você vive dizendo: "Tenta, tenta, tenta. Economiza, economiza, economiza." Agora que estou fazendo as duas coisas você vem com esporro.

— Rasheed, já basta. Por que você não me falou do dinheiro?

Ele deu de ombros.

— Não sei.

Judy assistia a tudo em silêncio. Ela se sentia uma intrusa, mas estava vibrando porque sua busca a estava levando a algum lugar. Prendeu a respiração quando Rasheed apanhou a caixa de sapatos na prateleira, jogou-a sobre a cama e ergueu a tampa. Dennell sentou-se na cama e tentou espiar dentro da caixa, enquanto a mãe examinava o conteúdo.

— Que Deus me ajude! — disse ela num tom abafado, e então Judy olhou o interior da caixa.

Um grosso rolo de dinheiro aninhava-se no canto da caixa, enroscado como uma cobra. A cédula externa era de vinte dólares, mas Judy não tinha como saber quanto havia ali. De onde tinha vindo aquilo tudo? Debaixo do dinheiro via-se um caderninho

branco de capa brilhante, que chamou a atenção de Judy. Ela estava morrendo de curiosidade para saber o que era.

— Rasheed — disse Judy —, a caderneta branca é sua ou ela também veio de Darning?

— Ele deu pra MIM! — gritou Dennell, sentado de pernas cruzadas na cama. — Me mandou guardar. Pra ele não ser roubado.

— Posso ver? — perguntou Judy, e Rasheed entregou a caderneta a ela, que a abriu. As páginas estavam repletas de listas de números escritos a lápis. O que aqueles números significavam? Teriam sido escritos por Darning?

— Deve ter uns cem dólares aqui — afirmou a mãe, atônita, enquanto pegava o rolo de dinheiro na caixa e o sacudia no ar.

— Só oitenta e dois — corrigiu Rasheed.

— Só oitenta e dois? — repetiu ela, perplexa. — Você aceitou oitenta e dois dólares de um homem na rua?

— Não fui eu que aceitei, foi Dennell.

— Ele não sabe que é errado, você sabe — rebateu ela, enquanto sua surpresa se transformava em raiva. — Não se aceita dinheiro de ninguém na rua! Não se aceita dinheiro de ninguém. Sabe o que eles querem em troca de seus oitenta e dois dólares, menino?

Rasheed baixou os olhos.

— O homem não queria nada.

— Eu trabalho para ganhar meu dinheiro, meu filho. E você vai fazer o mesmo.

— Eu trabalho. Eu ia limpar a neve…

— Ah, pode ter certeza de que vai mesmo! Vai limpar neve o inverno todo, de graça. Eu vou oferecer seu trabalho. Para você nunca mais esquecer que não se aceita dinheiro de ninguém. E que não deve esconder nada de mim.

— O que eu devia fazer? Contar a você?

— É, me contar. — As veias estavam saltadas no pescoço fino da mãe. — Me contar, para que a gente pudesse devolver

imediatamente.

— Devolver? — Rasheed começou a rir. — Você tá maluca?

— É, estou sim. Olhe isso! — De repente a mãe tirou uma nota de vinte dólares do rolo, rasgou-a em dois e atirou os pedaços para o ar.

— Mãe! — gritou Rasheed. — O que é que você tá fazendo? — Ele correu para pegar o dinheiro, enquanto os pedaços flutuavam acima da cama e aterrissavam sobre o irmão, que, inacreditavelmente, continuava dormindo. — Para! — implorou Rasheed, mas a mãe já estava rasgando uma outra cédula, seguida por outra e mais outra, lançando uma após a outra ao ar, fazendo-as voar pelo quarto pobre como flocos de neve.

— Acha que estou maluca? — grunhiu ela, rasgando uma pilha de cédulas. — É isso que eu vou fazer sempre, sempre que pegar você aceitando dinheiro de alguém novamente!

Dennell aplaudia, deliciado com a façanha da mãe, enquanto Rasheed corria de um lado para o outro, recolhendo o dinheiro que caía no carpete. A mãe continuou rasgando até que todas as notas tivessem acabado e o quarto parecesse varrido por uma tempestade de dinheiro.

— Entendeu, mocinho? — gritou ela, a expressão sombria e satisfeita.

— Hã? — espantou-se o filho do meio, acordando. Esfregou os olhos, confuso, vendo o dinheiro que flutuava pelo quarto. — Isso é um sonho?

A mãe riu, sendo imitada por Judy. O sorriso desta última, porém, se devia ao que ela tinha nas mãos. A caderneta de Eb Darning.

40

Marta direcionou o facho da lanterna para a tela de arame coberta de neve da LBI Marina, onde as contas de Steere mostravam que sua lancha estava ancorada. A marina estava escondida num porto no lado da ilha que dava para a baía, cercada por casas de veraneio fechadas e protegida da violência da tempestade no mar. Próximo à tela, erguia-se uma construção de madeira de telhado reto, evidentemente um pequeno escritório. Presa à sua parede, via-se uma placa desbotada que dizia ALUGUEL DE JETSKIS. Uma cesta de basquete rasgada voava com o vento.

Marta enfiou os dedos pela tela e aproximou o rosto para ter uma visão melhor. A neve caía incessantemente, porém a baía estava mais calma do que o oceano e encrespava-se com ondas de crista espumosa, que se arrebentavam nas docas nas extremidades da marina. Não havia barcos na água, que parecia congelada em alguns pontos. Rampas de madeira para desembarque, cobertas pela neve, projetavam-se na água vazia. Perto delas havia um elevador de barcos de grande altura, com uma linga de lona. A marina estava solitária, deserta e escura, exceto por uma lâmpada retangular provida de sensor do lado de fora do escritório. Onde estariam os barcos?

Marta voltou o facho de luz para a direita, através dos flocos de neve, alcançando uma parte coberta da tela. Ali se viam barcos sobre carretas de encalhe, na terra seca. Eram barcos a motor e a vela, seus deques e toldos cobertos pela neve. Marta calculou que houvesse umas trinta silhuetas brancas volumosas no depósito de barcos, mas não sabia se algum deles era o *Pirata*. Ela não tinha ideia de como era a lancha de Steere, mesmo quando não estava coberta de neve. Teria de entrar na marina para ler os nomes.

Marta enfiou a lanterna no bolso e olhou para a tela, semicerrando os olhos para protegê-los da neve. A tela era alta, uns dois metros e meio de altura, e ela tentou lembrar-se da última vez que escalara alguma coisa. As lembranças vieram-lhe relutantes, há tanto que estavam enterradas. Ela já tinha subido em carvalhos nos bosques e em telas da estrada de ferro. Num pônei, em pelo; até no colo do pai. Marta tinha sido uma moleca antes de se tornar advogada, que não deixa de ser uma versão crescida de um diabrete. Se era necessário escalar, ela escalaria.

Marta içou o corpo e tentou enfiar a ponta da bota na tela de arame. A bota era grande demais e Marta chutou a tela, forçando a ponta do calçado a entrar. A tela retiniu e balançou, jogando neve em sua cabeça. Marta se sacudiu, puxou o capuz e começou a subir pela tela escorregadia. Aparka pesada puxava-a para baixo; a calça própria para neve parecia-lhe desajeitada. Ela quase perdeu uma bota, mas conseguiu chegar à metade do caminho e continuou pelejando.

Quando Marta chegou ao topo, estava ofegante. Jogou uma perna acolchoada sobre a barra que encimava a tela e parou para recuperar o fôlego. O vento soprava através de seus cabelos, congelando-lhe as orelhas. Ela piscou, tentando livrar os olhos da neve, enquanto olhava à sua volta. Nenhum alarme soou e a marina não era grã-fina o bastante para dispor de um sistema de alarme silencioso. Marta sentiu-se a salvo.

Então ela caiu do alto da tela. A lanterna escorregou de um bolso e o ponteiro de encraveirar, do outro.

Marta tornou a guardar ambos, imediatamente, e durante um minuto ficou caída num monte de neve ao lado da tela, que não era tão macio quanto parecia. Todo o seu corpo doía. Ela sacudiu braços e pernas, verificando se estava tudo bem. A cabeça também doía, mas ela já não conseguia se lembrar de quando não doía. Até ali tinha sobrevivido a um acidente de carro, um assassino, uma queda

e à psicoterapia. Marta começava a acreditar-se invencível, ainda que não inteiramente profissional.

Ela se levantou e bateu a neve de sua roupa. O ancoradouro estava escorregadio, coberto pela neve, assim como os molhes vazios. Estes pareciam cinco *is* maiúsculos de frente para ela. Marta agarrou a balaustrada, pois não tinha certeza de onde terminava o ancoradouro e onde começava a água. Atravessou até o pátio amplo onde estavam guardadas as embarcações na neve, acendeu a lanterna e pôs-se a ler os nomes dos barcos instalados sobre as carretas de encalhe.

Boa-vida Skipperdee, Farra do Fim de Semana. Os nomes estavam legíveis em meio à neve que caía porque as letras eram grandes. O vento soprava da baía enquanto ela lia. *Minha Garota, Espetáculo, Escorregão*. Os barcos eram todos de Nova Jersey, mas nenhum deles era o de Steere. Marta correu para a próxima carreta.

Nossa Aposentadoria. *Coisa de Molly. Ponto e Vírgula*, mas nenhum *Pirata*. Ela mordeu o lábio. A lancha de Steere tinha de estar aqui; Marta tinha visto as contas de ancoragem. Não havia outras contas que mostrassem que Steere tivesse pago a alguém para transferir a lancha, ou documentos provando que ele houvesse registrado sua perda. Era aqui mesmo e ela a encontraria, assim como o que quer que estivesse escondido nela. Documentos, uma pista, o que fosse.

Isca do Leão. Ursinho de Pelúcia. O Incrível Paul. Alguns dos barcos tinham registro de Maryland e outros tantos de localidades mais ao norte: Camden, Maine, e Marblehead, Massachusetts. Marta agachou-se e leu a última série de nomes. Estava escuro nessa extremidade da marina, a menos protegida do mar. A água salgada açoitava os cascos de fibra de vidro e Marta virou o rosto para não se molhar. *Mandessa, Ébano e Para Baixo*. Ela leu os últimos nomes e se levantou. Onde estava o *Pirata*? Como Steere podia esconder uma lancha?

Marta olhou em volta. Perto do escritório da marina, próximo à beira d'água, via-se uma construção de blocos de cimento cinza, grande o bastante para abrigar barcos. Talvez o *Pirata* estivesse guardado ali. Ela correu para o prédio. Quando o alcançou, direcionou o facho da lanterna pelas portas do tipo encontrado em garagens, pressionando o nariz contra o vidro frio como uma criança num aquário.

Estava escuro ali e não havia lâmpadas com sensores. Marta forçou a vista, o nariz parecendo uma panqueca gelada. Ela conseguiu distinguir contornos vagos de outros barcos sobre carretas, mas, de onde estava, não dava para ler os nomes. Precisava entrar ali. Então avaliou as vidraças. Eram suficientemente grandes. Marta recuou um dos pés calçados com a bota de borracha e, com uma técnica invejável apenas por um advogado, atravessou o vidro frágil com a ponta do pé. A folha de vidro se quebrou, reunindo, e ela continuou a chutar até quebrar a vidraça por inteiro, espremendo-se então pela abertura denteada e pulando com cuidado para o piso interno.

O piso era cimentado e estava seco, exceto em alguns pontos onde a água que tinha escorrido por baixo da porta formara poças. Marta apanhou a lanterna e ficou de pé em meio aos cacos de vidro. Sacudiu-se rapidamente, deixando uma minúscula pilha de neve atrás do *Chiqueiro*. Estava silencioso ali dentro e era bom ver-se fora da tempestade, abrigada e protegida. Apenas ela e *Chave de Cadeia, Aposta Tripla* e *Não É da Sua Conta*. Onde estava o *Pirata*?

Marta girou o facho da lanterna em volta de todo o depósito. O teto era de metal corrugado e os reforços de aço estavam à mostra. O ar cheirava a bolor e o edifício tinha o frio parado e abafado de um lugar amplo e sem aquecimento. Estava cheio de barcos, provavelmente de propriedade daqueles que podiam pagar pela proteção sob um teto. Ela dirigiu-se às carretas de barcos.

Marta precipitou-se pelo corredor, direcionando o facho da lanterna para os nomes dos barcos. *Primeira Edição, Deixe de Bobagem, Posto de Comando da SS*. Ela ficou na ponta dos pés, esticando o pescoço para ver as fileiras mais altas. *Menino de Filadélfia, Computabarco, Esconderijo*. Parecia a leitura de um programa de corridas, com um nome estúpido seguido de outro. Um medonho *Golpe Baixo*. Um etílico *Hora da Birita*. O intelectual *Sonho de Einstein* com seu bote a remo *Sonho de Feinstein*.

Marta patinava com as botas encharcadas, percorrendo fileira após fileira, e leu mais uns vinte nomes, nenhum que valesse a pena repetir. Ela seguia pelos corredores com a lanterna o mais rápido que lhe era possível, da esquerda para a direita, de baixo para cima. A garagem estava silenciosa, exceto pelo rangido de suas botas quando ela fazia meia-volta. Finalmente, o irrequieto círculo de luz caiu sobre o *Pirata*. Marta quase largou a lanterna.

O *Pirata* era uma lancha moderna e, por estar em cima de uma carreta, parecia maior do que seus 24 pés. A pintura era de um branco brilhante e ela se destacava na fileira de barcos como uma fatia generosa de um bolo de aniversário. A lancha estava no *rack* inferior, provavelmente porque era a mais pesada. Via-se um motor de popa cinza reluzente fixado perto da escada da lancha. Excitada, Marta subiu a bordo.

O convés superior da lancha dispunha de uma grande área em formato de ferradura com bancos e, elevado em relação a estes, havia um assento acolchoado para o piloto, atrás de um volante; o leme, Marta deduziu… que devia ser assim chamado, embora nada entendesse de barcos. Ela parou junto ao leme, examinando todas as coisas à medida que iam sendo iluminadas pelo facho da lanterna. Marta estava aprendendo rápido.

À frente do leme havia uma bússola com uma cúpula de plástico transparente. Marta podia ver através desta uma agulha vermelha flutuante. Para onde quer que ela olhasse, tudo no *Pirata* estava em

ordem e limpo. Havia alguma coisa estranha nisso, porém; Marta não conseguia dizer exatamente o quê. Ela ficou de pé, pensativa, e então consultou o relógio. Quase três da manhã. Dali a poucas horas o júri voltaria a se reunir. Precisava se apressar. Ela correu a lanterna em torno do leme, mas não havia lugar para esconder nada ali.

Espere. Ali. À esquerda, rente ao chão, ela viu um compartimento embutido. Acocorando-se, abriu o pequeno armário. Documentos! Ela os puxou a fim de ver melhor. Um panfleto azul que dizia *Este é o seu manual de navegação* e um maço de mapas à prova d'água de Nova Jersey e da baía de Chesapeake. Um *Almanaque de navegação* preto. Merda! Quem sabe não haveria alguma coisa escondida entre aquelas páginas?

Marta folheou o almanaque, acidentalmente quebrando-lhe a lombada. Puxa! Ela adorava livros e tomava o maior cuidado para não danificá-los. Desta vez, porém, aquilo lhe disse uma coisa: *Ninguém tinha lido esse livro*. Ela tornou a olhar os mapas. À luz da lanterna, escavam perfeitos, sem nem um amassadinho. Nenhum material daqueles havia sido consultado. O barco estava limpo. Marta perguntou a si mesma se o *Pirata* já teria sido usado algum dia.

Ela se levantou e examinou o barco ao lado do *Pirata*, o *Meu Garoto*, comparando-os. Os porta-copos do outro estavam cobertos de sujeira e o assento do piloto, gasto, com uma almofada surrada junto ao leme. O fio amarelo enrolado no compartimento embutido do *Meu Garoto* encontrava-se sujo, mas no *Pirata* estava imaculado.

O *Pirata* nunca tinha sido usado. Navegado, pilotado, o que fosse. Será que Steere tinha comprado o barco e nunca usado? Por quê? Isso significaria alguma coisa?

Marta precisava continuar procurando. Passando por cima dos mapas, desceu os degraus que levavam aos compartimentos abaixo do convés. Estava escuro ali e ela correu os dedos ao longo da parede até encontrar o interruptor. A cabine era mais limpa do que

um quarto de hotel e cheirava como um automóvel novo. A esquerda, viam-se uma pia e um forno de micro-ondas; sob uma bancada reluzente, uma minúscula geladeira, cuja porta Marta abriu. Estava vazia, porém, e as grades internas nem mesmo haviam sido colocadas. O odor de vinil confirmava suas suspeitas. Nunca fora usada. Isso teria alguma importância?

Ela atravessou a cabine, dirigindo-se à área destinada à alimentação, constituída por um banco listrado de azul em torno de uma mesa de fórmica oval. Impecável e intocada. Aquilo não fazia sentido. Para que comprar uma lancha se você odeia o mar? Por que comprar e nunca usá-la? Marta tinha a sensação de que estava olhando para um arquivo de 40 mil dólares. Havia alguma coisa aqui. Ela a encontraria. Estava chegando perto. Tinha de estar.

Ela seguiu para a área de estar e febrilmente levantou todas as almofadas dos bancos. Nada. Mais adiante, havia uma cabine, forrada com um tecido *composé*. Ela revirou todas as almofadas e puxou as pontas do carpete para ver se alguma revelaria uma espécie de compartimento secreto. Nada encontrou.

Marta parou um minuto para pensar. Tinha de haver um motor, não é mesmo? A lancha não funcionava com vento. Ela se lembrou do motor de popa Evinrude cinza que tinha visto e correu para o convés superior. Se havia um motor, tinha de ser lá em cima, em algum lugar.

Marta direcionou a lanterna para o convés. No piso branco diante dos bancos viam-se duas alças de alumínio. Ela empurrou os mapas para o lado com a mão e puxou uma das alças. O piso ali se abriu e debaixo dele surgiu um buraco quadrado. Uma luz acendeu-se imediatamente dentro do compartimento e Marta pousou a lanterna no convés.

No motor preto, que parecia de um automóvel, estava escrito VOLVO PENTA. Ela ajoelhou-se e tateou a área em torno dele. Não havia sinal de graxa em parte alguma e nenhuma substância se

depositara sobre o que parecia uma bateria. O *Pirata* nunca tinha sido nem ligado. Ou tido o motor virado, que fosse. Marta continuou tateando o motor e as outras coisas escuras ali dentro. Só Deus sabia o que eram aquelas coisas, mas não fazia diferença. Os papéis que ela procurava não estavam escondidos ali.

Deixou a tampa do compartimento fechar-se com um estrondo, sentou-se no convés e apanhou a lanterna, girando o facho ao seu redor, aleatoriamente. O círculo de luz corria sobre livros, mapas e sobre o convés imaculado. Alguma coisa tinha de estar passando despercebida a Marta.

Ela não estava pensando com clareza. Tinha de haver alguma coisa ali, ou tudo estaria perdido.

Abriu o zíper do casaco com um suspiro e estirou as pernas como um urso de pelúcia. O gelo grudado em suas botas pingou sobre um dos mapas e ela ficou observando o percurso da gota d'água. Escorrendo, escorrendo. molhando o mapa. De repente Marta sentiu-se demasiadamente cansada para fazer deduções ou planos. Para procurar ou invadir lugares à força. Continuou observando a água pingar no mapa. Era uma bela lancha. *Pirata*. Um navio pirata. Um mapa. *Um mapa*.

Marta empertigou-se.

Um mapa do tesouro? Poderia ser isso? Ela debruçou-se e agarrou o mapa molhado. COMBATA A POLUIÇÃO PARA MANTER AS ÁGUAS LIMPAS! proclamava o primeiro da pilha. Marta desdobrou-o, entusiasmada. *Pirata*s. Um mapa. O tesouro. A lancha nunca tinha sido usada. Tudo fazia sentido. O *Pirata* era um lugar lógico para guardar um mapa. Um esconderijo debaixo do nariz de todo mundo e, no entanto, quase impossível de achar. A lancha estava guardada, protegida do tempo, para que o mapa não se molhasse.

DA BAÍA DE LITTLE EGG HARBOR A CAPE MAY. Marta apertava os olhos para ver o mapa O Oceano Atlântico aparecia no alto em branco e havia números por toda parte. 24, 27, 37. Marta não tinha

experiência com mapas náuticos e deduziu que marcassem a profundidade do mar. Mas era na terra que ela estava interessada, com a intuição de que um homem que detestasse o mar nada enterraria sob ele, mesmo que pudesse.

Os olhos de Marta percorreram a linha litorânea do mapa. Típico de Steere. Seu negócio eram os imóveis. Seu verdadeiro amor, a terra. Fora ela quem tinha feito sua fortuna, agora era ela quem guardava seus segredos. E, a julgar pelo nome da lancha, Steere via a si mesmo como um pirata. Isso significava que o tesouro estaria enterrado em terra, perto da casa de praia que Steere tanto amava. Marta tinha esse pressentimento.

Ela esquadrinhou o mapa da esquerda para a direita, procurando a ilha de Long Beach. Ocean City, Sea Isle City, Seven Mile Beach. Onde estava a ilha de Long Beach? Ela virou o mapa. Ali. À esquerda da carta, lia-se ilha de Long Beach, sobre uma extensão castanha de terra. As cidades eram Beach Haven e Holgate, e então a ilha terminava. Aquela era a ponta ao sul. Onde ficava Barnegat Light? Marta queria o norte.

Ela deixou aquele mapa de lado e examinou os outros. Maryland, Virgínia, a baía de Chesapeake. Mapas náuticos de áreas que Steere jamais navegaria. Engodos para ocultar o verdadeiro mapa. Ela apanhou a CARTA NÁUTICA 12324. DA BAÍA DE SANDY HOOK À BAÍA DE LITTLE EGG HARBOR. Marta a desdobrou e abriu sobre o convés da lancha. O mapa cobriu a maior parte do chão.

No papel, duas estreitas faixas de praia castanha partiam de ambos os lados, indo encontrar-se no centro, como as patas de um caranguejo. No centro, via-se o bulbo que era Barnegat Light, e Marta traçou com o dedo o local onde devia ficar a casa de Steere. Encontrou o farol que tinha visto à distância, em seguida a extensão de dunas, mas não havia nenhum X assinalando um tesouro enterrado. Seria pedir demais? Uma ajudinha de vez em quando?

Marta examinou o mapa sob o feixe de luz da lanterna, procurando em torno da área de Barnegat Light uma marca de lápis ou caneta. Qualquer tipo de sinal que mostrasse onde Steere havia enterrado alguma coisa. Nada encontrou. Debruçou-se ainda mais sobre o mapa, o nariz a apenas dois centímetros do papel. Ainda nada. Marta chegou mesmo a tentar visualizar o que lembrava da orla da praia. Não conseguia recordar-se de nenhuma marca ou sinal. Era uma praia comum.

Merda. Marta voltou a aprumar-se, acocorada. Tinha que ser aqui. Seu tempo estava se esgotando. Talvez fosse a maneira como estava olhando o mapa. Ela o ergueu, aproximando-o de seu rosto, e dirigiu a lanterna para ele.

De repente, alguma coisa piscou em sua visão periférica. Um pequeno ponto de luz. O que era aquilo? Marta continuou segurando a lanterna e olhou por cima da extremidade superior do mapa, enquanto o iluminava. Um diminuto ponto de luz apareceu no convés do barco. O que era? Como surgira?

Ela forçou os olhos, examinando a parte posterior do mapa. Um minúsculo túnel de luz amarela vazava o mapa, saindo do outro lado. Ficava bem perto da casa de Steere, na praia. Marta seguiu o feixe de luz de volta ao mapa, onde se via um buraquinho como se feito por um alfinete. A luz da lanterna o atravessava, como uma fissura entre as nuvens.

Marta virou o verso do mapa e tocou o furinho com delicadeza. Era ligeiramente áspero, uma minúscula perfuração. Era isso. Não podia ser erro ou coincidência. Marta havia encontrado o X pelo menos a coisa mais próxima de um X que Steere se permitiria fazer. Seu coração martelava, em expectativa.

Ela tornou a virar o lado direito do mapa. O buraquinho ficava a cerca de um centímetro da linha litorânea. Ela olhou a escala. 1:40.000 milhas marítimas. Havia também medidas em milhas terrestres e jardas. Não era grande coisa como X mas era tudo de que

dispunha. Marta teria de calcular a localização do ponto. Era isso ou cavar toda Nova Jersey.

41

Jen Pressman conseguiu escapar do prefeito e finalmente viu-se num carro. Um Crown Victoria da frota municipal, sem pneus próprios para a neve, obrigando-a, portanto, a dirigir devagar pelas ruas da cidade. A Broad Street e as outras principais artérias de Filadélfia já tinham sido limpas, mas, uma vez tendo-as deixado para trás, era preciso seguir devagar. De qualquer forma, Jen não podia mesmo guiar com velocidade. A enxaqueca a incomodava e ela ainda sentia náuseas. A neve cintilante bombardeava seus olhos e sua visão saía de foco intermitentemente. O Imitrex estava mantendo a enxaqueca sob controle, mas uma dor intensa persistia nas fímbrias do seu cérebro, como um vilão teatral aguardando nos bastidores.

Jen chegou à autoestrada com dificuldade. Não havia trânsito devido à interdição do prefeito. Se um policial tentasse impedi-la de prosseguir, ela apresentaria a carteira de funcionária da Prefeitura e ele a deixaria passar. Aquele emprego havia lançado a carreira de Jen a uma dimensão completamente diferente. Se o prefeito fosse reeleito, ela deixaria passar um intervalo decente antes de se demitir e então venderia seu passe como sócia para a firma de advocacia que fizesse a oferta mais alta. Ela tinha contratado a maior parte da equipe do prefeito, o que viria a ser útil quando precisasse de lobby a favor de um cliente. O bom era que isso funcionaria mesmo que o prefeito perdesse a eleição. Num caso ou no outro, ela estava coberta. Como a Suíça.

Jen acelerou. Os faróis formavam dois túneis brilhantes na estrada coberta de neve. As luzes dos postes e a neve causticavam seu cérebro.

Os pontos brancos atrás de seus olhos queimavam, ainda mais brancos e reluzentes. Jen pensou em parar, mas não podia. Já era

muito tarde. Se parasse agora, adormeceria no carro e acabaria congelada ali no acostamento.

O carro deslizou de lado, na direção da mureta de concreto que separava as pistas, e então Jen tirou o pé do acelerador. A neve batia no para-brisa, cada floco crescendo à medida que se aproximava. Aquilo fez com que Jen se lembrasse de uma bola que a atingira num jogo de beisebol patrocinado pela cidade, ao qual ela assistia, sentada com a equipe do procurador do município, atrás da terceira base. Jen tinha visto a bola voando, descrevendo um arco em sua direção, a costura vermelha girando sem parar, mas erguera as mãos tarde demais para segurá-la. A bola dura batera em seu dedo e este entortara para trás, quebrando-se. Ela precisara assinar um termo declarando que não processaria o estádio ou a cidade. O procurador quase morrera de rir dela.

Jen olhava pelo para-brisa enquanto dirigia. Estava ficando cada vez mais difícil enxergar. A neve soprava com força, como se alguém estivesse lhe atirando bolas. Centenas delas, depois milhares. Jen vinha esquivando-se delas a vida toda, em segredo. Tentando guiar o carro no meio delas, tentando ir além delas.

O carro avançava em meio à neve. A brancura estendia-se por toda parte, no para-brisa e na estrada, cobrindo os prédios ao lado da via expressa. Não havia nenhum outro carro à vista ou qualquer forma de vida. Parecia tudo tão claro, embora ainda fosse noite. Jen tateou o painel, à procura dos óculos de sol, mas estes não estavam ali. Aquele não era o seu carro, pois ela não tinha conseguido encontrar a bolsa com as chaves. Tivera de apanhar um emprestado entre os veículos da Prefeitura.

De repente, surgiu uma luz branca e quente por trás de seus globos oculares. Atrás dos olhos, no centro do cérebro. A dor de cabeça deflagrou-se em luminosidade e chamas. Jen piscou para limpar a visão, mas tudo que viu foi um núcleo quente, liquefeito. Ela pisou no freio, mas o carro continuou movendo-se adiante e, em

seguida, lateralmente. Ela não conseguia ver outra coisa que não a luz branca e quente. O carro capotou diversas vezes até chocar-se contra a mureta de concreto. Jen não sentiu coisa alguma, somente agonia, e nada viu, exceto a luz. E na fração de segundo antes de morrer, sentiu-se liberta.

42

Judy estava tentando concentrar-se na caderneta branca de Darning, mas a ansiedade a dominava. Mary ficaria boa? Ela pousou os dedos sobre a atadura em sua mão. Quem teria atirado em Mary e por quê? Será que agora viriam atrás dela?

Judy lançou um olhar pelo apartamento vazio pela vigésima vez. O silêncio era completo, exceto pelo tiquetaque plástico do gatinho no relógio de parede, cujos olhos redondos corriam de um lado para o outro. Lá fora, a neve caía sem parar. Não havia barulho de trânsito ou sirenes. Judy sentia-se como se fosse a única pessoa acordada na cidade.

Ela e o assassino.

Ela mudou de posição no banco diante do balcão da cozinha e estremeceu, apesar do agasalho cinza grosso e das meias quentes. O apartamento de Judy ficava no terceiro andar e, na entrada do edifício, havia um sistema de campainha ligado aos apartamentos. Era um imóvel grande, pintado de um tom marfim suave, com uma quitinete que dava para a sala de estar, onde um sofá-cama de lona desdobrável encostava-se à parede, diante de uma mesinha de centro. Odores acres de essência de terebintina e de tintas acrílicas vinham de um quarto convertido em estúdio de pintura. Uma *mountain bike* vermelha e rolos coloridos de corda para alpinismo ocupavam o espaço sob as duas janelas da frente. Aqueles elementos davam a Judy a certeza de que estava a salvo e em casa. Em segurança.

Ela curvou-se sobre a caderneta branca de Darning e enfiou uma mecha solta do cabelo louro sob a faixa preta larga que prendia seus cabelos.

A caderneta tinha espiral e parecia com aquelas em que os estudantes costumam anotar suas tarefas. Nesse caso, um estudante de matemática. Continha exclusivamente números escritos a lápis. Estavam registrados nas linhas estreitas um debaixo do outro, em duas colunas:

39203930 38475400
10983485 49832625
24930491 98563423
21049382 86241221
29282019 66734202

Judy contou os números na primeira página Cerca de 36. Ela folheou a caderneta e calculou que esta possuísse 110 páginas aproximadamente. Então, quantos números haveria ali? 36 vezes 110. Hã-hã. Os cálculos de Judy chiavam ao percorrer os circuitos de seu cérebro. Um ataque de ansiedade matemática. Judy dizia a si mesma que era tudo culpa da sociedade, mas isso não a fazia somar, subtrair ou multiplicar melhor. Divisões com muitos dígitos estavam fora de questão e lhe provocavam cólicas ovarianas.

Ela apanhou um lápis numa jarra com pincéis e espátulas. Escreveu o problema num pedaço de papel, mordeu o lábio e topou com uma solução. Cerca de 3.960 números. Mas o que isso significava? Judy ficou olhando fixamente para as listas. Aquilo era um pesadelo — alguém com fobia matemática analisando uma caderneta de números. Ela forçou-se a pensar, apesar da limitação que lhe tinha sido imposta por sexistas e republicanos.

3920 3930.

O número era grande demais para ser de uma casa ou telefone. Também não podia ser do Seguro Social, que tem nove dígitos. Judy

parou um pouco. Eb Darning tinha sido bancário; talvez fossem números de contas bancárias. Ela agarrou a bolsa em cima do balcão, pegou o talão de cheques e o abriu. Na parte inferior dos cheques de Sierra Club havia alguns símbolos pretos em alto-relevo, seguidos pelos números **289403726**, outros símbolos e, depois destes, o **384 273**. O número de sete dígitos era o de sua conta corrente. Judy tinha de consultá-lo todas as vezes em que endossava um cheque para depósito, pois não conseguia memorizar números. Aparentemente, nada tinha a ver com os números de oito dígitos que constavam da caderneta de Darning.

Ela ficou pensando, olhando para a caderneta. Bancos diferentes utilizavam sistemas diferentes. Talvez o banco de Darning fizesse uso de uma outra forma de numerar as contas. Mas isso significaria que a caderneta branca era datada de quando ele trabalhava no banco, nos anos 60. Judy examinou a caderneta. Não podia ser. Não parecia assim tão velha. As páginas não tinham orelhas nem estavam gastas nas bordas. Ela calculou que a caderneta tivesse uns três ou quatro anos. Não tinha a precisão de uma datação feita através de análises científicas, mas era um cálculo suficientemente acurado.

Então o que significariam os números? Tinham de ter algum significado, não tinham? Darning era familiarizado com números. Com dinheiro. Judy pensou numa coisa. Talvez fossem números de série de cédulas. Ela pegou a carteira e tirou as cédulas que estavam ali. Três notas de um dólar com números de série verde-amarelados. **B12892443E. F40155765E. L34522346G**. Ela procurou mais e encontrou uma de vinte. **B38803945C**.

Judy estava intrigada. Os números de série das cédulas eram formados por oito dígitos, como aqueles na caderneta. Mas os números das cédulas tinham letras no início e no fim e os da caderneta de Darning, não. Merda. O que poderiam ser? De qualquer forma, o que poderia um determinado número de série de uma cédula significar? Falsificação? Suborno? Judy nada tinha em

que se basear e, de qualquer modo, não acreditava que fossem números de série.

Ela empurrou as notas para um lado e apanhou a caderneta. Darning escrevera os números com mão firme, não os rabiscara ou rasurara Chegava a parecer que tinham sido copiados de algum lugar. De onde? Darning tinha entregado a caderneta a um garotinho, Dennell. Por quê? Será que Darning sabia que Steere ia matá-lo? Será que Steere o matara por causa da caderneta? Judy ficou pensando nos oitenta dólares na caixa de sapato. Onde Darning teria conseguido aquele dinheiro? Chantagem? Será que a caderneta tinha alguma relação com isso?

Judy não tinha respostas, então se dirigiu à geladeira. Suas melhores ideias lhe ocorriam quando ela estava diante de seu refrigerador, e Judy acreditava que isso se devia aos vapores de fréon. Ela respirou fundo. Nenhuma resposta ainda Apanhou a caixa de leite, puxou o bico e tomou um gole.

Judy fechou a geladeira e lançou um olhar ao relógio preto de gatinho. Em geral ele a fazia sorrir, mas não nesta noite. Hoje ele dizia que ela não estava chegando a lugar nenhum, quebrando a cabeça para multiplicar, enquanto sua melhor amiga lutava para sobreviver. Judy olhou para o telefone e pensou em ligar novamente para o hospital. Tinha telefonado dez minutos antes e fora informada de que Mary, depois da cirurgia, tinha sido levada para a UTI. Não haveria novidades agora.

Judy tirou um biscoito de chocolate de um pacote amarfanhado sobre o balcão e o enfiou na boca. Seus pensamentos retornaram a Marta. O noticiário na TV tinha anunciado que ela estava desaparecida havia horas. Judy sentiu uma pontada de remorso. Pensou em contar à polícia sobre a caderneta, mas eles nada fariam esta noite, com este tempo. Além disso, Judy tinha o pressentimento de que Marta estava viva. Ela lembrou-se das intermináveis exigências de Marta durante o processo de Steere. Gente como ela

sempre sobrevivia. Eram os que estavam à volta delas que sucumbiam.

Ainda assim, onde Marta estava? O que ela tinha descoberto sobre Steere? Judy parou de mastigar e pensou no quanto fora estúpida para cair naquela mentira sobre o promotor. Marta devia ter sabido que Steere assassinara Darning intencionalmente, mas também não conseguia imaginar por quê. Judy pressentiu que estavam tentando obter as mesmas respostas nesse momento. Onde Marta poderia estar? Será que ela conseguiria entender aqueles números?

O olhar confuso de Judy encontrou-se com os do homem na gravura acetinada pregada com tachas na parede acima da bancada da cozinha, o *Autorretrato num chapéu branco*, de Cézanne. Ela tinha comprado a gravura no museu de arte porque gostava da expressão nos olhos do pintor. Eram castanhos como amêndoas com cobertura de chocolate, e as pinceladas curtas e superpostas de Cézanne transmitiam segurança e solidez. Ao observar de perto os quadros na exposição do pintor, Judy pôde ver a espessura da tinta e a maneira como o artista tinha esperado que uma camada secasse antes de aplicar a seguinte. Esperar e pintar, refazer e recombinar os pigmentos. Tão diferente de seu pintor predileto, Van Gogh. Cézanne sabia o que queria fazer, mas, diferentemente de Van Gogh, esse conhecimento vinha de sua cabeça, não do coração.

Havia uma lição a ser aprendida ali. Judy precisava desvencilhar-se do coração e começar a usar a cabeça. Esquecer a ansiedade em relação à matemática e a Mary e Marta, e resolver esse quebra-cabeça. Solucioná-lo. Ela olhou novamente para a primeira página da caderneta no momento exato em que a campainha soou. Assustada, voltou-se na direção do som, o lápis parado no ar. Quem podia ser? Judy sentiu-se inquieta outra vez.

Ela largou o lápis e desceu do banco da cozinha, afastando-se da porta do apartamento. No caminho, agarrou o telefone sem fio,

pronta para discar o número da emergência, 911. Será que a polícia atenderia, numa noite como esta? Alguém atenderia? Ela puxou uma faca de trinchar do conjunto da tábua de carne.

A campainha tornou a soar lá do térreo. Judy não tinha certeza do que fazer. Não ia deixar ninguém subir às escuras. Não havia interfone na entrada do prédio, que era muito antigo. Judy caminhou na ponta dos pés até a janela e espiou a rua, por trás do parapeito coberto de neve.

43

A vida do promotor assistente, Tom Moran, tinha se transformado num inferno. Tortura sem descanso, sofrimento sem alívio. Gritos e choro constantes perfuravam seus tímpanos. Tinha passado a noite toda acordado e estava suando como uma garrafa de cerveja no verão, tão abafada estava a minúscula casa em East Falls. A sogra havia deixado o aquecimento no grau máximo porque essa era a primeira noite que suas filhas passavam em casa, chegadas do hospital. Ashley e Brittany Moran. Gêmeas.

Santa Maria, Mãe de Deus. A sogra, de robe acolchoado, segurava no colo a recém-nascida Brittany, cujos gritos agoniados enchiam a sala de estar. Sua mãe, de camisola de flanela, segurava no colo a recém-nascida Ashley, cujos gritos agoniados enchiam a sala de jantar. Vagando entre as duas salas, de pijamas, como almas perdidas no purgatório, estavam o sogro semiembriagado, que chegou ao auge como *quarterback* da Cardinal Dougherty High School, e seu pai, furioso, que, desde o divórcio, não podia ficar no mesmo recinto que sua mãe. Satanás também estava presente na forma da cunhada, que dissera ter vindo passar a noite para "ajudar", trazendo seus três capetinhas. Só Deus sabia onde estava sua mulher, Marie.

— Tom! Tom! Precisamos de duas mantas na sala de estar! Elas estão no quarto dos bebês!

Tom foi correndo buscar as mantas, sem sequer saber como eram. Ele não se deu ao trabalho de tentar descobrir quem estava pedindo. Eram tantos os pedidos que lhe faziam que a origem destes era uma questão insignificante. Com a gravata voando, Tom disparou escadas acima, a caminho do quarto dos bebês, que ainda não tinha

acabado de pintar. Na escada, quase tropeçou num dos capetinhas, que enfiava o dedo, como uma saca-rolhas, no nariz sardento.

— Pare com isso, Patrick! — Tom chamou a atenção do sobrinho.

— Cala a boca, palhação — resmungou o garoto.

Tom virou-se no degrau, mas não tinha tempo para voltar. Chegou ao quarto dos bebês a toda velocidade e desviou-se dos presentes e das latas de tinta. Marie tinha ficado no pé dele para que tirasse as latas antes das gêmeas nascerem, mas o julgamento de Steere tinha lhe tomado todo o tempo. Apenas duas das paredes do quarto exibiam a tonalidade Rosa Rubor e apenas metade do rodapé a Algodão-Doce. Nesse meio tempo, Tom provavelmente havia perdido a porra do julgamento de Steere. Já tinha estado diante de um número de júris suficiente para saber que esse não estava do seu lado e sentia-se cansado demais para se importar com isso.

— Tom! Tom, traga duas chupetas quando você descer!

Tom atravessou correndo o tapete cor-de-rosa felpudo em direção aos trocadores, sobre os quais havia prateleiras cheias de fraldas descartáveis, pomadas e talco de bebê. Ele revirou tudo, mas não viu nenhuma manta. Ou, o que mais? Chupetas. Enquanto isso, o diabo estava à solta no processo de Steere. Os seguranças assassinados, DiNunzio baleada e Richter desaparecida. Onde estavam as porras das chupetas?

Ele procurou entre os bichinhos de pelúcia e presentes no chão. Nada de mantas e o tempo estava passando. Tom revirou os presentes. Um chocalho cor-de-rosa voou pelos ares, seguido por um macacãozinho cor-de-rosa. Tudo ali era uma névoa rosada. Marie queria meninas, então pelo menos ela devia estar feliz. Isso costumava deixá-lo feliz: dar a Marie o que ela queria. Prover, consertar, fazer. Essa era a sua função. Mas essa história de gêmeas tinha ido longe demais. Agora o caso Steere estava explodindo e ele, preso em casa por causa da neve. Com as gêmeas berrando. No Inferno Neonatal.

— Tom! Tom, as mantas! E as chupetas!

Tom atirou um urso branco peludo para o lado. Era o promotor assistente de uma grande área metropolitana. Tinha frequentado a Universidade de St. Joe e a Escola de Direito Villanova. Tinha a ambição de se tornar juiz numa vara cível. Não tinha lugar para um bebê em sua vida, muito menos para dois. Chutou de primeira um elefante cor-de-rosa.

E agora Tom ia perder o caso Steere, ele sabia. Elliot Steere nem deveria ter sido pronunciado, só para começar. *O melhor que posso fazer por você*, dissera seu chefe, *é lhe dar um caso que ninguém pode ganhar. Assim, você não fica mal quando perder. Assuma esse caso para mim, Tom. Não vou me esquecer de que você fez isso.* Essas foram as palavras do chefe, que, no entanto, tinha se esquecido de acrescentar que não se devia superestimar o efeito para a ascensão profissional de se dar um tiro no próprio pé. Além disso, no dia seguinte, é você quem tem de ir trabalhar com o coração na mão.

— Tom! Tom! As mantas! E as chupetas!

Tom remexeu numa cadeira florida até encontrar duas mantas cor-de-rosa que de tão finas não dariam para aquecer nem uma boneca. Desceu correndo as escadas com elas e se deteve quando viu o capetinha sentado no degrau, o dedo ainda enterrado.

— Ei, pivetinho — disse Tom entredentes. — Vai ter festa no salão?

— Manhê! — gemeu o garoto e saiu em disparada, gritando.

Tom correu para a sala de estar, onde odores pútridos e sulfurosos erguiam-se em meio aos gritos e choros. O ar cheirava a merda amarela de bebê, como gás de mostarda, e ele detectou um fedor novo e amiláceo: fórmula para recém-nascidos vomitada. Os bebês vomitavam como vulcões — *refluxo gástrico*, segundo sua sogra — e a lava no ombro de Tom já estava rançosa. A casa estava terrivelmente quente e a sogra não o deixava abrir uma única janela

— *Está louco*? — com medo de as gêmeas apanharem uma corrente de ar. Tom entregou as mantas à megera e fugiu dali.

— Esqueceu as chupetas. Eu pedi chupetas!

Tom desviou para a esquerda e tornou a subir a escada às pressas. Ele sabia que deveria estar feliz, mas não estava. Tudo tinha mudado da noite para o dia. Sua mulher inchara como um balão. Sua casa estava lotada de gente. Sua carreira tinha sido desvirtuada pelo caso Steere. Fazia um ano agora que ele vinha trabalhando como um louco; infelizmente, nesse mesmo período, Marie tinha engravidado. Ele sabia que chegaria o dia em que se sentiria feliz, mas isso ainda não tinha acontecido.

Tom atravessou correndo o quarto dos bebês, dirigindo-se às duas cômodas cor-de-rosa, encostadas à parede sem pintura, e abriu a primeira gaveta pelo puxador de coelhinho. Ali dentro, camisetas minúsculas e macacõezinhos de capuz. Ele os revirou, misturando-os. As gêmeas berraram mais alto, gritos agudos de cólica, emergindo das profundezas.

— Tom, as chupetas!

Ele correu para as duas sacolas da Toys "R" Us ao lado dos dois berços. As bolsas brancas estavam abarrotadas, como sacos de Papai Noel. Havia uma longa nota fiscal presa à bolsa e Tom olhou a etiqueta, chocado. Duzentos paus!? Começou a vasculhar a bolsa. Dois mobiles de animaizinhos para acalmar os bebês. Dois cubos pretos e brancos para estimular-lhes a inteligência. Dois coelhinhos azuis para ajudá-los a dormir. Duas chupetas para fazê-los calar a boca.

— Tom, depressa!

Tom arrancou do quarto com as chupetas e desceu a escada em disparada. Como é que iam sustentar duas crianças com o seu salário? Duas vezes mais despesas escolares. Contas médicas duplas. Gastos dobrados com roupas. Dois casamentos. Tom entregou as chupetas, sua carteira dando linha.

— Tom! Traga uma mamadeira com água!

Tom correu para a cozinha, onde Marie se encontrava sentada à mesa, entre a irmã e o pai. Ela piscou para Tom do centro do círculo sardento. Todos na família de Marie piscavam, como se sofressem da síndrome de Tourette. Tom piscou de volta e abriu a torneira. Há muito que ele não reconhecia mais a mulher, cujo corpo esguio desaparecera, junto com sua vida sexual. Marie tinha retido água suficiente para encher uma piscina. Tom correu um dedo indicador trêmulo sob a torneira aberta.

— Tom! Tom! Aqui!

Tom girou nos calcanhares, como um pai giroscópico. Ele não sabia de onde vinha o som, qual pedido atender, se das gêmeas, da mulher-balão ou da sogra-megera. *Tom! Tom! Tom*!

— Tom! Telefone! Do gabinete!

— Merda. — Do gabinete? Seria o júri? O juiz? As chupetas? Tom deixou a torneira aberta e disparou para o estúdio, onde os outros dois capetinhas estavam desenhando em suas petições com um lápis de cera. MERDA FODA MIJO, estavam escrevendo. — Sean, Colin, parem com isso! — ordenou Tom. Então tomou o lápis de cera da mão de Sean e entregou-lhe uma tesoura; em seguida deu um abridor de cartas para Colin e enxotou ambos do estúdio. Tom pegou a mamadeira, quer dizer, o telefone.

— Alô?

— TOM! — berrou uma voz masculina num telefone cujo sistema viva-voz estava ativado. Era Bill Masterson promotor da cidade de Filadélfia. O baixo profundo de Masterson ecoou como o Mágico de Oz. Os joelhos de Tom fraquejaram. Ah, não. A única ocasião em que Masterson telefonava para seus assistentes era para demiti-los.
— Tom, você não está aqui! — esbravejou Masterson.

— Já vou estar. Já estou indo.

— Eu estou aqui, mas você não está. Não estou entendendo. Onde você se meteu, Moran?

— Em casa.

— Por que está aí? Tire essa bunda já daí!

— Ah, eles ainda estão limpando a minha saída. — Tom espiou pela janela. Dois policiais orientavam um trator de neve em sua rua. A lâmina do primeiro trator tinha caído e eles estavam tendo de improvisar outra. — Já vou chegar.

— E que porra você foi fazer aí para começar?

— Minha mulher teve gêmeas, senhor.

— Não me interessa. Venha já para cá. Steve me disse que você estaria aqui há uma hora.

— Mandaram um carro me buscar, mas ele não conseguiu chegar…

— Não me interessa. Não devia ter saído daqui.

— Pensei que teria tempo. O júri estava deliberando.

— Não me interessa. Não entendeu? Que porra! Por que foi sair do gabinete?

— Para ver se estava tudo bem com minha mulher e minhas filhas.

— Não me interessa. Por que acha que isso ia me interessar?

Tom começou a suar. As gêmeas uivavam ao fundo.

— Tom! — alguém gritou. — TOM!

— Tom! — vociferou Masterson. — Você assumiu o julgamento de Steere, certo?

— Certo.

— Então por que eu é que estou aqui no gabinete? Não consigo entender. Você é o responsável pelo caso, mas sou eu que estou aqui Você trabalha para mim, certo?

— Certo.

— Você trabalha para mim, mas sou eu que estou no gabinete. Não entendo isso, você entende?

— Não — respondeu Tom. — Eu lamento…

— Olhe, não me interessa. Steve recebeu um telefonema do assistente do juiz Rudolph. Tem uma audiência de emergência marcada. Tire essa bunda já daí e venha para cá. Entendeu?

— Entendi.

— Você me ouviu, Tom? — perguntou Masterson e o telefone foi desligado.

— TOM! — alguém gritou.

Ele pegou a valise e saiu correndo.

44

Marta estava sentada na caminhonete com a lanterna, a carta náutica e uma régua estreitinha que ela encontrara numa das caixas de ferramenta de Christopher. A régua era dupla face e de fácil leitura, embora cheirasse ao que quer que seja que sai de baixo dos cascos dos cavalos. Ela verificou a hora. 4h15 da manhã. Ah, não. A noite estava chegando ao fim. Será que Christopher conseguiria mudar o voto do júri? Ele era capaz de fazer mudar a maré?

Marta firmou a vista nos cálculos que tinha feito à margem do mapa. Os números flutuavam diante de seus olhos. Sua lógica tornara-se confusa há meia hora. Ela tinha tentado calcular a distância da costa até o furinho de alfinete e então se detivera ao perceber o quanto aquilo era insensato. Ela não tinha a menor ideia de onde ficava o contorno da costa, com as marés, a tempestade, o movimento de rotação da Terra e a lua na sétima casa. Seu cérebro dissolvera-se, transformando-se em iogurte. Sua cabeça latejava devido aos ferimentos e ao simples esforço de se manter acordada.

Espere aí. Havia uma outra maneira. Ela podia voltar ao escritório na casa de Steere e encontrar a escritura da propriedade, que descreveria o terreno com exatidão. Com ela, poderia calcular a distância entre a casa e o buraco de alfinete. Podia funcionar. Tinha de funcionar. Ela pôs as coisas de lado, girou a chave na ignição e virou a caminhonete na direção da casa de Steere.

CCCHANK!

A pá atingiu o primeiro bloco de gelo e Marta começou a cavar. A tempestade tinha se abrandado, mas ainda caía, trazida do mar. As ondas se quebravam atrás dela e Marta mal conseguia ver a pá à luz da lanterna, cravada na neve como um abajur de pé. Cavar em busca do tesouro podia parecer uma loucura, mas Marta preferia ver

aquilo como um empreendimento de risco. Ela pressentia que havia alguma coisa ali embaixo e tinha de acreditar que seus cálculos, feitos a partir de uma combinação da escritura, da planta da casa e da carta náutica, não estavam muito distantes da realidade. Assim, ela tinha arrastado a pá que Christopher usava para recolher estrume de cavalo até o meio da praia, além das dunas e da cerca de contenção, e começado a cavar. Não havia mais tempo para geometria ou números. Não havia tempo para mais nada, exceto a ação.

Marta cravou a pá no meio da neve, empurrando-a com a sola da bota. Cada músculo de seu torso doía, mas ela já tinha se acostumado à dor. Levantou a pá, mas na pressa a enchera excessivamente e a neve deslizou, voltando ao chão. Na infância, Marta havia retirado a neve do caminho com a pá, mas nunca antes no escuro, ou em meio a uma tempestade. Na beira do mar. Com um homem morto por ela mais à frente.

Marta enfiou a pá na camada de cima, em busca de uma carga mais leve, e a atirou para o lado, com êxito. O vento soprava o monte que começava a se formar, levando a neve para longe do buraco que ela cavava. Marta foi em busca de outro carregamento. Quanto mais fundo ela cavava, mais a neve ia se tornando encharcada, pesando mais na pá. Não importa, disse a si mesma. Já tinha retirado três pás de neve. Faltavam apenas mais 398.280.

CCHANK!

Marta tentou não pensar nessas coisas. Bogosian, adiante na praia. Darning a expressão de morte congelada em seu rosto. Steere, e a maneira como ele a tinha enganado. Seus outros processos e clientes. Como ela tinha vindo parar numa praia, no meio do nada, tentando o impossível. Ela procurou convencer-se de que não estava morta de cansaço, desesperada, ou que não era uma tola. Pelo menos uma coisa certa ela tinha feito nessa história: tinha se certificado de

que aquelas garotas estivessem a salvo. Carrier e DiNunzio a essa hora provavelmente estavam em casa, dormindo em suas camas.

Marta cavava ainda mais fundo, mas ainda estava na neve. Quando alcançaria a areia? Mais alguns centímetros? Um metro? Então, quanto faltaria para o tesouro? Meio metro? Um? Ela tirou mais uma pá. Suas costas doíam tanto quanto as costelas. Ela curvou-se e retirou mais um monte de neve. Em seguida, mais dez, e depois mais dez.

CHANK!

Uma dor aguda tomava conta da base das suas costas e Marta tinha a sensação de que os braços estavam prestes a se soltar das articulações. Ela estava encharcada de suor por baixo do casaco. Sentia o pescoço pegajoso, debaixo da gola, onde a neve tinha derretido. A umidade descia aos jorros pelo seu rosto. Ainda assim ela continuava a cavar. Marta cavaria pela noite toda, se fosse preciso. Podia estar errada, ou podia estar louca, mas não desistiria.



Marta fitou o buraco vazio à luz violácea da aurora. Seu corpo vergou-se e sua sombra pálida dobrou-se sobre a neve. Seus cabelos estavam ensopados e o rosto, encharcado. O ar salgado ardia em seus olhos e ela disse a si mesma que era por isso que as lágrimas insistiam em aflorar. Já era quase dia, umas seis horas, provavelmente. O tempo de Marta tinha se esgotado. Sua sorte tinha se esgotado. Tudo viera abaixo, tudo estava se desintegrando.

O buraco estava vazio. Mais de um metro de areia escura e encharcada, a água se juntando no fundo, como uma poça no castelo de areia de uma criança. Marta tinha cavado com a pá, depois com as mãos. Quando as luvas começaram a retardá-la, ela as tinha

arrancado e usado as mãos nuas até que ficassem esfoladas e insensíveis. Nada. Não havia nada ali. Nenhum tesouro, nenhum documento, nenhuma pista. Nenhum baú cheio de provas incriminatórias. Estava tudo acabado. Só restava o vazio.

O céu estava brilhante agora que a tempestade tinha passado. Logo, logo o sol escalaria as nuvens e o mundo acordaria. As cafeteiras começariam a gorgolejar e as torradeiras, a apitar. Os aparelhos de fax despertariam convulsivamente. As telas dos computadores ganhariam vida, produzindo estalidos, obedecendo a instruções cifradas. Nesse exato momento, as linhas telefônicas provavelmente estavam sendo consertadas e as ruas, limpas pelos tratores. A manhã era um começo para todas as outras pessoas, mas para Marta parecia o fim.

A noite fora escura e, sob sua coberta, tinha tido a liberdade de mover-se, de fugir. De procurar e cavar. A manhã, porém, traria a polícia e as perguntas. O corpo de Bogosian seria encontrado. Iriam querer que ela explicasse o que tinha acontecido aos seguranças no escritório. Iriam querer respostas. Estava tudo acabado. Steere tinha vencido. E Marta tinha sido derrotada. A justiça não se faria valer.

Ela deixou a pá cair sobre a neve. O céu estava pálido, o ar rarefeito. Um vento frio a fustigava, vindo do mar em rajadas tão frias e secas que Marta imaginou que fosse capaz de matar germes. Desinfetar o mundo, erradicar vírus, doenças, epidemias. Ódio, sujeira, sangue. Assassinatos. As ondas arrebentavam nas suas costas como alguém que lhe tocasse o ombro. Marta respondeu, virando-se.

O oceano cintilava, pouco visível. As ondas, que na noite anterior tinham lhe parecido negras como o nanquim, eram de um verde-jade, e a espuma do mar tingia-se de marfim. As vagas de crista espumosa quebravam-se na praia, uma após a outra, e as borbulhas corriam em todas as direções, desaparecendo em seguida. À distância Marta podia ver o farol e um cais de pedras perto da praia

de Steere. A vista era desolada e bela, e parecia a Marta que tinha sido escovada até ficar limpa e em estado natural, como agora. Como se Deus tivesse esfregado o mundo com uma escova de aço.

Foi só naquele momento que Marta pensou em caminhar até as ondas. Largou a maldita pá no chão e seguiu diretamente para o mar, como se estivesse entrando num tribunal. Assumindo o controle. Adentrando o Atlântico, como se este lhe pertencesse. Marta podia fazer isso. As ondas iriam dar-lhe as boas-vindas, recebê-la e absorvê-la, e a seu casaco encharcado, suas costas doloridas e seus dedos dormentes. Ela sabia inclusive a profundidade das águas na costa, se de fato fosse isso que aqueles números desenhados com precisão no mapa significavam.

Marta visualizou-se andando até atingir três pés, começando a flutuar aos seis; aos quatorze, ela poderia nadar, mantendo a cabeça fora d'água, só para se exibir; aos dezesseis pés, ela começaria a imergir sob as ondas gélidas e estas a maltratariam um pouco, mas aos dezoito elas a venceriam, assim como ela própria vencia todas as coisas. Afinal, nunca tinha sido derrotada.

Marta virou-se para olhar uma última vez a casa de Steere, à luz de um novo dia. Era majestosa e serena. Ela não possuía uma casa assim em lugar nenhum. Nem em Nova York, nem em Boston, Los Angeles ou Cape Cod. De qualquer forma, nunca estava mesmo em casa. Nunca estava em lugar nenhum. Estava sempre em trânsito. Marta conhecia a sala de espera VIP de qualquer centro da USAir. Era capaz de manejar o controle de velocidade num Taurus de aluguel sem perguntar. Tinha o número do fax de todos os hotéis Four Seasons num fichário gordo em sua bolsa.

O olhar úmido de Marta demorou-se na casa de Steere. Que coisa maravilhosa era uma casa! Pensar que ela poderia desaparecer no Atlântico sem nunca ter possuído um lar autêntico, de verdade! E a casa de Steere era bela, valia cada centavo de seu preço. Ela imaginou-se como sua compradora, valsando ali pela primeira vez.

A casa estava num lindo local, aninhada e solitária entre as dunas. Era o que tinha estado procurando: um local.

Agora que o céu estava mais claro, Marta pôde ver a altura a que as dunas se elevavam diante da casa, imensas e de um branco brilhante ao sol que acabava de nascer. Não era de se admirar que tivesse sido tão difícil correr ali: eram íngremes. As cercas de contenção de madeira que as cruzavam já tinham dado tudo que tinham para dar. Marta pôde ver a cerca em que seu casaco tinha se prendido na noite anterior. Ela cruzava a praia em duas direções.

Marta piscou, diante da luz ofuscante. Engraçado. Uma das cercas atravessava a praia, vindo do alto esquerdo da propriedade de Steere, e outra corria do alto, à direita. Somente a parte superior dos mourões de madeira estavam visíveis, e Marta podia vê-los claramente, à medida que o sol se levantava e um manto quente e dourado deslizava sobre a praia coberta pela neve. As duas cercas de madeira se encontravam ao lado da casa, a pouco mais de dez metros de onde Marta estava. Os topos das estacas formavam duas linhas pontilhadas. E onde as duas linhas se encontravam, exatamente no centro, formava-se um X bem nítido.

Estaria ela exausta? Estaria louca? Será que sua mente estava lhe pregando peças? Marta enxugou os olhos com a manga do casaco, mas o X estava mesmo ali. Um X, bem ao lado da casa de Steere. O X marca o local do tesouro! O buraquinho no mapa deveria ter sido feito apenas por segurança, para o caso de alguém mudar as cercas de lugar. Marta abaixou-se e agarrou a pá.

45

Bennie Rosato uma presença altiva e fria, parou na entrada do apartamento de Judy, diante da porta, enquanto a associada despejava eloquentemente uma explicação, que ia do daltonismo a uma caderneta branca de Darning, passando por uma petição manuscrita para a anulação do julgamento. Bennie permanecia impassível, rígida em seu casaco impermeável, não querendo de fato entrar no apartamento. Como sócia-gerente da firma de advocacia que levava o seu nome, Bennie precisava manter uma distância profissional de suas funcionárias, exatamente por causa de momentos como esse. Momentos que ela abominava.

— Então, o que você está me dizendo — observou Bennie devagar — é que está reunindo provas para incriminar Elliot Steere.

Judy assentiu tão entusiasticamente que algumas mechas de cabelo escaparam da faixa que as segurava.

— Estou trabalhando nisso. Essa caderneta significa alguma coisa, só não sei ainda o quê. Está repleta de números. Acho que tem alguma coisa a ver com compra de votos.

— Não está entendendo o que estou dizendo: você está reunindo provas contra um cliente nosso.

— Ora, contra Elliot Steere. — Judy estava de pé atrás do sofá-cama de lona e recostou-se nele. Em sua mão, a caderneta.

— Explique-me isso outra vez, Carrier. Você está fazendo uma distinção entre Elliot Steere e nossos outros clientes?

Judy piscou.

— Estou. É claro. Elliot Steere é um criminoso. Um assassino. Mandou alguém matar Mary e Marta.

— Você tem provas disso? De alguma dessas coisas que falou até agora?

— Ainda não, mas…

— Ainda não? — Bennie tentava se controlar com esforço. A associada de sua firma parecia não ter ideia do perigo daquele jogo. Era como assistir a um bebê brincando com uma metralhadora. — Você percebe o que está fazendo? Você é a advogada de Steere. Mesmo que tivesse provas de um crime cometido por ele, a única atitude ética que poderia tomar era entrar com um pedido de exclusão do caso. O que se tem a fazer é retirar-se oficialmente do caso, e não sabotar o julgamento.

— O juiz não teria aceitado o pedido de exclusão.

— Você nem chegou a tentar. Devia ter me procurado. Eu podia ter feito alguma coisa junto ao tribunal. Podíamos ter agido juntas. Legalmente. Mesmo que não pudéssemos, isso ainda não lhe daria o direito de sair reunindo provas contra seu próprio cliente. É o promotor quem tem de provar a culpa de Steere e, se não conseguir, Steere merece a liberdade. E ponto final.

— Mas ele é um assassino!

— O que é isso? Uma aula de *Introdução à Ética*? Elliot Steere é cliente da nossa firma de advocacia, da minha firma. A última vez em que vi um cheque dele, era nominal a nós, por um contrato muito alto.

Judy abanou a cabeça, incrédula.

— E daí? O que é que ele compra com seu dinheiro?

— *Lealdade*, sem desculpas ou reservas. Compra todo o nosso esforço e nossa habilidade, tudo que conhecemos sobre a lei e os tribunais. Ele pagou por isso, tem direito a isso. Não há vergonha nenhuma nisso, absolutamente nenhuma. Isso é trabalho. O meu trabalho.

Judy sentiu-se enjoada, enquanto Bennie falava. Ela nunca poderia concordar com a chefe e lamentou ter mencionado a caderneta de Darning. Hora de corrigir o erro. Judy não achava que Bennie tivesse prestado atenção na caderneta, por isso deixou-a

escorregar de seus dedos. O caderninho caiu no tapete atrás do sofá-cama e Judy o empurrou para debaixo da saia de lona com a ponta do pé.

— Você não parou para pensar? — perguntou Bennie, dando vazão à sua irritação. — Não se deu conta de que tem uma obrigação ética nesse caso?

— Minha lealdade a Steere acabou quando Mary foi baleada. Minhas mãos ficaram manchadas com o sangue dela; ainda estão. — Judy estendeu as palmas das mãos, mas Bennie nem mesmo as olhou.

— Isso não faz diferença nenhuma.

— Faz toda a diferença do mundo! O que corre nas suas veias, Bennie? Gelo?

Bennie empertigou-se.

— Você é uma advogada a meu serviço, Carrier. Eu a contratei para trabalhar nesse caso, escolhi você e DiNunzio a dedo. Era um trabalho de primeira, o caso mais importante da nossa firma. Esperava que Steere viesse a ser nosso cartão de visitas.

— Eu compreendo, mas deu tudo errado.

— Não havia nada de errado com o caso até você entregar aquela petição para anular o julgamento, sem a autorização do cliente. Antes disso, não era oficial o fato de Mary estar hospitalizada. Também não era oficial o desaparecimento de Marta e o fato de você ter encontrado uma tal caderneta mágica. Até onde diz respeito ao processo, nada que não fosse oficial nem mesmo existia.

— Não posso dividir meu cérebro dessa forma: oficial e não-oficial.

— Besteira! — gritou Bennie. — Esperava que você fosse uma criminalista. Mas você apresentou uma petição, contrariando as ordens expressas de um cliente. É ele quem deve definir o âmbito de sua defesa, não você. Se Steere é tão esperto quanto acredito que seja, ele vai em frente sozinho ou então já contratou outra pessoa.

Você fez com que minha firma fosse dispensada e por uma conduta tão condenável que todas nós podemos ser expulsas da ordem dos advogados.

— Eu estava tentando descobrir quem tentou matar Mary e por quê.

— Você está maluca? Isso não é da sua conta. Não é o seu trabalho. Você provocou a minha dispensa, a dispensa de todas nós, de modo que só tenho um recurso.

— Vá em frente. Pode me demitir. — Judy sorriu ironicamente, embora por dentro tivesse vontade de chorar.

— Você está demitida. Vou enviar os formulários de desligamento para você assim que for possível. Também vou mandar alguns formulários para você preencher, relatando o caso à junta disciplinadora. Se você mesma não fizer isso, eu vou apresentar queixa contra você. Não me obrigue a fazer isso.

— Vou deixar para pensar na junta disciplinadora mais tarde, se não se importa. Nesse momento, estou mais preocupada com Mary do que comigo.

Bennie não podia deixar essa passar.

— Não pense que eu não estou preocupada com Mary. Fui eu que fiquei lá sentada com os pais dela. Mas o que você está fazendo… e o que ela estava fazendo… era errado. Do ponto de vista ético.

— Mas não do ponto de vista moral.

— Esse julgamento não lhe cabe. Eu aceitei a representação de Steere e você trabalha para mim. O que aconteceria com o sistema legal se todos os advogados começassem a fazer seus próprios julgamentos sobre a moralidade de um cliente?

— A justiça. Enfim. — Judy fitou Bennie, que enfrentou seu olhar com a mesma fúria.

— Não. Ninguém teria um advogado em quem pudesse confiar. E a justiça não teria uma chance. — Bennie fechou o zíper do casaco

bruscamente e deu meia-volta, pronta para sair. — Chega. Desocupe seu escritório o mais rápido possível. E não faça declarações à imprensa.

Judy ergueu a cabeça. Não tinha nada de que se envergonhar. A única coisa que lamentava era prejudicar Bennie e a firma.

— Sinto muito que as coisas tenham tomado esse rumo. Vejo você no hospital, provavelmente. Ou por aí.

— Não tão depressa assim. — Bennie estendeu a mão e ficou satisfeita ao ver que não estava tremendo. — Você disse que tinha uma caderneta. Dê para mim e eu a entregarei à polícia.

— Não.

— Como é?

— Não vou lhe dar a caderneta.

— Você não pode me negar isso.

— Por que não? — Judy pigarreou. — Você não é mais a minha chefe. Estou "solteira" outra vez.

Bennie não achou graça.

— Deixe de besteira e me dê essa caderneta.

— Não.

— Você a está ocultando da polícia, que talvez possa descobrir o que os tais números significam.

— Eu descubro sozinha. Conheço o caso. E sou mais inteligente do que eles.

— Você não foi treinada como eles. São profissionais. Eles têm instrumentos, recursos à sua disposição.

A boca de Judy se escancarou em fingida surpresa.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo. Bennie Rosato, a aniquiladora de tiras, defendendo-os. Eles quase a liquidaram no ano passado.

Bennie apertou os lábios. Merda. Essa garota era boa. Uma grande pena que a firma a estivesse perdendo.

— Os tiras podem cuidar disso.

— Não nesta noite, com este tempo. Foi você mesma quem disse que eles nem apareceram no escritório. Foram eles que encontraram a caderneta ou fui eu?

— Isso não é uma competição, Carrier.

— É, sim — afirmou Judy, sua voz ganhando um súbito tom de urgência. — É exatamente isso. Uma corrida. Eu não percebi isso a tempo de salvar Mary, mas ainda posso me salvar.

Bennie fez uma pausa. Ela devia ter se dado conta disso. É claro que Carrier devia estar assustada.

— Você está correndo um perigo maior se ficar com essa caderneta. Já pensou nisso?

— A decisão é minha, não sua. Como você mesma disse.

Bennie não sabia o que dizer ou fazer. Não podia tomar a caderneta dela à força e Carrier estava certa em relação à atenção que a polícia daria ao caso esta noite. Ela abriu a porta do apartamento e saiu, arrasada. Em conflito consigo mesma.

— Até logo — gritou Judy às suas costas, mas Bennie estava por demais aborrecida para responder.



Piscando para proteger os olhos dos flocos de neve, Bennie ficou parada no meio da tempestade, diante do edifício de Judy, e levantou os olhos para o apartamento da associada. Uma luz tépida derramava-se pela janela ampla e sem cortinas, mas Carrier não estava à vista. As emoções de Bennie comprimiam-lhe o peito. Ela sentiu-se tentada a subir e retratar suas palavras, mas não podia fazer isso. Não podia aprovar o que Carrier estava fazendo, aquilo era perigoso e errado, mas também não iria impedi-la, pelo menos por enquanto. Bennie olhou para o céu nevoento, que começava a

clarear. A aurora devia estar se aproximando, devia ser quase manhã. O júri voltaria a deliberar em breve. Carrier não tinha tempo para deter o veredicto, mesmo que tentasse.

A neve caía sobre o rosto e o gorro de lã grossa de Bennie. Então Carrier tinha encontrado uma caderneta de Eb Darning, cheia de números, e descoberto alguma coisa sobre Eb e compra de votos. E o velho amigo de Bennie, Feijão, tinha lhe dito que Eb trabalhava na Prefeitura e que recebia em espécie. Haveria uma conexão entre essas informações? Será que a caderneta de Darning era um registro de pagamentos em dinheiro? Dinheiro vindo da compra de votos? A resposta estaria no coração da cidade.

A Prefeitura.

Bennie afastou-se do prédio, enfiou as mãos nos bolsos e deu início à jornada. Se pudesse descobrir o que estava acontecendo, talvez pudesse proteger Carrier. Ela caminhava penosamente pela rua em meio a grandes montes de neve. Cada passo lhe era pesado, mas não por causa da neve. Bennie estava pensando em DiNunzio. O que corre nas suas veias, gelo? Aquilo a atingira profundamente. Bennie tinha estado se sentindo mais responsável por Steere do que por suas duas associadas. Onde tinha ido parar a sua lealdade para com elas?

Bennie abaixou a cabeça, aproximando-a do peito, para se proteger contra as rajadas de neve. Tinha responsabilidade pelas associadas também. Fora ela quem aceitara a representação de Steere sem pensar uma segunda vez; tinha visto aí a viabilidade financeira e uma oportunidade extraordinária para sua firma de advocacia. Bennie nunca tinha sonhado que as coisas pudessem acabar daquele jeito, com uma de suas associadas temendo por sua vida e a outra à beira da morte.

Ela manteve a cabeça baixa e tomou a direção norte, enfrentando a tempestade. Se havia uma saída para essa situação, Bennie precisava encontrá-la. Isso também era ser chefe.

46

Marta começou a cavar a areia como um terrier tão logo a pá bateu em alguma coisa. Fosse lá o que fosse, era dura e não era uma concha. Tilintou com um repique metálico quando a pá a atingiu. Marta escavava febrilmente. A areia voava pelos ares até que um ponto acobreado surgiu no fundo do buraco. Estava camuflado, mal visível ao sol da manhã Havia alguma coisa ali. O que seria?

Marta caiu de joelhos, largando a pá ao lado do buraco fundo e da cerca de contenção arrancada. Ela escavava com as luvas e jogava a areia molhada para os lados do buraco. O sol reluzia frio em suas costas, mas ela ainda tinha tempo. Não era tarde demais. Não estava tudo acabado. Tinha encontrado!

O coração de Marta estava disparado, devido à excitação e ao esforço. Ela continuava a cavar e cavar, transpirando com o casaco pesado. O pedaço de metal acobreado ia se ampliando em meio à areia molhada. Ela escavava mais rápido. Seus dedos raspavam a areia, formando cinco sulcos profundos. Ali debaixo, uma espécie de caixa de metal. Era real.

O buraco começou a se ampliar. O círculo de metal acobreado crescia. Dez centímetros, depois quinze e então vinte. Marta escavava em torno da caixa. O topo era de metal liso, como um cofre. A luz do sol cintilava na fina camada de água que cobria a caixa. Marta cavoucou a terra até expor completamente a grossa tampa da caixa Ela ouviu-se gargalhando, atordoada pelo alívio e pelo prazer. O que seria? Era bom. Era alguma coisa. Era isso O que Alix Locke estivera procurando. A razão pela qual Eb Darning tinha morrido. A razão pela qual Elliot Steere tinha matado. era quase dela!

Marta desobstruiu o perímetro da caixa e tentou puxá-la da areia e da neve, mas a peça estava presa. Ela arrancou as luvas e meteu os

dedos entre a caixa e a areia. Seus dedos estavam sangrando, mas não se importou. Retesou a mão e foi introduzindo os dedos à força, cada vez mais fundo. As pontas dos dedos chegaram ao fundo da caixa e ela a puxou com toda a força que ainda lhe restava. A caixa desprendeu-se em suas mãos.

Marta caiu para trás, sentada, e lutou para endireitar-se. Era um cofre trancado, do tamanho aproximado de um bloco de papel ofício, com cerca de quinze centímetros de altura e, é lógico, à prova d'água. Marta ficou ali sentada, na praia gelada, com a caixa sobre a calça, momentaneamente aturdida com o grande cadeado Master, de um metal cinza pesado. Ela teria de quebrá-lo para ter acesso ao conteúdo.

Marta se levantou com dificuldade, segurando a caixa, e olhou à sua volta. A praia estava deserta e a tempestade tinha passado. O vento cessara e a neve formava uma crosta espessa e escorregadia. Mas o sol ia alto. Já era dia. Quanto tempo ainda tinha antes que alguém encontrasse o corpo de Bogosian? Quanto tempo antes de virem atrás dela? O que havia dentro da porra da caixa?

Marta sacudiu-a e alguma coisa se deslocou ali dentro. Não chocalhou, não retiniu apenas se deslocou. Mudou de posição. Quase não fez barulho. Seria papel? Seria dinheiro? O que era? Ela precisava abrir a caixa. Pensou em procurar a chave, mas isso tomaria tempo demais. Ela não queria vasculhar outra vez o escritório de Steere nem o Pirata. Tinha de haver uma maneira melhor.

A caminhonete de Christopher. A traseira do veículo estava repleta de ferramentas nefastas. Uma delas serviria para abrir o cadeado. Marta enfiou a caixa embaixo do braço e começou a correr pela praia. Passou a correr a toda velocidade, como um jogador profissional levando a bola, a caixa sob a curva do braço. Ela podia arrombar o cadeado com um martelo. Cortá-lo com o serrote. Limar aquela porra.

O coração de Marta exultava, enquanto ela corria pela neve, as botas rangendo sobre a camada superior congelada. Uma brisa oceânica soprava, doce e pura. Um vento ligeiro lufava às suas costas. Então a caixa estava trancada. E daí? Ela ria à medida que corria. Sua respiração saía fácil, enquanto passava desabalada pela casa de Steere. Seu casaco estava encharcado, mas não lhe pesava nos ombros. Não estava nem mesmo cansada. Ela arrebentaria o cadeado. Ou o derreteria na forja. Ela o mastigaria, se fosse preciso.

Marta alcançou a duna correndo, subindo, subindo, subindo e transpondo o topo, depois descendo, quase caindo. A caixa estava segura debaixo do seu braço e ela continuava a correr, descendo pelo reluzente vale branco entre as dunas. Não havia outras pegadas na neve além das de Marta. Ela subiu outra duna e avistou a caminhonete de Christopher estacionada junto ao meio-fio oculto pela neve.

Ela meio que correu, meio que escorregou, chocando-se com o veículo, procurou as chaves atabalhoadamente e acomodou-se no banco do motorista com o cofre no colo. Girou o corpo no assento e enfiou a mão numa das caixas de ferramentas. Tirou-a dali trazendo um martelo que dispunha de uma pua na ponta. O escareador! Com ele ia ser moleza!

Marta acomodou o cofre entre os joelhos acolchoados, mantendo-o firme, e baixou a ferramenta sobre o cadeado. A caixa escorregou. Ela tentou outra vez e atingiu o cadeado, mas este se manteve intacto. Marta tornou a acertá-lo e encontrou resistência. *Clang*! O cadeado continuava trancado. Merda!

Ela jogou o escareador para um lado e voltou a revirar a caixa de ferramentas. Encontrou um serrote com uma lâmina de dentes pequenos, segurou a caixa firme sobre as pernas e apoiou o serrote no cadeado. Em toda sua vida, Marta nunca tinha usado um serrote, e isso dava para ver. O serrote deslizava enlouquecido para a esquerda e para a direita. Ela empurrava forte demais, e ele não se

movia sobre o cadeado. Empurrava fraco demais, e ele corria com muita rapidez, mal arranhando o metal. Uma lixa para unhas teria maior efeito.

Marta virou a caixa de cabeça para baixo e começou a serrar o fecho com vigor. O cadeado se sacudia para a frente e para trás, mas os dentes do serrote quase não marcavam a superfície do metal. Ela tornou a serrar e quase amputou o dedo indicador, que, de qualquer maneira, estava mesmo congelado. Aquela não era uma boa ideia. Ela atirou o serrote na traseira da caminhonete e voltou a remexer a caixa de ferramentas. Uma ferradura velha! Marta prendeu a ferradura na alça do cadeado, como uma alavanca, e tentou arrancá-lo com violência. Nenhum resultado. Tinha de haver alguma coisa na caminhonete para abrir aquele maldito cadeado! A caminhonete era uma loja de ferragens sobre rodas!

Marta saltou do veículo com o cofre e bateu a porta. Correu para a traseira e abriu a porta com um puxão. Via-se à esquerda a forja, um pequeno forno sem porta. Ela podia derreter o cofre!

Marta tentou enfiar a caixa na forja, empurrando-a com o ombro. A peça, porém, era muito larga. Ela a agarrou e bateu o cadeado na quina da parte posterior da forja, mas a única coisa que conseguiu foi fazer uma endentação na forja. O cadeado continuava firme. Mas que produto! Que fabricante! Marta perguntou-se por um instante se aquele cadeado seria comercializado para o público em geral; em seguida, tornou a apanhar a caixa e chutou-a para o meio da neve, vendo-a aterrissar num monte de neve e desaparecer. Hã-hã.

Marta correu até lá, resmungando, e cavou a neve para recuperá-la. Merda de cadeado. Não estavam brincando quando naqueles comerciais de cadeado abriam a porcaria com um tiro. Ela pousou a caixa no chão, fora do monte de neve, subiu nela e pulou várias vezes, como num trampolim. Então desceu e examinou sua obra. O cadeado tinha sobrevivido, assim como a estrutura da caixa. Aquilo

já não era mais engraçado. Marta rosnou e deu meia-volta. Seu olhar bateu na caminhonete. Mas é claro!

Ela deixou a caixa no meio da rua e voltou correndo para o veículo. Acomodou-se no lugar do motorista e bateu a porta. O relógio do carro marcava 7h01. Ainda tinha tempo. Podia conseguir. Christopher estaria trabalhando a seu favor. Tudo estaria bem assim que ela abrisse a caixa. Marta soltou o freio de mão e girou a chave na ignição. A caminhonete engasgou duas vezes e então pegou.

Marta ouviu-se gargalhando baixinho, enquanto acelerava o motor. Um cadeado contra uma advogada? Aquilo não era páreo. Ela virou o volante para a esquerda e rumou na. direção da caixa.

47

Bennie avançou com seu casaco molhado pelo corredor de mármore da Prefeitura, passando pela placa gravada em vidro que dizia ADMINISTRAÇÃO — REPÓRTERES. A elegância da placa não correspondia ao que vinha atrás da porta seguinte. A sala de imprensa da Prefeitura era ainda mais imunda do que uma delegacia de polícia, motivo pelo qual Bennie a adorava.

Ela abriu a porta de mogno e habilmente desviou-se do teletipo que obstruía um hall de entrada entulhado com máquinas de refrigerantes vazias e uma bancada de caixas de correspondência emporcalhada. O piso era um ladrilho marrom cheio de areia e salpicado de memorandos amassados, embalagens de chicletes jogadas fora e faxes enrolados. Um dicionário empoeirado com guardas de papel marmorizado descansava em uma estante castigada. Um velho suporte de madeira para cabides tombara sob o peso dos casacos dos repórteres, sendo aparado pela parede. O ar tinha um cheiro vagamente elétrico, com um leve toque de odor corporal.

De ambos os lados do hall de entrada erguiam-se divisórias que iam até a altura dos olhos, forradas com aniagem suja e recortes amassados. Além delas, havia escritórios ocupados por mesas de madeira entulhadas e arquivos encardidos. As estantes eram repletas de papéis, cadernetas de espirais de plástico e manuais de estilo postos de lado. Cada jornal tinha seu próprio escritório na sala de imprensa e, da porta do *News*, pendiam as mandíbulas abertas de um tubarão.

Bennie espiou acima da divisória da esquerda, vendo as costas empertigadas de um velho amigo, Emil Goberian. Emil encontrava-se sentado ereto diante de seu teclado e digitava com a habilidade de

um exímio digitador. Ele tinha feito a cobertura da Prefeitura durante 34 anos, mas fora rebaixado para o turno da noite ao recusar uma aposentadoria precoce. O editor local tinha lhe dito que o jornal "não estava fazendo cortes no pessoal, mas sim ajustando-o às medidas certas", e Emil tinha educadamente afirmado que um ser humano não era um terno. Mas não importava, os ternos estavam mesmo no comando. E era por isso que Bennie não podia mais trabalhar para os outros.

— Emil! — chamou ela acima da divisória.

— Bennie! — respondeu Emil, o alarme em sua voz com o leve toque de um refinado sotaque do Oriente Médio. — Que notícias são essas a seu respeito? Sua firma, assassinatos… Que coisa terrível!

— Eu sei. — Bennie entrou gotejando na sala, tirou o chapéu e o casaco cobertos de neve e jogou-os nas costas de uma cadeira desocupada. Então olhou à sua volta. As outras mesas estavam vazias. Os computadores cinzentos e sujos estavam ligados, os protetores de tela em constante mutação, mas as cadeiras puídas encontravam-se vazias. — Aonde foi todo mundo?

— Os jovens turcos? A maioria não conseguiu chegar por causa da neve, são muito frágeis. Os outros estão perseguindo os inocentes, como bons repórteres que são. Quanto a mim, estou esperando o editor telefonar para me dar alguma instrução muito importante, como se eu não soubesse o que estou fazendo. Então, me diga, o que está acontecendo?

Bennie deixou-se cair na cadeira surrada e tentou esquecer o frio.

— Eu processo o jornal para você, já lhe disse. Não precisamos ir para o tribunal, é um jornal sindicalizado. Podemos ganhar fácil, fácil.

— Não. — Emil apertou os lábios, que eram carnudos e de um cor-de-rosa vivo, encimados por um bigode grisalho. As sobrancelhas tinham o formato de espessas vírgulas sobre os olhos

redondos. O nariz era um bico de papagaio superposto à pele de um tom de oliva exótico. — Eles não valem a minha raiva, ou a sua.

— Você dedicou mais de trinta anos a esse jornal. Ganhou prêmios e sua experiência…

— Por favor. Os tempos mudaram. Agora o que interessa são as notícias de última hora. Eles não ligam a mínima para a história A experiência não tem valor. O que importa é o que acontece hoje, não o que houve ontem. Agora me conte o que está se passando. Posso ajudar?

— Preciso de informações sobre alguém que trabalhou aqui na década de sessenta.

— Quem? — ele inclinou a cabeça, a curiosidade desperta. — Conheci todo mundo que trabalhou aqui nessa época.

— O nome dele é Eb Darning.

— Não conheço — afirmou Emil imediatamente.

— O quê? Tem certeza?

— Tenho.

— Pense bem. Conhece mesmo todo mundo aqui?

— Conheço. Se não sei quem é ele, então não trabalhou aqui. — Emil alisou a gravata, que ele usava com uma camisa branca oxford, ainda passada, apesar de já ser tão tarde. Ou cedo.

— Como pode ter certeza assim tão depressa?

— Porque tenho. Quanto tempo preciso levar para responder para você acreditar na minha resposta? Eu já disse: não conheço esse homem, então ele não trabalhou aqui.

Bennie sorriu, lembrando-se de que uma das razões por que ela gostava de Emil era por ele ser a única pessoa no mundo mais estressada do que ela. Um dia ela o apresentaria a Feijão e eles se matariam.

— Darning pode ter trabalhado para o departamento de Licenças e Inspeções ou para a Frota Municipal. Ou até para a Administração de Estacionamentos.

— Muito específico.

— Ajude-me, Emil.

— Tem alguma relação com aqueles assassinatos?

— Tem.

— Ótimo. — A cabeça grisalha de Emil, com tufos laterais, voltou-se imediatamente para o computador. Ele acionou algumas teclas e pressionou *Enter*. — Eb Darning, você diz que o nome dele é esse. Eb por acaso é nome?

— É.

Emil franziu o cenho, olhando para a tela. Uma única ruga bem definida marcou profundamente sua testa, como se até mesmo esta tivesse sido engomada.

— Que espécie de nome é esse?

— Com certeza não é armênio. Ele era negro e bem jovem naquele tempo. Talvez tivesse uma filha. Mas decididamente tinha um problema com a bebida.

— Na Prefeitura, isso é pré-requisito — resmungou Emil, enquanto se concentrava na tela. — Esses velhos me irritam. Demoram demais. Pronto, aí está.

— O quê? — Bennie puxou sua cadeira para mais perto. Na tela do computador via-se uma lista de nomes.

— Esses daqui são os funcionários do departamento de Licenças e Inspeções de 1960. Não tem nenhum Darning aqui.

— Vamos tentar 1961.

Emil acionou uma tecla e ficou tamborilando com os dedos, enquanto o computador funcionava, como se movido a manivela.

— Por que você não se casou, Bennie? Devia se casar.

— Estou namorando um cara muito legal, que infelizmente está viajando.

— Namorar não é casar. — Emil franziu a testa para o monitor. — Tenho alguém que queria apresentar a você.

— Não. Sua última tentativa de bancar o cupido foi um desastre.

— Mas esse gosta de mulheres que trabalham fora.

— Mas quanto esclarecimento!

— É armênio, naturalmente. Frequenta a minha igreja. A mulher morreu e ele quer se casar outra vez.

— Esqueça.

— Bennie — disse Emil, os olhos fixos. — Quero ver você feliz. Tenho esperança de que ainda vai encontrar um marido.

— Não preciso de marido. Preciso é de Eb Darning.

Uma outra lista por fim se materializou na tela plana e fosca. Nomes em letras verdes flutuavam sobre um fundo escuro. Os olhos perspicazes de Emil percorreram a lista.

— Nenhum Darning. — Ele acionou uma outra tecla. — Vou tentar o ano seguinte.

— Obrigada. — Bennie esforçava-se para acompanhar Emil, enquanto ele lia. — Darning pode ter trabalhado na inspeção de edifícios.

— Não aqui — replicou Emil de pronto antes de partir para a lista seguinte.

Ele e Bennie verificaram as listas de funcionários de todos os departamentos da Prefeitura dos últimos trinta e poucos anos, mas o nome de Eb Darning não apareceu em nenhuma delas. Em seguida, tentaram variações do nome, inclusive Heb Darnton no mesmo período. Tampouco apareceram variações. Confusa, Bennie pegou a foto de Eb sem barba e a mostrou a Emil.

— Nunca vi esse homem — afirmou ele, devolvendo a foto.

Bennie tornou a guardá-la no bolso do jeans. Não disse a Emil que Darning era o mesmo homem que Elliot Steere tinha matado, pela mesma razão que não o dissera a Feijão. Ele não precisava saber disso para ajudá-la.

— Emil, sei que Darning trabalhou aqui e que talvez fosse pago em dinheiro vivo. Isso seria possível?

Emil deu um sorriso forçado.

— Era o que eu temia. Talvez ele fosse funcionário do partido, e não do município.

— E daí?

— Daí que ele trabalhava para o partido. Prestava serviços para o partido. A Prefeitura era diferente naquela época. Você sabe disso. Você nasceu aqui.

— Então você está dizendo que Darning não apareceria nas listas de funcionários. Ele era invisível, pelo menos oficialmente.

— Isso mesmo.

— Ninguém o conhecia e, se alguém conhecesse, negaria.

— Exato. Ele pode ter sido pago para fazer biscates. Para exercer influência. Até mesmo para a obtenção de votos. Isso condiz com suas informações?

— Perfeitamente — afirmou Bennie. Seus pensamentos sucediam-se velozmente. O que foi mesmo que Carrier deixara escapar? — Algo como "compra de votos"?

Emil assentiu com a cabeça.

— Exato, compra de votos. Era uma prática comum naquele tempo. Agora, nem tanto. Ou pelo menos prefiro acreditar que seja assim.

Bennie recostou-se na cadeira e tentou processar a informação. Então Eb Darning era um bêbado na folha de pagamento do partido, que recebia dinheiro de alguém para a compra de votos. Seria Steere esse alguém? Tinha de ser. Por que outra razão o mataria? Steere odiava o prefeito porque a cidade não queria pagar o que ele estava pedindo por seus imóveis. Talvez Steere tivesse pago Darning para conseguir votos contra o prefeito nas últimas eleições, Darning tivesse resolvido não manter mais a boca fechada e por isso Steere o matara. Steere não correria esse risco pessoalmente por outro motivo.

Aquilo fazia pleno sentido e Bennie já vira um número suficiente de casos de corrupção oficial para saber que aquela história seguia os

mesmos moldes sujos. Aquela não seria a primeira experiência de Filadélfia com a fraude eleitoral, e independentemente do que Emil preferia acreditar, não seria a última. Havia algo de podre na Prefeitura e Bennie podia sentir o fedor. Ela se levantou e agarrou o casaco e o chapéu molhados.

— Onde fica a sala de Jen Pressman?

— A chefe de gabinete? Mais adiante no corredor, perto da do prefeito. Por quê?

— Preciso fazer algumas perguntas a ela. Como posso conseguir que me receba? Ela me odeia. Por causa dos casos de má conduta policial. Toda vez que processo o município, eu a coloco na berlinda.

— Eu conheço Jen Pressman. E ela gosta de mim. Será um prazer ir com você. — Os olhos escuros de Emil piscaram com a lembrança da emoção da aventura.

— Não, o que quero conversar com ela é confidencial.

— Não vou *entrar* com você, vou apenas apresentá-la. Levá-la até ela. Abrir o caminho. Se for alguma coisa importante, você depois me dá uma exclusiva.

— Seu safado. — Bennie sorriu. — E o telefonema que você estava esperando do seu editor?

Emil lançou um olhar ao antigo relógio preto na parede.

— São oito horas. Meu turno já acabou há muito tempo. Deixe que ele ligue para alguém que tenha as medidas certas.

48

Marta ficou olhando o cofre de metal, perplexa. Passara por cima dele com a caminhonete e ali estava ele, esmagado, num sulco profundo na neve. Ainda assim, o cadeado Master permanecia intacto, mesmo as dobradiças do cofre tendo arrebentado. De que eram feitos esses cadeados? Criptonita? Não importava, se Marta não conseguisse transpor a porra do cadeado, chegaria lá através das dobradiças quebradas.

Ela apanhou a caixa, cruelmente deformada, e espiou através das dobradiças. Dava para ver a borda de um envelope de papel pardo. Seu coração disparou. Ela tentou abrir as dobradiças com os dedos, mas as luvas tornavam seus movimentos desajeitados. Então Marta as tirou, segurando-as com os dentes, enquanto tentava levantar a tampa da caixa. Sem sucesso. Estava seriamente esmagada.

Marta correu de volta para a caminhonete, levando a caixa, e sentou-se no banco do motorista, enquanto vasculhava a caixa de ferramentas. Formões, martelos e uns trezentos ponteiros se revolveram. Por que não tinha sido tão fácil assim achá-los na noite passada? Seus dedos tatearam o fundo do baú de ferramentas e trouxeram uma chave Phillips grossa. Aquela serviria.

Ela segurou a caixa e tentou enfiar a chave entre a tampa destruída e a caixa, tentando separá-las, com a chave funcionando como alavanca. Não conseguia introduzir a chave porque a caixa tinha ficado muito achatada. Marta continuou tentando, o suor começando a brotar mesmo no carro frio. Estava tarde. O sol já ia alto. Ela precisava pôr o pé na estrada antes que a polícia encontrasse o corpo de Bogosian.

Marta trocou a chave de fenda por um martelo, abraçou a caixa em seu colo e bateu nas dobradiças de metal retorcidas. Os golpes

machucavam suas pernas e o ruído reverberava em seu crânio, mas ela continuou a martelar. Estava prestes a gritar de frustração quando a tampa se soltou. Ela a puxou, fazendo-a cair para um lado, pendurada pelo cadeado.

A boca de Marta ficou seca. Dentro da caixa esmagada havia um envelope de papel pardo, do tipo que seu escritório em Los Angeles usava para a correspondência. O envelope estava amassado, depois de atropelado, e não havia anotações na frente. Ela rasgou o envelope, abrindo-o, com mãos nervosas. Ali dentro encontrou um maço de papéis, que puxou e colocou no colo. Eram folhas impressas, parecendo registros de computador:

>18 294 827
>03 04 95
>03 06 85
>03 31 99
>F
>5'7"
>BRN
>C
>–
>*/1
>Jamie Rodriquez
>110 Kenwall Avenue
>Philadelphia, PA 19103

Debaixo do grupo de informações sequencial havia um código de barras, uma assinatura miniaturizada e a fotografia de um jovem com um cavanhaque penugento e a expressão indolente.

Marta releu os dados na lista. Pareciam algum tipo de identificação. Aqueles itens lhe eram familiares, mas ela não conseguia identificar de onde. Marta estudou o próximo conjunto de informações, também agrupadas:

>29 837 471
>11 10 95
>11 06 55
>11 30 99
>M
>6’2”
>BLU
>C
>–
>*/1
>Cliff Jay Martin
>3329 Dickinson Street
>Philadelphia, PA 19147

Mais uma vez, sob o código de barras, uma assinatura miniaturizada e uma fotografia. Esta mostrava um homem macilento, de óculos; a iluminação intensa fazia com que parecesse cadavérico. Que tipo de fotografia podia ser assim tão desfavorável? Marta pensou por um instante. Era uma identidade com fotografia. Uma fotografia do tipo que fazia com que todo mundo aparecesse em sua pior forma. Uma carteira de motorista!

Ela passou os olhos pelas linhas de informação, animada. para a cor dos olhos e para a identificação do sexo. Datas de nascimento no alto, junto com as datas de expedição e expiração. Aqueles eram os dados a serem inseridos numa carteira de motorista, campos num cadastro, para uso do computador. O escritório de Marta reunia informações em cadastros como esse para cartas-padrão e acordos de pagamento. Ela estava olhando um arquivo de computador para carteiras de motorista Mas o que isso queria dizer?

Marta examinou superficialmente o maço de papel e calculou o número de páginas. Pouco menos de duzentas páginas no maço, e a maior parte delas com vinte campos, todos com fotos. Por que Steere esconderia isso? O que havia de incriminador aqui? Parecia ser perfeitamente inocente, mas ninguém enterrava uma coisa inocente.

Marta folheou as páginas em busca de uma pista. Todos os motoristas moravam na Pensilvânia, portanto, provavelmente eram carteiras expedidas pelo estado da Pensilvânia. Idade, cor e sexo dos motoristas eram diferentes. Mulheres negras, homens brancos, velhos e jovens olhavam para Marta daquelas páginas, sem nada revelar.

Marta passou os olhos pelos endereços. Bustleton Pike. Wolf Street. Rua 9. Baltimore Avenue. E Street. Casas e apartamentos espalhados por toda a cidade. Ela tornou a examiná-los. Todos os endereços eram de Filadélfia. Marta passou as folhas para ter certeza. Nenhum era de um subúrbio ou localidade fora da cidade. E daí? O que esse arquivo tinha a ver com o assassinato de Darning? Marta olhou pelo para-brisa gelado, pensando. Havia uma poeira de neve cobrindo o capô da caminhonete, fina demais para esconder os arranhões e as mossas.

De repente ela ouviu o ruído de um motor e um retinido à distância. O barulho foi ficando mais alto, vindo da rua principal. Marta abaixou-se no banco do motorista e observou a rua pelo retrovisor do seu lado. Um trator novo passava pela rua, limpando a neve, com correntes tilintando em suas rodas.

Marta olhou o relógio. 8h30. Seu estômago se contraiu. Estava atrasada. O dia de trabalho já tinha começado. As pessoas já estavam em atividade. A neve pingava das árvores como gotas de chuva. Ela precisava ir. Rápido. Juntou os papéis numa pilha, enfiou-os de volta no envelope, que guardou em sua bolsa. Ela teria de pensar sobre aqueles papéis no caminho de volta à Filadélfia. Marta se perguntou

o que o júri estaria fazendo. Christopher seria capaz de cumprir sua missão?

Marta jogou a bolsa para o lado e girou a chave na ignição. O motor produziu um ruído e então parou. A caminhonete não queria pegar. Não! Agora, não, pelo amor de Deus! Estava funcionando antes! Isso não era justo. Não podia estar acontecendo. Marta tentou manter-se calma e lembrar-se do que Christopher tinha lhe dito.

Tenha paciência. Ela só precisa esquentar. Tenha cuidado para não afogar o motor.

Certo. Marta pisou delicadamente no acelerador e girou a chave na ignição. O motor virou e então morreu.

Converse com ela. Ela gosta quando você fala com ela.

— Pegue ou vou processar você, sua filha da puta! — gritou Marta, enquanto acionava a ignição. A caminhonete pegou prontamente.

Era uma boa coisa ter um diploma de advogado.



Marta manobrou a caminhonete, dirigindo-a para a rua principal da ilha, e tomou o sentido sul. A bolsa sacudia no banco do carona colado com fita isolante. A rua estendia-se diante dela como uma pista de aterrissagem de neve se derretendo e Marta passou pela casa onde estava o corpo de Bogosian. Não havia ninguém por ali, nenhum carro na entrada da garagem. A casa parecia vazia e fechada.

Marta sentiu enjoo. Ela havia matado um homem e estava deixando seu corpo no meio da neve. Dentro dela brotaram sentimentos estranhos e primitivos de respeito pelos mortos. Ela pensou no túmulo simples do pai, depois no da mãe. Havia pago

pela lápide da mãe, mas nem mesmo fora ao funeral. Ela acelerou a caminhonete, tentando deixar as emoções para trás.

Um carro seguia na direção oposta e o motorista passou por ela com cuidado na neve escorregadia. Marta cobriu a cabeça com o capuz, puxando-o bem sobre a testa. Não podia se dar ao luxo de ser reconhecida agora. O assassinato dos seguranças e seu desaparecimento deviam estar em todos os noticiários. Ela desejou poder saber o que estava acontecendo. Experimentou ligar o rádio da caminhonete outra vez, girando o botão preto em vão. Era inútil.

Marta pisou no acelerador e o veículo engasgou ligeiramente antes de ganhar velocidade. Ao longo da estrada, pôde ver uma ou duas lojas sendo abertas, uma de *bagels*, outra 7-Eleven. Ela guiou a caminhonete para a saída da ilha, aproximando-se do trevo rodoviário que ia dar no elevado, seguindo a Rota 72. Um trânsito leve movimentava a autoestrada, os motoristas guiando com cautela no meio da neve.

Marta manteve o rosto abaixado e consultou o relógio. 9h16. Levaria horas para chegar à Filadélfia. O júri ficaria reunido a manhã toda. Esperava que Christopher conseguisse retardar o voto final dos jurados. Ela precisaria de tempo para juntar as peças do cadastro. Marta não compreendia o significado das carteiras de motorista, mas sabia de alguém que compreendia. Alix Locke. Os escritórios do jornal ficavam em Filadélfia. Marta iria ao encontro de Alix, dir-lhe-ia que tinha o cadastro e faria um acordo com ela. Uma longa pena na prisão podia ser um argumento muito convincente para uma mulher acostumada ao *cashmere*.

Marta guiava a caminhonete o mais rápido que as condições da estrada lhe permitiam. Os tratores tinham limpado o caminho e espalhado sal por ele, e os montes de neve acumulados no acostamento estavam se dissolvendo, transformando-se em lama cinzenta. Os pinheiros anões e as bétulas juncosas cobertos de neve reapareceram, mas ela agora não tinha tempo para reminiscências. A

caminhonete engasgou ligeiramente e Marta continuou pressionando o acelerador. Ela olhou o indicador do tanque de combustível. Ainda tinha um quarto de tanque.

A caminhonete tornou a engasgar. O que estava acontecendo? O veículo deu um leve solavanco e então começou a tossir. Marta aliviou o pé no acelerador. A caminhonete reduziu a velocidade e a tosse curta se tornou mais forte. Haveria alguma coisa errada com o motor? O barulho que fazia era horrível. Marta pensou que aquela coisa começaria a vomitar sangue.

— Não se atreva! — gritou ela, mas desta vez a caminhonete não se deixou intimidar. A luz indicadora no painel piscou, ficou vermelha. O motor afogou e se quedou silencioso. O veículo deslizou mais um pouco, parando no meio da autoestrada deserta, a quase 150 quilômetros de Filadélfia.

49

O juiz Harry Calvin Rudolph, sentado no alto do estrado de mogno, examinava a sala de audiências. Elliot Steere ocupava sozinho a mesa da defensoria vestindo mais um terno italiano, do tipo que todo mundo, menos um juiz, podia se dar ao luxo de comprar. O promotor assistente, Tom Moran, afundava-se na cadeira à mesa da promotoria, as pálpebras curiosamente a meio pau. A galeria estava vazia, exceto pelos ratos de tribunal, que farejavam o caso Steere como se fosse pizza quente. Os poucos repórteres que conseguiram chegar ao Centro de Justiça Criminal em meio a mais de um metro de neve encontravam-se espalhados pela área que lhes era destinada na última fileira. Na Sibéria, que era o lugar deles.

O juiz Rudolph consultou o relógio com uma discreta torção do pulso. Ainda não eram dez da manhã, mas não existia uma lei exigindo que esperasse pela plateia de um estúdio. Ele bateu o martelo.

— Convoquei esta audiência do caso *Commonwealth v. Steere* para esclarecer que a renúncia do réu Elliot Steere ao seu direito a um advogado é consciente, inteligente e voluntária. Vamos começar. Sr. Steere, por favor, levante-se.

— Sim, senhor. — Steere se pôs de pé diante de sua cadeira. Ele não tinha um advogado, mas dificilmente se poderia dizer que parecesse indefeso. Ao contrário, com uma expressão relaxada e confiante, parecia tão senhor de si quanto de fato se sentia.

— Sr. Steere, o senhor me enviou uma carta sobre essa matéria, não enviou?

— Enviei, senhor.

— É esta a carta que me enviou, sr. Steere? Queira se aproximar. Steere caminhou até o juiz, como um litigante calejado, e examinou a

carta que o juiz lhe entregou.

— Esta mesma, meritíssimo.

— O senhor mesmo escreveu esta carta?

— Escrevi, meritíssimo.

— O senhor mandou que ela me fosse entregue na noite passada, aproximadamente à uma da manhã, correto?

— Correto, meritíssimo. Pedi a um dos guardas que a levasse ao senhor, já que eu não tinha advogados.

No fundo da sala de audiências, dois repórteres rabiscavam notas em bloquinhos de papel. Uma desenhista, sentada ao lado deles, rabiscava apressadamente. Steere parecia ainda mais alto em seu esboço.

— Pode voltar ao seu lugar, sr. Steere.

— Obrigado. — Steere devolveu a carta ao juiz e voltou ao seu lugar, à mesa da defesa. Sentou-se, cruzou as pernas e alisou a perna da calça, ajeitando-a.

O juiz Rudolph voltou-se para o promotor assistente.

— Sr. Moran meu auxiliar forneceu-lhe uma cópia da carta do sr. Steere. O senhor a recebeu?

— Hã? — O promotor assistente sobressaltou-se na cadeira, os olhos avermelhados e lacrimejantes. A rigidez do terno de três peças parecia ser a única coisa a mantê-lo de pé, como um El Cid da lei. Sua cabeça estava cheia dos gritos de cólicas das gêmeas. No bloco de papel à sua frente viam-se algumas contas rabiscadas e cada número tinha sido multiplicado por dois.

O juiz Rudolph acenou com a carta, como se esta fosse uma bandeira branca.

— O senhor recebeu uma cópia da carta do sr. Steere?

— Recebi, sim, meritíssimo. — Tom pigarreou e tentou manter-se acordado.

— O Commonwealth tem alguma objeção à sua inclusão nos autos suplementares?

— Não, meritíssimo.

— Ótimo — disse o juiz Rudolph. — A taquígrafa poderia por favor registrar essa carta como a próxima prova? — O juiz passou a carta por cima de seu estrado para Carol, a taquígrafa, que precisou esticar-se para apanhá-la. Tom observou a saia da mulher subir pelas coxas esguias e firmes. Antes sua mulher Marie tinha pernas maravilhosas. Agora elas estavam roliças e as panturrilhas, pontilhadas de espinhas vermelhas. Ela as massageava com tubos de creme à base de cortisona todas as noites. Tom esperava que as espinhas desaparecessem logo.

— Sr. Steere — começou o juiz Rudolph — como o senhor sabe, estamos aqui porque o senhor afirma em sua carta que deseja prosseguir em causa própria pelo restante deste julgamento. Essa ainda é a sua vontade?

— É sim, meritíssimo.

— O senhor não está representado por um advogado nesta audiência, correto?

— Correto — respondeu Steere. — Não desejo ser representado por um advogado. Conheço os meus direitos.

— O senhor está ciente de que o Tribunal tentou entrar em contato com a chefe de sua equipe de advogados, Marta Richter, e não obteve sucesso.

— Estou ciente disso, senhor. Eu repito: desejo prosseguir como meu próprio representante. Não quero que nenhuma de minhas advogadas anteriores seja contatada em meu nome.

— O senhor tem meios de pagar um advogado, não tem?

— É claro que posso pagar um advogado. Eu simplesmente não preciso de um. Meu caso já está entregue ao júri e eu confio no julgamento deste. — Steere fez um gesto, indicando a galeria do tribunal, onde o grisalho John LeFort estava sentado com outro advogado na primeira fila.

— Tenho um contrato com a firma de consultoria jurídica Cable & Bess meritíssimo, e eles estão presentes aqui agora. Servirão como meus conselheiros legais, se preciso for.

— E o senhor está satisfeito com os serviços prestados por eles, sr. Steere?

— Completamente.

O juiz Rudolph assentiu com a cabeça.

— A competência da firma Cable & Bess é de conhecimento geral. No entanto, a promotoria deu entrada num pedido de exclusão de provas que ainda está pendente. Sua ex-advogada, a sra. Richter, mencionou que apresentaria uma resposta.

— Ela estava enganada. Já discuti a questão com meus consultores e não apresentaremos resposta. Não quero mais atrasos no julgamento.

— Ótimo. — Tudo correria bem. Todas as bases estavam protegidas. Steere estava resistindo como um campeão. Hora de concluir. — Sr. Steere, embora o senhor tenha deixado mais do que claro seu desejo de representar a si mesmo, as leis da Pensilvânia exigem que eu apresente um colóquio formal e registrado oficialmente, a fim de determinar que sua renúncia ao direito a um advogado é consciente e voluntária. O senhor compreende?

— Sim, meritíssimo.

— Ótimo. Vou lhe fazer uma série de perguntas com o intuito de determinar que o senhor compreende que é seu direito ser representado por um advogado, que compreende a natureza das acusações feitas contra o senhor e os elementos de tais acusações, e que está ciente da extensão admissível da pena para os crimes de que é acusado e que, se renuncia ao direito de ser representado por um advogado, estará sujeito a todas as regras normais do processo. Estou sendo claro?

— Está.

Tom Moran piscava os olhos para se manter acordado, mas teimava em resvalar para um sonho, em que não conseguia encontrar as chupetas e as gêmeas estavam prestes a se casar. Ninguém aparecia na recepção do casamento porque ele tinha esquecido de levar as mantas. As gêmeas e seus maridos se mudavam para o quarto dos bebês, que ainda continuava sem pintar porque o Pó de Arroz tinha acabado.

— Esta matéria é um tanto incomum no aspecto em que o caso já foi submetido ao júri — prosseguiu o juiz —, mas estou levando a efeito este colóquio por excesso de cautela. Quanto à determinação do prazo, sua carta pede que o julgamento prossiga em caráter urgentíssimo. Darei ordens para que o júri recomece a deliberar assim que este colóquio estiver terminado.

— Obrigado, meritíssimo.

— Não há de quê. — O juiz Rudolph pegou suas anotações para o colóquio. Ele correria a lista de cima a baixo, fazendo cada uma das perguntas. Quando chegasse à última delas, o caso Steere estaria outra vez em curso. Era uma dessas sutilezas que destinava o juiz Rudolph à grandiosidade. Ele assentou os óculos novamente na ponta do nariz e deu início à primeira pergunta.

50

Bennie e Emil percorreram o amplo corredor, passando pela imensa porta de mogno ladeada por vitrinas e uma placa gravada em vidro que anunciava GABINETE DO PREFEITO. Um revestimento de mármore rosa e cinza cobria as paredes. O corredor estava vazio e o piso, também de mármore, reluzia como um caixão.

Emil apontou para a esquerda, mais adiante no corredor. Portas duplas de mogno abriam-se para o corredor e luzes de TV jorravam dali, desenhando um paralelogramo brilhante no piso lustroso. Da sala, chegava o eco de risadas.

— Mais uma sessão de sorrisos — afirmou Emil. — Esse homem quer ser reeleito ou o quê?

— Imagino que sim. Será que Jennifer não está aí?

— Ela só comparece a algumas. É mais provável que esteja na sala dela. — Emil alcançou a porta com um número dourado pintado ao lado. — Deixe que eu falo. A secretária é minha amiga. Você fica atrás de mim.

— Emil, sou mais alta que você uns trinta centímetros. Não se pode esconder uma sequoia atrás de uma oliveira.

— Então escondemos seu rosto. — Emil puxou o chapéu de Bennie para baixo. — À esquerda da porta fica uma sala de espera. Sente-se ali até eu passar pela secretária. Entendeu?

— Sim, Meritíssimo.

— Não seja engraçadinha. Os homens não gostam disso.

— Sendo assim, eu paro. Imediatamente.

— Hum! — Emil ajeitou a gravata e abriu a porta que dava para uma área de recepção com mobília escassa e pé-direito alto. Estava vazia, exceto por uma secretária que dormia a sono solto, a cabeça descansando na mão e o cotovelo apoiado sobre uma mesa de frente

para a porta. Emil fez um sinal com o polegar para Bennie e apontou para a sala de espera, onde havia um sofá e duas poltronas em torno de uma mesinha de centro. Bennie dirigiu-se, obediente, ao sofá e sentou-se. À esquerda via-se um bebedouro e uma bancada de escaninhos para correspondência. Mais adiante, no corredor, devia ficar o escritório particular de Jennifer Pressman.

— Flossie — sussurrou Emil. — Flossie? — Ele tocou o braço da secretária, que despertou com um sobressalto.

— Ah, minha nossa! O que foi? — A sonolência da secretária desapareceu quando ela reconheceu Emil. — Emil, meu Deus! Eu estava dormindo em pleno trabalho. Que vergonha! — Ela riu nervosamente, alisando uma corrente de ouro em seu pescoço.

— Está tudo bem. Às vezes eu também cochilo, agora que estou no turno da noite.

— Agora eu sei como você se sente. Fiquei aqui a noite toda. — Ela ajeitou o suéter azul-marinho e penteou o cabelo castanho curto com os dedos. Parecia estar na meia-idade, com papadas em torno das rugas de expressão em seu rosto. Fotografias de gatos bengalis cobriam a mesa. — Não sei como você consegue.

— Não é muito fácil. Às vezes me sinto uma toupeira. Por falar nisso, como ficaram as folhas de uva recheadas?

— Ficaram maravilhosas! Eu queria mesmo agradecer a você. Minha nora comeu três e você sabe como ela é difícil de agradar. Faz com que eu me lembre de uma certa pessoa, você sabe. Sua Excelência. — A secretária apontou um polegar ressentido na direção da sala de Pressman.

— Fico satisfeito que as folhas de uva tenham ficado boas. Espero que você não as tenha fritado demais. O segredo é justamente esse.

— Não — disse a secretária —, segui a receita direitinho. Foi muito mais fácil do que pensei.

— Agora me diga: por que passou a noite toda aqui, Flossie? — A voz de Emil era doce como mel. No sofá, Bennie revirava os olhos,

perguntando-se quando ele chegaria ao que interessava.

— Por causa da nevasca, claro. Dos limpadores de neve. Quanta confusão! Os gatos devem estar tão irritados. Smoochie não consegue dormir sem mim, o pobrezinho.

— Eu entendo perfeitamente. Trabalhando à noite, eu mal vejo minha mulher ou as meninas. É difícil se acostumar.

— Estou com tanta raiva do que fizeram com você, Emil. Eu nem compro mais o *News*.

— Flossie, a minha luta não é a sua. Bem, seja como for, não tenho a intenção de ocupar você. Eu queria era falar com Jennifer. Ela está aí?

— Não. — A secretária franziu os lábios. — Ela saiu faz algum tempo. Simplesmente parou tudo e foi embora. Eu tive de ficar porque sou uma "subalterna".

— O quê?

— Não me faça começar.

— Aonde ela foi? Queria falar com ela.

— Para casa, suponho, mas não estamos conseguindo falar com ela lá. Eu não sei. — A secretária abanou a cabeça. — Provavelmente ela vai aparecer daqui a pouco e, se quiser, você pode sentar e esperar.

— Se é preciso, então vamos esperar. Obrigado — agradeceu Emil afavelmente, mas, no sofá, Bennie limitou-se a rosnar.

51

Os jurados estavam sentados à mesa de conferência do hotel nas mesmas posições em que haviam se sentado na sala de deliberações do tribunal. A sala de conferência do hotel era espaçosa, moderna e com amplas janelas, igual à do Centro de Justiça Criminal; os blocos de papel empilhavam-se no meio da mesa e a água gelada tinha o mesmo gosto. Na verdade, a única diferença entre ontem e hoje era que Christopher Graham, para perplexidade de todos, tinha mudado seu voto. E tirado a barba.

— Você mudou o voto? — perguntou Ralph Merry, as bochechas caídas ao lado da boca escancarada com a surpresa. — Você acha que devíamos condenar Steere?

— Perfeitamente — respondeu Christopher, com toda a certeza que foi capaz de reunir. — Meu voto é para que ele seja considerado culpado das acusações.

Megan estava impressionada com a mudança em Christopher, mas não estava pensando no voto. Sem a barba, Christopher exibia um queixo forte, com uma covinha pronunciada no meio. Seus lábios eram carnudos e bem-feitos. Ele parecia dez anos mais jovem, e mais magro. Megan sentou-se mais para a ponta da cadeira.

— Você fez a barba? — indagou ela.

Ralph ignorou-a.

— Mas, Christopher, ontem você disse que devíamos absolver Steere. Desde o início vem dizendo que ele é inocente. Por que mudou de ideia?

Megan não conseguia deixar de se admirar com a mudança, com ele. A diferença em Christopher era tão impressionante. Ele estava um tesão.

— Eu acho que você fica melhor sem a barba.

Christopher sorriu e deu de ombros alegremente. Ele se sentia melhor sem a barba, como um novo homem, recomeçando. Lainie não o queria, nem tampouco Marta. Bem, ele estava mesmo recomeçando, mas não podia dizer isso a Megan.

— Eu não sei por que tirei a barba, mas sei por que mudei de ideia. Não consegui dormir a noite toda. Minha consciência não me deixou.

— Sua consciência? — indagou Ralph, incrédulo. Gussella Williams parecia desconcertada.

— Christopher? Você está mesmo mudando seu voto? Não está brincando com a gente? — Suas feições abrutalhadas desabaram numa carranca que partiu o coração de Christopher. Ele fez uma pausa, hesitante, e olhou os jurados um a um. A tristeza no rosto de Gussella refletia-se em praticamente cada um deles, sentados em torno da mesa. Tinham até mesmo vestido suas melhores roupas hoje, prontos para ir para casa. Christopher sentia-se péssimo em mantê-los afastados de suas famílias por mais tempo, principalmente a sra. Wahlbaum, que finalmente olhou para ele, os olhos velados pela decepção.

— Você está falando sério, Christopher? — perguntou ela, sem compreender. Não poderia ter se sentido pior se seu melhor aluno tivesse sido reprovado nas provas de meio de ano. — Por favor, me explique isso.

Christopher lembrou-se de seu propósito e se manteve firme. Diria a verdade, de certa forma.

— Sinto muito, sra. Wahlbaum. Sinto muito, todo mundo, mas acho que o lugar de Steere é na cadeia. Ele é um homem perigoso. Um assassino.

Smack! Kenny Manning e Sete da Sorte bateram as mãos espalmadas nas do outro ruidosamente, mas foram os únicos a ter aquela reação de alegria. Os outros jurados continuavam perplexos.

— De verdade? — perguntou Nick. Ele estava surpreso. Tinha acordado calmo esta manhã. Agora estava ficando nervoso outra vez. Na noite passada ele sabia exatamente como votar. Antoinetta tinha vindo visitá-lo e lhe dissera o que fazer. Devia votar pela absolvição. Tudo terminaria mais rápido se fizesse isso e ficaria melhor para ele na vizinhança. Agora Nick se sentia todo confuso.

— Mas por quê? — insistiu a sra. Wahlbaum. — Você tem de ter algum fundamento lógico. Por favor, explique.

Christopher pigarreou. Tinha passado a noite toda ensaiando.

— Não concordo com o que Steere fez. Não entendo por que ele simplesmente não arrancou com o carro. Se um homem me abordasse assim e eu estivesse na minha caminhonete, eu arrancaria com ela.

— Pode estar certo — concordou Sete da Sorte. A sra. Wahlbaum franziu o cenho.

— O sr. Steere estava apavorado. Com medo de perder a vida, como você mesmo disse. Pensei que você ontem estivesse mostrando uma compreensão verdadeira da situação.

— Até ontem eu não tinha refletido profundamente sobre a questão. Precisava pensar melhor.

— Mas você foi tão perspicaz. Tão sensível.

Christopher demonstrava todo o desconforto que sentia. — Acho que a minha consciência falou mais alto. Steere não devia ter atirado naquele pobre coitado a sangue frio.

As sobrancelhas desenhadas a lápis da sra. Wahlbaum despencaram.

— O sr. Steere entrou em pânico. Ele não sabia o que fazer. Foi uma reação biológica, de autopreservação.

Martin Fogel cruzou os braços raquíticos.

— Agora ela é bióloga — comentou ele, mas Christopher o ignorou e ergueu-se à cabeceira da mesa de reunião, diante de uma ampla janela. A nevasca ainda caía forte. Os flocos de neve desciam

do céu cinzento sobre uma cidade já esbranquiçada. A sala estava silenciosa e a neve abafava o pouco ruído que havia lá fora.

— Não faz sentido que Steere estivesse assim com tanto medo — observou Christopher, postando-se atrás da cadeira. — Por que estaria? O pobre coitado era apenas um mendigo. E, ainda por cima, estava bêbado.

Megan não conseguia tirar os olhos de Christopher. Os ombros dele eram tão largos diante da janela do hotel. Ela estava usando sua melhor maquiagem, acreditando que hoje estaria novamente on-line. Mas quando olhou para aquele novo Christopher, Megan de repente deixou de sentir saudade do computador.

— Eu me pergunto se Steere não estava com medo da faca — observou Ralph Merry com ironia — Meu palpite é que a faca teve alguma coisa a ver com isso. Além disso, o homem era um ladrão de carro, não um vagabundo ou algo assim.

— Mas o sujeito estava bêbado — argumentou Christopher. — Não poderia usar uma faca.

Ralph sacudiu a cabeça negativamente.

— Christopher, a defesa provou que o ladrão não estava tão bêbado assim. Lembra-se do que o especialista falou? O nível de álcool no sangue do sujeito mostrou que ele não estava inteiramente bêbado. Ainda podia provocar algum dano com uma faca daquelas.

— Discordo — objetou Christopher. — Era uma ameaça vazia e Steere o matou por isso.

Sete da Sorte sorriu e Kenny Manning cruzou os braços.

— O cara já estava derrotado — disse Kenny, assentindo com a cabeça. Christopher balançou a cabeça em uníssono com seus novos aliados.

— Além disso, por que Steere não subiu ao banco das testemunhas? Por que ele simplesmente não foi até lá e testemunhou? Contou sua versão da história?

— Não podemos levar isso em conta — afirmou a sra. Wahlbaum. — O sr. Steere tinha o direito de não testemunhar. Não devemos levar isso em consideração contra ele.

— Sei disso, mas não posso deixar de me perguntar por quê — disse Christopher. — Pense nisso, sra. Wahlbaum. Nós fizemos um juramento. Temos de descobrir a verdade. É nossa responsabilidade nos perguntarmos por que alguém tem alguma coisa a esconder.

— Espera-se que deliberemos usando as informações que o juiz nos deu — insistiu ela. — Devemos examinar a lei e as evidências.

— Mas no final, temos de ajustar contas é com a nossa consciência replicou Christopher o mais firme que pôde. Ele apontou para o peito sob a camisa de flanela e isso o fez sentir-se ainda mais incisivo. -Temos de tomar uma decisão e conviver com ela.

— Isso mesmo — disse Sete da Sorte. — Os outros todos seguem em frente. O juiz e os advogados passam para o caso seguinte. É a gente que tem de viver com a decisão que tomou.

Christopher assentiu.

— Por que Steere atirou nele? Por que não o surrou simplesmente, bateu nele, e foi embora? Ou, se tinha de atirar, por que não no ombro ou em algum outro lugar que não matasse o pobre coitado? Mas, não, ele atirou para matar.

— Podia ter feito mil coisas — afirmou Sete da Sorte, Christopher tornou a fazer um gesto afirmativo com a cabeça.

As cabeças dos jurados viravam de um para o outro.

— Correto — continuou Christopher. — Exatamente. Sei como todos vocês se sentem e eu sentia a mesma coisa ontem. Mas tem aqui uma coisa que todos nós estamos esquecendo. Um sem-teto está morto hoje por causa de Elliot Steere. Um homem está morto. Ninguém pode trazê-lo de volta.

A sala ficou silenciosa de repente. Megan olhou para a sra. Wahlbaum, que franziu os lábios. Nick tomou um gole trêmulo de água. Wanthida baixou os olhos.

Apenas Gussella olhava para seus colegas jurados com indisfarçado desprezo. Ela não estava disposta a perder mais uma semana com seu netinho. Quando os bebês eram assim novinhos, eles cresciam muito rápido, e Gussella queria muito segurar aquele garotinho nos braços. Ela podia até sentir a maciez de encontro à sua pele, aquela trouxinha quente. Bracinhos rechonchudos para enroscar-se em seu pescoço. Dedinhos para acarinhar. Uma Pampers farfalhando naquele bumbunzinho. Ela não podia esperar mais nem um minuto.

— Vocês todos estão loucos? Aquele homem era um bandido! Ele estava tentando roubar o carro de Steere! Pôs uma faca na garganta do homem! Nós todos vimos como a advogada dele mostrou. Cortou o rosto de Steere!

— Debaixo do olho — acrescentou a sra. Wahlbaum. — O sr. Steere podia ter perdido a visão.

— Obrigado, dra. Wahlbaum — disse o sr. Fogel. — Agora ela é oftalmologista.

Christopher encarou a todos.

— Certo, isso tudo é verdade. Tudo que vocês dizem que aquele homem fez é verdade. Mas a pergunta que temos de responder é: ele merecia morrer por causa disso? Vocês o teriam matado por isso?

— Poxa! — exclamou Sete da Sorte baixinho, e até mesmo a sra. Wahlbaum parecia estar pensando duas vezes.

Ralph Merry olhou um por um e a inquietação foi tomando conta dele. Os jurados podiam desertá-lo. Christopher talvez conseguisse atingi-los com aquele seu jeito caipira. Talvez Christopher os convencesse a mudar seus votos, ainda que estivessem tão perto de absolver Steere. Ele podia fincar pé e impedir que o júri chegasse a um veredicto. Podia vencê-los pelo cansaço.

Ralph pesou suas opções e escolheu aquela que tinha mais sentido. Precisava cortar o mal pela raiz antes que este começasse a crescer. Os jurados tinham se levantado naquela manhã esperando ir

para casa e pensavam que estivessem a apenas mais uma ou duas horas de uma votação unânime pela absolvição. Até mesmo Kenny Manning tinha tido um comportamento menos atrevido do que de hábito no café da manhã. Os irmãos de cor estavam se dispersando. Ralph tinha o Grande Momento, como George Bush costumava dizer.

Ralph conferiu o relógio.

Na hora do almoço ele teria tirado esse idiota de combate. Os jurados queriam a absolvição e ele tinha de confirmar o veredicto. Iria pôr fim àquela batalha com um ataque-relâmpago, como tinha feito o general Schwarzkopf. Atacar, destruir e partir. Essa era a sua Tempestade do Deserto particular. Afinal, ele tinha um acordo para cumprir. Com um assassino.

— Alguém mais precisa de uma pausa para ir ao banheiro? — perguntou Ralph, tentando parecer casual.

52

Marta estava parada no acostamento ensolarado da Rota 72, diante de um monte de neve sujo e esburacado. Com a bolsa a tiracolo, ela pedia carona com um sinal do polegar. Queria reprimir a sensação de *déjà vu*, mas era inevitável: Marta estava outra vez na beira de uma estrada, cercada por bosques cobertos de neve. Acenando, esperando, implorando por uma carona. A familiaridade e o medo inundavam-na, incontestáveis. Ela se sentia apavorada por estar outra vez fazendo aquilo.

Por favor, moço! Por favor, pare!

Um caminhão com um tanque prateado comprido vinha pela estrada. Marta ergueu a mão, mas não conseguia forçar-se a fazer sinal para que parasse. Era como se estivesse paralisada. Seus músculos recusavam-se a responder. Seu coração pulsava violentamente no peito. Ela sentiu-se tonta e começou a suar.

Por favor, moço! Por favor!

O caminhão-tanque aproximava-se ruidosamente. A carroceria reluzia como uma bala de revólver ao sol. Marta precisava pará-lo. Ela tentou acenar, mas seu braço não se movia.

Por favor, moço. Pare, por favor!

Por favor, pare. Por favor, não. O caminhão-tanque roncava, aproximando-se. O motorista de óculos estava quase em cima dela. Ela podia sentir a mão dele em seu joelho. Subindo pela coxa. O medo transpassava o seu corpo. Seus joelhos fraquejavam. Ela queria sair correndo dali e fugir. Estava presa na perua azul. Abra a porta. Corra. Fuja. *Fuja*.

Então ela piscou. O motorista de óculos tinha desaparecido, substituído por um motorista de caminhão com o rosto redondo, usando uniforme branco, e não paletó e gravata. Não era o homem

da perua. Marta engoliu sua ansiedade e acenou. Com vigor, depois com mais vigor ainda. Sacudindo-se feito louca.

— Por favor, pare! — ela ouviu-se gritar. A voz era dela, não da mãe. O gesto também era seu. Marta não era uma mentirosa ou uma bêbada. Seu carro tinha quebrado de verdade. Ela precisava mesmo de uma carona. Começou a pular, quase escorregando na lama. Gritando com a força máxima de seus pulmões. Ela não se importava. Precisava fazê-lo parar. E sentia-se livre, absolutamente livre.

— Por favor, PARE! — ela berrou, mas seu grito foi engolido pelo efeito Doppler-Fizeau provocado pela imensa carreta que passou rugindo por ela. Marta saltou, para evitar o leque de lama cinza que se levantava no rastro do caminhão. Ela parou de tremer enquanto o veículo seguia pela estrada vazia, encolhendo-se até se transformar num pontinho prateado e por fim desaparecer no ar frio e rarefeito.



Dez minutos depois, Marta encontrava-se num Dodge Omni azul, avançando lentamente pela Rota 72. Uma senhora idosa ia ao volante, dirigindo-se à Filadélfia para visitar a filha divorciada. A viagem devia ser um descanso, uma sorte, mas depois de pouco mais de um quilômetro na autoestrada, Marta arrependeu-se de ter aceitado aquela carona. Eram 11h30 e ela podia chegar à Filadélfia mais rápido se fosse andando.

— Tem certeza de que não posso ligar o rádio? — perguntou Marta, fazendo uma nova tentativa. Precisava saber o que estava acontecendo. O júri ainda estaria reunido? Os tiras estariam atrás dela?

— Nada de rádio — replicou a mulher categoricamente. Tinha uns 65 anos e um tufo de cabelos grisalhos e lisos, amarelando na frente. Ela mal conseguia ver acima do volante, que apertava com os dedos artríticos. Um cigarro marrom fininho pendia de seus lábios, salpicando cinzas no casaco de tecido fino.

— Nem por um ou dois minutinhos?

— Nada de rádio.

— Por que não?

— O carro é meu e eu não gosto de rádio. Não gosto de música.

— Mas eu também não quero ouvir música. Quero ouvir o noticiário. Preciso ouvir o noticiário.

— Nada de rádio. — A mulher balançou a cabeça negativamente, o queixo empinado para cima, enquanto o carro prosseguia se arrastando. — Não gosto de noticiário. Eu nunca ouço o noticiário. Se começa a passar um noticiário na TV, eu mudo de canal. Na hora do almoço, assisto meus seriados. Sabe por quê? As notícias são todas ruins.

— Não quer ouvir a previsão do tempo? Estamos no meio de uma tempestade de neve.

— Eu olho pela janela, essa é a minha previsão do tempo. — A mulher tragou o cigarro e suas bochechas encovadas ficaram ainda mais encovadas. — Se estiver chovendo, eu levo a sombrinha. Se estiver nevando, calço minhas botas. O que há de complicado nisso?

— Mas Filadélfia está debaixo de uma nevasca — afirmou Marta, prestes a explodir. — Precisa ouvir informações sobre o trânsito. Não quer saber que caminho tomar para ir ver sua filha?

— Sei como chegar à casa da minha própria filha.

— E se não puder passar por causa da neve?

— Vou passar. Se minha filha precisa de mim, eu consigo passar. — A mulher soprou uma baforada de fumaça que rolou sobre o painel como uma onda. Uma névoa de cheiro acre tomou conta do carro compacto, e Marta abriu uma pequena fresta em sua janela. —

Não faça isso! — exclamou a mulher rispidamente. — Está gelado lá fora.

— Desculpe. — Marta tornou a fechar a janela. Seu nariz queimava. Os olhos lacrimejavam. Ela suava dentro do casaco e da calça quente. A essa velocidade, elas nunca chegariam a Filadélfia. Se não fosse pelo enjoo que sentia, Marta não saberia que estavam em movimento.

— Mantenha essa janela fechada! Sou mais velha do que você, e mais fraca. — Ela bateu o cigarro num cinzeiro abarrotado de guimbas amassadas e olhou para Marta. Os olhos castanhos tinham um ar reprovador por trás dos óculos bifocais de armação cor-de-rosa. — Posso ficar doente e morrer.

— Está tão enfumaçado aqui dentro.

— Ah, então você é uma daquelas, é? Os fumantes também têm seus direitos, saiba disso. É discriminação! Na Pancake House, os fumantes têm de se sentar sozinhos. Na área dos não-fumantes, pode ter qualquer tipo de gente. Pode ter viciados em droga, ou gente com tuberculose. Eles não têm uma placa dizendo PROIBIDO AOS VICIADOS EM DROGAS, têm?

Marta sorriu, quase convencida. Devia ser a fumaça do cigarro, privando seu cérebro de oxigênio. Ela olhou pela janela através do monóxido de carbono. As árvores gotejavam a neve derretida e o carro seguia tão lento que Marta tinha tempo para identificar cada árvore. Foi só quando chegaram a Pennsauken que ela conseguiu convencer a mulher a ligar o maldito rádio e, alguns minutos depois de começado o noticiário, Marta ouviu uma reportagem sobre o julgamento:

"Aqui é Howard Rattner falando direto do Centro de Justiça Criminal de Filadélfia. Espera-se que o júri retorne ainda nesta manhã das deliberações sobre o julgamento por assassinato do empresário

Elliot Steere, do ramo imobiliário. O júri está reunido faz apenas algumas horas, e os analistas esperam que retorne em breve com um veredicto de absolvição. Os especialistas legais afirmam que o júri nada deve saber sobre o assassinato de dois seguranças na noite passada nos escritórios da Rosato & Associadas, a firma de advocacia só de mulheres que faz a defesa do sr. Steere."

Marta tentou manter a calma. Bom, o júri ainda estava reunido. Christopher tinha tido êxito em retardá-los. Talvez conseguisse convencê-los a votar pela condenação. Ela não podia perder a esperança.

"Num episódio paralelo", continuou o repórter, "não há novidade sobre o estado de duas das advogadas que anteriormente defendiam esse caso de homicídio. A ex-chefe da equipe de advogadas de Elliot Steere, Marta Richter, ainda não se apresentou, e seu paradeiro é desconhecido. Outra advogada de defesa, Mary DiNunzio, continua na UTI, lutando para sobreviver. Como informamos, ela foi baleada nas primeiras horas da manhã por um agressor desconhecido e passou o restante da madrugada na sala de cirurgia."

Marta estava chocada, tremendo, enquanto passavam por uma cabine de pedágio.

— Eu lhe disse, as notícias são sempre ruins — afirmou a senhora ao volante. — Assassinato. Morte. É só isso que eles noticiam. Isso é tudo que importa para eles. — A mulher fez menção de desligar o rádio, mas Marta agarrou sua mão.

— Não, pare. Eu preciso ouvir isso.

— Está bem, então. — A mulher recolheu a mão rapidamente. — Não precisa ficar nervosa.

Marta aumentou o volume. O repórter ia dizendo: *A polícia não tem suspeitos do atentado sofrido pela advogada Mary DiNunzio. Daremos maiores informações à medida que novos fatos se revelarem tanto dentro quanto fora do tribunal. Voltamos a você, Jane, para as últimas notícias sobre a nevasca que encobriu o vale de Delaware*.

Marta tentava entender. Mary, baleada? O que tinha acontecido? Teria sido Bogosian? Como? Marta não sabia o que fazer. Estava abalada, mortificada. Sentiu-se tentada a ir ver Mary, mas, se fosse ao hospital, seria reconhecida e levada à polícia. A imprensa devia estar por toda parte. Tudo estaria perdido. Não, o hospital, não. Tampouco Alix Locke.

De súbito Marta soube aonde tinha de ir.

53

Ralph Merry enfiou-se num reservado no banheiro dos homens, abriu a calça e a deixou cair. A cueca branca esticou-se entre os joelhos e ele viu o pacotinho que tinham enviado à sua mulher e que estava preso com fita na cintura da cueca. Ele tinha carregado aquela maldita coisa todos os dias, como haviam mandado. Sentia-se como um agente secreto prendendo o pacotinho à roupa de baixo toda manhã, mas agora estava feliz por isso. Ele nunca teria imaginado que Christopher fosse dar uma do general traidor Benedict Arnold. O homem tinha se revelado simplesmente um fraco.

O embrulhinho era minúsculo e plástico; o tamanho não excedia o da unha de um polegar e o conteúdo era um pó branco. Ralph não sabia o que vinha a ser aquele pó, mas tinham-lhe dito que não matava ninguém, só provocava uma dor de barriga por um ou dois dias, tempo suficiente para tirar a pessoa do júri. Disseram a Ralph que o usasse no caso de um aperto. Ralph concluiu que, sim, estava agora num aperto.

A água descia no mictório enquanto ele soltava o pacotinho da cintura da cueca, deixando fios brancos presos à fita. Ralph jogou a fita no vaso sanitário e meteu o pacotinho debaixo da manga da camisa, como havia praticado com a mulher durante a visita conjugal em que ela o trouxera. Tinha sido muito fácil trazê-lo clandestinamente, pois, é claro, não podia ser percebido pelo detector de metais. Ralph tinha se dado conta da facilidade que seria entrar com drogas no país. Os Estados Unidos precisavam melhorar a proteção de suas fronteiras; era uma questão de integridade, de integridade nacional. Ralph terminou de enfiar o pacotinho sob o punho da camisa e subiu a calça.

— Ei, Ralph, você desceu pela descarga? — perguntou o agente judiciário, esperando diante da porta.

— Ah, já estou indo. — Ralph acionou a descarga, encenando, e abriu a porta do boxe.

54

Marta estava sentada no apartamento de Judy, ouvindo, nauseada, a trêmula associada lhe contar os detalhes do atentado a Mary. Então Marta não tinha conseguido manter as associadas em segurança; estavam ambas enterradas naquela história até o pescoço. E, a julgar pela hora em que Mary fora baleada, não podia ter sido Bogosian; naquela hora aproximada, ele se encontrava na ilha de Long Beach. Steere devia ter mandado outra pessoa. Alguém que devia estar lá fora, esperando. Marta tinha desencadeado algo que ela não podia controlar, pondo todas elas em risco. Aquela história tinha ido longe demais. Ela estava esgotada, depois da noite longa e exaustiva. Aquilo tinha de parar.

— Espere até você ver a caderneta de Darning — ia dizendo Judy, sentada no banco junto ao balcão da cozinha. Um pequeno aparelho de TV sobre o balcão estava ligado com o volume baixo; o noticiário cobria continuamente a tempestade de neve. Um pacote azul de biscoitos estava aberto ao lado da TV.

— Não, eu não quero ver. Não me interessa essa caderneta. O que me preocupa é você e Mary.

Judy piscou diante do inesperado sentimentalismo.

— A caderneta pode levar ao motivo por que Steere matou Darning.

— Isso não é da nossa conta — replicou Marta. De repente, sua atitude tornou-se mais calma. Ela sentiu-se centrada; por ironia, sentia-se mais no comando do que quando tinha obsessão pelo poder. — Vamos levar a caderneta e o cadastro para a polícia. E dizer a eles também que queremos proteção.

— Você disse "cadastro"? — Judy endireitou-se no banco. — Que cadastro?

— Não importa. — Marta não tinha dito nada a Judy sobre o tesouro enterrado ou sobre Bogosian. Era mais seguro se ela não soubesse. — Isso já fugiu demais ao nosso controle. Acredite em mim.

— Agora você está falando como a Bennie.

— Rosato? Ela sabe sobre a caderneta?

— Está preocupada com a minha ética. Fui demitida.

Marta encolheu-se. Por sua causa, uma das garotas tinha sido baleada, e a outra estava arruinada.

— Vamos levar a caderneta e o cadastro para a polícia. Deixar essa história toda nas mãos deles.

— É aquele o cadastro a que você se refere? Aquele envelope ali? — Judy desceu do banco e apontou para o envelope de papel pardo que se projetava da bolsa de Marta.

— Pessoas morreram. Mary foi baleada. Nenhum cadastro vale isso.

— Mary é o motivo de eu querer ver esse cadastro. Ela queria justiça, e é o que eu também desejo. Você não? Não foi por essa razão que você resolveu pegar Steere?

Marta sentiu uma pontada de remorso.

— Não no começo, não se iluda. Foi por ciúme, não justiça. Meus motivos eram sórdidos.

— Então você fez a coisa certa pelo motivo errado. Agora isso não faz a menor diferença. Steere matou Darning. Temos uma caderneta que pode provar isso. Agora, deixe ver esse cadastro.

— É tarde demais. — Marta se levantou, Pegou a bolsa e fechou o zíper do casaco pesado. — Vamos. Você estará em perigo enquanto essa caderneta estiver em seu poder. Nós duas estaremos.

— Trabalhamos a noite toda para conseguir essa prova. É melhor do que qualquer coisa que a polícia tenha feito. O que tem nesse envelope? Que cadastro é esse?

— Nada. Eu nem mesmo o entendo. Talvez eles possam entender. Vamos. Pegue suas coisas. Vamos lá.

Judy cruzou os braços e se manteve firme.

— Espere. Eu faço um trato com você. Deixe-me ver esse cadastro. Você olha a caderneta. Se não descobrirmos nada em cinco minutos, vamos direto à polícia. Eu prometo.

— Não.

— Já chegamos até aqui. O que temos a perder? Cinco minutos?

— Não interessa. Pegue o casaco. Vamos sair daqui. — Marta dirigiu-se para a porta, mas Judy postou-se na sua frente, bloqueando sua passagem. As duas advogadas ficaram frente a frente.

Marta de repente deu uma gargalhada.

— Você vai me bater? Vá em frente. Sou igual a um joão-teimoso. Se cair, logo, logo me levanto.

Judy hesitou, relutando em lançar mão do recurso de bater em Marta, embora, durante o julgamento, tivesse fantasiado essa cena.

— Excelente escolha. — Marta desviou-se dela e seguiu para a porta. — Pegue seu casaco, garota.

— Não, acho que não — disse Judy às suas costas. — Não vou com você, a menos que me dê cinco minutos. Se quiser ir à polícia agora, vá sozinha. Sem mim ou a caderneta.

Marta parou bruscamente e deu meia-volta, incrédula.

— Onde foi que você aprendeu essa merda?

— Com a mestra, é claro — respondeu Judy, mostrando num sorriso os dentes separados.

55

O hotel onde os jurados se encontravam isolados tinha lhes oferecido uma bandeja matinal com *bagels*, pães doces e café, posta sobre um aparador na sala de reunião. Ralph Merry hesitava junto ao resto da comida e do café. Fazia dois meses que comia o mesmo pão doce de cereja todos os dias; ele mal podia esperar para ir embora dali. A primeira coisa que faria era viajar e se hospedar em hotéis melhores do que esse. Talvez também fizesse um cruzeiro com a mulher. Nesse momento, porém, tinha uma missão a cumprir.

Ralph soltou um copo de poliestireno da pilha emborcada para baixo, ao lado de uma jarra de café de plástico cor de bronze. Ele mantinha as costas voltadas para os jurados, que estavam sentados em torno da mesa ouvindo Christopher lamuriar-se como um defensor dos fracos e oprimidos. Ralph não saberia dizer quantos deles estavam caindo na conversa de Christopher. Tinha de supor a pior das hipóteses. Não havia margem para erro. Tolerância zero. Não podia frustrar um homem como Elliot Steere.

— Quem quer mais café? — ressoou Ralph. — Alguém mais quer café fresco, aproveitando que estou aqui? Que tal, sra. Wahlbaum? E a sra. Williams? — Ralph mantinha a voz jovial, como se estivesse preparando um churrasco no quintal para a mulher e os netos. Quem quer linguiça? E hambúrguer? A mesma coisa.

— Eu adoraria um café, Ralph — aceitou a sra. Wahlbaum.

Ralph sorriu.

— Perfeitamente, minha jovem. Quer como?

— Com bastante creme e açúcar.

— Câmbio. Entendido, minha querida — Ralph serviu um copo cheio para a sra. Wahlbaum. A fumaça subia da superfície em espirais. — E você, Christopher? Quer outro café quentinho?

Christopher olhou para seu copo de poliestireno. Estava vazio e ele já tinha tomado café suficiente por aquela manhã.

— Acho que não. De qualquer maneira, obrigado.

Um tiro perdido.

— Ora, vamos, Christopher. Se quer me convencer a condenar aquele safado, vai precisar de mais cafeína no sangue.

Megan deu uma risada.

— Está por fora, Ralph. Para Christopher, quanto mais natural melhor. Certo, Christopher?

— É isso mesmo — disse Christopher com um sorriso. Gostava do modo como Megan o olhava. Era uma garota bonita, exceto pelas unhas pintadas de azul, mas ele deduziu que aquilo era sofisticado em Filadélfia.

— Christopher — disse Ralph asperamente. Ele olhou de Christopher para Megan e não gostou do que viu. Não era hora de tolices como aquela. — Tome um café. Vou servir um para você e outro para Megan.

— OK, eu sou mesmo viciada em café — aceitou Megan. — Tomo sempre um *latte* no Starbucks. Gosta do café do Starbucks, Christopher?

— Nunca experimentei — respondeu ele. Precisava sair mais. — Mas vou aceitar um copo também, Ralph.

CABUM! Um tiro certeiro no segundo disparo. Animado, Ralph apanhou o jarro plástico e começou a servir.

— Como você prefere, soldado?

— Com creme e açúcar.

Ralph encheu o copo de Christopher com o café quente e tirou furtivamente o pacotinho de pó de debaixo do punho da camisa. Escamoteou-o, apanhou dois pacotinhos de açúcar e rasgou a extremidade dos três juntos. Em seguida, despejou-os no líquido quente e mexeu com um palito plástico, enfiando o invólucro do pó novamente debaixo do punho. Seu coração batia ensurdecedor no

peito, enquanto ele observava o pó dissolver-se, mas Ralph não era nenhum covarde. Sua determinação não afrouxou.

— Não esquece o meu, com muito açúcar e creme — pediu a sra. Wahlbaum.

— Já está providenciado, minha jovem — afirmou Ralph.

Ele separou o copo de Christopher, para não misturá-lo com os outros, e serviu os que faltavam.

— E o meu, Ralph? — perguntou Wanthida. — Eu tomo puro.

— Fique calma, querida. Christopher pediu primeiro e ele é o nosso representante. É ele quem está fazendo o trabalho todo. — Ralph pegou o copo de Christopher, dirigiu-se à mesa e o entregou a ele. — Veja se está bom de açúcar, Chris.

Christopher tomou um golinho.

— Está ótimo. Obrigado, Ralph. Muito agradecido.

— Tudo bem — replicou Ralph e teve de lembrar a si mesmo que Christopher não ia morrer. Só teria uma dor de barriga e ficaria algum tempo de cama. Estaria bom dali a dois dias, depois que o veredicto tivesse sido dado e Steere estivesse livre. Ralph cumpriria sua parte no acordo. O pagamento seria depositado numa conta bancária especial. Ralph mal podia esperar para ligar para seu agente literário. Era melhor que pusessem sua foto na capa. — Deixe eu buscar os outros copos — disse ele, afastando-se, rapidamente.

56

Foi com relutância que Marta examinou a lista de números manuscritos na caderneta de Darning e se perguntou, sem muito interesse, se representariam dinheiro ou números de contas bancárias. Não havia um padrão que ela pudesse discernir. A polícia conseguiria mais do que ela.

— Restam apenas três minutos, garota — disse, exasperada com a associada sentada ao seu lado no sofá.

— Quatro minutos. — Judy estava curvada sobre o cadastro de computador aberto sobre a mesinha de centro. — Você está certa sobre isso aqui. São registros usados para emitir carteiras de motorista. É um banco de dados, um arquivo de computador de carteiras de motorista.

— Isso não nos diz nada e eu não tenho a menor ideia do que esta caderneta significa. É um monte de números de oito dígitos. Só isso. Mais dois minutos e nós vamos embora.

— Esses números aqui também têm oito dígitos.

— Que números?

— Esses aqui, no início de cada grupo de dados — respondeu Judy, apontando no papel. — Os números das carteiras de motorista.

Marta examinou-os. Devido à maneira como os números estavam espacejados, ela não tinha percebido. Hum.

— É provável que seja apenas uma coincidência. Tem cerca de quatro mil registros no cadastro do computador. Quantos números tem a caderneta?

Judy olhou para Marta, perplexa.

— Aproximadamente quatro mil. Puta merda! — exclamou ela, mas Marta não queria tirar conclusões precipitadas.

— Então temos quatro mil números na caderneta e quatro mil carteiras de motorista no cadastro. Não sabemos se existe uma conexão.

— Conexão? Que conexão poderia existir?

Marta fez uma pausa, pensando.

— É possível que a caderneta esteja relacionada ao cadastro. Se a caderneta é uma lista de números e cada registro do computador tem um número, então talvez a caderneta seja uma lista desses números tirados do cadastro do computador.

Os olhos de Judy se arregalaram.

— Você acha que eles estão relacionados? Como uma cópia?

— Possivelmente. — Apesar de seu melhor discernimento, Marta experimentou um ímpeto de entusiasmo. — Se for assim, poderemos encontrar cada um desses números de registro na caderneta. Diga-me o número de uma das carteiras de motorista.

Judy escolheu a primeira página do impresso de computador.

— **22 746209**.

Marta correu os olhos pela lista de números na primeira página da caderneta, com Judy olhando sobre o seu ombro. Dois pares de olhos astutos desciam velozes pela página.

— Uma pena que não estejam relacionados por ordem. Você o encontrou nessa primeira página?

— Não.

— Então passemos para a próxima. — Marta virou a folha e ambas examinaram a lista da segunda página. O entusiasmo de Judy era visível, embora Marta tentasse não se deixar levar por ela. Era estranho trabalhar assim tão intimamente com uma associada, mas não era de todo desagradável. — Está vendo nessa página?

— Não.

— Vamos para a próxima. — Elas leram a página três e continuaram, página após página, até chegarem à décima. Ali, no meio da folha, espremido na metade da lista da esquerda, estava:

22746209

— Perfeito! — gritou Judy, maravilhada. — Nós descobrimos! Somos geniais.

Marta deu uma risada.

— Ah, é? Então o que isso quer dizer, garota prodígio?

— Não tenho a menor ideia. O que você acha?

Marta hesitou. Pensou em procurar a polícia, mas sentiu-se tentada a continuar. Estavam tão perto.

— Passe essa folha para mim. Quero ver quem é o número **22746209**. Judy passou-lhe a folha do computador. Havia um campo de informações e uma foto de um senhor branco, com um leve ar de riso.

— É William Swenson. Endereço: 708 Greentree Court, Filadélfia.

— Separe o sr. Swenson e leia outro número para mim. Não vamos pôr a carroça na frente dos bois. Só encontramos a correspondência de um único número.

— OK. **92294593** — leu Judy, pendurando-se a seguir no ombro de Marta, enquanto esta voltava à página um da caderneta. — Tem de começar do começo, hein?

— Se há uma coisa que sou é metódica.

— É uma maneira de ver a coisa.

Marta olhou sobre o ombro.

— Leia, garota.

Elas percorreram as listas na primeira página, depois na segunda, e pararam na quinta. Lá estava ele:

92294593

— Impressionante!

Judy quase aplaudiu.

— Totalmente.

Judy riu.

— Eu não sabia que você tinha senso de humor.

— E não tenho. Me diga quem é o sr. 92.

Judy olhou para a segunda carteira de motorista na página. O rosto de uma mulher de meia-idade com olhos estreitos por trás de óculos bifocais.

— É Helen Minton, de Rhawn Street, Filadélfia.

— Separe essa também. Vamos ver mais cinco, e então vou acreditar na teoria.

— Tenho certeza de que estamos certas.

— Você é jovem e impulsiva. Agora leia.

Judy leu outro número para Marta e elas o encontraram na caderneta de Darning, seguindo-se outros quatro depois dele. Encontravam o número na caderneta e separavam a carteira de motorista que correspondia a ele.

— E agora? — animou-se Judy, quando terminaram.

— Vamos telefonar para essas pessoas.

— O quê? Para quê?

— Para ver o que descobrimos. — Marta consultou o relógio de pulso. Quase uma hora. Não havia tempo a perder. Ela apanhou o telefone sem fio. — Passe-me essa primeira folha e arrume um catálogo telefônico. Depressa.

— Você gosta de dar ordens, não é mesmo?

— Adoro. Pegue o catálogo.

Judy esticou a mão e apanhou a lista telefônica debaixo da mesinha de canto.

— Isso faz você sentir que tem poder.

— Eu tenho poder.

— Mas as pessoas não gostam de ficar recebendo ordens o tempo todo.

— Aonde você está querendo chegar? — perguntou Marta, zombeteira, e Judy jogou a lista telefônica em cima dela.



— É da residência da família Swenson? — perguntou Marta, com a associada sentada perto o bastante para ouvir pelo aparelho. Ela sentia-se estranhamente tola, como se fossem adolescentes passando trotes. E de certa forma eram mesmo.

— É, aqui é da casa dos Swenson — disse a mulher do outro lado da linha.

— Posso falar com William Swenson, por favor?

— Com meu marido?

— Ele está em casa?

— Ele morreu. Meu marido está morto.

— Ah, eu sinto muito, não sabia — afirmou Marta, apanhada desprevenida, e Judy murchou como um balão de ar quente.

— Ele morreu num acidente de carro há quatro anos. Um motorista bêbado atravessou o canteiro da estrada.

— Eu sinto muitíssimo.

— Obrigada. Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Não, obrigada — replicou Marta. — Mais uma vez obrigada pela sua atenção. — E apertou o gancho plástico. — Diga-me o próximo número de telefone.

— Peça por favor.

— Antes que o júri retorne.

— Entendi — disse Judy rapidamente, lendo o número.



Marta teclou o número do telefone, embora numa disposição de ânimo mais sombria. Precisava solucionar essa história, e rápido. Não conseguia se livrar das imagens de Bogosian e Mary. Haveria um assassino lá fora? À espreita?

— É da residência dos Minton? — perguntou, quando uma jovem atendeu.

— É, sim.

— Posso falar com Helen Minton?

— Isso não é nada engraçado, sabia? Você é uma idiota, seja lá quem for.

— Hein? O que foi? Preciso falar com Helen Minton.

— Isso não é um trote?

— Não. Claro que não.

— Minha mãe foi assassinada — informou a mulher com a objetividade de uma raiva profunda.

— Ah, eu sinto muito — disse Marta. O que estava acontecendo ali? — Sinto muito mesmo.

— Pensei que todo mundo soubesse, pelo menos por aqui. Ela foi morta na farmácia, durante um assalto. O bandido que atirou nela acaba de ir a julgamento. Todo dia fica sentado lá com um advogado elegante, tentando se safar dessa.

Marta não pôde ignorar a pontada que sentiu.

— Eu lamento. Lamento de verdade.

— Faz quase quatro anos. Aquele animal já viveu quatro anos a mais do que minha mãe.

— Sinto muito. Desejo sorte a você. Obrigada — disse Marta, apressando-se em desligar. A outra mulher também não tinha dito

quatro anos? O que isso queria dizer? Parecia coincidência demais. Marta estava quase lá, ela podia sentir. — Diga o próximo número. Rápido.

Judy recitou o número e Marta o teclou.

— É da residência dos Jacobs?

— É — confirmou a voz áspera de um jovem.

Marta se preparou.

— Posso falar com Sherry Jacobs, por favor?

— Não vai dar. Sherry morreu faz uns quatro anos.

Marta imobilizou-se. Quatro anos. Na mosca!

— Eu lamento muito.

— Não lamente. Sherry não era a pessoa mais agradável do mundo. Sou cunhado dela, acredite em mim. Ela costumava submeter minha mulher a torturas terríveis. "Você é isso, você é aquilo." Sabia ser uma verdadeira megera.

— Entendo.

— Deixou todo o dinheiro que tinha para um cachorro, pode acreditar nisso? Fez minha mulher sofrer o diabo e deixou duzentos mil dólares para um cão galês. A única coisa boa que ela fez na vida foi morrer e doar seu corpo para a ciência. Tenho pena do idiota que recebeu seu coração. Está vazio.

— O quê?

O coração. Sherry era doadora de órgãos. Mas, qual é mesmo o seu nome?



Marta tentou um outro número, agora com uma nova abordagem.

— É da residência dos Walters?

— É — respondeu uma voz de mulher. Alguém, no fundo, tocava piano. — Mas estou dando aula agora.

— É só um minuto. Estamos atualizando nossos registros. É verdade que Ronald Walters faleceu há quatro anos?

— Por aí. É, sim.

— O sr. Walters era doador de órgãos?

— Ora, era sim.

— Muito obrigada. — E Marta desligou.

57

O estômago de Christopher estava acabando com ele. A dor lhe traspassava a barriga como chumbo grosso. Ele nunca tinha sentido cólicas assim antes. Bebeu um gole do café, mas não adiantou. Ele queria era desabar no chão e morrer.

— Vamos analisar as provas testemunhais, meus amigos — ia dizendo Ralph. Ele estava de pé na outra extremidade da mesa e desenhava com uma caneta especial num quadro branco montado sobre um cavalete. As linhas pretas e grossas serpenteavam diante dos olhos de Christopher e ele piscou para recuperar o foco. Parecia uma estrela ou um triângulo, alguma coisa assim, mas as linhas não ficavam paradas.

— Ralph, o que é isso? — Christopher ouviu-se perguntar.

Sua voz soou fraca e Megan olhou para ele com a testa franzida, preocupada.

— Você está bem, Christopher? — indagou ela, e ele fez que sim com a cabeça.

— Claro. — Doía falar, mas Christopher não queria que eles soubessem. Ele seria mandado para casa, excluído do júri ou sabe-se lá o que poderia acontecer. Precisava ficar aqui e convencê-los. — O que você estava dizendo, Ralph?

Ralph apontou para o cavalete com o dedo.

— É um diagrama da tentativa de roubo do carro. O Ponto A mostra onde Steere parou seu Mercedes. O Ponto B é a pilastra debaixo da ponte onde o ladrão estava escondido. Os peritos concluíram que essa distância é de no máximo um metro e meio. Correto?

Os jurados assentiram. Christopher observou suas cabeças balançando, como uma manada de cavalos. Sentia-se muito mal.

Tomou outro gole de café, evitando o olhar de Megan. Ela parecia preocupada de verdade. Lainie nunca tinha demonstrado tanta preocupação com ele.

— Bom — continuou Ralph — o que estou dizendo é que, se eu estivesse dirigindo um carro e alguém saltasse de trás de uma pilastra assim tão perto de mim, eu nem conseguiria pensar no que fazer. Não haveria tempo, como Marta Richter nos mostrou.

— Concordo com você, Ralph — apoiou a sra. Wahlbaum. — Seria preciso reagir numa fração de segundo. Não haveria tempo de pensar. Não haveria tempo de pesar as alternativas.

Christopher lutava com a dor, que ia se agravando. Ele queria levar a mão à barriga. Devia estar tentando convencer o júri a condenar Steere.

— Com toda certeza que não — afirmou Ralph. — Não com uma faca na sua garganta.

— É um instinto natural — acrescentou a sra. Wahlbaum, balançando a cabeça grisalha. — Fugir ou lutar. Até os animais reagem assim.

O sr. Fogel deu um risinho afetado.

— Agora ela é zoóloga. Existe alguma coisa que essa mulher não entenda? Alguma área da ciência, matemática ou filosofia em que ela não seja uma *expert*?

A cabeça da sra. Wahlbaum girou em sua direção e ela por fim explodiu.

— E o que você acha, camarada? Todos os dias, há dois meses, tenho ouvido suas críticas. Tudo que você faz é criticar. Nunca dá sua opinião. Só tem coisas negativas a dizer, nada de positivo.

Christopher olhou da sra. Wahlbaum para o sr. Fogel. Não briguem, precisamos condenar o réu, ele queria dizer. Não se cansem. Temos tempo. Suas entranhas se contorciam como um trapo retorcido. Ele abriu a boca para falar, mas nenhum som saiu.

O sr. Fogel piscou por trás das lentes grossas.

— Quer saber o que eu penso, sra. Sabe-Tudo? Vou lhe dizer. Eu entendo de uma única coisa. Entendo de tempo. E eu, por exemplo, já dediquei tempo suficiente a esse julgamento. Estou aqui há setenta e dois dias, duas horas e — o sr. Fogel consultou o Timex em seu pulso — vinte e três minutos. Na minha opinião, isso é tempo demais!

Ralph bateu palmas vigorosamente.

— É isso aí!

O apoio pareceu encorajar o relojoeiro que se levantou da cadeira, alto e ereto como um ponteiro de hora.

— Não vou desperdiçar mais um só dia do meu tempo. Nem uma hora mais, nem mesmo um minuto. Eu quero ir para casa. Quero dirigir meu próprio carro. Quero falar no meu telefone. Quero ir para a minha loja e consertar o relógio da sra. Millstein, que eu devo a ela desde setembro. Nós ouvimos as testemunhas, os advogados e o juiz. Agora é hora de eles nos ouvirem. — E então o sr. Fogel se sentou.

Os jurados começaram a aplaudir, Gussella a mais veemente de todos. Megan também aplaudiu, com menos entusiasmo porque Christopher não estava aplaudindo. O rosto dele estava ficando cinzento e ele se inclinava para a direita.

— Chris? — chamou ela, suavemente.

O lábio inferior de Nick começou a tremer.

— Queria poder falar com minha mulher. Eu também quero ir para casa.

A sra. Wahlbaum deu palmadinhas na manga do seu terno.

— Eu também sinto falta de Abe. É difícil para ele se virar sozinho, fazer as compras e cozinhar. Por causa dos joelhos.

— Meu Deus, eu preciso ver o meu netinho! — gritou Gussella, tão alto que Wanthida deu um pulo.

— Todos nós queremos ver isso acabado — afirmou Wanthida, falando com veemência — e acreditamos que o sr. Steere seja

inocente. Devíamos votar e ir para casa.

— Nem todos nós votaríamos pela absolvição — disse Ralph, embora não pudesse estar mais contente. A guerra estava quase vencida e ele tinha eliminado o general oponente. O único problema era Kenny Manning. Hora de atacar, quando o inimigo estava mais fraco. — Kenny, o que você acha? Ainda votaria pela condenação?

— E por que não votaria? — replicou Kenny, aprumando a cabeça.

— É você quem decide, amigo. Sou o primeiro a dizer que todos respeitamos o seu direito de votar como quiser. Não estou tentando pressioná-lo. Se quiser discutir o caso por mais tempo, discutiremos. Estou aqui para dizer que tem o direito de seguir a sua cabeça.

Christopher viu tudo lhe escapando. Marta. A condenação. Alguém estava fincando cravos de ferradura em sua barriga. Megan estava lhe dizendo alguma coisa, mas ele respondeu apenas com um som gorgolejante que os jurados não ouviram. Estavam todos em torno da mesa olhando para Isaiah, que de repente pigarreou e debruçou-se sobre a mesa, encarando Kenny de frente.

— Minha noiva está grávida, cara — disse Isaiah, a voz baixa. — Se eu não sair daqui logo e levar a garota até o altar, ela vai sofrer. E a mãe dela também. Ela não quer que a barriga apareça na frente da igreja toda, e eu não acho que ela tenha culpa por isso.

— Porra, cara — interveio Sete da Sorte, a cabeça pendendo. — Por que você não disse nada?

— Ela me contou na noite passada, durante a visita. Sinto muito, Kenny, gostaria de votar com você. Sei como se sente em relação à condenação de Steere, e você pode até estar certo. Mas eu não culpo o homem e não posso ficar do seu lado, *brother*. Não tenho nem tempo de discutir isso com você. Preciso cuidar da minha família. Preciso ir para casa.

Kenny se limitou a fitá-lo em resposta; em seguida, seus olhos escuros passaram a Sete da Sorte, que ergueu as mãos, como se

estivesse sendo assaltado.

— Não olhe para mim, homem — afirmou Sete da Sorte, entre as palmas enormes. — É você quem decide. Eu estou com você, pode contar com isso.

— Christopher? — chamou Megan, alarmada. Ela se levantou e já estava quase ao seu lado, quando uma onda de agonia arrastou Christopher e ele desabou na cadeira.

58

Dez telefonemas depois, Marta estava sentada na borda do sofá, os pensamentos em disparada.

— Então, o que descobrimos?

Judy estava jogada sobre as almofadas de tecido branco. Uma caixa de leite colocada entre as pernas. Migalhas espalhadas pelo agasalho cinza que ela usava.

— Descobrimos que somos pessoas horríveis, nos intrometendo na privacidade dos que choram a morte dos seus.

— E o que mais?

— Que todas as pessoas para as quais telefonamos estão mortas.

— E todas morreram violentamente ou por acidente.

— Isso. Na Cidade do Amor Fraterno.

— E todas morreram há pouco mais de quatro anos. E eram doadoras de órgãos.

Judy tomou um gole de leite.

— Um cadastro de doadores de órgãos. É esse o dado comum que não aparece no arquivo do computador. O cadastro todo é de doadores de órgãos.

— O que você quer dizer?

— Na Pensilvânia, pode-se saber pela carteira de motorista se a pessoa é doadora ou não. — Judy foi até o balcão, pegou a bolsa e entregou sua carteira de motorista a Marta. — Está vendo? Diz bem aí. Sou doadora de órgãos. Você não?

— É claro que não. — Marta baixou os olhos para o pequeno cartão plastificado. Sob uma foto que em nada favorecia Judy, lia-se em letras verdes brilhantes: DOADOR DE ÓRGÃOS. Como uma tétrica legenda. — Que coisa repugnante.

— Não é, não. Todos deviam ser doadores. Sabe quantas pessoas morrem a cada dia esperando o transplante de um órgão? Eu me associei na Prefeitura. Eles fazem uma campanha de doação de órgãos todos os anos.

— A Prefeitura é que faz?

— Claro. É organizada pelo gabinete do prefeito. Começou quando ele era promotor.

— Quando foi que você se associou?

— Faz muito tempo.

— Quando exatamente?

— Deve ter sido há uns cinco anos. Fizeram uma grande campanha. A firma toda foi. Trabalhávamos então na Stalling & Webb, eu e Mary.

De repente Marta ficou agitada e levantou-se do sofá. Suas costelas a estavam matando, mas ela precisava andar para pensar com mais clareza. Suas melhores ideias lhe vinham quando estava andando ou no chuveiro; se pudesse andar no chuveiro, seria nomeada procuradora geral.

— Deixe-me ver se entendi bem. Você está me dizendo que o gabinete do prefeito tem uma lista de doadores de órgãos de Filadélfia.

— Creio que sim. As campanhas de doação de órgãos são uma coisa de grande repercussão. A cidade as promove em associação com a organização local responsável pela doação de órgãos.

— O prefeito pode monitorar as mortes dos doadores na cidade?

— Suponho que sim. A Prefeitura pode ter acesso a uma rede de doadores. Acho que é uma organização pública que administra essa rede. Eu até duvido que isso seja considerado informação confidencial.

Marta andava de um lado para o outro.

— Suponha que a Prefeitura se conecte com a rede, de modo a saber quando um doador morre. Alguns dos doadores morrem

pouco antes das eleições para prefeito. Suas mortes são informadas porque a carteira de motorista dessas pessoas diz que elas querem doar seus órgãos.

Judy acompanhava a linha de raciocínio de Marta.

— A morte delas não é informada em tempo suficiente para tirar seus nomes das listas de registro de eleitores. A Prefeitura descobre primeiro, pois tem acesso direto à informação. — A associada fez uma pausa, momentaneamente perplexa. — Mas por que eles fariam isso? Que importância teria para eles?

Os olhos de Marta encontraram-se com os de Judy.

— Aposto dez contra um como o sr. Swenson e a sra. Minton votaram na última eleição. E também Jacobs e Walters. Todos eles, em todas essas carteiras de motorista. Todos votaram, embora todos estivessem mortos.

— Mas como? Como eles poderiam ir fisicamente votar? — Judy tinha a testa franzida e Marta recomeçou a andar. — Boa pergunta. — Judy era mais capaz do que Marta tinha julgado; era quase melhor trabalhar junto com alguém. — Talvez uma pessoa se faça passar por eles e vote em seu lugar.

— Isso não seria possível — afirmou Judy, abanando a cabeça. — Temos aqui homens e mulheres. Alguns brancos, outros negros. São todos diferentes. Não se pode votar sem que alguém o veja.

Marta imobilizou-se.

— Espere, pode-se, sim. Quando se vota em trânsito. Alguém vota no lugar deles. Alguém descobre que estão mortos antes que qualquer outro saiba disso… por causa da carteira de doador… e vota em trânsito por eles. A assinatura está bem ali na carteira e eles a forjam na hora de enviar o voto pelo correio. É por isso que precisam de um arquivo de carteiras. Porque nelas há a assinatura e eles precisam assinar o voto.

Judy estava boquiaberta. Tudo fazia sentido.

— A compra de votos.

— Alguém é pago para votar em trânsito no lugar do doador de órgãos. Eb Darning devia ser esse alguém.

— Na mosca — disse Marta baixinho e, de repente, ela compreendeu tudo. O plano de Steere, perfeitamente elaborado e executado, durante anos. Steere tinha pago Eb Darning para enviar votos em trânsito na última eleição, sem dúvida alguma votando contra seu inimigo, o prefeito. Mas Steere não previra que Eb guardaria sua própria prova do negócio. Darning devia estar chantageando Steere, e este o tinha matado por isso.

— Pegue o cadastro e a caderneta — disse Marta. — Precisamos ir.

— O quê? Para onde? Para a polícia?

— Não há tempo para isso. Vamos para o tribunal.

59

Bennie, sentada, sufocava de calor com o casaco, ficando cada vez mais impaciente, enquanto ela e Emil esperavam Jennifer Pressman no escritório da chefe de gabinete do prefeito. Não havia outra alternativa senão esperar, mas ia contra a natureza de Bennie ficar sentada, sem poder fazer nada. Já tinha pedido licença duas vezes e saído pelos corredores da Prefeitura, espreitando, abrindo as portas das salas e verificando aquela onde o prefeito fizera a coletiva com a imprensa. A entrevista já tinha terminado e Jen Pressman não se encontrava em lugar algum.

— Talvez já esteja em casa agora — disse Bennie, cutucando Emil com o cotovelo. — Peça à secretária para ligar de novo.

— Não. — Emil folheava a revista de papel acetinado que tinha encontrado sobre a mesinha de centro. — Acabamos de telefonar. Tenha paciência.

— Peça a ela.

— Não. Jen vai chegar logo. Tem de chegar. É o emprego dela. Ela é muito dedicada.

— Não posso esperar muito tempo. Você quer ou não a história?

Emil fechou bruscamente a revista.

— Você me tenta, Bennie.

— Obrigada.

Ele largou a revista sobre a mesinha e dirigiu-se à mesa da secretária.

— Flossie, acha que devíamos ligar outra vez para a casa de Jennifer?

A secretária parou de digitar e ergueu os olhos do teclado.

— Não se passou muito tempo desde a última tentativa.

— Eu sei, mas é um assunto muito importante. Seria muito incômodo para você? Seria um grande favor.

— Sabe… — a secretária hesitou e em seguida sua voz tornou-se mais branda. — Para dizer a verdade, Emil, não vai adiantar de nada ficar ligando para a casa dela. Não creio que minha chefe tenha ido para casa na noite passada.

— O que quer dizer?

— Você sabe o que quero dizer. Não acredito que ela tenha dormido em casa esta noite.

Emil enrubesceu.

— Sei.

— Você não ouviu isso de mim, está bem? — perguntou a secretária, baixando a voz.

— Está bem.

— Você nunca publicaria nada do que conversamos, não é mesmo?

— É claro que não, Flossie. Nós somos amigos.

— Bem, acho que ela foi ver o namorado ontem à noite. Essa é a única ocasião em que ela desaparece. Isso não tem acontecido muito ultimamente, de modo que pensei que estivesse tudo terminado. Mas talvez não esteja. Acho que eles fizeram as pazes e ela não conseguiu sair da cama.

— O amor enfeitiça quando se é jovem — disse Emil e, no sofá, Bennie teve ânsias de vômito.

— Ah, isso não é amor. — A secretária aproximou-se dele e sussurrou, confidencialmente: — Acho que ele é casado.

— Não! — exclamou Emil, num tom genuinamente reprovador. Ele era o homem mais tradicional que Bennie conhecia e ela teria sido capaz de apostar que não era ele que estava fritando as folhas de uva.

— É, sim, tenho certeza. No verão, ela costumava sair cedo na sexta-feira. Voltava bronzeada e não dizia com quem tinha viajado. E

nunca trazia fotografias.

— Será que não podemos entrar em contato com ela? Quem é esse homem?

— Quisera eu saber. — A secretária debruçou-se ainda mais. — Sabe, uma vez eu tentei descobrir. Estava curiosa e então perguntei diretamente a ela. "Você está saindo com alguém?" foi a pergunta que fiz. Assim, de chofre.

— Ótimo. O melhor é ser franco e direto.

— Com certeza. Faz dois anos agora que trabalho com ela, e nunca conversamos sobre nada. Acha que ela pensaria em almoçar comigo? Nunca. Seja como for, sabe o que ela me respondeu quando fiz essa pergunta? Disse: "Não discuto esse assunto com subalternos."

Emil ficou consternado.

— Que indelicadeza!

— Eu é que sei. "Subalternos!" Ela disse que estava citando um tal *Sun Zoo*, uma coisa assim. Então, perguntei a ela: "Quem é esse tal *Sun Zoo*? Parece nome de bronzeador ou coisa parecida.

No sofá, Bennie ficou de orelhas em pé. *Sun Zoo*? Onde foi que ela tinha ouvido isso recentemente?

— Sun-Tzu? — perguntou Emil. — Era um filósofo chinês. Um general.

— Isso mesmo. Foi o que ela disse. E eu respondi: "Não sei nada de generais chineses, querida, mas sei sobre normas de cortesia, coisa que você desconhece por completo." Imagine só! Vou voltar para o gabinete do oficial de justiça, assim que publicarem oficialmente a transferência.

De repente Bennie lembrou. Na sala de reunião do escritório, quando estava conversando com Carrier e DiNunzio. O que era mesmo que Carrier tinha dito? *Se passar algum tempo na companhia de Elliot Steere, mais cedo ou mais tarde ele se sai com uma de Sun-Tzu*.

Bennie aprumou-se no sofá. O quadro ganhou foco instantaneamente. Jen Pressman tinha um namorado secreto, mas não porque fosse casado. Era Elliot Steere. Ela tinha que manter o romance secreto porque Steere era a Nêmesis do prefeito. Naquele momento, Bennie se deu conta de toda a falcatrua. Não era exatamente o que tinha pensado. Na verdade, era justamente o contrário. Mas ela não tinha mais tempo. Levantou-se de um salto e encaminhou-se para a porta.

— Bennie? — chamou Emil, virando-se.

— Preciso ir fritar umas folhas de uva, Emil — disse ela, saindo apressada.

60

O juiz Rudolph estava presidindo, embora, quando olhasse do alto do estrado de mogno, não visse uma sala de audiência lotada; via, sim, uma pista de corrida com obstáculos. A linha de chegada estava bem à sua frente, assinalada por uma esvoaçante bandeira vermelha, branca e azul, onde se lia DESEMBARGADOR HARRY CALVIN RUDOLPH. Na mesa da defensoria, Elliot Steere o observava atentamente, e os promotores pareciam alerta. Na galeria, todos os olhares fixavam-se nele. Todos estavam quietos, esperando o tiro de largada. Tomar posições, preparar, já! *Pou*!

— Cavalheiros — começou o juiz —, chamei-os aqui devido a uma emergência ocorrida no júri. Um dos jurados caiu doente com um vírus estomacal e teve de ser levado para o hospital. O Tribunal foi informado por outro jurado, agindo como representante substituto, que o júri pode estar muito perto de chegar a um veredicto para o caso. Os suplentes já foram mandados para casa e, a essa altura, sem dúvida alguma, já terão sido contaminados pela exposição à publicidade. Assim sendo, a questão que ora se apresenta ao Tribunal é se o júri deve ter permissão para prosseguir e dar o veredicto sem o jurado que adoeceu.

Elliot Steere estava sentado à mesa da defensoria e nem um músculo de seu corpo se movia. Seu jurado tinha entrado em ação. Sua absolvição estava assegurada. Sua vitória estava completa. Ele respirava lentamente, inspirando e expirando, e seu batimento cardíaco era estável. Em seus ouvidos, latejavam os ritmos de sua própria força vital. Sun-Tzu ensinava que a vitória se destina àqueles que não erram nos cálculos, e Steere não havia errado. Ele tinha se preparado para essa vitória e, portanto, ela estava prestes a acontecer.

— Segundo as leis da Pensilvânia — continuou o juiz Rudolph —, em se tratando de um julgamento por assassinato, o júri só pode chegar ao veredicto com uma votação de menos de doze jurados se o réu e o Commonwealth concordarem. O réu tem garantido o direito constitucional de um veredicto dado por um júri de doze pessoas, e esse direito pode ser renunciado. O Tribunal realiza esta audiência nesta manhã a fim de determinar como as partes desejam proceder.

À mesa da promotoria sentava-se o promotor assistente Tom Moran, desta vez bem desperto. O promotor da cidade de Filadélfia, Bill Masterson, estava sentado à sua direita, tão perto que as ombreiras de seus paletós se esbarravam. Masterson tinha a altura de um jogador de basquete, a ossatura grande e o rosto corado, uma cabeleira louro-acinzentada e olhos azuis penetrantes. Ninguém podia se sentar ao lado de Bill Masterson e ficar alheio ao seu poder, principalmente um jovem pai de gêmeas, que já se estrepara uma vez. Tom precisava de seu emprego, agora mais do que nunca.

O juiz Rudolph preparou-se para saltar o primeiro obstáculo.

— Sr. Steere, é o réu neste julgamento, e este tribunal tem, em todos os momentos críticos, tomado o cuidado de salvaguardar os seus direitos segundo a lei, principalmente depois que o senhor optou por tomar a si a própria defesa. Até aqui o senhor tem alguma pergunta a fazer?

— Não.

— Compreende a pergunta que lhe está sendo dirigida? O Tribunal deve determinar se deseja abrir mão de seu direito a um veredicto dado por um júri de doze pessoas.

— Eu compreendo, meritíssimo.

— Vou conduzir o colóquio necessário para confirmar que compreenda seus direitos. Gostaria de se aconselhar com um advogado antes de começarmos? Estou vendo que o sr. LeFort, da Cable & Bess, encontra-se na galeria. — O juiz Rudolph acusou a presença do dispendioso advogado com um aceno de cabeça. — Se

desejar se consultar com o sr. LeFort ou um de seus sócios, o Tribunal terá prazer em lhe conceder um recesso de quinze minutos.

— Não desejo me consultar com o sr. LeFort, meritíssimo. O senhor me fez uma pergunta direta. Posso lhe dar minha resposta imediatamente. Quero que o meu veredicto seja dado o mais rápido possível, meritíssimo, mesmo que isso signifique que eu deva aceitar o veredicto de um número inferior de jurados. É meu desejo abrir mão do direito a um veredicto dado por um júri de doze pessoas.

A galeria começou a tagarelar, alvoroçada. O olhar do juiz Rudolph correu para o fundo da sala de audiências e ele bateu o martelo. *Pou*!

— Não vou tolerar esse tipo de comportamento no meu tribunal. Contenham-se, senhoras e senhores; caso contrário, haverá expulsões. Sr. Steere, o senhor compreende que tem o direito de pedir que o julgamento seja anulado?

— Meritíssimo, eu não desejo uma anulação do julgamento. Não quero mais demora nesse julgamento. Estou na prisão há muito tempo. Tenho de cuidar dos meus negócios quando for solto.

— Obrigado, sr. Steere. — O juiz Rudolph imaginou-se saltando o primeiro obstáculo e aterrissando do outro lado sem quebrar o ritmo da corrida. Um a menos; agora restava o outro. O juiz virou-se para a mesa da promotoria.

— Sr. Moran, vejo que agora o senhor está acompanhado pelo promotor William Masterson. Seja bem-vindo, sr. Masterson.

— Bom-dia, meritíssimo — respondeu Masterson.

O juiz Rudolph cumprimentou o poderoso advogado com um aceno de cabeça. O juiz sabia que o promotor queria o seu cargo e que tinha puxado sacos suficientes para obtê-lo quando o juiz ascendesse à Suprema Corte. Sem que uma só palavra fosse trocada, os dois homens sabiam que um bastão seria passado de um para outro, mas somente se o juiz vencesse a sua última parte no revezamento.

— Sr. Masterson, falará pelo Commonwealth nesta manhã ou será o sr. Moran quem fará as honras?

— O sr. Moran o fará — trovejou Masterson. Ele deu um sorriso largo e fez uma anotação num bloco de papel ofício. — Só estou aqui a passeio. O sr. Moran gosta da minha companhia.

A galeria deu uma gargalhada e os repórteres rabiscaram em seus blocos. O juiz Rudolph sorriu com indulgência. Muito engraçado. Queira ficar com o meu lugar, por favor.

— Ótimo. — O juiz preparou-se para o segundo obstáculo. — O Commonwealth tem alguma objeção a que o veredicto desse julgamento seja dado por menos de doze jurados, diante das circunstâncias, sr. Moran?

Tom já ia apresentar sua objeção quando sentiu uma cutucada no cotovelo. Ele olhou para o lado e viu Masterson observando, pensativo, o estrado, as bandeiras, e o selo judicial do Commonwealth da Pensilvânia. Sua mão expressiva descansava sobre um bloco de papel ofício que dizia:

ACEITE, SEU PATO

Tom não precisou pensar duas vezes. *Que se foda. Ele já trabalhara demais nessa causa perdida*. O prefeito tinha conseguido o indiciamento de Steere, mas ninguém tinha lhe prometido o veredicto que desejava. Não importava que o Commonwealth tivesse uma chance de vencer, Tom sabia onde estavam as chupetas.

— O Commonwealth não tem qualquer objeção a que o júri proceda ao veredicto agora, meritíssimo — disse ele, sem hesitar. — O Commonwealth tem tanto interesse quanto o réu e o Tribunal em que esse caso tenha uma conclusão rápida e exata.

O juiz Rudolph viu-se saltando o último obstáculo. Arrancando para a linha de chegada. Inclinando-se para tocar a fita. Rompendo-a como a uma teia de aranha. A multidão aclamava. A bandeira

esvoaçava. Ele tinha vencido. Tinha chegado ao fim. Alguém lhe entregava uma taça de champanhe.

E uma toga novinha em folha.

61

Marta e Judy desciam a rua, correndo rumo ao Centro de Justiça Criminal. A neve caía rapidamente do céu e depositava-se numa espessa camada sobre calçadas, edifícios e carros, como se alguém houvesse jogado um edredom branco sobre Filadélfia. As lojas e estabelecimentos comerciais estavam fechados. Ninguém se aventurava nas ruas. A quietude e o silêncio eram totais, exceto pelo silvo do vento, uma nota aflautada que soprava do frio éter cinzento.

Marta ofegava enquanto corria com a roupa pesada, esforçando-se para acompanhar o ritmo da associada mais jovem e mais atlética; estava quase hiperventilando no momento em que alcançaram a Broad Street.

— Judy — chamou ela com a voz fraca, e a associada voltou correndo em meio à neve. Marta dobrou o corpo e apoiou as mãos nos joelhos, tentando reprimir a dor em seu tórax. — Tenho que parar — disse ela, arfando. — Não posso continuar.

— Você tem que continuar. Precisamos chegar lá.

Marta sentia-se tonta. O sangue fluía para sua cabeça, que latejava. Ela não conseguia encontrar forças para erguer o corpo.

— Não tem nenhum táxi por aí?

— Não. Não tem nenhum táxi, ônibus, nada — replicou Judy, examinando a rua deserta. Ela também estava ofegante e sua respiração formava grandes nuvens de vapor no ar frígido. — Temos que ir correndo.

— Quanto falta ainda?

— Cinco quarteirões. — Judy forçou a vista, olhando, em meio à neve, para o antiquado relógio amarelo no alto do prédio da Prefeitura. — Temos que ir. Ande.

— Estou muito velha para isso. — Marta arfava pesadamente, aprumando-se. Parecia que seu peito ia explodir. — Você continua. Leve a minha bolsa. A prova está aí.

— Não. Eles não vão acreditar em mim sem você, você é a advogada principal. Vamos. Fique ereta. Mexa-se.

— Você quer é ficar me dando ordens — disse Marta, ofegante demais para conseguir dar um sorriso.

— É, também — replicou Judy e disparou na direção do tribunal.

62

Bennie escalou o monte de neve que levava à varanda do edifício de Carrier, espanou a neve da campainha de bronze e apertou com força o botão, chamando o apartamento da associada. Deixou tocar e tocar, mas não obteve resposta. Merda. Então apertou a campainha do apartamento do primeiro andar. Junto ao botão havia um cartão indicando HILL-SILVERBLANK, mas os Hill-Silverblank também não estavam.

Bennie socou a porta da frente, frustrada. A neve caía dos painéis da porta, enquanto ela batia. Tinha percorrido arduamente todo o caminho até aqui para deter essa garota. Não ia entregar os pontos agora. Bateu com mais força, esperando que Judy ainda não tivesse feito nada de estúpido. Ela podia acabar fazendo com que fossem todas parar diante da banca disciplinadora e mandando a Rosato & Associadas descarga abaixo.

Bennie afastou-se da porta e ergueu os olhos para as janelas do apartamento de Carrier. Estava vazio e escuro. Onde ela podia estar? Bennie desceu da varanda, parando sobre a camada de neve que cobria a calçada. Foi então que viu. Rastros na neve espessa, pegadas desordenadas que saíam da varanda de Carrier e desciam pela calçada, passando então ao lado de uma fileira de carros cobertos e desaparecendo na esquina.

Bennie examinou o rastro em meio à neve que caía. Podia seguilo. As pegadas eram facilmente visíveis na camada profunda de neve. Em alguns lugares pareciam mais marcas de pernas do que de pés. Bennie sorriu. Rastros de advogada. De cascos. Não iriam longe a pé.

Ela tomava cuidado para não chutar a neve sobre as pegadas frescas, quando se deu conta de uma coisa. Eram quatro as pegadas,

e não duas. Duas pessoas tinham saído do apartamento de Judy-Judy e Marta. Isso ou os Hill-Silverblank tinham ido dar uma voltinha no meio de uma nevasca. Bennie sabia intuitivamente qual das duas alternativas era a mais provável. Tinha o pressentimento de que Judy e Marta estavam se dirigindo ao Centro de Justiça Criminal. Então partiu atrás delas.

O rastro das advogadas descia pela rua 24, passando pelas áreas residenciais. Bennie acelerou o passo e as atravessou correndo. Tinha ficado a noite toda acordada, mas uma corrida no tempo frio era sempre um prazer. Sentia as pernas fortes. Respirava facilmente. Não remava desde o começo da tempestade e sentia necessidade de se exercitar. Era o golden retriever que havia nela. Ficava irrequieta quando não brincava de ir buscar a bola.

Ela seguiu as pegadas pelas calçadas cobertas de neve e adotou um ritmo tranquilo. Tinha sido sempre a mais rápida da equipe de remo e subir correndo as arquibancadas do estádio Franklin Field toda semana a ajudava a manter a forma. Ainda lamentava não ter tentado as Olimpíadas, mas naquela época tinha uma mãe para cuidar.

Bennie ia conferindo as pegadas, enquanto corria no meio da neve. Trilhas profundas marcavam a calçada nevada, como lesmas. Logo, logo as alcançaria. Precisava fazer isso, antes que as duas arruinassem todas elas. Bennie acelerou o ritmo nos passos seguintes e disparou rua abaixo.

63

— É o dia D, pelotão — anunciou Ralph aos outros jurados. — Hora de votar. — Ralph era oficialmente o representante do júri, mas ele se sentia mais como um agente numa casa funerária. Ele deu a volta à mesa de conferência, distribuindo uma folha de papel ofício a cada um dos jurados, todos abatidos. Estavam apavorados desde o episódio com Christopher. Fora como uma cena de novela, com Megan abraçada a Christopher, enquanto ele se debatia no chão como uma truta presa no anzol. Christopher tentando falar, mas Megan fazendo-o ficar calado até a chegada da ambulância.

Ralph tinha começado a pressionar para uma votação final assim que o juiz ordenou que retomassem as deliberações. Se Kenny não acompanhasse os outros desta vez, Ralph o pegaria da próxima. Era só uma questão de tempo. Ralph entregou uma folha de papel a Megan.

— Agora é hora de votar, minha jovem. Quanto mais cedo isso terminar, mais cedo vai poder ir ao hospital.

— Obrigada — disse Megan, aceitando o papel, trêmula. Ela olhou para a folha em branco. Não queria condenar Steere, mesmo que isso significasse discordar de Christopher. Pobre Christopher. Ela queria mesmo visitá-lo, pelo menos para ter certeza de que estava bem. Megan escreveu apressadamente INOCENTE em sua folha e a dobrou.

A sra. Wahlbaum debruçou-se sobre seu papel, lançando um último olhar ao sr. Fogel, que escrevia com uma velocidade que não a surpreendeu. Ele votaria pela absolvição, e Wanthida, que estava sentada ao lado dele, também votaria assim. A sra. Wahlbaum tentou recordar o que Christopher tinha dito depois de mudar de opinião, mas tudo que conseguia lembrar era dele contorcendo-se de

agonia sobre a maca. Devia ser apendicite. Ela escreveu ABSOLVIDO e entregou sua folha de papel.

Nick tremia diante da folha pautada à sua frente. Seus nervos estavam em frangalhos. A crise estomacal de Christopher tinha sido a última gota. E se Nick tivesse uma crise estomacal também? Seu estômago já estava queimando. Ele engoliu um pouco d'água e nem se importou que seu polegar aparecesse. Queria ir para casa antes que pegasse o que quer que Christopher tivesse tido. Não podia se abster novamente. Nick agarrou o lápis, segurando-o com força, e escreveu INOCENTE.

Sete da Sorte curvou-se sobre o papel, sentindo-se como costumava se sentir na escola primária quando fazia uma prova. Todos escreviam e ele não. Podia ouvir todos eles escrevendo sem parar. Todos terminavam antes dele, dobravam seus papéis e entregavam. Era como se os outros tivessem todas as respostas. Bem, desta vez ele também tinha a resposta.

Sete da Sorte lamentava por Isaiah e a namorada e ia defender o que pensava, não importava o que Kenny dissesse. Diabos, depois que o julgamento terminasse, ele nunca mais veria o cara. Não iam andar por aí sempre juntos. Sete da Sorte escreveu ABSOLVIDO na maldita folha o mais rápido que pôde. E dessa vez não foi o último a entregar.

— Todos já votaram? — perguntou Ralph, tomando seu lugar na cabeceira da mesa. Ele bateu a mão espalmada sobre o bloco à sua frente e, casualmente, escreveu ABSOLVIDO. Como se isso não valesse cem mil dólares para ele. Em seguida, levantou os olhos.

— Eu ainda não votei, cara — disse Kenny Manning tranquilamente, na extremidade oposta da mesa comprida. Todos os jurados olharam para Kenny, exceto Sete da Sorte, que deliberadamente desviou o olhar.

— Está tudo bem — replicou Ralph. — Segurem suas folhas, pessoal. Não entreguem ainda. É direito de Kenny demorar o tempo

que quiser. — Ele olhou o relógio. 1h25. — Demore o quanto precisar, amigo.

Kenny pegou o lápis e olhou pela janela. Não precisava da babaquice daquela gente. Ele sabia que podia levar o tempo que quisesse. Não precisava que o babaca do Ralph Merry lhe dissesse isso. Não precisava de permissão nenhuma daquele idiota com cara de porco. Kenny fez todos esperarem, olhando pela janela e observando a maldita neve cair. Demorando o tempo que *ele* queria.



Em um hospital do outro lado da cidade, Christopher jazia agoniado em uma maca, que acelerava por um corredor. Ele continuou tentando dizer aos médicos para chamar a polícia, mas uma enfermeira e um médico da emergência corriam de ambos os lados da maca, ignorando seus grunhidos. A dor rasgou o intestino de Christopher, mas ele continuou tentando falar.

— Nuh ... grr ... pare — ele conseguiu dizer, mas eles empurraram a maca para uma sala branca e fria. Todo mundo corria, de máscaras e jalecos. A maca parou sob um feixe de luz ofuscante.

— Não... esperem... *oooaa* — Christopher resmungou. Ele levantou os braços para proteger os olhos. Um médico segurou o pulso dele e começou a colocar uma máscara de plástico em seu rosto. Não. Eles não iam colocá-lo para dormir. Ele tinha que chamar a polícia. Ele tinha que salvar Marta.

— Eu disse *ooooa*! — Christopher gritou e reuniu todas as suas forças, agarrou o médico assustado pelas lapelas brancas e o jogou na mesa ao lado dele. Enfermeiras ofegaram em choque quando os dois homens caíram no chão frio e Christopher gritou na cara do médico:

— Chame a polícia! Agora!

64

Marta ganhou fôlego novo assim que avistou o Centro de Justiça Criminal através dos flocos de neve que voavam pelo ar. O edifício era moderno, com toques *art déco*, adornado com mármore cinza e caramelo. Uma camada fresca de neve delineava suas saliências geométricas e peitoris decorativos. Era um belo edifício e ela o tomaria de assalto. Marta corria, arquejando devido ao cansaço e à excitação.

Judy sabia, sem precisar dizerem palavra, o que Marta estava pensando. Estavam na mesma sintonia. Tinham a prova contra Steere. Elas a entregariam ao tribunal. Judy começou a correr mais rápido. O problema ético a incomodava, mas todas as vezes em que a dúvida começava a assaltá-la, ela pensava em Mary caída na neve. Sangrando quase até a morte. Mary podia não sobreviver e Judy não podia nem mesmo estar no hospital com ela por causa de Elliot Steere. Ela não devia absolutamente nada a ele. Judy abraçou-se à bolsa de Marta debaixo do braço e manteve as pernas em movimento.

Mas alguma coisa estava errada. Esquisita. O centro da cidade devia estar deserto. A Prefeitura e o Centro de Justiça Criminal estavam fechados por causa da nevasca, exceto para o julgamento de Steere. A rua devia estar tão morta quanto o resto da cidade, deserta enquanto durasse a tempestade. Mas não estava.



Bennie semicerrava os olhos, protegendo-os da neve, enquanto corria. Ela tinha perdido de vista o rastro de pegadas quando alcançara o distrito comercial e seguira sua intuição pelo restante do caminho. Três quadras à sua frente, duas figuras corriam pela calçada, passando pela Market Street, em direção ao Centro de Justiça Criminal. Judy e Marta. Bennie reconheceu o casaco amarelo vivo de Judy. A associada era alpinista e tinha um guarda-roupa completo de peças caras, próprias para o esporte. Além disso, quem mais usaria uma cor daquelas?

Bennie imprimiu mais vigor ao seu ritmo, correndo velozmente. Era preciso remar forte, no começo de uma prova. Aumentar a intensidade a fim de impulsionar o barco suavemente, passando em seguida a um ritmo pleno, perfeito. Ela reduziu a distância que as separava. Duas quadras, depois uma. Viu Judy e Marta alcançarem o Centro de Justiça Criminal e a multidão que se aglomerava ali. Era grande a atividade. Comoção. Ah, não. Bennie remou com mais força até o barco começar a voar.

Judy ia ficando espantada enquanto continuava a correr. As pessoas se reuniam na saída da Filbert Street. Alguma coisa estava acontecendo no Centro de Justiça Criminal. Vans da imprensa, com logotipos coloridos, haviam estacionado desordenadamente sobre a neve escavada. Carros azuis e brancos da polícia aglomeravam-se na esquina da Filbert.

— Não chegamos tarde demais, chegamos? — perguntou Judy, ansiosa, arfando enquanto corria. Ela olhou para Marta, cuja expressão demonstrava esgotamento e alarme.

— Não. Não podemos ter chegado.

— As emissoras de TV estão aqui. Os tiras. Talvez seja o veredicto.

Marta recusou aquela possibilidade.

— Podem ser os jurados, acabando de chegar do hotel.

— Mas pode ser o veredicto. Já podem ter dado o veredicto.

— Não! — gritou Marta, a voz rouca. — Não chegamos tarde demais! Agora corra! — Ela cerrou os dentes e correu mais veloz. Não seria derrotada por Elliot Steere, não depois da noite passada. Não depois dos seguranças, e de Mary.

Judy perscrutava a cena através dos flocos de neve. A multidão se aproximava cada vez mais. Passou velozmente pela sombra da Prefeitura e desceu correndo a quadra até a Filbert. Às costas da turba viam-se policiais de casacos pretos e repórteres de parkas verdes e ponchos próprios para neve. A multidão barulhenta era pontilhada com quepes pretos da polícia, bonés de beisebol e sombrinhas de golfe. Uma centena de pessoas enchia a rua estreita, falando excitadamente, sua respiração formando uma nuvem coletiva no ar frio.

— Não consigo ver nada, você consegue? — gritou Marta, sem fôlego. Ela estava à beira da exaustão total.

— Não. Tem gente demais. — Judy tentava espiar por trás de um policial com excesso de peso. — Guarda, o que está acontecendo?

— Eu também acabo de chegar, moça — respondeu o policial. Seu nariz estava vermelho e úmido. — Pediram ajuda para controlar a multidão.

Marta puxou o capuz para baixo de modo a não ser reconhecida e empurrou um repórter que bloqueava seu caminho.



Bennie arremessou-se pelos últimos trinta metros até a aglomeração. Era o impulso final. Ela deu tudo de si. Suas pernas doíam. Os pulmões queimavam. Ela alcançou o Centro de Justiça Criminal bem a tempo de avistar o chapéu amarelo de Judy

desaparecer no meio da multidão, com Marta abrindo caminho na frente.

65

Marta parou já quase na frente da multidão, imobilizada diante do que via. Elliot Steere estava livre. Estava ali parado, fazendo graça com alguns repórteres, na calçada diante do Centro de Justiça Criminal. As câmeras registravam seu sorriso falso. As luzes da TV descoloriam suas feições, brancas como a de um cadáver. Ele estava livre. Ela tinha chegado tarde demais.

Judy, vindo atrás, abriu caminho até chegar ao lado de Marta.

— Ah, meu Deus! — gemeu ela, instantaneamente mortificada. Seus olhos se encheram de lágrimas. Seu corpo curvou-se, derrotado. Steere tinha escapado ileso do crime de assassinato. Judy enxugou os olhos com uma luva molhada e suja de neve.

Marta estava horrorizada demais para falar. Ela só conseguia ver a própria fúria. Aquele homem a tinha usado. Usado o tribunal. Matado pessoas. A raiva de Marta ferveu ao vê-lo sorrir para a imprensa e erguer os braços num gesto de vitória. Steere ficaria livre e prosperaria. Aquilo não podia acontecer. Não podiam permitir. Foi então que Marta se lembrou.

O ponteiro de encraveirar. Uma pua comprida de ferro com uma ponta tão letal quanto uma adaga. Ainda estava com ela? Marta enfiou a mão no bolso e apalpou o metal frio. O ponteiro. Ela o segurou, sentindo seu peso mesmo através da luva. De repente, aquela parecia a Marta a melhor solução. Ela já estava mesmo arruinada. Já tinha matado um homem. Nada mais a perder. Deu um passo à frente, numa espécie de transe, deixando Judy e o mundo para trás.

No meio da multidão, Bennie começou a empurrar as pessoas com mais urgência.

— Com licença! — pediu ela, passando a cotoveladas por um guarda. Ela viu Steere na frente da aglomeração, sendo entrevistado por repórteres na calçada. Quer dizer então que ele tinha sido absolvido. Pelo menos Marta e Judy não tinham conseguido interferir no julgamento. Mas onde estavam elas?

Bennie esquadrinhou a multidão e avistou o gorro amarelo de Judy em meio aos quepes pretos da polícia. Onde estava Marta? Ela devia estar furiosa, vendo Steere sair em liberdade. Bennie experimentou uma sensação de pânico sem saber por quê. Foi abrindo caminho aos empurrões, pela direita, onde os repórteres estavam em menor número.

Marta parou a duas fileiras de Steere. A neve caía no elegante sobretudo dele, salpicando os ombros estruturados. Ela estava tão perto que podia ver a costura à mão nas lapelas. Marta agarrou o ponteiro no bolso. Seu coração batia descompassado no peito. A adrenalina pulsava em seus ouvidos, martelando por trás da voz de Steere.

— Eu sempre soube que o júri me consideraria inocente — estava dizendo Steere a um repórter de TV que segurava um microfone preto em forma de globo. — Nunca duvidei disso, nem por um segundo.

Bennie precipitou-se pela multidão e finalmente viu Marta. Ali. Bem perto de Steere. Marta estava imóvel, uma expressão distante nos olhos. O que ela estava fazendo? Bennie teria gritado, chamando-a, mas a multidão fazia muito barulho.

— Estou indo! — disse ela, abrindo caminho em direção a Marta.

Marta estava a poucos centímetros de Steere, o rosto oculto pelo capuz. Ela imaginou o ponteiro perfurando-lhe o peito. Manchando o sobretudo de pelo de camelo com o sangue vermelho. Ela ficou à espera do momento certo. O repórter de TV ainda estava no caminho. Marta foi se adiantando devagarzinho, o martelar mais alto em seus ouvidos, aguardando que o repórter saísse.

Bennie, então, viu tudo. O que estava acontecendo. Marta estava se aproximando. Ela devia ter uma arma. Será que ela queria mesmo matar Steere? Ah, meu Deus. Tinha de impedi-la. Ela não podia fazer isso. Bennie não podia deixá-la. Então atravessou à força a multidão.

De repente, o repórter de TV deu um passo para o lado. Steere olhou em volta, esperando a próxima entrevista, sorrindo. O caminho diante dele estava momentaneamente livre. O mundo de Marta se paralisou.

A multidão estava imóvel. Os repórteres ficaram mudos. Os motores pararam de zumbir. O único ruído era o martelar em seus ouvidos. Ela se adiantou, aproveitando a brecha, e puxou a mão do bolso.

— MARTA, NÃO! — berrou Bennie.

O gritou rompeu o transe de Marta. O mundo retornou à vida, aos berros. O que ela tinha pensado? Estava maluca? Foi agarrada por braços fortes. Era Bennie que, assustada, arrancou o ponteiro de suas mãos e perscrutou seus olhos, em busca de um resto de sanidade.

De repente sirenes soaram estrepitosamente atrás da multidão. Guardas começaram a gritar. Repórteres berravam. Flashes de câmeras estouravam. Videocâmeras zumbiam. Uma falange de policiais e detetives atravessou a multidão, dirigindo-se a Steere.

— Sr. Steere! — gritou um dos detetives, apontando. — Temos um mandado de prisão para você.

Steere começou a se afastar, mas um círculo de tiras de casaco preto bloqueava seu caminho. Não havia para onde correr, nenhum lugar para se esconder, pelo menos nesse momento. Sua expressão permaneceu serena enquanto o algemavam, e a cacofonia dos repórteres abafou sua voz, exigindo a presença do advogado.

66

Emil Gorebian levou o dia todo entrevistando advogados, policiais e os funcionários do comitê eleitoral. Ele estava sentado, escrevendo em seu computador na sala da imprensa na Prefeitura. Finalmente tinha parado de nevar. Uns vestígios de sol lutavam para penetrar pela janela suja ao seu lado.

Emil quase não se sentia cansado, mesmo depois de um dia tão longo. Ele não era tão velho assim para se aposentar, ainda estava bem forte. Tinha a história toda na cabeça e ela fluiu tão fácil quanto um fio de azeite. Estaria estampada na primeira página no dia seguinte. Sua primeira exclusiva em dez anos.

Emil seguiu digitando. Elliot Steere e Jen Pressman haviam sido amantes. Eles usaram o esquema da doação de órgãos para remeter votos em trânsito com assinaturas falsas. Pagaram Eb Darning para falsificar e mandar os votos, mas Eb começou a chantageá-los e teve de ser silenciado. Emil tinha passado o dia todo lendo registros eleitorais e revendo relações de votos em trânsito das últimas eleições. Havia pelo menos mais duas pessoas que tinham sido pagas para fazer o mesmo trabalho, o de forjar os votos, e ele calculou que houvesse muitas mais. Gorebian explicaria o esquema num boxe, para que os leitores pudessem compreender.

Emil continuava a digitar. A melhor parte da história era que os votos forjados não tinham sido contra o prefeito, mas a seu favor. Quase dez mil votos a seu favor. Elliot Steere e Jen Pressman estavam preparando uma armadilha para o prefeito; deixariam vazar o cadastro de carteiras de motorista pouco antes da eleição e lhe atribuiriam a fraude eleitoral. Jen tinha planejado trair o prefeito e ir em frente, bela e faceira. Assim, Steere derrotaria seu maior

inimigo e o preço das propriedades históricas subiria. A Renascença de Filadélfia jamais floresceria.

Emil bebericava um chá enquanto examinava a história já pela metade na tela do computador. Ele enfatizaria na conclusão o trabalho das advogadas para que fosse feita justiça com Steere e a maneira como Bennie Rosato havia arriscado tudo para proteger um cliente. A história levaria embora a nuvem que pairava sobre a firma de Bennie e a apresentaria como heroína. Calouros ambiciosos chamavam isso de tendenciosidade, mas Emil, não. Ele chamava isso de verdade.

Emil finalizou a história, amarrando as pontas soltas. Imaginou-se ganhando um Pulitzer e aceitando a reintegração no turno do dia. Emil sempre soube que como repórter era melhor do que Alix Locke. Entrando sorrateiramente na sala da chefe de gabinete e roubando-lhe a bolsa. Usando as chaves de Pressman para entrar na casa de praia de Steere. Emil sacudiu a cabeça. Ninguém mais tinha princípios, nenhum escrúpulo. Esse era o problema de hoje.

Emil acionou o comando PRINT e suspirou, feliz.



De sua cadeira nos escritórios da Cable & Bess, John LeFort observou as luzes do telefone piscando. A luz do sol, filtrando-se pelas janelas, reluziu no copo Waterford que ele segurava. LeFort nunca bebia durante o dia, mas hoje era uma exceção. Ele deixou escapar um suspiro breve e pegou o telefone.

— Alô? — disse, como se não soubesse quem era. Como se não soubesse quem eram todas aquelas luzes piscando.

— John, é Mo Barrie. Estou em casa assistindo à televisão. Você viu? Viu os noticiários? Steere foi preso novamente. Conspiração de

assassinato, contratando um matador de aluguel. Fraude eleitoral, tentando manipular a eleição para prefeito. É um escândalo.

— Eu sei. Eu estava lá.

— Vamos protestar os títulos, John. Vamos protestá-los imediatamente. Todos eles. Aquelas propriedades vão ser postas à venda neste exato minuto. Vou telefonar para a prefeitura assim que desligar.

— Compreendo — afirmou John. Tomou um gole da bebida. Mo sabia ser tão histérico quanto Bunny. Que tolice. Aquilo era só um negócio.

— Todas elas, John. Considere-as vendidas, John. Agora mesmo. Neste exato instante. Isso é um castelo de cartas, John, e está prestes a desabar.

— Vejo você no tribunal, Mo — despediu-se LeFort, desligando. Tomou outro gole, antes de atender a ligação seguinte.



Elliot Steere estava sentado atrás do vidro aramado, diante de seu novo advogado. O vidro estava arranhado e sujo, e a sala de entrevistas da Rotunda era muito mais suja do que a do Centro de Justiça Criminal. Mas o ambiente não interessava a Steere nesse momento.

— Você vai me declarar inocente de todas as acusações — disse ele ao advogado, que usava óculos sem aro de grande valor e um terno Zegna.

— Mas eles têm ótimas evidências para processá-lo por conspiração no assassinato dos seguranças. Encontraram a revista de Bogosian, e havia documentos no apartamento dele ligando-o a você. Eles verificarão as ligações telefônicas e contas bancárias dele.

— Bogosian nunca testemunhará contra mim.

— Bogosian está morto. A polícia de Nova Jersey encontrou o corpo dele na praia.

Steere pensou por um instante.

— Melhor ainda. Assim, não pode mesmo testemunhar.

— Mas Richter vai testemunhar. E Carrier também. Elas têm um cadastro de computador que estava na sua casa de praia. A sua lancha está sendo apreendida. Elas têm registros feitos por Darning e um suspeito no atentado a DiNunzio. O sujeito usou um carro roubado. — O jovem advogado consultou suas anotações. — Estou esperando que seja acusado também de fraude e manipulação eleitorais. Além disso, falam em obstrução de justiça, mas não sei se podem provar isso.

— Sou inocente de todas as acusações feitas contra mim.

— Terá sorte se lhe oferecerem um acordo.

Steere sorriu, divertido.

— Sorte não tem nada a ver com isso. Absolutamente nada. Já ouviu falar de um general chamado Sun-Tzu?

67

Num sono anestesiado, Christopher sonhou que cavalgava a meio galope, cruzando um campo coberto de neve, sob um sol morno e um límpido céu azul. Uma névoa pairava sobre a neve, de modo que o cavalo parecia trotar num leito de nuvens. No sonho de qualquer outra pessoa, o cavalo seria branco, um puro-sangue árabe, mas Christopher achava que cavalos brancos eram para os exibicionistas, e então o seu era um cavalo de sela baio. Um grande capão com uma estrela branca na testa e mais de 1,60m de altura.

Os cascos do cavalo trituravam a neve, à medida que seu quase trote repentinamente se acelerava, transformando-se em galope. Embora não houvesse incitado o cavalo, Christopher não se opôs à mudança de ritmo até que cavalo e cavaleiro se viram disparados na direção de uma cerca de madeira, que surgiu de repente do nada. A cerca era alta, com mais de um metro, e Christopher não sabia se o cavalo conseguiria saltá-la.

Os cascos do animal enterravam-se ainda mais na neve à medida que ele galopava a toda velocidade, inflando as ventas, mordendo com força o bocado do freio. A cerca corria na direção deles. Era loucura saltar a essa velocidade, mas, se Christopher parasse, voaria sobre o pescoço do cavalo. Ele se aprumou, posicionando-se, e segurou as rédeas com firmeza, mas o couro escorregou de suas mãos e bateu no pescoço molhado do animal. O obstáculo avultou-se à sua frente. O cavalo saltou no ar. Eles nunca conseguiriam transpô-lo.

— Não! — gritou Christopher, despertando. Olhou em volta. Era tudo branco, mas não era a neve, era um quarto de hospital. Ele não estava se espatifando de encontro a uma cerca, estava deitado numa cama de hospital. E o contato que sentia na mão não era o de uma

rédea solta, mas o de uma mulher. Megan Gerrity, a ruiva do júri, estava sentada na beira de sua cama. Christopher piscou, grogue, e pigarreou, limpando a garganta ressecada.

— Está tudo bem, Christopher — disse Megan. Ela apertou a mão dele e Christopher apertou a dela de volta, relaxando sobre o travesseiro macio com um suspiro.



— Você quase esfaqueou Elliot Steere! Você se dá conta disso? — perguntou Bennie, precipitando-se pelo comprido corredor do hospital. O sol do fim da tarde brilhava através das amplas janelas, mas Bennie estava insensível ao que restava de seu calor. De ambos os lados do corredor pendiam das paredes placas de metal polido listando os nomes dos benfeitores do hospital, mas ela não lhes deu a menor atenção. Bennie andava tão rápido que não percebia coisa alguma e estava tão zangada que não se importava se Marta conseguia ou não acompanhá-la.

— Concordo, isso nunca deveria ter acontecido — afirmou Marta, enlameada, quase correndo para acompanhá-la. Suas botas, encharcadas, pisavam ruidosamente e a calça farfalhava a cada passo. Ela se sentia arrasada, sem energia. Tinha passado um longo dia na Rotunda sendo interrogada pela polícia, e a noite anterior fora muito agitada, mesmo para uma criminalista. — Eu sinto muito. Sinto muito por tudo isso.

— *Sente muito*? — Bennie não desacelerou o passo. — Por uma *tentativa de homicídio*? Você não pode dizer que sente muito por tentar matar alguém. Há muitas desculpas legítimas para uma tentativa de homicídio, mas dizer que você sente muito, muito mesmo não é uma delas. Se os tiras soubessem o que você estava

planejando, a essa hora estaria na cadeia. E se eu não tivesse escondido aquela porra daquela faca…

— Ponteiro de encraveirar.

— Perdão?

— Aquilo é um ponteiro de encraveirar, não uma faca.

— Grande merda! O que isso me interessa? — bufou Bennie, o casaco esvoaçando, enquanto ela marchava velozmente. — Que porra de diferença isso faz? Você tentou esfaquear o homem!

— Eu não teria ido até o fim. Afinal de contas, não fiz nada, fiz?

— Ah, por favor. Só porque *eu* a impedi. Você poderia ter esfaqueado a mim!

Uma enfermeira que passava dirigiu-lhes um olhar nervoso e apressou o passo. Marta sussurrou:

— Eu nem sabia que você estava ali. Como ia saber que você *pularia* na frente dele?

— Eu não ia deixar que você o *matasse*. — Chegaram ao saguão dos elevadores e Bennie pressionou o botão de subida. — Você devia saber disso, não devia? Primeira regra de quem trabalha por conta própria: *Não matar os clientes*. Se não por outro motivo, pelo menos porque se fizer isso eles não voltam mais.

— Eu já disse que sinto muito. O que mais posso fazer? Cortar os pulsos?

— Eu devia ter deixado você na cadeia. Mais uma hora e eles teriam começado a torturá-la. *Eu* teria feito isso.

— Eu já disse: "Obrigada." — Marta revirou os olhos. — Ouça o que estou falando: "Obrigada." "Me desculpe." "Por favor." Estou parecendo a porra de um cartão da Hallmark.

Bennie começou a apertar o botão de chamada do elevador como se fosse um videogame. O botão começou a emitir um ruído: clique-dique-clique.

— Eu devia ter deixado você apodrecer lá. — Clique-clique-clique. — Deixado você esperando até aparecer um defensor

público. — Clique-clique-clique. — Atirado você nas garras da imprensa. — Clique-clique-clique. — Posto você na cadeia por Bogosian.

— Aquilo foi legítima defesa. Eles sabiam, só estavam me dando um castigo.

— E quanto à tentativa de corrupção do júri, hein? Você me deve uma grana por essa. Só uma pena de prestação de serviços à comunidade? — Clique-clique-clique. — Sabe de uma coisa, eu vou mandar a conta para você. Vou cobrar a porra do meu trabalho. — Clique-clique-clique. — Cadê essa droga de elevador?

— OK, muito bem. Pode me cobrar, não tem problema. Obrigada, obrigada, obrigada — disse Marta, sinceramente. Ela teria muito tempo disponível nos próximos anos. Talvez comprasse uma casa, reformasse e morasse nela de verdade. Mas, paralelamente, precisaria fazer algum trabalho jurídico, pelo menos para não enferrujar. — Sabe, estive pensando que você pode precisar de ajuda para pôr a firma novamente de pé.

Clique-clique-clique.

— Se eu ainda tiver uma firma.

— Você tem. Vai ter.

Clique.

— Hum!

— Talvez eu possa me retratar com você. Ajudar a reerguer a Rosato & Associadas. É o mínimo que posso fazer. Rascunhar peças processuais. Ensinar às associadas. — O elevador chegou e as portas deslizaram, se abrindo. — Nos bastidores, você sabe.

— Você? — O queixo de Bennie caiu. — Você? Ficar em Filadélfia?

Marta começou a rir, no momento em que as portas se fechavam, e o som de sua gargalhada ecoou por todo o poço do elevador.



Marta e Bennie pararam na porta do quarto de Mary. A associada tinha sido transferida da UTI e sua condição finalmente era estável. Mary parecia extenuada, recostada nos finos travesseiros hospitalares, e o soro descia serpenteando até um desvio em seu braço. A família DiNunzio a cercava como um abraço, e Judy estava entre eles. Ela sorriu, cansada, quando viu Bennie e Marta.

— Ei, garotas, não é o máximo? — perguntou Judy. — Mary está viva.

Bennie sorriu, aliviada.

— Maravilhoso. É assim que gosto das minhas associadas. Respirando.

— É só assim que elas conseguem fazer alguma coisa — disse Marta, encostando-se no batente da porta. — Por falar nisso, elas foram readmitidas, não foram?

Judy prendeu a respiração. Mary piscou.

Bennie pensou um instante. O que corria em suas veias? Gelo?

— Se não tiverem a licença cassada, o emprego é delas — respondeu Bennie, e Mary sorriu consigo mesma.

Não é um emprego, é uma aventura.

FIM

Agradecimentos

Justiça brutal é uma obra de ficção, mas algumas pessoas ajudaram enormemente no trabalho de pesquisa, e eu desejo agradecer-lhes aqui. Quaisquer erros são de minha inteira responsabilidade.

Em primeiro lugar, um obrigada muito especial ao prefeito de Filadélfia, Ed Rendell, e seu ex-chefe de gabinete, David Cohen. Sou uma grande fã desses dois homens, que fizeram maravilhas pela minha cidade preferida e serviram de inspiração a todos nós. Ambos me permitiram acesso ao gabinete do prefeito e a outras áreas da Prefeitura para a elaboração deste livro, e David Cohen doou generosamente seu tempo, sua energia e sua inteligência, o que é uma atitude típica dele. Agradeço também a Robin Schatz, pelo *tour* privilegiado, e a Ginny Kehoe.

Obrigada Larry Fox presidente da Seção de Litígios da American Bar Association (a Ordem dos Advogados dos Estados Unidos), que ajudou com as questões éticas aqui tratadas, e obrigada aos especialistas em defesa criminal Frank DiSimone, Glenn Gilman, Burton Rose e Mike Trigani, pelas prontas sugestões.

Agradeço aos detetives da Delegacia de Homicídios do Departamento de Polícia de Filadélfia, que continuam a me ajudar de inúmeras maneiras e me deram o suéter mais bacana do mundo. Obrigada a Mark McDonald, do jornal *Philladelphia Daily News*, que me apresentou a deliciosa área reservada à imprensa na Prefeitura e gastou seu tempo me ensinando sobre jornais e seu funcionamento. Agradeço ao dr. Andrea Hardaway, cirurgião da Emergência, que me explicou os detalhes de alguns ferimentos verdadeiramente atrozes.

Obrigada a Richard Clark Jr., ferrador que respondeu a todas as minhas perguntas estúpidas, enquanto tentava recolocar a ferradura numa égua irritadiça. Obrigada a todos no Thorncroft Equestrian Center, pelo seu bom trabalho e, em especial, a Diana Johnson, que me ensinou sobre os cavalos e a vida.

Agradeço a Kevin Sparkman do DVTO, que muito me ajudou. Agradeço também a Chuck Jones, pela sua amizade, pelas informações sobre caça e conhecimento geral. Também quero fazer aqui o meu agradecimento a uma fascinante tradução de Sun-Tzu, de autoria de J. M. Huang, que me serviu de fonte em Justiça brutal.

Tão importante quanto a pesquisa é a redação e, também nessa etapa do trabalho, pude contar com a ajuda de especialistas. Sinceros agradecimentos à presidente e CEO da HarperCoUins, Anthea Disney, à minha editora, Carolyn Marino, e à minha agente, Molly Friedrich, da Aaron Priest Agency. Sinto-me constantemente maravilhada com o brilhantismo, o talento e a generosidade dessas mulheres, verdadeiras Power Rangers literárias. Elas aperfeiçoaram em inúmeros aspectos o meu original e me apoiaram o tempo todo. Sou a autora de maior sorte no mundo por poder contar com seu tempo e sua sabedoria. Não posso lhes agradecer suficientemente e não vou entediar os outros me estendendo ainda mais aqui.

Obrigada também a Paul Cirone, assistente de Molly, por seu trabalho árduo e esplêndido senso de humor, e ao assistente de Carolyn, Robin Stamm, que compreende muito bem a importância da vírgula. Agradecimentos especiais a Andréa Molitor, responsável pela produção, que teve o cuidado de fazer o melhor.

Obrigada a Gene Mydlowski, editor associado, por seus esforços e perspicácia, e a Laura Leonard, gerente de publicidade, que, além de ser um dínamo no trabalho, é uma das pessoas mais doces do mundo. Obrigada também à assistente de Laura, Caroline Enright.

Meus agradecimentos especiais e meu amor à família e aos amigos, assim como também ao meu marido, Peter, e à minha filha,

Kiki. Eles tiveram de aguentar pizza no jantar todo o tempo em que eu lutava com este livro e, pior ainda, tiveram de me aguentar.